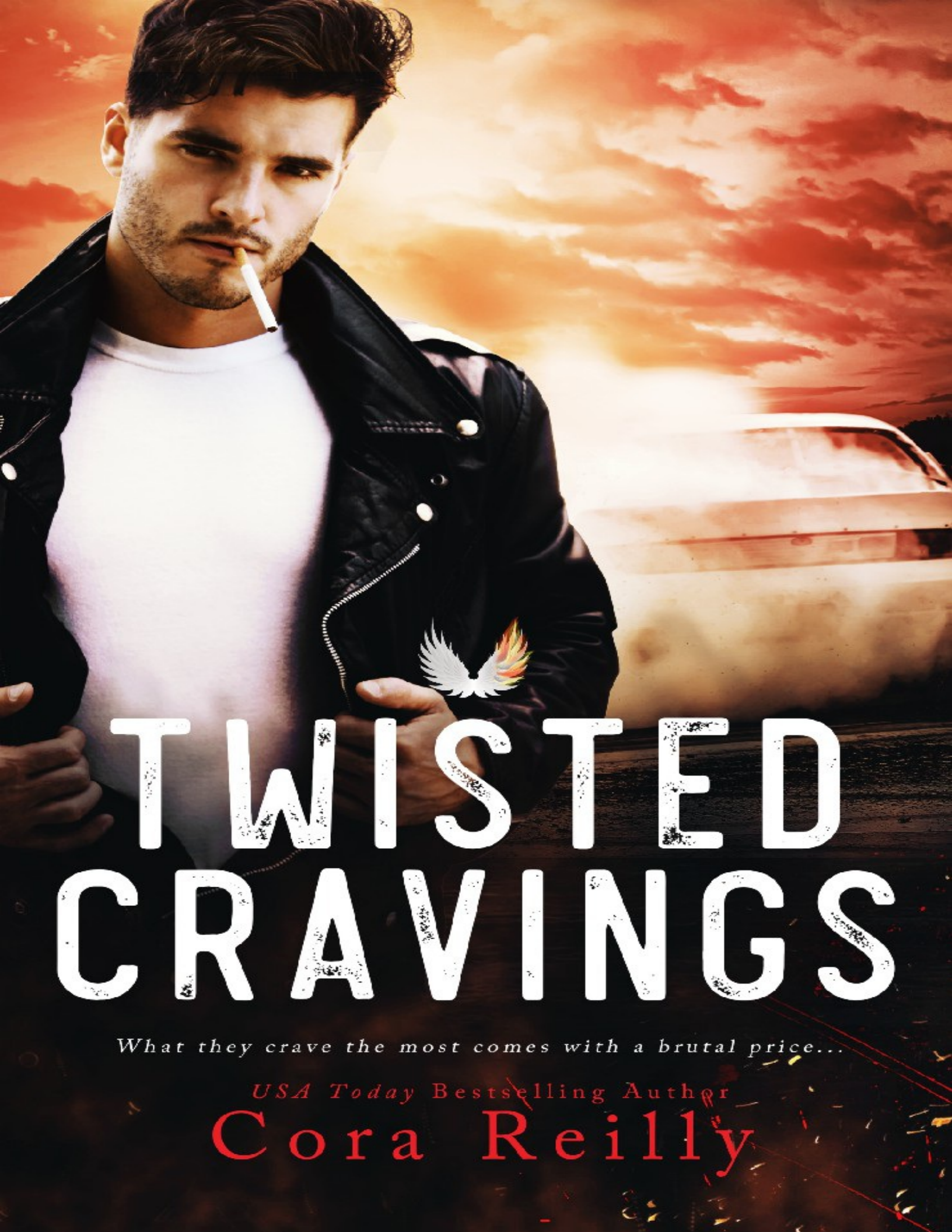

TWISTED
CRAVINGS
What they crave the most comes with a brutal price...
USA Today Bestselling Author
Cora Reilly



Família Wings

Tradução: Angel e Seraph
Revisão: Seraph
Leitura e Formtação: Aurora

03/2021


WELCOME
TO Fabulous
LAS VEGAS
NEVADA
TWISTED LOYALTIES
Cora Reilly
TWISTED EMOTIONS
Cora Reilly
TWISTED PRIDE
Cora Reilly
TWISTED BONDS
Cora Reilly
TWISTED HEARTS
Cora Reilly
TWISTED CRAVINGS
Cora Reilly

Aviso

A tradução foi efetuada pelo grupo Wings Traduções (WT), de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo WT poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo WT de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

SINOPSE

Como o irmão mais novo do notório clã Falcone, Adamo cresceu cercado de sangue e violência. As drogas logo se tornaram sua maneira de enfrentar esse mundo.

Tornar-se um Homem Feito como seus irmãos era seu destino, mas nunca sua paixão. Quando ele se torna o organizador bem sucedido das corridas de rua ilegais de sua família e um de seus pilotos viciados em adrenalina, ele finalmente assegura seu próprio caminho no cruel mundo da máfia.

Seu propósito não é a única coisa que Adamo descobre nas estradas encharcadas de combustível que ele chama de lar...

Dinara Mikhailov é um dos poucos pilotos do sexo feminino e difícil de ignorar. Não apenas por causa de seu cabelo ruivo flamejante e seu estilo de direção implacável, mas também porque a princesa da Bratva tem permissão para dirigir em território inimigo.

Logo Adamo e ela se veem enredados em um jogo apaixonado que vai além das pistas de corridas. No entanto, ambos assombrados por eventos do passado, seus desejos sombrios colocam tudo em risco.

Porque tudo o que eles mais desejam vem com um preço brutal.

AVISO DE GATILHO

Twisted Cravings trata de muitos tópicos delicados, como abuso de drogas, abuso infantil, violência e tortura, portanto, esteja ciente disso.

PRÓLOGO

Adamo

O sangue cobria seus lábios, um traço de cor contra sua pele pálida. Mesmo o vermelho flamejante de seu cabelo empalideceu em comparação.

Ela ficou imóvel no chão de pedra fria, os olhos arregalados voltados para o teto, mas sem ver o que estava à sua frente.

Eu deixei cair a faca. Ela aterrou com um tinido, respingos de sangue ao redor. Por um segundo, uma parte do meu rosto refletiu no único ponto limpo da lâmina afiada. Pela primeira vez na vida, entendi o medo que as pessoas sentiam quando ouviam meu nome. Falcone.

Hoje minha expressão justificava seu terror.

Derramamento de sangue estava em meus genes. Por toda a minha vida, lutei contra esse desejo no fundo das minhas veias, o ofusquei com drogas e álcool, mas seu chamado sempre esteve presente, uma corrente subterrânea em meu corpo que ameaçava me puxar para baixo.

Eu não deixei. Eu me joguei de cabeça em suas profundezas, segui a corrente até a parte mais escura da minha alma. Por muito tempo, este dia foi meu maior pesadelo, um medo além da medida. Mas, porra, hoje parecia um renascimento, como um retorno ao meu verdadeiro eu.

Minhas palmas estavam pegajosas de sangue e parecia perfeito. Nunca matei uma mulher antes, muito menos causei a uma dor proposital, mas depois de assistir a gravação, ela se tornou sem rosto para mim, um mero alvo que eu precisava erradicar.

Nenhuma corrida de rua podia competir com a emoção, a excitação absoluta de uma matança, e menos ainda com a adrenalina de poder da tortura.

Negar a própria natureza é viver uma mentira. Apenas drogas em todas as

formas e feitios tornavam isso possível. Não mais.

As pessoas finalmente tinham uma razão para o apelido que deram a meus irmãos e a mim.

Os monstros de Las Vegas.

Meu lado monstruoso tinha saído para jogar, mas a festança estava apenas começando.

UM

Adamo

O sol queimava a terra seca, fazendo o ar faiscar, distorcendo as formas de quase duas dúzias de carros de corrida alinhados na parada da estrada abandonada. Era apenas final de abril, mas não muito longe do Vale da Morte, as temperaturas já atingiam patamares insuportáveis à tarde. Desliguei o motor do meu Corvette C8 amarelo e saltei. O suor quase instantaneamente irrompeu na minha pele, fazendo minha camiseta branca grudar no meu corpo. Eu estava familiarizado com as ondas de calor, tendo crescido em Las Vegas, mas o ar estático nesta parte do país ainda me deixava sem fôlego. O calor causava estragos nos carros de corrida e nos pilotos, razão pela qual escolhemos a área para nossas qualificações.

Muitos rostos familiares acenaram para mim através das janelas de seus carros, permanecendo no abrigo fresco que o interior fornecia. Alguns deles nunca foram além das fases classificatórias, mas outros mostraram grande talento. Meus passos vacilaram brevemente, meu olhar magicamente atraído para um traço de vermelho flamejante. Por um momento, tive certeza de que era uma miragem. Lentamente, mais e mais do traço vermelho tomou forma. Uma longa juba ruiva emoldurando um rosto pálido. Seus lábios vermelhos, da cor de sangue seco, se curvaram em um sorriso ao redor do cigarro pendurado em sua boca. O sorriso não era sedutor ou particularmente amigável. O desafio estava em seus olhos. Era muito cedo para as garotas dos boxes e groupies – elas seu juntavam principalmente às corridas finais ou se aglomeravam ao redor dos vencedores das corridas classificatórias após a linha de chegada – e mesmo se não fosse, saberia que ela não era uma dessas garotas. A maneira como ela se empoleirou no capô de um Toyota Supra verde neon me disse que era o carro

dela e que ela correria hoje. As mulheres raramente chegavam às finais. Meu irmão Remo achava que elas careciam de crueldade e ambição, mas provavelmente eram apenas mais sensatas do que nós, homens. Com essa garota, tive a sensação de que ela poderia nos surpreender.

Afastei meus olhos da ruiva e me movi em direção ao posto de gasolina.

Um gerador estalava ao lado da oficina degradada, alimentando um pequeno aparelho de ar condicionado no interior do prédio decrépito. Entrei em nossa sede improvisada, onde Crank já estava revisando os papeis de registro empilhadas sobre a mesa. O calor era um pouco mais suportável dentro, mas o pequeno aparelho de AC não tinha chance contra os quase quarenta graus explodindo sobre nós. A janela quebrada do posto de gasolina certamente não ajudava também.

— Algum novato? — Perguntei, apertando a mão estendida de Crank. Sabia de pelo menos um, e estava terrivelmente curioso sobre ela.

— Três, — disse Crank. — Uma menina e seu irmão. Além de outro cara com um grande ego.

— Ele não pode ser pior do que nosso egomaníaco favorito? — As corridas eram um ímã para certos tipos de pessoa, mas algumas exibiam uma quantidade exagerada de egocentrismo.

— Não tenho certeza ainda, mas está perto.

Estendi minha mão para os papeis de informações sobre os novatos que Crank havia desenterrado.

Estreitei meus olhos enquanto lia o que Crank tinha encontrado sobre a garota e o cara com ela - seu suposto irmão. Nada. Sem prisões. Completamente limpos e com nomes genéricos. — Isso fede, — murmurei. Mary, realmente? Essa garota não era uma Mary. A única maneira de qualquer Mary se aproximar dela era em um copo como um Bloody Mary.

Crank assentiu. — Nomes falsos, definitivamente. O cara tem um pouco de sotaque. Leste Europeu ou algo parecido.

Leste Europeu. A única vez que lidei com europeus do leste, eram caras da

Bratva se metendo nos negócios ou tentando me matar. As corridas não eram seu alvo principal. Afinal, drogas e prostituição eram suas áreas de negócios mais bem-sucedidas.

Fui em busca de ‘John’ e ‘Mary’.

A corrida classificatória começaria em uma hora. Se essa garota e seu companheiro se revelassem problemas, queria saber com antecedência e ter certeza de que ficariam longe - a menos que fosse o tipo de problema divertido. A ruiva ainda estava encostada no capô do carro, fumando. A essa altura, seu cigarro havia queimado até virar uma pequena ponta. Ela atirou longe com os dedos. Dado o vermelho de seus lábios, esperava que suas unhas fossem da mesma cor, mas elas eram curtas e pintadas de uma cor escura, quase preta.

O cara ao lado dela com um corte zero apagou o cigarro dela quando ele pousou diante de seus pés calçados com botas. Tive a sensação de que essa era a dinâmica usual. Caminhei em direção a eles. "John" disse algo para "Mary", mas ela apenas sorriu para mim. Seus olhos não continham nervosismo quando parei na frente deles. Ela acendeu outro cigarro. Talvez fosse um pequeno sinal de desconforto, mas era difícil dizer com essa garota. Normalmente a tatuagem da Camorra no meu antebraço fazia a maioria das pessoas cagar nas calças, mesmo algumas das pessoas que me conheciam bem, e nem sequer se registravam com nomes falsos nas minhas corridas.

— Mary e John, — falei com um sorriso duro.

Um aceno simples do cara.

A garota deu outra tragada profunda antes de esmagá-lo sob uma pesada bota de couro preto.

— Que nomes lindos...

— Na verdade, é Dinara.

O falso John lançou um olhar de advertência para ela. — Mary, o que...

Havia um certo fio em suas palavras que desmentiam que o inglês não era sua língua materna. — Dê-nos um minuto, Dima. — Ela nunca tirou os olhos de mim. Dima me lançou um olhar severo, prometendo retribuição, e algo em seus

olhos azuis deixou claro que ele não desconhecia o ato de causar dor aos outros, mas nem eu. Ele se afastou do capô e foi em direção ao carro, um Nissan Silvia azul.

— Dinara?

Ela me deu um sorriso de boca fechada. — Mikhailov. Dinara Mikhailov.

Ela disse o nome como se significasse algo ou devesse significar algo para mim. Eu não tinha o hábito de me envolver muito em todas as áreas de negócios da Camorra. Organizar e dirigir as corridas era um trabalho de tempo integral.

— Parece russo. — E não apenas isso, era o nome da porra do Pakhan em Chicago, a realeza da Bratva. Mikhailov era um nome comum na Rússia, então isso não significava nada.

— É.

— Por que os nomes falsos se desistirão deles na primeira chance que tiver? — Ela encolheu os ombros.

— Dima insistiu, e isso me chamou sua atenção.

Como se ela precisasse de nomes falsos para isso. Essa garota era difícil de ignorar. — Um nome russo teria o mesmo efeito.

Seu sorriso se alargou, branco contra o vermelho sedutor de seus lábios. — Você não gosta de russos?

Dei a volta no carro dela, dando uma olhada mais de perto na pintura. *Viper* estava escrito na porta do passageiro e uma cobra enrolada na lateral do capô. — Apenas um certo tipo de russo.

Ela nunca tirou os olhos de mim. Não consegui dizer se era por preocupação de que eu fizesse algo com o carro dela ou porque tinha problemas de confiança em geral. Provavelmente ambos. — E que tipo de russo seria esse?

Parei ao lado dela e me encostei no capô de seu carro, uma provocação aberta. Você não tocava no carro de outra pessoa sem permissão e definitivamente não o usava como cadeira. — Você quer correr?

Ela sorriu. — Raciocínio rápido.

Reprimi um sorriso. Gostei de seu atrevimento. — Isso requer coragem.

Poucas garotas chegam ao grid final. É um jogo difícil. Pessoas se machucam. Pessoas morrem.

Ela se levantou do capô, ficando mais alta que eu. Uma centelha de raiva apareceu em seus olhos. — Não sou como as outras garotas.

— Não tenho dúvidas. — Me levantei, elevando-me sobre ela novamente. Este era meu território e tudo seguia minhas regras, até mesmo essa garota teria que aprender isso. — Boa sorte com a corrida classificatória. Não deixe te matarem.

— Sou difícil de matar.

Balancei a cabeça, em seguida, com um sorriso para Dima, que não tinha nos deixado fora de sua vista por um segundo, voltei para Crank no posto de gasolina. Ele se livrou de sua camiseta, revelando suas costas nuas e com cicatrizes. Desde um acidente de carro no ano passado, queimaduras marcavam suas costas e braço esquerdo.

— Então? — Ele perguntou, olhando por cima de um dos laptops. O Wi-Fi podia ser irregular, mas tentávamos acompanhar as apostas recebidas. Nino e alguns contadores cuidavam da maior parte das apostas, mas se as coisas iam muito devagar, às vezes era necessário tornar as corridas um pouco mais desafiadoras para aumentar a emoção.

— Como suspeitamos. Não são seus nomes verdadeiros.

Crank fez uma careta e pegou seus registros. — Então o que você quer fazer? Expulsá-los com um aviso? Ou…?

— Vou ter que ligar para Remo. Talvez ele saiba o que está acontecendo.

— Faltam apenas quarenta e cinco minutos para a corrida.

— Não vai demorar muito. Remo odeia bate-papos.

Lancei um olhar pela janela. Dinara também me observava. Se ela estava envolvida com a Bratva, estava jogando um jogo perigoso. Os dias de trégua haviam passado. Se ela fosse uma espiã ou quisesse manipular as corridas, eu teria que lidar com Dima e ela. O pensamento não me agradou, mas o tempo em que os escrúpulos me impediam de fazer o necessário já haviam acabado.

Dinara

Fiz minha pesquisa sobre Adamo Falcone. Não fazer isso seria tolice. Mas ele me surpreendeu. As fotos que encontrei dele na Darknet o faziam parecer mais jovem, mais como um garoto ensolarado, com seu cabelo rebelde levemente cacheado e a barba aparada. Como os surfistas que vi durante as férias em Portugal. Esperava um pirralho mimado que jogasse seu sobrenome como uma granada, tentando impressionar, e com um nome como Falcone ele certamente teria sucesso.

Conheci homens desse tipo mais do que suficiente antes, mas já podia dizer que ele não era um deles. Tinha visto alguns vídeos dele na jaula. Não haviam muitos, mas tive problemas para vincular essas lutas brutais às fotos do sorridente garoto ensolarado da Darknet. Agora entendia. Algo escuro espreitava por trás daqueles olhos castanhos. Tive a sensação de que ele poderia mudar de descontraído para a brutalidade implacável em um piscar de olhos. Afinal, era um Falcone. Sua reputação ia muito além de suas fronteiras. O medo não era meu forte, então nunca entendi a reverência nas vozes de tantas pessoas quando falavam sobre os monstros de Vegas.

Não tinha dúvidas de que ele carregava o nome Falcone como uma arma, se necessário, mas parecia confiante o suficiente para controlar os pilotos com seu próprio carisma. O observei retornar ao posto de gasolina velho. Duas meninas do box que estavam na sombra do telhado o seguiram com olhos famintos. Um nome poderoso, dinheiro e a aura de um bad boy somados ao fato indiscutível de que Adamo tinha um corpo que poucas garotas desprezariam e que as atraíam como uma mariposa para a chama. Sua camisa suada agarrava-se ao peito, revelando as linhas de músculos e um impressionante tanquinho, e sua bunda no jeans azul escuro surrado também não era ruim.

Sabia que ele ligaria para Vegas agora, pedindo instruções. Adamo podia

ser o organizador das corridas, mas seu irmão mais velho e Capo Remo Falcone era um maníaco por controle e ficava de olho em tudo. Dois russos aparecendo em seu território definitivamente exigiam uma conversa em família. Meu pulso acelerou pensando em Remo, mas controlei minha ansiedade. Não era uma corrida, era uma maratona.

Dima caminhou em minha direção. — *Isto é ruim. Você sabe disso, certo?* — ele sussurrou em russo.

— *Veremos,* — respondi, sem me preocupar em abaixar a voz. Logo todos perceberiam que erámos russos, por que tentar esconder?

— *Devíamos ligar para o seu pai caso as coisas corram mal. Não posso te proteger sozinho.*

— *Não,* — cortei. — *Lembre-se de sua promessa, Dima.*

— *Eu me lembro. E a primeira promessa que fiz era sobre protegê-la.*

— *Ficaremos bem.* — Não sentia a mesma quantidade de confiança que minha voz transmitia. Adamo não tinha sido muito hostil e eu tinha a sensação de que Remo não me machucaria. Não tinha certeza sobre a segurança de Dima, mas todas as tentativas de fazê-lo sair do meu lado foram inúteis. Tortura ou morte não eram minha principal preocupação. Eu não queria ser mandada embora. Precisava conhecer Adamo Falcone, fazer com que ele confiasse em mim para que me contasse tudo o que eu queria saber. Mas para que isso acontecesse, tinha que entrar no circuito de corridas.

DOIS

Adamo

Remo não estava atendendo ao telefone, então liguei para Nino.

— Qual é o problema? Você nunca liga tão próximo de uma corrida, a menos que seja urgente.

Claro, Nino já estava um passo à frente. — É urgente. Podemos ter um problema aqui. Dois novos pilotos. Identidade falsa. Origem russa. Dima Antonov e Dinara...

— Mikhailov.

Estava acostumado a Nino sabendo de tudo, então não fiquei muito surpreso. — Você a conhece?

Nino ficou em silêncio por quase um minuto, o que significava que isso era muito ruim. — Fale com Remo. Ele pode te dizer mais.

— Se ele sabe, você sabe. Qual é o grande segredo?

— Dinara e Remo têm história.

— História, o que diabos isso quer dizer? — Dinara era mais jovem que eu, da minha idade no máximo, então a história não poderia significar que ele a fodeu, mas esse era seu único interesse na espécie feminina antes de encontrar sua esposa Serafina.

— Fale com o Remo.

— Ele não está por aí? Por que você não entrega o telefone a ele?

— Me dê um segundo. Ele está na gaiola com Nevio. — Meu sobrinho tinha apenas seis anos, quase sete, mas Remo e ele costumavam treinar na gaiola, principalmente para controlar as explosões de Nevio e sua hiperatividade.

Um farfalhar soou, então a linha silenciou. Esperei impacientemente. Costumava me incomodar muito que meus irmãos mais velhos mantivessem

segredos de mim, mas agora isso só me irritava. Remo e Nino passaram por muita coisa juntos. Eles compartilhavam muitos segredos que eu jamais saberia. Outro farfalhar na linha, depois a voz profunda e sem fôlego de Remo. — Adamo, você quer conversar?

Duvidava que Nino não o tivesse informado sobre o que eu queria falar, mas agora conhecia os jogos de Remo. Encostei-me na parede, meus olhos seguindo a ruiva pela janela quebrada. — Dois pilotos russos entraram no circuito hoje. Dima Antonov e Dinara Mikhailov. Estou me perguntando se é uma coincidência que Dinara compartilhe o mesmo sobrenome com o Pakhan da Bratva de Chicago?

Seus olhos encontraram os meus brevemente e novamente aquele sorriso desafiador me atingiu, como se ela soubesse o que eu estava fazendo e com quem estava falando. Ela não parecia nem um pouco preocupada. Isso a tornava muito corajosa ou muito imprudente. Este último explicaria por que ela praticava corridas de rua ilegais.

— Não é coincidência, não. Ela é filha dele.

— Filha dele? — Eu repeti em descrença, principalmente porque Remo não parecia chocado com a notícia ou mesmo preocupado. Esperava por algum parente distante. Mas filha?

Porra.

— E o que diabos ela está fazendo em nosso território? Fingindo ser um piloto de carro? Não me diga que isso é uma coincidência.

— Você falou com ela?

— Sim, ela se registrou com alguma identidade falsa. Ela e o russo com ela.

— Provavelmente seu guarda-costas. Duvido que Grigory permitiria que ela andasse sozinha.

— Você acha que o Pakhan sabe que sua filha está em nosso território?

— Acho que Grigory tem certeza do paradeiro de Dinara o tempo todo.

— Que tal você me dizer por que ela não tem medo de estar em território

inimigo? Por que revelou seu nome sem pestanejar?

Remo ficou em silêncio do outro lado. Enquanto Nino tinha feito isso para pensar sobre as coisas, Remo provavelmente só queria brincar comigo.

Perdi minha paciência. — Nino disse que você e ela têm história. História como? Suponho que você não tenha transado com ela em algum momento. Você não transa com menores e duvido que trairia Fina.

— Cuidado, Adamo.

— Apenas fale. Não tenho tempo para arrancar todas as respostas de você. Tenho uma corrida para configurar.

— Então faça isso. Não vejo problema.

Oh, ele não via?

— Você quer que eu a detenha e aquele cara com ela? Como vantagem contra o Bratva?

Não estávamos em guerra aberta com os russos no território da Outfit. Eles não eram da nossa conta, mas a Bratva no território da Camorra definitivamente era. Eles atacaram nossos restaurantes, mataram o pai e a avó da esposa do meu irmão Sávio, Gemma. Ele era o menos vingativo dos meus irmãos mais velhos, mas definitivamente guardava um grande rancor contra a Bratva. Sem mencionar que Remo declarou guerra à Grigory por não ajudá-lo quando a Outfit me sequestrou. Ter uma princesa da Bratva em nosso território, especialmente participando de nossas corridas, parecia uma ideia particularmente ruim.

Remo ficou em silêncio por um tempo. — Não, deixe-a ficar. Não vejo nenhum mal em deixá-la pilotar em nossas corridas.

— Você não vê nenhum mal? Tem certeza de que Grigory compartilha sua crença? — Murmurei. Se Dinara se machucasse ou até mesmo morresse em nossas corridas - mesmo que mortes acontecessem raramente - Grigory faria um inferno.

Remo estava me escondendo coisas. De novo. Ele ainda achava que não aguentava essa merda? Não provei que não era mais um maldito marica desde que voltei de Nova York? Nos últimos três anos, fiz tudo o necessário para tornar

as corridas em nosso território ainda mais lucrativas.

— Tenho certeza de que Grigory interferiria se tivesse preocupações.

— É com isso que estou preocupado, e estou um pouco confuso que você não esteja, a menos que ele não dê a mínima para a filha.

— Oh, ele dá, confie em mim.

— Só pare com a porra dos jogos e me diga o que diabos aconteceu?

— Você se lembra de Eden?

— Aquela prostituta que trabalha no Sugar Trap? — Nunca falei com ela, muito menos a toquei, mas minha amiga com benefícios, CJ, a mencionou algumas vezes. Ambas vendiam seus corpos por dinheiro.

— Ela é a mãe de Dinara. Fugiu de Grigory com Dinara e acabou parando em Las Vegas, pedindo ajuda para se esconder de Grigory.

— E daí? Você fez um acordo com Grigory e lhe devolveu a filha em uma bandeja de prata e forçou Eden a trabalhar como prostituta para fazê-la pagar pelo sequestro da própria filha? Savio uma vez mencionou que Grigory lhe pediu para tornar a vida dela um inferno.

— Você sempre pensa o pior de mim. — Suas palavras gotejavam sarcasmo. Meu relacionamento com Remo foi ruim por um tempo, especialmente no início da minha adolescência, mas tínhamos passado desse ponto, mesmo que ainda brigássemos de vez em quando.

— Por que você sujou as mãos? Por que não deixou Grigory cuidar dela?

Ele riu sombriamente. — Você acha que ela teria encontrado um destino mais amável nas mãos dele?

— Não, mas estou me perguntando por que você assumiu a responsabilidade de puni-la.

— Eu sou um bastardo sádico e pervertido, lembra?

— Droga, Remo. Isso é besteira e você sabe disso.

— Então você está dizendo que eu não sou sádico e pervertido?

— Você é, mas sempre faz as coisas com um propósito.

Remo não disse nada por um longo tempo. — Fique de olho nela.

— Você acha que ela está tentando se aproximar de nós para se reconciliar com a mãe? Descobrir a verdade sobre o passado dela que você não quer compartilhar comigo?

— Tenho certeza de que o passado é a razão pela qual ela está aí. Contanto que fique de olho nela e tenha certeza que ela não se matará, ou que você seja morto, estamos bem por enquanto. Mantenha-me atualizado.

Sua dispensa me irritou. Eu já estava acostumado a suas palavras enigmáticas, mas às vezes elas ainda me deixavam maluco.

— Vou mantê-lo atualizado, Capo.

Remo riu. — É melhor fazer isso. Como vai o negócio de corridas?

— Bom. Nino não te deu o relatório com os números? Temos crescido nos últimos anos, especialmente com as corridas de qualificação expandidas. Mas não tenho tempo para conversar agora. Preciso dar as boas notícias a Dinara.

Desliguei e meu olhar voltou para Dinara e Dima. A falta de preocupação de Remo em relação ao surgimento repentino deles me preocupava. Ele amava a provocação e a emoção de um conflito, mesmo agora que estava casado, talvez mais. Talvez ele tenha visto o surgimento da princesa russa como uma chance perfeita de trazer um pouco de calor as nossas vidas. Eu, por outro lado, queria manter meu negócio de corridas funcionando bem. Era o meu bebê, no qual investi meu coração e minha alma. Precisava descobrir por que Dinara e Dima estavam realmente aqui e se seriam um problema. Se fossem, me certificaria que eles deixassem nosso território. Remo poderia encontrar outra maneira de tornar sua vida mais interessante se torturar inimigos e brigar em gaiolas não servissem mais.

Dinara ainda estava empoleirada no capô do carro, o cabelo ruivo esvoaçando com a brisa do início da noite. Dima estava ao lado dela com os braços cruzados, dando aos pilotos ao redor olhares suspeitos. O que não era surpreendente, pelos olhares que estavam dando a Dinara. Alguns deles eram apenas divertidos e depreciativos, outros puro flerte ou francamente maliciosos.

Eles achavam que ela era uma bela bunda que não tinha chance na corrida

e ficaria impressionada com suas habilidades de corrida. Alguns desses caras provavelmente até achavam que teriam uma chance com ela depois.

Dinara se afastou do carro e veio em minha direção, jogando a ponta do cigarro no caminho e pisando firme. Eu fumava ocasionalmente, mas essa garota era uma chaminé em comparação a mim. Esperei por ela, empurrando meu telefone de volta no bolso. Ela era deslumbrante com as maçãs do rosto salientes, lábios carnudos e pernas longas. O fogo em seus olhos e o sorriso confiante curvando seus lábios a faziam parecer uma deusa feroz, especialmente com os cabelos vermelhos flamejando no sol poente.

Ela parou bem na minha frente. — Então? Passamos na inspeção? Podemos participar de sua corrida *circense*?

Sorri. — Você está autorizada a participar da corrida classificatória hoje. Se vai entrar em nosso acampamento de corrida, depende de você e de suas habilidades de direção.

Dinara inclinou a cabeça. — Não estou preocupada com minhas habilidades de direção, Falcone. E você? Quando foi a última vez que fez uma corrida classificatória? Você está sempre nas corridas principais, não é?

Ela tinha uma boca grande e bravata, tinha que admitir isso sobre ela. A maioria das pessoas, mesmo nas corridas, ou beijava o chão em que eu pisava ou tentava ficar longe do meu caminho por medo.

— Faço parte do acampamento, porque sou um dos melhores pilotos, Dinara. Se participasse de corridas classificatórias, isso só significaria que menos novos pilotos teriam a chance de se classificar. — Os pilotos que participavam de todas as principais corridas da temporada faziam parte do nosso Acampamento de Corrida, que era o que o nome dizia: um acampamento onde vivíamos durante os meses das corridas.

Ela se aproximou, me dando a chance de realmente admirar o azul esverdeado de seus olhos, um tom que eu nunca tinha visto. — Então por que você não participa da corrida hoje? Mostre suas incríveis habilidades de condução. Vamos ver o que você tem, Falcone.

Normalmente eu não era fisgado facilmente, mas Dinara me pegou no anzol. Queria impressioná-la e saber por que ela estava aqui. Qual era o seu jogo final. — Tudo bem, — falei, sorrindo. — Vou correr hoje, mas não venha chorar para mim depois porque seu irmão não passou.

— Dima é um menino crescido. Ele pode cuidar de si mesmo. Não o subestime.

— Não subestimo nenhum de vocês. Mas é melhor não me subestimar também. Eu sou um Falcone, ganhar corridas está no meu sangue.

— Arrogante?

Sorri. — Acho que não nos falta confiança quando se trata de corridas. Agora vamos parar de papo furado e provar que não somos apenas palavras.

Dinara ficou na ponta dos pés, inclinando-se ainda mais perto e aproximando os lábios do meu ouvido. — Sim, vamos fazer isso, Adamo.

Ela deu um passo para trás e se virou, partindo, dando-me uma visão perfeita de sua bunda em suas calças apertadas. Passei a mão pelo cabelo. Ela era uma bunda gostosa, mas preferia menos problemas na minha vida sexual. Transar com garotas dos boxes ou com um raro piloto do sexo feminino provou ser um incômodo no passado, então parei de reagir aos avanços. É melhor que negócios e prazer fiquem separados.

Fazia muito tempo que não participava de uma corrida classificatória. Vinte e cinco pilotos eram colocados no Acampamento e mais cinco poderiam se qualificar para fazer parte através de uma corrida classificatória, mas apenas os pilotos com as melhores posições ao longo do ano permaneceriam no acampamento para a próxima temporada. Sempre estive entre os melhores pilotos, já estava há anos, então as classificatórias não eram necessárias. Mesmo assim, tenho que admitir que senti uma espécie de entusiasmo vertiginoso por voltar a fazer parte de uma classificatória. A atmosfera era diferente, menos dominada por dinheiro e apostas, mais livre de espírito.

Sorri. Isso seria divertido.

Dinara

O rosto de Dima brilhava com desaprovação. Seu humor usual recentemente. — Estamos prontos para ir, — eu disse.

— *Então, recebemos a bênção oficial do clã Falcone?* — ele zombou em russo.

— *Não sei sobre a bênção, mas eles não se importam que corramos. Ou melhor, Remo Falcone não se importa, porque é ele quem está puxando os cordões.*

— *Ele mandará seu irmão mais novo ficar de olho em nós. Eles devem suspeitar que há mais por trás disso do que pilotar.*

— *Claro que eles sabem. Tenho certeza de que Adamo fará o possível para extrair informações de mim.*

Dima me olhou, os olhos cinzentos fechando em fendas. — *Não deixe o charme dele abaixar suas guardas.*

Comecei a rir. — *Que charme? Só porque você tem a personalidade ensolarada de embalagens de pão congelado não significa que qualquer cara capaz de sorrir é um Casanova caçando.*

Dima não esboçou um sorriso. Bati meu ombro contra o dele. — *Não se preocupe. Posso me virar sozinha.*

— *Sei que você pode, mas não subestime os Falcones, nem mesmo os mais jovens. Eles não aceitam levianamente serem enganados, e estamos em seu território. Grigory enviaria a cavalaria, mas nossos homens não gostariam.*

Reviro meus olhos. — *Não invoque fantasmas, Dima. Não haverá uma razão para a cavalaria ou quaisquer outras missões de resgate.* — Eu beijei sua bochecha. — *Tenho você, não é?*

Ele suspirou. — *Seja cuidadosa. Você sabe o que seu pai fará se descobrir. Um dia ele vai me jogar em um barril de petróleo.*

— *Ele gosta muito de você para isso. Ele te dará uma morte rápida,* —

falei com um sorriso torto.

Dima soltou uma risada aguda. — *Que bom que você acha engraçado.*

— Tudo ficará bem.

— Eventualmente, você terá que colocar o passado para descansar, Dinara, ou ele vai te engolir.

— Ele já me mastigou pela metade. A única maneira de deixá-lo de lado é descobrir toda a verdade. Nós dois sabemos que meu pai foi seletivo quando me contou o que aconteceu.

— Ele quer te proteger.

— Ele não pode, nem você. Ninguém pode. Esta é a minha luta.

***

O rugido dos motores encheu o ar. Sempre amei velocidade. A emoção disso. Dima e eu corríamos um contra o outro, primeiro em motos, depois carros, mas nunca a nível profissional, ou com tantos concorrentes.

Adamo parou seu carro ao lado do meu, dando-me um sorriso confiante.

Ao contrário da maioria dos outros caras, ele não olhou para mim como se eu estivesse delirando por achar que poderia pilotar um carro. A maioria das meninas que faziam parte do acampamento de corrida usava shots e ficavam vagabundeando sobre capôs de carros. Seu único objetivo era ir para a cama com um piloto e, melhor ainda: se tornar sua namorada oficial.

Uma dessas garotas apareceu em um pódio à esquerda com uma bandeira de largada. Seus shorts nem mesmo cobriam a parte inferior das bochechas de sua bunda, mas precisava admitir que ela conseguia preenche-lo bem.

Dima parou seu carro à minha direita, lançando-me um olhar de advertência. ‘Não faça nada estúpido’ era o que dizia sua expressão. Revirei meus olhos para ele. Estávamos aqui por um motivo e nada me impediria de alcançar meu objetivo.

Minha atenção se desviou para a minha esquerda, onde Adamo parou seu

Corvette C8 amarelo. Sua janela estava abaixada e seu braço musculoso descansava casualmente na porta. Seus olhos encontraram os meus e um canto de sua boca se inclinou para cima. Meu coração acelerou e estreitei meus olhos para ele, não gostando da reação do meu corpo ao superconfiante irmãozinho Falcone. Mas, porra, ele parecia todo homem, problemas e perigo, relaxado em seu banco como se aquele fosse o lugar que ele deveria estar. Seu reinado.

Acelerei o motor uma vez, um desafio. Eu não era facilmente intimidada. Adamo era uma força a ser reconhecida nas pistas, mas não era o único que tinha velocidade nas veias. O som de duas dúzias de motores encheu o silêncio, como uma matilha de lobos rosnando em uníssono. Arrepios subiram pela minha pele e meus dedos ao redor do volante apertaram. Nunca participei de uma corrida com mais do que alguns pilotos.

A garota do box ergueu uma bandeira acima da cabeça, sorrindo ousadamente. Adamo acenou para mim como se desejasse boa sorte.

Sorri. Não precisava de sorte. Tinha habilidade e a vantagem de ser subestimada pela maioria dos meus oponentes.

No segundo em que a garota deixou cair o braço com a bandeira, bati meu pé no acelerador. Viper disparou para frente com um rugido, poeira subindo e escondendo meus arredores. Por vários segundos, não vi meus oponentes ou a pista diante de mim, apenas a tempestade de areia impenetrável despertada pelos pneus girando. Dirigi o carro em frente às cegas, meu pé no acelerador não cedendo. Então, finalmente, a poeira baixou e meus arredores entraram em foco e com eles, o Corvette de Adamo, que estava um carro à minha frente. Dima ainda estava à minha direita e outro carro ocupava o lugar onde Adamo estivera. Todos derrapamos na primeira curva da pista, mas mal reduzi minha velocidade, mesmo quando meu carro colidiu com meu oponente desconhecido. Acelerei no segundo em que meu carro saiu da curva, minhas mãos agarrando o volante para controlar o Viper.

Meu oponente da esquerda bateu na minha lateral, quase me fazendo voar para fora da pista. Obviamente retaliando. — Foda-se! — Enfureci. Meu pé no

acelerador ficou pesado com a força da pressão que coloquei. Dima reduziu, deslizando para trás de mim e posicionou-se atrás do meu adversário agressivo. Então ele bateu em seu porta-malas.

Sorrindo, voltei meu foco para Adamo à minha frente. Dima lidaria com o idiota vingativo.

Estava lentamente alcançando o Corvette quando Adamo de repente diminuiu a velocidade até que estivéssemos lado a lado, e pude ver seu rosto. Ele sorriu.

Levantei uma sobrancelha. Uma curva acentuada estava à nossa frente, muito pior do que a anterior. Adamo ergueu as sobrancelhas antes de se concentrar na pista e acelerar novamente. O bastardo diminuiu a velocidade para me verificar. Não importa quão forte pisei no acelerador, Adamo ficou a meio carro de distância na minha frente. Entrei na curva menos de um segundo depois dele e meus pneus traseiros eclodiram. Segurei rápido e cuidadosamente guiei o volante na direção contrária antes de acelerar mais uma vez e catapultar o Viper e eu para fora da curva perigosa. Quatro carros estavam a apenas meio metro atrás de mim, um deles Dima. Tínhamos deixado a maioria dos outros pilotos para trás, mas apenas cinco de nós chegaríamos ao final da corrida e tinha a sensação de que Adamo não estaria do lado perdedor. Ele era muito bom e seu carro muito rápido.

Vinte segundos depois, Adamo cruzou a linha de chegada em primeiro e cheguei atrás dele. Soltei um grito de guerra. Parando ao lado do carro de Adamo, próximo a um pódio improvisado, abaixei minha janela. Adamo já estava saindo do carro. O sol poente transformou o céu em uma labareda de fogo atrás dele. Ele tirou um maço de cigarros da calça jeans.

— Boa corrida, Falcone, — gritei sobre o som dos carros de corrida chegando.

Seus lábios se contraíram em torno do cigarro e ele caminhou em minha direção. Mais uma vez, não conseguia parar de admirar seus antebraços fortes e bronzeados e o contorno de seu tanquinho através da fina camiseta branca.

Como se ele soubesse o que eu estava pensando, seu sorriso se tornou arrogante. Ele estendeu o maço para mim pela janela e cuidadosamente peguei um cigarro. Abrindo a porta, saí.

— Você se arriscou muito, — disse Adamo.

Dei de ombros, me aproximando dele. — Você pode me dar o fogo? — Coloquei o cigarro na boca. Adamo se aproximou com o isqueiro, uma das mãos protegendo a chama da brisa. Por hábito, porque sempre fazia isso com Dima, guiei a mão dele com a minha para que a chama tocasse a ponta do meu cigarro. Sua mão estava quente e firme sob a minha palma. Seus olhos encontraram os meus e por um segundo ficamos congelados no momento, na compreensão de nossa proximidade repentina. No segundo em que meu cigarro acendeu, me afastei de Adamo e dei uma tragada profunda.

Meus olhos examinaram os outros carros, preocupados com Dima.

— Ele conseguiu, — disse Adamo, como se meu processo de pensamento fosse um livro aberto para ele. Foi perturbador. — Quarto. Mas Kay não ficará feliz pela maneira que vocês dois o abalroaram. Ele vai registrar uma reclamação.

Revirei meus olhos. — Esta é uma corrida de rua ilegal. Se ele não aguenta se queimar, deve parar de brincar com fogo.

Adamo riu e assentiu. — Sua reclamação cairá em ouvidos surdos, é claro.

— Porque você me quer na corrida afinal, — falei, sorrindo desafiadoramente.

— Porque manobras arriscadas aumentam as apostas. E tenho a sensação de que você fará movimentos mais imprudentes como hoje.

— É tudo uma questão de dinheiro, hein? — Encostei-me no carro, soltando uma nuvem de fumaça. Estava familiarizada com o negócio que Adamo e seus irmãos lidavam. Dinheiro e poder era tudo o que importava, mas Adamo dava a impressão de que se tratava de mais do que isso.

— O valor em dinheiro do ganhador de uma corrida principal é de 25 mil dólares. Vencendo a temporada, são 250 mil no total. Exceto por alguns viciados

em velocidade com pais ricos que nunca ganham de qualquer maneira, todo piloto quer o dinheiro do prêmio. Mas não é por isso que você está aqui, Dinara, certo?

Considerando que ele e eu tínhamos dinheiro, suas palavras depreciativas pareciam hipócritas, mas entendi o que ele quis dizer. Ele procurou meus olhos, tentando cavar mais fundo. Me perguntei o que Remo havia lhe dito. Talvez meias verdades como meu pai. Se ele soubesse de tudo, não me olharia assim.

Sorri. — Não, não se trata de dinheiro. É isso que nos conecta.

Dima avançou até nós, a expressão endurecendo quando viu Adamo ao meu lado. — *Você se arriscou muito* —, disse ele em russo.

— Vale a pena arriscar muito por algumas coisas, — eu disse em inglês, meus olhos fixos nos de Adamo.

Adamo inclinou a cabeça com um sorriso tenso. — Parabéns a vocês dois por chegarem às finais. Crank lhes enviará os detalhes do nosso acampamento para que possam se juntar a nós na próxima corrida. Se não aparecerem sem uma boa desculpa, serão desclassificados pelo resto do ano.

Concordei. — Estaremos lá.

Sem outra palavra, ele se virou, indo em direção a Crank, que nos registrou.

— *Ele está desconfiado,* — murmurou Dima. — *Isso pode ser uma armadilha.*

Soltei uma risada. — *Você é paranoico, Dima. Não haverá armadilhas para nós. E ficaria desapontada se ele não suspeitasse. Isso torna o jogo mais interessante.*

Dima balançou a cabeça. — *Não se esqueça do que está em jogo.*

Olhei furiosamente. — *Ninguém sabe o que realmente está em jogo, exceto eu.*

TRÊS

Adamo

A primeira corrida da temporada foi marcada para quase duas semanas depois da corrida classificatória em que conheci Dinara. Tínhamos quarenta corridas no total espalhadas ao longo do ano. Saindo da minha tenda, respirei fundo o ar ainda fresco do deserto. Dezenas de tendas foram armadas ao meu redor, todas elas circundando uma fogueira e churrasqueira onde os pilotos e garotas do box se reuniam à noite. Nosso acampamento sempre viajava de um ponto de partida para outro. Muitos pilotos passavam o ano inteiro em nosso acampamento, sua única casa. Alguns nos comparavam com o festival Burning Man, mas a rivalidade entre alguns pilotos tornava o lugar menos descontraído e relaxado.

Era véspera da corrida, prazo limite para que todos os pilotos estivessem no acampamento. Meus olhos registraram o Viper verde neon na extremidade do acampamento. Sufoquei um suspiro. Dinara foi a última a aparecer e na noite passada fiquei preocupado que ela não viesse. Nem tinha certeza de por que me importava. Sua presença significava problemas.

Nosso cozinheiro do acampamento estava virando panquecas em um fogão portátil a gás e peguei um prato com uma pilha de panquecas fumegantes antes de me dirigir ao carro de Dinara.

Não a vi em lugar nenhum, apenas Dima, que estava curvado sobre uma xícara de café, encostado no capô do carro. Dei-lhe um breve aceno de cabeça, que ele mal retornou. Enfiando uma panqueca na boca, voltei para minha barraca. Pelo canto do meu olho, um flash vermelho familiar chamou minha atenção. Virando a cabeça, vi Dinara. Ela vinha da direção dos chuveiros móveis que um de nossos funcionários das corridas transportava em um caminhão de

uma parada do acampamento para a próxima. Seu cabelo caía em cachos úmidos pelos ombros e ela não usava maquiagem. Uma camiseta muito grande do Van Halen estava amarrada acima de sua barriga e seu short jeans abaixo de seus quadris, revelando um piercing no umbigo que me fez querer descobrir o resto de seu corpo para saber se havia mais joias escondidas por baixo de suas roupas.

Percebendo minha atenção, ela me deu um sorriso confiante antes de fazer um caminho mais curto até mim. Suas botas de motoqueiro pretas pareciam enormes nela, como se não fossem feitas para pés femininos delicados, e não importava o quanto Dinara agisse como um cara durão, ela parecia delicada pelo simples fato de ser uma pessoa pequena. — São do seu irmão? Você não acha que compartilhar roupas leva o amor entre irmãos um pouco longe demais?

Claro, eu já sabia que Dima não era irmão de Dinara, mas ela nunca havia se retratado da mentira original.

Dinara veio em minha direção e se empoleirou no capô do meu carro sem pedir. Era esperado que você pedisse a outro piloto antes mesmo de tocar no carro dele, mas ela obviamente não se importava com regras como já havia mostrado. Ainda bem que eu também não.

Estendi o prato com a pilha de panquecas para ela, mas ela balançou a cabeça.

— Dima? — Ela pegou um cigarro e o acendeu.

— Sim. O cara alto e magro nos dando um olhar horrível.

Dinara não olhou na direção dele. — Você ainda acha que ele é meu irmão?

Inclinei-me ao lado dela, os braços cruzados, tentando parecer não me importar de qualquer maneira enquanto colocava outro pedaço de panqueca em minha boca. — Ele não é?

— Não, — ela disse com uma pitada de diversão. — Ele não é.

Ela estendeu o maço de cigarros para mim. Normalmente eu não fumava tão cedo pela manhã, mas peguei um de qualquer maneira e coloquei na boca. — Tem fogo?

Um sorriso cruzou seu rosto, mas com a mesma rapidez desapareceu. Ela ergueu o isqueiro, a chama tremulando na brisa suave. Coloquei o prato no capô antes de me inclinar até que a ponta do cigarro tocasse o fogo e acendesse. Nossos olhares se encontraram e ela segurou os meus firmemente. Muitas garotas tentavam parecer tímidas ou bater os cílios, algumas até desviavam o olhar porque o nome Falcone tinha esse efeito nas pessoas. Mas Dinara me encarou. Tive a sensação de que ela estava tentando ver além do que eu queria que outras pessoas vissem e, ainda assim, manteve sua própria guarda. O que quer que ela tinha a esconder, eu descobriria.

— Acho que faz sentido você não viajar por aí sem guarda-costas, — falei. — Estou realmente surpreso que seu pai permita que você tenha apenas um.

— Não preciso de guarda-costas e meu pai sabe que nunca deixaria ninguém me controlar. Escolhi Dima e ele é o único que aceito.

Havia algo familiar e protetor na maneira como ela falava sobre o cara, mas nunca os tinha visto trocar quaisquer intimidades físicas, então isso me deu esperança de que não havia realmente algo acontecendo entre eles.

Dima ainda estava nos observando. Algo na maneira como ele olhava para Dinara levantou minhas suspeitas. Queria que Dinara negasse. — Ele é seu namorado?

Ela soltou a fumaça, olhando para o céu. — Não, mas costumava ser. Um tempo atrás.

— Parece que ele ainda gostaria de ser.

Dinara me deu um sorriso irônico. — Você está sendo terrivelmente curioso sobre meu status de relacionamento.

— Prefiro saber tudo sobre as pessoas que pilotam em minhas corridas.

— Até mesmo seu histórico sexual?

— Mesmo isso, especialmente se envolve a princesa da Bratva. Você é um artigo de alto valor.

— Aposto que sim, — disse ela. — Remo perguntou sobre mim?

A maneira como ela disse o nome dele me fez parar. Meu irmão propagava

o medo nos corações até dos homens mais corajosos. A voz de Dinara não continha medo. Ela parecia estar falando sobre um velho conhecido, alguém que não se importaria de ver novamente. Eles tinham negócios inacabados de algum tipo. Talvez eu fosse sua maneira de se aproximar de meu irmão, mesmo que realmente não fosse difícil encontrá-lo e ele não estivesse realmente inclinado a evitar pessoas que significavam problemas. Não tinha certeza de como me sentia sabendo que ela poderia estar apenas buscando minha proximidade para se vingar da minha família, ou qualquer outra coisa que sua linda cabeça tinha em mente.

— Você leu sobre minha família, acho, — falei.

Ela riu. — Como se isso fosse necessário. A reputação da sua família não é segredo. Mesmo em outras partes do país.

Estreitei meus olhos, tentando não olhar para sua barriga novamente. — Mesmo na Rússia?

Ela largou o cigarro e o esmagou. — Nos círculos certos, naturalmente, mas passei a maior parte da minha vida nos Estados Unidos.

Dei de ombros. — Trabalhamos muito para manter nossa reputação. — Não faz muito tempo, eu não queria ter nada a ver com os negócios dos meus irmãos e a Camorra. Até considerei recusar a tatuagem. Claro, Remo não permitiu. Agora estava feliz. Essa vida era realmente tudo que eu conhecia e me permitiu seguir minha paixão: correr.

— E é uma reputação espetacular, — disse ela.

— A maior parte graças a Remo.

— Uma das histórias mais fascinantes sobre a sua família surgiu graças a você, se não me engano. Você matou sua mãe, — disse ela. Seus olhos verdes estalaram para os meus, me prendendo.

Saindo de sua boca, ela fez soar como se eu merecesse elogios. — Não matei minha mãe. Meus irmãos o fizeram.

— Você a esfaqueou. Queria matá-la e o faria se seus irmãos não tivessem sido mais rápidos.

Ela fez soar como uma corrida também. Não foi. Tudo aconteceu como se estivesse em câmera lenta. Não gostava de pensar naquele dia, mas ocasionalmente ele visitava meus sonhos.

— Você a teria matado, certo?

Examinei os olhos de Dinara, me perguntando por que ela queria saber. A maioria das pessoas se sentia desconfortável com esse tópico específico. Matar a própria mãe simplesmente não era um bom assunto para conversa fiada.

Assenti. Não foi uma decisão consciente esfaquear minha mãe. Agi por puro instinto e pela determinação feroz de proteger meus irmãos e suas famílias.

— E a sua mãe? — Perguntei.

Uma sombra passou pelo rosto de Dinara. — Morta. Ela está morta.

Balancei a cabeça, me perguntando se ela estava mentindo ou se não sabia a verdade. A vida de Eden dificilmente poderia ser considerada bem vivida, mas ela definitivamente não estava morta.

Ela se inclinou mais perto. — Você ainda pensa naquele dia? Você se arrepende?

— A morte brutal da minha mãe é o que mais te fascina em mim? — Perguntei, minha voz mais forte do que antes.

— É fascinante. Os filhos devem perdoar e esquecer os erros de sua mãe. Devem amá-las e apreciá-las, apesar de seus defeitos. Mas vocês Falcones não são sobre perdão, hein?

O desafio tocou em sua voz.

Apaguei o cigarro na palma da mão, um ponto que não era mais sensível à dor depois que adquiri o hábito de apagar meus cigarros desse jeito quando era adolescente. As sobrancelhas de Dinara se ergueram um pouco. — Não, não estamos no negócio do perdão, Dinara. — Me levantei, elevando-me sobre ela. Ela não se moveu de seu lugar no capô, apenas jogou a cabeça para trás olhando para o meu rosto. — Isso é algo que você deve sempre lembrar.

Ela pulou do meu capô e passou por mim. Jogando-me um sorriso sombrio por cima do ombro enquanto se afastava, ela gritou: — Oh, eu sei, Adamo, e não

vou esquecer.

Balancei a cabeça. Ela era algo. Meus olhos seguiram seu corpo fabuloso até ela chegar ao seu próprio carro. Eu tinha uma política rígida de não transar com outros competidores, mas tinha a sensação de que Dinara não ficaria no acampamento por muito tempo, só até que percebesse que não conseguiria o que queria ou eu a expulsasse. Fazia muito tempo que uma mulher não chamava minha atenção assim, que senti uma necessidade tão forte de conquistar alguém.

Mas se eu quisesse jogar o jogo de Dinara, precisava descobrir mais sobre ela e o motivo de seu aparecimento.

CJ devia saber mais sobre Eden. Elas trabalharam juntas por um tempo, mesmo que nunca tenham sido próximas. Eu estava envolvido em meus próprios problemas naquela época, então nunca prestei muita atenção às amizades entre as prostitutas. Se quisesse entender Dinara, precisava descobrir mais sobre sua mãe primeiro, e estava claro que nem Dinara nem Remo seriam úteis nessa empreitada.

***

Eu estava na estrada com o acampamento de corrida a maior parte do ano, mas tínhamos várias ocasiões familiares que me obrigavam a retornar à mansão Falcone em Las Vegas. Nos primeiros meses de vida nômade, me ressenti por voltar para casa onde ainda era o irmão mais novo e sempre seria, onde todos se lembravam de mim como o instável fodido e provavelmente sempre o fariam. Eu gostava da liberdade de uma nova vida que as corridas me ofereciam, mas eventualmente, percebi que sentia falta da minha família e de nossas reuniões malucas, mesmo que Remo soubesse como me irritar. Talvez tenha sido vingança pela minha adolescência.

Parei na frente da enorme mansão branca e, pela primeira vez em muito tempo, quase me virei e voltei para o acampamento. Por algum motivo, não queria ficar longe de Dinara, como se ela pudesse desaparecer no ar se a

deixasse fora da vista. Ao vê-la pilotar pela primeira vez na corrida principal e se manter firme, terminando entre os dez primeiros, apesar da forte competição, minha admiração pela ruiva só tinha aumentado. Não tinha certeza do que ela havia feito para penetrar em meu cérebro assim, e isso precisava parar. Talvez alguns dias com minha família me dessem a chance de abafar meu fascínio pela ruiva e, ao mesmo tempo, reunir mais informações sobre ela - se Remo estivesse com um humor generoso.

Saí do meu carro. A porta da frente se abriu e meu sobrinho Nevio saiu atacando. — Adamo! — Ele gritou. Ele disparou em minha direção e colidiu comigo cinco segundos depois. O ar saiu dos meus pulmões com o impacto. — Feliz aniversário, — disse, despenteando seu cabelo preto. Ele se afastou para olhar para mim com seus olhos escuros. Cada vez que o via, ele se parecia um pouco mais com meu irmão mais velho, Remo, sua imagem cuspida por dentro e por fora. Temia só de pensar que tipo de problema ele causaria quando ficasse um pouco mais velho.

— Onde está o resto do circo? — Perguntei.

Nevio deu um passo para trás. — No Jardim. Você vai lutar comigo pelo meu aniversário?

Ri enquanto nos dirigíamos para a porta da frente. — Duvido que sua mãe gostaria que eu chutasse sua bunda magricela no seu dia especial. Faremos isso outro dia.

— Foi o que você disse da última vez, — queixou-se Nevio. E ele estava certo. Normalmente não ficava o suficiente para arranjar tempo para brigas de gaiola com meus sobrinhos. O acampamento sempre me chamava mais alto.

Como Nevio havia dito, o resto da família estava no jardim. Nevio correu na direção de seus primos Alessio e Massimo que estavam fazendo uma espécie de luta de espadas com paus. Balançando a cabeça, juntei-me à minha família na grande mesa. Antes de cumprimentar qualquer um, fui até Greta, irmã gêmea de Nevio. Ela estava sentada no colo de Remo, comendo um pedaço do bolo espetacular que estava no centro da mesa. — Feliz aniversário, Greta.

Beijei sua bochecha e ela sorriu para mim. — Obrigada. — Ela era o oposto de Nevio: tímida, cuidadosa e amante da paz.

— Muito tempo sem te ver, irmãozinho, — disse Remo, seus olhos escuros fixos nos meus como se quisesse extrair de mim respostas para perguntas não feitas. Tive a sensação de que sua curiosidade estava ligada a Dinara. Kiara apontou para o bolo que ela, sem dúvida, assou. — Creme de chocolate. Quer um pedaço?

— Não perderia, — disse, dando a ela um sorriso caloroso.

Savio se levantou e me abraçou brevemente. Nosso relacionamento antes tenso havia melhorado consideravelmente com a distância.

— Ainda em um relacionamento monogâmico com uma prostituta? — Sávio perguntou como forma de saudação, falando baixo para que Greta e Aurora que estava sentada no colo de Fabiano não ouvissem.

Fabiano estreitou os olhos. Savio obviamente não tinha conseguido.

Sua esposa Gemma deu um soco em sua barriga, mas ele apenas sorriu e encolheu os ombros.

— CJ e eu somos amigos. O que quer que aconteça a portas fechadas não é da sua conta. — Apertei em sua mão estendida.

— Isso significa que sim, — disse ele, revirando os olhos enquanto afundava ao lado de Gemma mais uma vez.

— Não, não quer dizer, mas tanto faz.

Nino saiu para o terraço. — Kiara, acho que sua lasanha está pronta para ser retirada. — Ele me cumprimentou com um aceno de cabeça.

Kiara rapidamente voltou para dentro, seguida por Gemma, que frequentemente a ajudava a cozinhar nas reuniões familiares maiores. Elas eram as melhores cozinheiras da família. Serafina e a esposa de Fabiano, Leona, costumavam ser responsáveis por manter as crianças sob controle.

— Bolo antes do almoço? Que tipo de anarquia é essa? — Perguntei, afundando em uma das cadeiras vazias entre Fabiano e Savio.

— O desejo de Nevio. Anarquia é seu nome do meio, — disse Fina,

revirando os olhos.

— Meu desejo também, — Greta disse suavemente.

Fina deu um sorriso paciente para a filha. — Seu também, mas nós duas sabemos que você sempre diz sim aos desejos de Nevio.

— Nem sempre, — Greta disse ainda mais baixo.

— Muitas vezes, *mia cara*, — disse Remo, beijando sua têmpora.

Kiara e Gemma voltaram, ambas carregando caçarolas com lasanha fumegante.

— Uma delas é vegetariana com antepastos e ricota de limão, e a outra é uma lasanha mais tradicional com pancetta e carne moída, — explicou Kiara. Ela e Greta não comiam carne, mas o resto de nós comia, mesmo que tivéssemos nos acostumados a mais refeições vegetarianas desde que Kiara se casou com Nino.

— A comida está pronta! Sentem-se! — Fina gritou para ser ouvida por causa do áspero jogo de espadas dos meninos.

Alessio foi o primeiro a largar a espada e começou a trotar até nós. Massimo e Nevio continuaram batendo as espadas.

— Nevio! — Remo gritou.

A cabeça de Nevio girou e ele baixou a espada. Massimo já tinha feito e juntos correram até nós. Alessio me deu um sorriso, mas, como Greta, não era um garoto muito melindroso, pelo menos com a maioria das pessoas. Nino tocou seu ombro e o menino se sentou ao lado dele. Nevio e Massimo o seguiram logo em seguida e sentaram nas duas cadeiras vagas restantes.

Massimo sorriu amplamente para mim, o suor brilhando em seu rosto. Ele parecia a cada dia mais com Nino.

Finalmente começamos a comer. Claro, o jantar não foi tranquilo. Mesmo quando éramos apenas eu e meus irmãos há muitos anos, esse não era o caso, mas os tópicos e o entretenimento tinham se tornado menos explícitos e mais censurados por causa das crianças.

Depois do jantar, afastei-me para fumar. Remo odiava, mas eu não era

mais criança. Kiara chegou logo depois. — Como você está? Você parece feliz.

Sorri, baixando meu cigarro e soprando a fumaça na outra direção. — Eu estou, e você?

O rosto de Kiara brilhou de felicidade. — Como poderia não estar feliz rodeada de família? Sentimos sua falta.

Dei-lhe um abraço de um braço só. — Também sinto falta de vocês. Mas pertenço ao acampamento.

— Eu sei.

Remo se aproximou de nós. Kiara, sendo a mulher inteligente que era, percebeu que ele queria falar comigo. Ela pediu licença e foi até as meninas.

— Então, como vão as coisas com nossa princesa russa?

— Ela não age como uma princesa. Fuma como uma chaminé e pode beber como qualquer homem com o dobro do seu tamanho debaixo da mesa. Ela é uma ótima piloto de corrida também.

Dinara e Dima ainda estavam principalmente à margem da vida no acampamento, mas participavam das festas pós-corrida, e Dinara bebia meia garrafa de gim sozinha, sem qualquer sinal externo de estar bêbada. Eu não tinha falado com ela desde nossa conversa sobre minha mãe, mesmo que me custasse muito controle ficar longe.

— Você parece fascinado, — disse Remo com seu sorriso torto.

— Estou desconfiado. Não preciso de problemas em minhas corridas.

— Problemas podem nos trazer dinheiro.

— Depende do tipo de problema. Talvez deva falar com Eden. Ela pode ser capaz de me dar informações importantes sobre Dinara.

O rosto de Remo endureceu. — Fique longe de Eden. Ela não será capaz de dizer nada de importante sobre Dinara.

— Porque você a proibiu de falar? Qual é o seu objetivo, Remo? Por que mantemos a ex do Pakhan em nossos bordéis? E por que Dinara acha que a mãe dela morreu?

Algo cintilou nos olhos de Remo, um toque de realização, talvez. Gostaria

que ele compartilhasse essa visão comigo. — Ela falou com você sobre a mãe dela?

— Ela me questionou sobre o dia em que matamos nossa mãe. Seus problemas com a mamãe voltarão para nos morder na bunda?

A expressão de Remo havia se apagado ainda mais com a menção de nossa mãe. Ele a odiava com uma paixão ardente antes de matá-la, e seus sentimentos não haviam melhorado desde então, especialmente agora que ele estava cercado por boas mães como Fina, Leona e Kiara.

— Se ela quiser discutir os problemas da mãe, mande-a até mim.

Essa era a última coisa que eu queria fazer antes de saber o que estava acontecendo. Se Dinara quisesse salvar a mãe ou pior vingá-la, ela corria mais perigo do que podia imaginar. Talvez um Capo razoável hesitasse em machucar a filha de um Pakhan, mas Remo nunca se esquivou de manobras insanas. Afinal, ele sequestrou a sobrinha do Capo da Outfit e a fez se apaixonar por ele.

Mesmo que Dinara tivesse segundas intenções para entrar nas corridas e buscar minha proximidade, não queria que ela se machucasse. Eu amava Remo, mas não concordava com tudo o que ele fazia, e muitas de suas ações me preocupavam, especialmente no passado.

QUATRO

Adamo

C.J. sorriu brilhantemente quando abriu a porta e me abraçou. — Senti sua falta. — Ela vivia a trinta minutos de carro da mansão e depois que as festividades acabaram, fui até ela. Não nos víamos há quatro semanas, o que era muito tempo. Normalmente, tentava voltar para Vegas a cada duas semanas, por pelo menos uma ou duas noites.

— Também senti sua falta, — disse e beijei seus lábios. Ela estava usando uma lingerie roxa sexy que deixava pouco para a minha imaginação e seu cabelo castanho caía em cachos suaves até os ombros. Afinal, nós dois sabíamos do que se tratava nossos encontros. Por que tentar ser tímido sobre isso? Apesar do que Savio achava, não estava apaixonado por CJ mas gostava muito da sua companhia e do sexo, e era o mesmo com ela. — Como estão as coisas no trabalho?

— Ásperas, — disse ela. — Os últimos dias foram um verdadeiro show de merda. Apenas clientes idiotas. Pelo menos, usei o tempo enquanto os fazia gozar para pensar no meu próprio bar.

Ela pegou minha mão e me levou para a pequena sala de estar de seu apartamento. Era um lugar confortável, mas pequeno, porque CJ economizava a maior parte de seu dinheiro para abrir seu próprio negócio um dia. Sugeri ajudá-la, mas ela não queria aceitar dinheiro de ninguém. Ela estava perto de ter dinheiro suficiente em breve, e eu ficaria feliz quando ela finalmente parasse de chupar babacas por dinheiro. A vontade de CJ iniciar um negócio era um dos tópicos sobre o qual Remo e eu mais brigávamos.

CJ era dez anos mais velha que eu. Ela e as outras garotas com quem fodi eram todas mais velhas que eu. Dinara foi a primeira garota da minha idade que

me chamou a atenção em muito tempo, outro ponto que a tornava ainda mais fascinante. Segui CJ em direção a sua pequena cozinha e aceitei a taça de vinho tinto que ela estendeu para mim. Mas estava distraído por meus pensamentos sobre Dinara e, a julgar pelos mamilos eretos de CJ, ela estava distraída exatamente porque eu estava aqui. Ela se aproximou, tomando outro gole de seu vinho antes de olhar para mim com um sorriso sedutor. Larguei meu copo e a beijei, esperando que minha luxúria banisse qualquer pensamento sobre Dinara.

Coloquei ainda mais paixão em nosso beijo, respondendo à necessidade de CJ. Ela se esfregou contra mim e deslizei minha mão sob seu vestido, encontrando-a ensopada. — Foi uma semana realmente horrível. Tudo que conseguia pensar era nisso, — CJ admitiu em um sussurro. Sabia que ela não tinha estado com nenhum cara, exceto os clientes do trabalho desde que começamos a foder. Ela sempre me garantiu que era porque seu trabalho não permitia relacionamentos com outros homens, mas às vezes, me preocupava que fosse mais do que isso. Toquei CJ até ela explodir depois de apenas um minuto. CJ se ajoelhou e começou a me chupar profundamente em sua boca até que minhas bolas atingissem seu queixo. Gemi, meus olhos se fechando. Ao longo dos anos, estive com várias meninas, ainda muito menos que meus irmãos, mas o suficiente para saber que as habilidades de CJ eram uma coisa de outro mundo. Uma imagem do sorriso desafiador de Dinara apareceu sem ser convidada. Mas a afastei. Isso não era justo com CJ.

Ainda me lembrava vividamente da minha primeira vez com CJ. Eu me senti atraído por ela desde o início, mas depois da coisa com minha primeira namorada, Harper, que me traiu e zombou da minha falta de habilidades sexuais, estava preocupado em estar com alguém novamente. Claro, realmente não podia falar com ninguém sobre meus problemas. Meus irmãos não teriam entendido. Todos eles perderam a virgindade bem mais jovem e transaram com mulheres o suficiente para praticar quando tinham a minha idade. Realmente não queria transar com garotas aleatórias, mas também não queria arriscar outro relacionamento, então estava em um impasse.

CJ notou como eu constantemente a verificava. Eventualmente perguntei a ela se poderíamos passar algum tempo juntos. No começo, apenas conversamos, mas eventualmente eu queria mais. CJ era sexy e era segura, mas eu não queria usá-la. Então, insisti que ela me mostrasse como agradar uma garota e isso foi tudo o que fizemos nas primeiras semanas até que finalmente transamos. Nos primeiros meses certamente não fui uma boa foda e CJ provavelmente só aproveitou a metade do tempo que passamos juntos, mas aprendi rápido e estava determinado a lhe dar bons momentos.

Mantive meus olhos em CJ enquanto ela me chupava, preocupado em ver outro rosto novamente se fechasse os olhos ou desviasse o olhar. Depois que gozei em sua boca, ela se endireitou e passou as mãos pelo meu cabelo, sua expressão cheia de necessidade. Nós conversamos e trepamos. Sempre era assim. Não éramos exclusivos, mas compartilhávamos um vínculo especial. Talvez tenha sido esse vínculo que me fez pensar se conseguiria continuar fazendo isso com Dinara incluída na mistura. Não havia nada entre Dinara e eu, exceto rivalidade, fascinação e provocação, mas eu queria mais e tinha a sensação de que ela não era completamente oposta a ideia.

— Acontece algum coisa? — CJ perguntou com cuidado. Ela era sexy e teve uma semana difícil. Eu também. Nós dois precisávamos disso. Ela cheirava a seu gel de banho de baunilha, algo que Dinara não usaria.

— Estou bem. — A beijei novamente e como antes ela respondeu com paixão e necessidade. Nós tateamos nosso caminho até o sofá dela, já tirando o resto de nossas roupas no processo.

Enrolei minha mão em seu cabelo e gentilmente puxei para trás, considerando parar com isso afinal. Seu olhar se ergueu e seus lábios formaram um sorriso carente. Porra. Agarrei seus braços e a empurrei para o sofá.

Até hoje CJ foi a melhor transa que já tive, e muito mais do que isso, mas nessas últimas semanas todas as minhas fantasias giravam em torno de uma ruiva. Ajoelhei-me diante dela e levantei seus calcanhares sobre meus ombros antes de mergulhar nela. Como sempre, quando nos encontrávamos depois de

um longo tempo, fodíamos a noite toda até estarmos exaustos. Era quando começávamos a conversar sobre tudo que nos incomodava, mas dessa vez eu tinha um assunto mais importante para discutir do que pilotar carros de corrida.

— O que você sabe sobre a Eden?

CJ ergueu a cabeça do meu ombro, parecendo surpresa. — Eden? Por que você está interessado nela?

— Estou interessado na história dela. Remo não vai compartilhar detalhes comigo, mas tenho a sensação de que algo importante aconteceu. Pode ser útil para a nossa luta contra a Bratva.

Mentir para CJ não era algo que eu gostava de fazer, e geralmente apenas me esquivava de tópicos sobre os quais ela não tinha permissão de saber.

CJ sentou lentamente, parecendo pensativa. — A maioria das outras meninas e eu mantivemos distância da Eden. No começo porque seu irmão mandou que a ignorássemos e depois porque ela realmente preferia ficar sozinha. Faz algum tempo que não trabalho no mesmo lugar que ela. Acho que ela agora está trabalhando em um clube pequeno e sujo fora de Vegas.

— Vocês conversavam. Você nunca especulou sobre os porquês do tratamento especial dela?

— Donna era uma das poucas garotas que estava lá quando Eden apareceu pela primeira vez em Vegas. Ela sempre disse que Eden irritava muito Remo.

Isso foi tufo o que descobri. Nenhuma informação nova realmente.

CJ sorriu se desculpando. — Desculpe. Gostaria de poder te ajudar. Talvez você devesse falar com Donna. Ela está servindo mesas no Red Lantern, se quiser ir procurá-la.

Falar com CJ era uma coisa, mas sair por aí questionando outras prostitutas sobre Eden definitivamente deixaria Remo furioso. Quanto mais o irritasse agora, menos provável que ele me ouvisse se eu intercedesse por Dinara, caso ela aparecesse em Vegas para fazer o que tinha em mente.

***

No dia seguinte, decidi dar outra chance a Remo. Juntei-me aos meus irmãos no nosso ginásio em um cassino abandonado para treinamento de luta. Savio ficou surpreso quando perguntei se poderia me juntar a ele. Nino e Remo já estavam dentro da gaiola quando Savio e eu entramos no vasto salão.

A maioria das pessoas que frequentava nosso ginásio, as poucas que eram permitidas, não conseguiam parar de olhar para o lustre pendurado no teto acima da gaiola de luta. Remo e Nino pararam de lutar quando nos notaram. Savio e eu caminhamos até a gaiola. Fabiano esperava sua vez e se mantinha ocupado no supino.

Ele se sentou. — Ei estranho.

Dei-lhe um pequeno aceno. Nino já estava saindo da gaiola, abrindo espaço para o próximo oponente de Remo. Fabiano se levantou do banco, mas agarrei seu ombro.

— É a minha vez, — disse.

Ele ergueu uma sobrancelha, então encolheu os ombros e sentou-se novamente. — Divirta-se. Porém, acho que Remo é quem vai se divertir afinal.

— Isso mesmo, — Savio concordou, rindo.

Não reagi. Queria respostas, e Remo estava evitando dá-las. No passado, havíamos compartilhado algumas de nossas conversas mais honestas na gaiola de combate. Esperava que acontecesse o mesmo hoje.

O sorriso de Remo se alargou conscientemente quando entrei na gaiola. Era difícil enganar Remo para fazer qualquer coisa. Ele era um trapaceiro. Mas eu não recuaria desta vez. Estava cansado de pescar no escuro.

— Esse brilho em seus olhos é um bom começo para uma luta, — disse Remo.

Não me incomodei em enfaixar minhas mãos, levantando-as em vez disso. — Você está pronto para lutar?

— Sempre.

Geralmente eu era um lutador cauteloso, mantendo minhas defesas altas

por muito tempo e evitava movimentos arriscados, mas hoje imediatamente entrei em modo de ataque. Remo aceitou minha oferta e nossos próximos golpes ricochetearam em nossas respectivas defesas antes de Remo acertar dois socos fortes em meu estômago e um em meus rins. Então acertei minha primeira rebatida. Corri mais do que lutei e Remo ainda era o melhor lutador porque fazia questão de estar na gaiola, sempre que possível e não apenas para treinar. Ele lutava contra adversários reais por dinheiro. Se quisesse manter essa luta por tempo suficiente para conseguir respostas, precisava do meu melhor jogo.

Dez minutos depois, ele e eu estávamos cobertos de suor e sangue. Eu estava sangrando de um corte em meu lábio inferior e Remo de um em sua sobrancelha, onde abri parte de sua cicatriz marcando um lado de seu rosto. Fizemos uma pausa para beber água, encostados na malha da gaiola um ao lado do outro.

— Pergunte, — Remo murmurou entre goles de água.

— Por que Dinara acha que a mãe dela está morta?

— O descanso acabou, — ele declarou e mal tive tempo de guardar minha garrafa antes que ele acertasse um soco no meu rosto, mas me esquivei do golpe.

— Porque ele acha que pode protegê-la, — Remo grunhiu enquanto evitava meu gancho.

— Protegê-la de quê?

— De si mesma, suponho. — Remo me enviou um sorriso irônico. — Mas nós dois sabemos que proteger alguém de si mesmo é impossível, certo?

Pulei fora do alcance de seu braço. Remo tentou me salvar do abuso de drogas e de amigos errados quando eu era mais jovem. Ele só teve sucesso quando me mandou para Nova York, longe de sua proteção. Às vezes, o risco de cair sem uma rede de segurança era necessário, foi o que Remo aprendeu com essa experiência.

— Pelo amor de Deus, por que você não me diz o que diabos está acontecendo? — Rosnei, enviando um soco forte em direção ao seu rosto, que ele bloqueou.

Remo inclinou a cabeça com um sorriso sombrio. — Há algo acontecendo entre você e Dinara.

Olhei furiosamente. Remo sempre sabia mais do que devia e gostava disso. — Não é da sua conta, mas não há absolutamente nada acontecendo.

Ainda. Não que eu não tivesse imaginado...

— Algumas pessoas podem discordar de você. Afinal, Dinara faz parte da Bratva através da família. Você está confraternizando com o inimigo.

— Como eu disse, não há nada acontecendo, e não venha bancar o santo. Fina também costumava ser a inimiga e agora é sua esposa.

O sorriso de Remo se tornou mais perigoso. — Você está certo. Mas era eu quem estava puxando as cordas quando a conheci. Certifique-se de que você também esteja.

— Ajudaria se você pudesse me dizer o que estou enfrentando. Dinara quer vingança?

— Assim que ela descobrir a verdade, definitivamente.

Fiz uma careta. — Que porra você e Grigory fizeram? Devo dizer a Dinara que a mãe dela está viva.

— Sim você deve.

Fiz uma pausa, estreitando meus olhos. — Qual é o seu objetivo, Remo? Não quero que Dinara se machuque.

Remo balançou a cabeça. — Você tem um gosto complicado para mulheres.

— Isso é algo que temos em comum.

Remo riu. — Diga a ela e veja como reage.

— Não gosto disso. Não quero que Dinara se torne um peão em sua guerra com Grigory.

Remo não disse nada.

Considerei socar seu rosto, mas ele provavelmente anteciparia o movimento. Em vez disso, sorri para ele. — Essa luta acabou. Deixe Fabiano te atacar. Preciso voltar para o acampamento.

Remo encostou-se no canto da gaiola, seus olhos nunca me deixando. — Não sou o vilão aqui, Adamo. Minhas intenções são puras por não te dizer.

Não pude deixar de rir enquanto saía e Fabiano ocupou meu lugar na gaiola. — A palavra pura e você estão em desacordo.

Nino veio em minha direção antes que eu pudesse sair do ginásio. — Você deveria se juntar a nós na piscina à tarde. Faremos um churrasco e aproveitaremos o tempo bom.

Balancei a cabeça. — Não, obrigado, já estou farto dos jogos mentais de Remo.

— Ele não é o único culpado. Sempre que você vem para cá, fica procurando um assunto pelo qual brigar.

— Eu não tenho que procurar. Remo e eu discordamos em muitas coisas.

— Eu e ele também, mas você só se concentra nas divergências e tenta ignorar o que é bom. Remo te ama e sempre faz o que acha que é melhor para você.

— Realmente preciso voltar ao acampamento agora. A próxima corrida é em apenas uma semana. Tenho muitas coisas para configurar.

Nino assentiu e me permitiu passar. Senti uma pontada quando saí. Mas não era só por causa de Remo. A próxima corrida seria o início de uma série de corridas em sucessão curta, todas sem um dia de descanso entre elas. Tinha muito o que organizar e garantir que meu carro estivesse nas melhores condições.

E estava ansioso para ver Dinara novamente.

CINCO

Adamo

Os primeiros trailers e tendas surgem à distância e não posso deixar de sorrir.

Viver a vida nômade não é muito confortável, principalmente as opções sanitárias que deixam muito a desejar. Mas preferíamos ficar entre nós em vez de ficar em motéis. Claro, alguns pilotos optavam pelo conforto de hotéis próximos e só se juntavam a nós na noite anterior à corrida, especialmente aqueles que eram patrocinados por seus pais ricos e não faziam isso por dinheiro. Felizmente, não havia muitos deles. Com as próximas sete corridas em apenas uma semana, todos teriam que acampar ou dormir em seus carros.

Estacionei meu carro na beira do acampamento e desci. O trailer rústico de Crank ficava no centro, com as tendas improvisadas de todos os outros montadas ao redor. Ele era o cara certo quando eu não estava aqui e seu trailer costumava ser nossa base de negócios.

Já era fim da tarde e amanhã seria o último dia para colocar tudo em ordem antes da nossa corrida de sete dias, especialmente detalhar as regras para os participantes. Já sabia algumas pessoas com as quais teria que ter conversas adicionais me certificando de que realmente entendessem a mensagem.

Uma fogueira queimava no centro em preparação para o anoitecer e o cheiro de carne defumada e churrasco enchia o ar. Montei minha barraca, uma pequena coisa para duas pessoas que prendi ao meu carro. Preferia ficar de olho no meu Corvette. Às vezes aconteciam acidentes estranhos.

— Como foi em Vegas? — Dinara perguntou logo atrás de mim, bem quando fechei o zíper da barraca. Virei-me para encontrá-la parada muito perto com os braços cruzados sobre uma camiseta cortada do AC/DC, revelando

aquele piercing tentador novamente. Era um pequeno ovo vermelho e dourado. Pela primeira vez Dinara não estava de botas, mas de chinelos, revelando unhas pintadas de vermelho-escuro. — E o que aconteceu com o seu rosto?

Meu lábio estava ligeiramente inchado do soco de Remo. — Uma luta amigável com meu irmão. E Vegas está a mesma de sempre. Barulhenta, chamativa e suja, — falei, tirando meus olhos de seu corpo e encontrando seu olhar consciente. Dinara parecia perceptiva, mas mesmo que não fosse, já teria me notado olhando para ela. Era muito difícil não fazer isso. Sua confiança por si só me atraia.

As sobrancelhas de Dinara se ergueram enquanto ela se encostava no meu carro e tomava um gole em um copo de isopor. — Alguém guarda rancor de sua cidade natal.

Olhei para longe. Ela estendeu o copo para mim. — Parece que você precisa disso mais do que eu. Por que brigou com o seu irmão?

Peguei sem perguntar o que era e tomei um grande gole. A queimadura amarga da Vodca floresceu em minha boca e desceu pela minha garganta. Eu odiava essa coisa. Nunca entendi a razão de bebê-la pura. Os lábios de Dinara se contraíram como se ela soubesse o que eu estava pensando. — O próprio Dima preparou.

Devolvi o copo para ela, ignorando sua pergunta anterior. — Tem certeza de que é seguro consumir? — Meus olhos examinaram o circuito em busca de sua sombra obstinada e, claro, o encontrei ao lado de seu carro, nos observando.

— Você não parece alguém que evita correr riscos.

— Eu não sou. Só prefiro não morrer por consumir Vodca caseira. Existem maneiras muito mais interessantes de deixar este planeta.

Ela tomou um gole antes de seus lábios formarem um sorriso provocante. — Como morrer em uma corrida de carro ou ser morto por uma bala inimiga?

— Algo assim, sim.

Enfiei a mão pela janela do passageiro aberta e peguei uma camiseta limpa. Usei essa durante a viagem de Vegas e enquanto montava uma barraca no

sol escaldante da tarde. Puxei minha camisa suada pela cabeça e a joguei no capô ao lado de Dinara. Ela olhou brevemente, mas então seu olhar se moveu para mim, definitivamente me examinando. Seus olhos permaneceram no meu abdômen antes de escanear as cicatrizes no meu corpo, terminando na minha tatuagem desfigurada da Camorra.

— Parece que você está acostumado a dançar com a morte.

Dei de ombros. Não queria falar sobre a época em que a maioria dessas cicatrizes surgiram. Coloquei uma camiseta branca limpa e me inclinei ao lado de Dinara. Algumas das garotas que dividiam barracas com seus respectivos namorados corredores ou casos nos lançavam olhares curiosos. Algumas delas tentaram se aproximar de mim, mas não aceitei seus avanços. Dinara seguiu meu olhar. — Está de olho em uma delas?

Ri. — Não. Não misturo negócios e prazer.

Dinara inclinou a cabeça. — Que coisa não-Falcone de se fazer. Por que se limitar quando cria as regras? Vocês são reis em seu território.

— Remo é rei. O resto de nós somos seus vassalos. — Poderia ter me chutado pela nota de amargura em minha voz, fazendo-me soar como um adolescente mal-humorado, mas estava extremamente chateado com Remo por manter o passado de Dinara em segredo de mim.

— Você é muitas coisas, mas não um vassalo. Parece que tem ambições de se tornar um regicida para pegar a coroa para si mesmo.

Fúria correu em minhas veias com a acusação. Mesmo quando Remo às vezes me empurrava contra a parede, ele era meu Capo e meu irmão. O amava e preferia me cortar em pedaços antes de traí-lo assim. Mascarei minha primeira reação, percebendo que isso me dava a chance de descobrir as verdadeiras intenções de Dinara. Se eu deixasse a porta de trair Remo aberta, ela poderia me ver como um beco para confiar seus possíveis planos de vingança. Encarei o horizonte, deixando a questão pairando entre nós. Dinara me olhou atentamente, mas sua expressão era impossível de ler.

— Você fez um relatório aos seus irmãos sobre a princesa da Bratva

enquanto estava em Vegas? — Ela perguntou depois de quase um minuto de silêncio. Mais e mais pessoas se reuniam ao redor da fogueira, sentando-se em troncos dispostos em volta dela, e o aroma de costela defumada agora flutuava inconfundivelmente no meu nariz. A música aumentou, uma mistura animada de sucessos dos últimos anos porque os gostos variavam muito no grupo.

— Não há muito a relatar, não é?

Ela encolheu os ombros e me olhou como se não acreditasse em mim.

— Não sei por que você está aqui. Você é um mistério e também suas razões para buscar minha proximidade.

— Alguém está confiante demais. Talvez eu só queria aproveitar a emoção da corrida.

— Grande coincidência você entrar no acampamento de corrida que fica no território da Camorra. Você tem história conosco e seu pai também.

— O que você sabe sobre a minha história com a Camorra? — Ela sussurrou asperamente. Pela primeira vez, uma rachadura em sua bela máscara apareceu. Ela não tinha sido excessivamente emocional até agora.

Fiquei surpreso com sua explosão, mas mantive a calma. Dei de ombros. — Sei que sua mãe trabalha como prostituta em um de nossos bordéis.

Dinara congelou, baixando lentamente o copo dos lábios. Descrença flagrante surgindo em seu rosto. — Minha mãe está morta. — Sua voz soou... apavorada e exultante ao mesmo tempo.

— Não, ela não está. Ela está viva e em Las Vegas, trabalhando para nós.

Dinara desviou o olhar, franzindo a testa. Ela esvaziou o copo e o colocou no capô. Gostaria que ela me permitisse ver seus olhos, mas os manteve cuidadosamente afastados, não querendo me deixar ver suas emoções, mas o resto de seu corpo me deu uma vaga ideia de sua confusão. Suas mãos tremiam enquanto ela enfiava uma mão no bolso e tirava um baseado. Ela o acendeu e respirou fundo, trêmula. — Tem certeza?

O doce aroma familiar da maconha penetrou no meu nariz e um desejo profundo se estabeleceu em meu corpo. Desisti das drogas pesadas durante meu

tempo em Nova York depois que Luca quebrou algumas das minhas costelas quando me encontrou drogado, mas desistir da maconha era mais difícil, especialmente porque muitas pessoas fumavam nas festas pós-corrida e churrascos.

Talvez devesse ter recuado, mas Remo queria que eu contasse a ela por algum motivo insano. Eu estava arriscando a vida dele ou a de Dinara ao lhe contar? Mas era tarde demais para recuar agora.

— Sim. A encontrei várias vezes ao longo dos anos. — Isso era um exagero. Nunca tinha realmente falado com ela, apenas a vi de passagem. Não me lembrava muito dela, nem mesmo se era tão bonita quanto a filha. Era uma sombra nebulosa que eu era incapaz de focar.

— Fodeu com ela também, se ela é uma de suas prostitutas?

Fiz uma careta. — Não.

Dinara revirou os olhos. — Não finja ficar indignado. Sei como as coisas funcionam. Os mafiosos muitas vezes procuram os serviços de prostitutas e muitas delas até perdem a virgindade para um deles. Estou familiarizada com o negócio. A Bratva e a máfia italiana não são tão diferentes quanto você acha. — Pela maneira como ela disse Bratva, quase desenvolvi um apreço pela palavra.

— Eu não fodi sua mãe, Dinara. Não tenho o hábito de dormir com todas as bocetas disponíveis.

Não podia falar pelos meus irmãos, no entanto. Remo definitivamente a fodeu no passado. Não tinha certeza sobre Nino e Savio, mas o último mergulhava seu pau em qualquer coisa antes de Gemma amarrá-lo.

Dinara assentiu, mas não disse nada. Ela parecia chateada. Dima havia se afastado do carro e estava se aproximando lentamente. Um verdadeiro protetor. Queria chutar sua bunda estúpida da Bratva. Sua expressão não era a de um guarda-costas, e tampouco de um amigo fraternal.

Ela ficou de pé e largou o baseado antes de pisar nele. Senti uma pontada que tentei ignorar.

— Preciso deixar o acampamento e voltar para Chicago.

Balancei minha cabeça e me levantei também. — Amanhã à noite começa a primeira corrida do circuito de sete dias. Você precisa estar presente à tarde para configurar tudo. Se perder a primeira corrida do circuito, não poderá entrar na corrida posterior. Cada corrida é construída sobre a anterior. E se você perder sete corridas, suas chances de permanecer no acampamento são quase nulas. — Não queria que Dinara desaparecesse tão cedo. Queria mantê-la por perto, descobrir mais sobre sua história e sobre ela.

— Estarei de volta a tempo, — ela cortou e começou a se afastar.

Toquei seu braço. — Estamos a quase 2.200 quilômetros de distância de Chicago.

Ela me deu um sorriso sardônico por cima do ombro. — Não se preocupe. Não perderei a corrida de amanhã. Ainda não terminamos, Adamo.

Com isso, ela se afastou e fiquei olhando para ela, me perguntando se suas últimas palavras eram um aviso ou uma promessa.

Dinara

Dima correu em minha direção. — *O que...*

— *Preciso de um jato particular em Salt Lake City em trinta minutos. Configure tudo.* — Dima olhou para mim. Ele abriu a boca, mas eu não estava com vontade de falar.

— *Não tenho tempo para perguntas. Me arrume um jato. Precisamos sair agora. Vamos no meu carro.*

Dima não tentou extrair mais informações. Em vez disso, pegou seu celular e puxou algumas cordas com contatos antes de dar um aceno conciso. — *Feito.*

Instalamo-nos no meu carro e pisei no acelerador. Teríamos que nos apressar se quiséssemos chegar a tempo ao pequeno aeroporto particular. Ele estava localizado fora de Salt Lake City.

Eram cinco e meia, então, se tudo corresse como planejado, embarcaríamos no jato por volta das seis.

— O que está acontecendo Dinara? Você está em perigo? Alguma coisa que Falcone disse te chateou?

Chateada nem começava a cobrir meus sentimentos sobre a notícia que Adamo me deu. Minha mãe estava viva. Durante anos, achei que ela estava morta. Todo mundo me fez acreditar que ela estava.

Meus dedos ao redor do volante apertaram ainda mais até doer. Não estava com vontade de falar agora. Minha cabeça estava uma bagunça cheia de pensamentos zumbindo, uma tempestade lentamente se formando e prestes a liberar seu poder destrutivo. Bem dentro de mim, meu desejo escuro começou seu canto sedutor, um chamado da sereia que resisti por dez meses agora.

Dima desistiu de falar comigo pelo resto da viagem e quando paramos no aeroporto há apenas cinco minutos da partida programada, dei um suspiro de alívio. Depois que Dima e eu embarcamos no jato particular e nos acomodamos em assentos um de frente para o outro, a aeromoça nos serviu bebidas e lanches. — Este pode ser um voo acidentado. Uma tempestade está se formando em Chicago.

Dei-lhe um sorriso rápido. — Perfeito. — Obviamente surpresa pela minha resposta, ela se desculpou. Peguei o copo e tomei um gole do meu Gin & Tonic enquanto o avião começava a se mover e logo estávamos decolando.

Dima nunca tirou os olhos de mim. *— Você não vai me dizer o que há de errado?*

— Você sabia sobre minha mãe?

Se Dima sabia o que eu queria dizer, escondeu bem. Suas sobrancelhas loiras se juntaram. *— O que sobre ela?*

O problema era que Dima era um dos homens do meu pai, sempre seria. Ele às vezes quebrava as regras por mim, mas no final das contas, nunca traiu meu pai completamente.

— Que ela ainda está viva, não morta como meu pai disse.

Dima balançou a cabeça. — *Como você sabe? Adamo colocou essa ideia em sua cabeça?*

Me inclinei para frente, estreitando os olhos. Algo em sua voz estava fora. Nosso vínculo estreito tornava difícil manter segredos um do outro. — *Você sabia? Por que Adamo mentiria sobre algo assim?*

— *Porque ele e seus irmãos são mestres da manipulação. Eles são o inimigo, mesmo que você fique confortável com Adamo.*

— *Não estou ficando confortável com ninguém,* — gritei, mas não pude negar a atração mútua entre Adamo e eu. Percebi a maneira como ele me examinou e também o olhei com cobiça mais de uma vez. — *O que eles poderiam ganhar me fazendo acreditar que minha mãe está viva, hein?*

Dima se recostou no assento, seu olhar se movendo para a janela. Ele estava ganhando tempo? Uma tensão sutil havia tomado seu corpo, mas não estava certa se era porque ele sabia mais sobre minha mãe ou porque tinha ciúme de Adamo. — *Talvez eles esperem que você vá até Vegas para encontrá-la. Pode ser uma armadilha para cair nas mãos deles. Não seria a primeira vez que Remo Falcone sequestraria uma mulher do alto escalão.*

— *Se ele quisesse me sequestrar, poderia pedir que Adamo o fizesse. E duvido que Adamo seja o único piloto com ligações estreitas com a Camorra. Ele não precisaria me atrair para Las Vegas para colocar as mãos em mim.*

A boca de Dima apertou e ele evitou olhar na minha direção. Me levantei do assento e sentei ao lado dele. Seu olhar encontrou o meu. — *Dima*, — falei suavemente, implorando, e coloquei minha mão sobre a dele que estava descansando no braço. — *Se você sabe, precisa me dizer. Preciso saber. Você sabe que preciso.*

O rosto de Dima, que geralmente era todo de linhas duras, como uma obra de arte cubista, suavizou. — Dinara. — A maneira como ele disse meu nome me lembrou de nosso passado. Ele virou a mão e fechou os dedos em volta da minha. Engoli em seco. Não queria usar os sentimentos de Dima, ou quaisquer sentimentos que ele pudesse se convencer de ter, para conseguir o que queria,

mas essa verdade poderia mudar tudo. Eu precisava saber.

— *Diga-me,* — implorei.

Ele se inclinou um pouco mais perto como se fosse me beijar. Fiquei tensa. Não queria ter que afastá-lo. Eu não precisei. Dima examinou meu corpo e se retraiu alguns centímetros. Seus dedos ao redor dos meus se afrouxaram e seu sorriso se tornou dolorido. — *O que você vai fazer com a verdade?*

— *O mesmo que eu sempre quis, encerramento.*

— *E vingança,* — Dima disse calmamente. — *Não tenho certeza se você encontrará um fechamento no caminho em que está.*

Vingança era um negócio diário em nossos círculos. Cada homem vivia e respirava por vingança se fossem injustiçados, mas as mulheres deveriam deixar os outros lidarem com seus problemas como donzelas indefesas em perigo.

— *Dima*.

Meu caminho era problema meu. O seguiria sozinha se fosse preciso. Dima deixou cair a cabeça para trás. — *Ela está viva. Falcone lhe disse a verdade.*

— *Porque você mentiu para mim?* — Perguntei magoada. Dima era meu confidente mais próximo. Tínhamos compartilhado tudo, ou pelo menos achei assim.

Dima inclinou a cabeça. — *Porque seu pai me mandou mentir para você e porque queria protegê-la.*

Puxei minha mão. — *Eu não preciso de proteção contra a verdade!* — Levantei-me, incapaz de ficar parada. Comecei a andar pelo corredor, meu pulso batendo forte. Uma pequena parte de mim permaneceu em dúvida após as palavras de Adamo, mas agora a verdade brilhava intensamente para mim. Era a minha vez de aceitá-la e decidir como proceder. — *É meu direito decidir o que fazer com a verdade. Meu maldito direito.*

Dima acenou com a cabeça. — *Seu pai pode não concordar. Ele ficará furioso se descobrir que te contei.*

— *Você não me contou. Adamo contou.*

Dima soltou uma risada amarga. — *Seu novo herói.*

O encarei e sentei no assento. — *Adamo não é o herói desta história. Nem você ou meu pai. Serei a heroína da minha história.*

Virei meu olhar para a janela, admirando o céu sombrio que combinava tragicamente com minhas emoções. Logo as nuvens engrossaram e a chuva chacoalhou o avião. Corri minhas palmas para cima e para baixo em minhas coxas, demorando-me nas cristas familiares altas. O canto da sereia agora tocava em meu sangue. Meu desejo sombrio era um forte oponente, meu maior inimigo, mas também um bálsamo e amigo nas horas mais difíceis. Ele tornava o insuportável suportável, mesmo que apenas por algumas horas.

— *Você é mais forte do que isso,* — disse Dima no silêncio.

Ele conhecia minha linguagem corporal muito bem. Dei um aceno conciso. — *Sou mais forte do que você e meu pai pensam.*

Trinta minutos antes do tempo estimado de pouso, peguei a sacola com minhas roupas de Chicago e fui ao banheiro me trocar. Isso se tornou um hábito, abandonar meu estilo e liberdade quando voltava para casa e me tornar a garota que meu pai queria e precisava que eu fosse.

***

Uma limusine preta estava esperando por nós quando pousamos em um aeroporto afiliado à Bratva nos arredores de Chicago. Entrei sem dizer uma palavra e deixei a viagem passar em silêncio também. Mandei uma mensagem para papai logo depois de embarcarmos no avião, anunciando minha chegada. A julgar por sua falta de surpresa, Dima o informou antes que eu pudesse.

Não entramos em Chicago. Papai comprou quatro acres de terra a cerca de trinta quilômetros de Chicago porque a casa que ele tinha em mente precisava de espaço. Os portões dourados se abriram quando nos aproximamos deles. Um longo caminho com jardins lembrando Versalhes levava a uma esplêndida mansão branca e azul. Demorou quase dois anos para construir esta menor

versão do palácio de Catarina, a Grande, que papai e eu visitamos muitas vezes em São Petersburgo.

Me perguntei se dava a meu pai uma sensação de lar morar em uma mansão como esta ou se apenas o lembrava do que estava perdendo. Às vezes era mais difícil viver com uma versão menor do que perdemos do que perdê-la completamente.

A limusine estacionou na base da escada majestosa que levava à porta da frente, onde papai já estava esperando por mim em seu terno escuro de costume. Um membro da equipe abriu a porta para mim e saltei do carro. Sempre levava alguns segundos para encontrar meu equilíbrio em meus sapatos cor de champanhe depois de dias ou semanas vivendo de botas. Alisei o vestido de seda e cashmere que combinava com meus saltos e me dirigi até papai. Dima ficou para trás, mas o olhar duro que papai lançou a ele me preocupou.

Papai sorriu, mas foi tenso, como se seu sorriso estivesse sendo forçado em seu rosto por fios invisíveis. Dima deve tê-lo avisado sobre o que eu sabia. Queria me ressentir de Dima por ser o espião de meu pai tanto quanto meu confidente. Temia o dia em que ele tivesse que escolher entre nós e eu o perdesse para sempre. Talvez essa tenha sido outra razão pela qual terminei as coisas entre nós.

No momento em que parei diante dele, papai me puxou em um abraço. Afundei contra sua forma alta e forte, sentindo o cheiro de sua conhecida loção pós-barba. Ele se afastou com minhas bochechas entre suas grandes mãos e deu um beijo suave em cada uma delas. — *Você está bonita, Katinka.*

Não sorri, apenas encarei os olhos azul-claros de papai. Ele tinha apenas quarenta e tantos anos, era um dos Pakhans mais jovens, e seu cabelo loiro ainda escondia bem as mechas grisalhas.

— *Dinara* — corrigi, embora soubesse que ele não usaria meu segundo nome. Quando parei de usar meu primeiro nome, Ekaterina, em homenagem a Ekaterina, a Grande, outra razão pela qual papai escolheu construir seu palácio, ele ficou com o coração partido e continuou me chamando pelo apelido, Katinka.

Raramente o corrigia mais, nem usava as roupas que gostava quando estava perto dele.

Sempre escolhi vestidos ou saias em cores claras, porque ele adorava me ver assim. Ekaterina significava pura afinal e ele queria me ver na luz, não tropeçando na escuridão que permanecia dentro de mim. Ele passou um braço em volta dos meus ombros e me levou para dentro do esplêndido saguão com paredes espelhadas e decoração em branco e dourado.

— *Onde estão Jurij e Artur?*

— *Eles já estão dormindo, e Galina também.*

Papai sempre tentava manter sua jovem esposa e meus meio-irmãos fora da vista, como se temesse que sua nova família pudesse me aborrecer. Lancei-lhe um olhar exasperado. Ele precisava parar de achar que eu precisava ser colocada em um pedestal. Fiquei feliz quando ele se casou e Galina lhe deu herdeiros. Isso significava que ele não focaria tanto e eu teria mais liberdade.

— *Está com fome?* — Ele perguntou.

Assenti. Exceto por vodca e gim, eu não tinha consumido nada ainda, e isso estava começando a confundir meu cérebro. Papai estalou os dedos e imediatamente um membro da equipe que esperava ao fundo correu em direção à cozinha. — *Vamos para o meu escritório.*

Chamar de escritório a vasta sala onde trabalhava era uma zombaria. Seu tamanho espantava a maioria das pessoas, e algumas famílias de quatro ou cinco pessoas viviam em apartamentos muito menores. A decoração dourada e branca continuava, mas a mobília era mais escura. Madeira avermelhada dominava tudo, e a mesa de papai era do tamanho de uma pequena cama queen-size. Nos sentamos no sofá azul com almofadas douradas que ele comprou de um colecionador e era originário do século 18: época de Catarina, a Grande. Papai era um homem com um pé firmemente colocado no passado e outro no futuro, talvez isso o tornasse tão respeitado entre seus homens.

Uma batida soou e nossa cozinheira entrou com uma bandeja de khachapuri fresco, pão assado recheado com queijo e ovo em forma de barco.

Ela o carregou até nós e cuidadosamente o colocou na mesa à nossa frente antes de desaparecer novamente. Peguei um khachapuri, estremecendo ao queimar meus dedos, mas muito gananciosa para a delicadeza da filhinha de papai. A gema de ovo escorrendo se espalhou na minha língua, misturando-se ao sabor salgado do queijo e à densidade reconfortante da massa. Papai passou os primeiros anos de sua vida no Cáucaso. Engoli a primeira mordida e coloquei o pão de volta no prato.

Eu cansei de adiar o inevitável, então encontrei o olhar de papai. — *Por que você mentiu?*

Um músculo na bochecha de papai se contraiu, um sinal de seu desagrado. Muitas pessoas teriam motivos para se encolher a esse sinal de perigo, mas eu não era uma delas. — *Dima não deveria ter te contado.*

— *Ele não fez isso. Adamo Falcone sim, e então não dei outra escolha a Dima a não ser admitir que sabia a verdade. Você sabe que posso ser convincente se me dedicar a isso.*

Papai deu uma risadinha. — *Oh eu sei. Você tem a teimosia e astúcia de uma grande imperatriz.*

Suspirei. — *Por que você mentiu? Você me fez acreditar que ela estava morta. Todos esses anos.*

— *Era o melhor. Sempre quis te proteger.*

— Isso é besteira!

Os olhos de papai brilharam perigosamente. — *Não use esse tom comigo.* — Ele odiava quando eu xingava, e talvez ainda mais quando falava em inglês.

Respirei fundo. — *Desculpa.*

— *A verdade não importa, porque o que eu disse é tão bom quanto a verdade. Ela está morta para nós, riscada de nossas vidas e fora do nosso alcance no território da Camorra.*

— *Nada está fora do seu alcance, pai, se você realmente quiser.* — Ele arrastou sua esposa Galina para fora do canto mais distante do Cáucaso, um pequeno vilarejo onde seus pais a esconderam de meu pai, apesar de estar sob o

controle do inimigo.

Ele balançou a cabeça com uma risada áspera. — *Sou um homem de negócios e sobrevivi a muitos ataques à minha vida, só porque sou cauteloso. Entrar em guerra com Remo Falcone não é sábio. Invadir seu território por uma mulher morta é loucura.*

— *Ela não está morta,* — sussurrei asperamente.

Ele segurou minhas mãos. — *Ela está para mim, e deveria estar para você também. Esqueça que ela existe. Ela é o passado e nós o deixamos para trás, não é, Katinka?*

Talvez ele tivesse, talvez ele pudesse. Mas eu a via em meus sonhos quase todas as noites, um fantasma do passado. Precisava vê-la novamente, cara a cara, mesmo que isso significasse ofender Remo Falcone e arriscar uma guerra com a Camorra.

SEIS

Dinara

Chegaríamos mais tarde do que eu gostaria, mas papai insistiu que eu ficasse até de manhã se dormisse algumas horas antes de pegar o jato particular de volta para Salt Lake City. Ele tentou me convencer a ficar definitivamente. Ele sabia que eu estava participando das corridas e talvez até o porquê, mas tinha dificuldades em me prender. Não porque não tivesse os meios para isso, mas porque se preocupava com o que eu faria sem minha liberdade e um propósito. Ele confiava que eventualmente eu voltaria para casa, incapaz de prosseguir com meu objetivo.

Era quase uma da tarde quando Dima e eu regressamos para o acampamento. Dima aguentando em seu assento. O lado direito de seu rosto estava inchado e azul, e essas eram apenas as marcas que eu podia ver. Papai o espancou por admitir a verdade sobre minha mãe. A culpa abriu um caminho de fogo por dentro de mim. — Da próxima vez, você não voltará comigo.

— *Isso só adiará minha punição.*

— *Então não faça coisas que levarão a punição por mim. Talvez fosse melhor se você não me seguisse mais neste caminho. Fique longe antes que meu pai te castigue pior.*

Sua expressão era de mágoa. — *Vou te proteger, Dinara. É meu trabalho, meu desejo.*

Suspirei. Tínhamos tido essa conversa antes, quando decidi entrar nas corridas de Adamo. Dima podia ser quase tão teimoso quanto eu.

Chegamos ao acampamento. A maioria dos pilotos estavam ocupados mexendo em seus carros, alguns dos quais já estavam configurados em uma espécie de formação inicial: dez filas de três carros cada.

Da última vez, Dima e eu tivemos que largar na última fila porque éramos novatos, mas devido ao nosso bom resultado na última corrida, a primeira corrida deste circuito, fomos empurrados para uma das filas do meio. Não me preocupei em ler o sistema de pontos e as regras em detalhes. Sempre quis ser a primeira e, para isso, precisava dirigir rápido e arriscar tudo. Fácil assim.

O carro de Adamo estava na primeira fila, naturalmente, junto com um carro completamente preto com o qual tive conflitos na última corrida. Seu proprietário era um garoto rico alto e irritante dos subúrbios de San Francisco.

Estacionei meu carro ao lado do trailer de Crank para perguntar minha posição exata antes de entrar na formação. Dima levantou do banco do passageiro, pressionando seu lado esquerdo com um gemido.

— *Tem certeza de que pode correr?* — Perguntei preocupada.

— *Eu não vou sair do seu lado*.

— Do jeito que está, duvido que consiga acompanhar os melhores pilotos hoje. Visto que a parada de descanso desta noite e o ponto de partida de amanhã são diferentes para cada carro, dependendo da distância que colocam atrás deles nas dez horas de condução, você provavelmente não terá a chance de ficar perto de Dinara, — explicou Adamo ao descer as escadas do trailer. Seus olhos escuros examinaram Dima da cabeça aos pés, avaliando cada ferimento. A julgar pelas cicatrizes em seu corpo, ele provavelmente poderia avaliar os ferimentos de Dima melhor do que eu.

— Estou bem, — Dima rangeu, endireitando-se totalmente. Ele e Adamo eram da mesma altura, muito mais altos que eu. Mesmo minhas botas de motoqueiro com suas solas grossas não mudavam o fato de que tinha que inclinar a cabeça para trás. Essa era a única razão pela qual sentia falta dos meus saltos altos.

Adamo encolheu os ombros como se não se importasse de qualquer maneira. — Mesmo que esteja a quilômetros de Dinara quando a corrida terminar, não moverá seu carro nem um centímetro. Você pisará no freio exatamente às quatro da manhã, como todos nós, entendeu? E não tente

trapacear. Nós rastreamos todo mundo.

Dima mostrou os dentes em um sorriso perigoso. — Você está muito ansioso para pegar Dinara sozinha, Falcone. Por que isso, eu me pergunto?

— Por nenhuma razão que exija seus serviços de guarda-costas, — disse Adamo com um sorriso forçado.

Olhei entre eles. — Não tenho tempo para suas besteiras. Tenho uma corrida para vencer. Qual é a minha posição na grade?

Adamo fez um gesto para dentro do trailer. — Crank está com a lista. Você tem que perguntar a ele.

— Vá em frente, — eu disse a Dima, que relutantemente entrou no trailer, mas antes de desaparecer, ele rosnou. — *Não gosto do jeito que ele olha para você. Um dia vou queimar a porra dos olhos dele.*

Dei-lhe um olhar severo e ele finalmente desapareceu.

— O que ele disse? Não parecia muito bom, — disse Adamo com uma pitada de diversão. Ele cruzou os braços, acentuando os músculos neles. O que me irritava ainda mais do que a reação do meu corpo aos seus atributos era o fato de que eu não tinha certeza se Adamo estava tentando me provocar de propósito.

— Talvez você devesse pensar em aprender russo. É sempre uma boa ideia saber o idioma do seu inimigo.

Adamo me olhou de uma forma que aumentou minha temperatura corporal em vários graus, uma experiência da qual eu não tinha certeza se gostava. — Você é uma inimiga, Dinara?

Sorri. — Isso depende da situação, suponho.

Adamo riu e encolheu os ombros. — Temos muitos inimigos. Não poderia aprender todos os idiomas deles. Ou você fala francês e italiano?

Meu sorriso se alargou. — É claro. Tive tutores que me ensinaram francês, inglês e italiano e, em casa, falo russo.

— Impressionante, — Adamo admitiu. — Eu só falo italiano e inglês, mas meu irmão Nino é um dicionário ambulante.

Lembrei-me vagamente do cara com os olhos cinzentos frios, uma imagem

nebulosa do passado, mas difícil de esquecer como tantas outras imagens daquela época. — Minha professora de francês nunca gostou muito da minha pronúncia, mas falo e entendo fluentemente, mesmo que não soe como uma parisiense.

— Você também não se parece com uma.

Eu levantei uma sobrancelha. — Tem algum problema com a minha aparência?

Os olhos de Adamo percorreram todo o meu corpo, novamente demorando-se no meu piercing no umbigo. Já tinha percebido isso. Talvez ele se perguntasse se eu tinha mais deles escondidos sob minhas roupas. Eu tinha. — Absolutamente não. Sua aparência está mais do que boa pra mim.

— Obrigada. Esse é o tipo de aprovação que precisava para me sentir valorizada, — falei sarcasticamente, mas tinha que admitir que me sentia tonta cada vez que Adamo me examinava. Geralmente não me considerava bonita. Minha aparência com meu cabelo ruivo, sardas e maçãs do rosto salientes era muito severa para isso.

Dima escolheu esse momento para voltar. Seus olhos se estreitaram em fendas enquanto ele se colocava entre Adamo e eu. — Tenho nossas posições. Devemos começar a preparar tudo.

— Os mecânicos verificarão se seus carros obedecem às regras e anexarão um rastreador à sua cabine para garantir que sejam punidos ou desclassificados se dirigirem por mais tempo do que o permitido, — disse Adamo, dando a Dima um olhar significativo, antes de se afastar.

Dima olhou para as costas dele. — *Estamos lado a lado na formação inicial. Devemos ter certeza de ficar juntos, mesmo que um de nós seja mais rápido que o outro.*

Bufei. — *De jeito nenhum, Dima. Sinto muito, mas preciso ser uma das primeiras para ficar perto de Adamo. Preciso de mais oportunidades para extrair informações dele.*

Dima se aproximou, procurando meus olhos. — *Isso é realmente apenas*

para extrair informações? Não sou cego.

— Cuide dos seus machucados ou peça ajuda a alguém da equipe médica. Preciso preparar meu carro.

Me afastei. Nunca fui confrontada pelo ciúme de Dima. Ele não tinha feito um grande caso quando terminei nosso relacionamento, nem tentou me reconquistar. Talvez ele esperasse que eu finalmente voltasse para ele, e agora viu suas chances diminuindo. Não tinha certeza, mas esperava que ele se recuperasse logo. Precisava me concentrar no meu plano. Não tinha tempo para lidar com um ex-namorado maluco.

Manobrar meu Toyota entre os carros estacionados e os mecânicos, pilotos e garotas espalhadas ao redor deles levou quase quinze minutos. Bati minha palma na buzina com tanta frequência que minha mão doeu, mas finalmente encontrei a posição marcada. Meu carro estava em perfeitas condições, então não precisei verificar novamente, e além de alguns pilotos, eu não tinha uma equipe de mecânicos. Dima conseguia consertar quase tudo e eu também era bastante capaz.

Em vez de perder tempo com os preparativos, encostei-me no carro e observei a multidão ocupada, absorvendo sua empolgação e energia nervosa. Só tinha visto outra motorista do sexo feminino, mas ela estava na última fila. Que pena. Mais meninas precisavam confiar em si mesmas para brincar com os meninos grandes. Este não era um esporte que exigia músculos, apenas ousadia e inteligência, algo que não faltava às mulheres em comparação aos homens.

Ao meu lado, um cara que parecia mexicano encostou-se no carro. Seu corpo era coberto de tatuagens e ele usava uma regata preta para mostrar seus músculos. Como Dima, seu cabelo tinha um corte curto, mas o dele era escuro. Ele me deu um sorriso quando me pegou olhando. Não retribuí o gesto, apenas balancei a cabeça. Me perguntei se os Falcones toleravam que membros de gangues ou de cartéis corressem também. Eles pareciam bastante certos de seu poder sobre o oeste. Eu não estava aqui para fazer amigos e muito menos para flertar com caras aleatórios.

Adamo se aproximou de mim e se inclinou ao meu lado. O cara perdeu imediatamente o interesse por mim. — Esta pronta?

— Sempre, — respondi. — O que estou me perguntando é como funciona o negócio de parada para o banheiro. Dez horas é muito tempo.

Adamo me lançou um olhar significativo.

Eu zombei. — Não me diga que não há intervalos oficiais para ir ao banheiro.

— Não existem. Você tem que decidir se quer perder minutos valiosos para se aliviar.

— Ao contrário de você, não posso urinar em uma garrafa.

— Acredite em mim, mesmo para os homens não é fácil dirigir e fazer xixi em uma garrafa.

Não pude deixar de rir tentando imaginar isso, mas então minha mente vagou, simplesmente evocando imagens do corpo nu de Adamo. Não é uma boa direção a tomar antes de uma corrida. — Então você realmente faz xixi em uma garrafa?

Adamo sorriu. Sempre que o fazia, parecia mais o menino surfista sombrio e não o irmão Falcone mortal. Eu não tinha certeza de qual lado dele me atraía mais. — Normalmente me permito uma pausa para ir ao banheiro por corrida, pelo menos nas primeiras cinco corridas. As duas últimas corridas, entretanto... — Ele riu.

— Não vou fazer xixi na garrafa, mas não vou correr o risco de ficar para trás só porque minha bexiga é um problema.

— Bem, então talvez você deva considerar o uso de um cateter. Mas devo avisá-la. Alguns caras muito ambiciosos o fizeram no ano passado e pegaram uma infecção desagradável.

Franzi meu nariz. — Isso é ir longe demais.

— Não, se estiver em dívida com a Camorra, então é melhor encontrar maneiras de conseguir dinheiro.

— Certo. Você e seus irmãos são realmente espertos quando se trata de

ganhar dinheiro.

— Aposto que seu pai também sabe alguns truques.

Ele sabia. Mas meu pai era melhor em colocar um exterior sofisticado, enquanto os Falcones viviam sua loucura abertamente. — Com uma corrida desta dimensão, não teremos problemas com a polícia?

— Podemos. Depende do condado pelo qual estamos passando. Alguns são mais fáceis de controlar do que outros. Alguns xerifes definitivamente querem pegar alguns de nós. E todos os anos têm sucesso e um ou dois vão para a prisão por um tempo. Mas como disse, geralmente eles fecham os olhos para o que está acontecendo. Nós dirigimos principalmente em cantos remotos de nosso território, para não mencionar à noite ou de madrugada.

— Então, vamos torcer para não sermos presos hoje. — Afastei-me do capô quando o carro de Dima rodou em nossa direção.

— Tenho certeza de que seu pai pagará a fiança se acontecer isso, — disse Adamo com um encolher de ombros, mas não comprei seu desinteresse por um segundo. Ele estava tentando descobrir o quanto meu pai sabia sobre eu estar correndo em território de Camorra.

— Não gosto de depender de outros para salvar minha bunda, — falei. Dima estava preso atrás de uma equipe de cinco mecânicos que cuidavam de um carro. Gostaria de saber quanto dinheiro seria preciso para ter uma equipe desse tamanho ao seu redor. Dinheiro não era problema para mim. O American Express Black de papai pagava tudo e ele nunca perguntou por que eu gastava tanto dinheiro, mas queria pagar minhas despesas com o dinheiro do prêmio.

Adamo seguiu meu olhar até Dima. — Suas costelas estão quebradas pela maneira como ele está se movendo. Ele não será capaz de ficar ao seu lado se você não diminuir a velocidade para ele. Ele vai precisar de pausas.

— Dima é duro e sabe que não vou diminuir para ninguém. Posso me proteger.

— Se você dirigir tão rápido quanto da última vez, não será necessário. Você estará ao meu lado, e posso ficar de olho em você durante as horas de

descanso.

— Que cavalheiresco da sua parte, — disse. — Mas acho que não confio em você, Falcone.

Ele inclinou a cabeça, um canto da boca subindo. — Talvez você não devesse.

Geralmente não confiava facilmente, mesmo que Adamo não me parecesse um perigo - pelo menos para mim.

Me dirigi até o porta-malas do meu carro e tirei uma garrafa de vodca pela metade e abri.

— Dirigir embriagada pode torná-la imprudente, mas não necessariamente mais rápida, — comentou Adamo.

— Não vou me embebedar, mas bebidas destiladas desidratam meu corpo e me fazem urinar menos. Não vou perder tempo parando para ir ao banheiro.

Adamo balançou a cabeça. — Você não para por nada para alcançar seu objetivo.

— Isso mesmo. — Por um momento, olhamos nos olhos um do outro, então Dima interrompeu o momento ao sair do carro. Adamo caminhou até a frente da grade onde seu carro estava.

***

Meus dedos ao redor do volante suavam conforme os minutos até o início gotejavam. Nunca tinha participado de uma corrida tão longa. Seria exaustivo e explicaria por que todos os anos os motoristas batiam seus carros sem influências externas. Mesmo uma rua reta pode se tornar um desafio se você estiver cansado demais para manter os olhos abertos.

Da minha posição no meio do campo, não conseguia ver a garota com a bandeira, mas enquanto os carros na minha frente não se movessem, estava presa de qualquer maneira. Demoraria um pouco para chegar a uma posição melhor com mais espaço. Logo o rugido dos motores tocou em meus ouvidos e Viper

vibrou sob mim. Dima me lançou um olhar de advertência. Ele estava preocupado, mas não tinha razão para estar. Eu podia lidar com meu carro.

A poeira levantou diante de mim, cobrindo os carros à frente enquanto eles partiam. Meu pé pairou sobre o acelerador e no segundo que as luzes de freio do carro a minha frente morreram, bati minha bota para baixo. Viper rugiu como uma fera e então partimos. Tive que diminuir quase que instantaneamente ou arriscar colidir com o carro na minha frente.

Uma largada cercada por todos esses carros era uma loucura, ainda pior do que na última fileira.

O tempo perdeu o significado enquanto lutava para passar carro após carro. A noite caiu em torno de nós e logo a multidão diminuiu ao meu redor. Não tinha certeza de quantos carros estavam à minha frente, exceto pelos três que podia ver. Um deles era o Corvette de Adamo. O outro era o monstro negro do garoto rico. O terceiro pertencia ao mexicano que começou ao meu lado. Nem tinha visto ele passar por mim.

Dima estava alguns carros atrás de mim com outros três. Me perguntei por quanto tempo ele seria capaz de acompanhar. Talvez ele pudesse ignorar seus ferimentos depois de apenas uma hora de corrida, mas sua dor só pioraria com o passar do tempo.

Minha suposição se tornou realidade depois de cinco horas na estrada. Dima começou a ficar para trás e então parou. Achei que ele precisava de uma parada para ir ao banheiro, mas, em vez disso, observei pelo espelho retrovisor quando ele se curvou e vomitou.

Por um momento, meu pé no acelerador diminuiu, mas então meu olhar se concentrou novamente em Adamo e nos outros dois motoristas à minha frente. Dima era duro. Ele era membro da Bratva há quase dez anos. Ele não desistiria facilmente e algumas costelas quebradas não eram nada.

Depois de oito horas, nem mesmo o copo de vodca e minha falta de hidratação impediram minha bexiga de encher. Meus olhos queimavam e a estrada ficava embaçada de vez em quando. A escuridão profunda onde os faróis

não tocavam meu entorno só aumentava a necessidade de descanso do meu corpo. Mas a distância entre eu e os três carros na frente havia aumentado e uma parada me deixaria ainda mais para trás, sem mencionar que permitiria que meus dois perseguidores me alcançassem ou, pior, me ultrapassassem. Rangendo os dentes, tentei ignorar a pressão na minha bexiga. Para banir minha exaustão, liguei o rádio, explodindo minha playlist favorita de Classic Metal nos alto-falantes. Welcome to the Jungle do Guns N 'Roses despertou meus sentidos como sempre.

Mesmo a música não estava mais ajudando enquanto os últimos trinta minutos da corrida se arrastavam. Minha necessidade de fazer xixi se transformou em uma dor latejante dolorosa na parte inferior do meu corpo, e minhas costas e bunda estavam completamente rígidas de ficar sentada. Quase não sentia mais meus dedos. Tudo o que conseguia pensar era em fazer xixi e dormir.

Minha atenção se voltou para um dos carros a frente, que estava lentamente ficando para trás. Quando o último minuto do tempo de corrida entrou em contagem regressiva, faltava apenas um carro para mim.

O carro de Adamo. Ele realmente diminuiu a velocidade para passar a noite ao meu lado. Não tinha certeza se estava lisonjeada ou aborrecida. A donzela em perigo não era meu papel favorito. Por outro lado, sua companhia não era desagradável, mas até agora nunca estivemos completamente sozinhos. E percebi que era assim que estaríamos esta noite - sozinhos - quando parei o carro exatamente às quatro da manhã.

SETE

Adamo

Não planejei desacelerar para Dinara e passar a noite ao lado dela. Foi um impulso do momento quando notei o carro dela não muito longe de mim. Não perdi muito tempo para os outros carros na liderança deixando que ela me alcançasse, nada que não pudesse compensar nas corridas seguintes. E mesmo que não terminasse a corrida de sete dias em primeiro lugar, não seria um problema. Eu não precisava do dinheiro e ainda faria pontos suficientes para ficar no acampamento de corrida. Dinara abriu a porta do Viper ao mesmo tempo em que desliguei o motor do meu carro, que havia parado bem ao lado do dela. Ela mal olhou na minha direção e, em vez disso, correu para a escuridão em direção à parte de trás de seu carro.

Sorri, percebendo o porquê, o que me lembrou do meu próprio problema. Depois de me aliviar na escuridão também, me inclinei contra o capô do meu carro e olhei para o céu estrelado. Tão longe da civilização, as estrelas sempre brilharam intensamente. Algo que sentia falta sempre que estava em Las Vegas. Sempre me considerei uma pessoa da cidade até que comecei a viver longos períodos de tempo em um acampamento no meio do nada.

Dinara avançou até mim e apoiou o quadril no capô. — Você não deveria ter feito isso.

Fiz uma cara inocente, mas ela estreitou os olhos. Sorrindo, falei: — Prefiro sua companhia à dos dois idiotas na liderança. E com você, não terei que dormir com um olho aberto para ter certeza de que ninguém manipulará meu carro.

Dinara zombou. — Quem disse que não vou tentar cortar seu cabo de freio? Talvez até te esfaquear enquanto estiver dormindo. Sou russa, lembra?

Difícil de esquecer. A aparência de Dinara tinha algo de exótico, especialmente as maçãs do rosto salientes. — Vou me arriscar com você.

Dinara esfregou os braços. Ela estava apenas com uma camiseta sem mangas e aqueles shorts jeans reduzidos. Não queria nada mais do que correr minhas palmas sobre suas pernas macias espreitando para fora deles. — Não embalei nenhuma comida. Acho que não podemos pedir comida para viagem aqui, certo?

— Vim preparado, — falei com uma risada e abri meu porta-malas, onde arrumei um fogão a gás e duas latas de chili, sopa de creme de cogumelos e macarrão com queijo. — Mas não espere muito.

Dinara examinou minha seleção. — Nunca comi macarrão com queijo antes.

Dei-lhe um olhar incrédulo. — Como pode viver nos Estados Unidos sem ter comido?

— Nossa cozinheira é russa. Ela prepara a comida na casa do meu pai, e realmente nunca jantei com famílias americanas. Nós ficamos entre os nossos.

Isso soava familiar. Meus irmãos e eu sempre ficamos entre nós também, e meus irmãos ainda ficavam. — Então, macarrão com queijo. Mesmo que seja uma introdução pobre ao prato. Você deveria experimentar a versão da minha cunhada Kiara. É de outro mundo.

Dinara sorriu ironicamente na penumbra de meu porta malas. — Talvez devêssemos esperar pelas apresentações a família até pelo menos compartilharmos um beijo.

Minha pulsação acelerou, meus olhos dispararam para a boca carnuda de Dinara, ainda sorrindo daquela maneira confiante. Porra. Não considerei beijá-la esta noite, agora seria tudo o que pensaria. — Haverá um beijo? — Perguntei com um sorriso lento, como se não tivesse imaginado fazer muito mais.

Dinara tirou o fogão a gás do porta-malas e colocou-o entre nossos carros para protegê-lo da brisa antes de pegar uma jaqueta de couro e usá-la como cobertor para se sentar. — Você tem uma lâmpada também? Não quero manter

minha porta aberta.

Sorri, pegando a lata e um lampião a gás e me joguei no chão frio. Assim que ele lançou sua luz misteriosa ao nosso redor, e o macarrão com queijo estava borbulhando, falei: — Você não respondeu à minha pergunta. — Entreguei um garfo a Dinara antes de desligar o fogo e enfiar meu próprio garfo no macarrão com queijo escaldante.

Dinara fez o mesmo e provou um pouco depois de soprar. Ela mastigou algumas vezes com a testa franzida. — Não sei o porquê do alarde. Nossos gatos ganham comida melhor.

Ri. — Desculpe se minhas provisões não estão de acordo com seus padrões.

Ela riu também. — Não sou uma comedora exigente, mas isso é muito ruim. Não sei se darei outra chance a isso.

— Confie em mim, se for bem feito, é delicioso.

— Talvez um dia sua Kiara possa me convencer. — Ela colocou outra garfada na boca. — Beijar seria uma ideia muito ruim, considerando o que somos.

Encontrei seu olhar. Na penumbra do lampião a gás, o azul-petróleo luminoso de seus olhos parecia o verde escuro dos ramos de abeto. — Oponentes?

— Isso. Entre outras coisas. Seria uma ligação fatídica que com certeza causaria problemas na Bratva e na Camorra.

Sorri. — Eu gosto de problemas.

Dinara balançou a cabeça e se apoiou nos cotovelos enquanto terminava a comida. — Por que você realmente procurou minha proximidade esta noite? E não diga para me beijar. Se espera extrair informações de mim, devo avisá-lo que sou muito boa em guardar segredos.

— Sou muito bom em extraí-los, — disse, me inclinando para trás também para que estivéssemos no nível dos olhos.

Dinara inclinou a cabeça. — Você é o lobo em pele de cordeiro, Adamo?

— Pareço um cordeiro para você? — Perguntei, levemente ofendido.

— Acho que você esconde sua loucura Falcone melhor do que seus irmãos. Aposto que esses cachos de surfista e sorrisos charmosos fazem algumas pessoas acreditarem que você é o cara legal.

— Talvez eu seja.

Dinara mudou seu peso para um cotovelo, descansando de lado, trazendo-nos ainda mais perto. Ela olhou nos meus olhos e por um momento tive certeza de que ela viu tudo. — Talvez você queira ser. Mas somos quem somos. Eu sou uma Mikhailov e você é um Falcone. Nossos caminhos não estão do lado da luz.

— Essa é a alma russa sendo melancólica.

— Essa é a realista. — Dinara bocejou e fechou os olhos brevemente. — Que horas são?

Não precisei checar meu telefone para saber que horas eram. O sol estava nascendo no horizonte, o que significava que devia ser cerca de seis nesta parte do país. — Seis. Hora de dormir.

Dinara assentiu. — Tenho medo de perguntar depois de todo o desastre da parada para o banheiro, mas teremos uma chance de tomar banho durante os sete dias? Não tenho certeza se posso ficar sem um banho adequado e me depilar por tanto tempo.

Ri. — Temos dois reboques sanitários com chuveiros que circulam. Amanhã também deve parar aqui.

Dinara se levantou e fiz o mesmo, o que nos aproximou muito. Com um sorriso provocante, Dinara se virou e abriu o carro, rastejando para dentro. Ela chutou as botas e se espreguiçou no banco de trás.

A maneira como ela se deitou diante de mim era muito convidativa. Não queria nada mais do que rastejar para dentro com ela e descobrir se seu piercing no umbigo era a única peça de arte corporal que ela tinha.

— Você pode fechar minha porta? — As palavras de Dinara explodiram minha bolha. Fiz o que ela pediu e depois de apagar a lâmpada, me acomodei no banco de trás do meu carro. Não demorou muito para adormecer. Apesar das

palavras de Dinara, não me preocupei com ela manipulando meu carro.

***

Acordei com o som de outro carro e me endireitei, examinando os arredores com a visão turva. Quando avistei o trailer sanitário, relaxei. Uma olhada no meu celular revelou que era quase meio-dia e havia recebido dez mensagens de Remo, Kiara, Fabiano, Savio e CJ, a maioria delas me perguntando por que eu tinha caído algumas posições. Claro, uma das câmeras drones havia filmado o trio na liderança. Ignorei as mensagens e saí do meu carro.

Quando avistei o carro de Dinara, ela ainda estava esticada no banco de trás, dormindo profundamente. As palmas das mãos descansavam em sua barriga, segurando uma arma. Dinara definitivamente tinha problemas de confiança. Eu também tinha uma arma no carro e a mantinha embaixo do travesseiro, no banco de trás, mas não a segurava como se fosse minha tábua de salvação. Me perguntei se ela achou que poderia precisar disso contra mim, ou se era uma precaução geral.

Balancei a cabeça em direção ao cara que estava no caminhão sanitário. — Quanto tempo temos?

— Dez minutos para os dois.

Eu assenti, em seguida, peguei uma toalha e corri para o banheiro no trailer da caminhonete. Não esperei a água esquentar, não queria perder muito tempo. Dinara provavelmente precisava de um pouco mais de tempo, considerando seu cabelo mais longo. Isso foi algo que aprendi morando na mansão Falcone com as esposas dos meus irmãos.

Resisti à vontade de me masturbar enquanto imaginava Dinara tomando banho - a água fria ajudava nisso - e, em vez disso, corri no banho. Sequei-me às pressas com a toalha antes de colocar uma boxer e jeans preto. Com a camiseta na mão, saí. Nos três minutos que levei para tomar banho, a temperatura parecia

ter aumentado ridiculamente.

Dinara deve ter acordado com o zumbido constante do motor do caminhão, pois esperava na frente dele com roupas limpas e uma toalha nos braços. Ela bocejou. Um pouco de seu rímel estava borrado sob seus olhos e seu cabelo estava todo bagunçado, mas ela ainda parecia atraente. Um ponto de cor e emoção em nosso entorno árido. Areia sem fim, pedras e estradas empoeiradas. — Estava começando a me perguntar se precisaria me juntar a você no banho antes que o tempo acabasse e não tivesse a chance de me lavar.

— Levei apenas três minutos. Isso te dá sete minutos luxuosos.

Depois de ouvir sua sugestão de tomar banho juntos, me arrependi de não ter prolongado minha sessão.

Dinara passou por mim com um pequeno sorriso. — Obrigada. Não acho que tomar banho com você teria sido uma boa ideia de qualquer maneira.

Com isso, ela desapareceu dentro e fechou a porta.

Soltei o ar, sem saber como lidar com o flerte de Dinara, porque não tinha certeza se ela estava falando sério ou brincando comigo. Talvez ambos. Mas a cada dia me importava um pouco menos com o último. Dois poderiam jogar esse jogo.

Deixei o sol quente do meio-dia secar meu cabelo, mesmo que isso aumentasse meus cachos. As mulheres os amavam e eu gostava que me fizessem parecer diferente dos meus irmãos.

O motorista já havia colocado uma sacola com provisões em cada um de nossos capôs, e agarrei a minha e dei uma mordida no muffin de chocolate enquanto esperava Dinara sair. Quando ela finalmente o fez, quase engasguei com a comida. Ela estava usando seu short jeans usual, botas e top, mas pela primeira vez desde que a conhecia, seu top era branco e agarrado ao seu corpo. Seu cabelo pingava pelos ombros e na frente, lentamente tornando o tecido transparente. Depois de um aceno para o motorista, Dinara veio em minha direção. Meus olhos foram magicamente atraídos para o contorno de seus seios empinados através do tecido transparente e o piercing em seu mamilo esquerdo.

Dinara pegou seu café da manhã e se apoiou no capô do meu carro.

Os cantos de sua boca se contraíram com diversão. — Se te incomoda, espere o sol secar minha blusa. Não vai demorar muito.

Nunca conseguiria tirar o piercing no mamilo de Dinara, nem deixar de me perguntar como seria brincar com ele. Só podia imaginar quão mais sensíveis seus seios ficaram.

— É uma visão agradável, — falei com um sorriso depois que tirei meus olhos de seu peito. Dinara soltou uma risada antes de pegar seu próprio muffin e dar uma grande mordida.

— Doeu mais do que o do umbigo? — Perguntei eventualmente, incapaz de abafar minha curiosidade.

Dinara acenou com a cabeça. — Sim. Doeu como o inferno, mas já tive piores e realmente adorei o resultado. — Quando arrisquei outra olhada em seu seio esquerdo, percebi que o piercing tinha pedras nas duas pontas, mas o tecido não me permitiu distinguir mais. O som de uma câmera drone nos separou e Dinara escorregou para dentro do carro. Ela evitou ser entrevistada até agora e nem procurou as câmeras.

Isso não mudou nos dias seguintes. Ela e eu passamos mais três noites no mesmo lugar, mas quanto mais durava a corrida, menos conversávamos. A exaustão era muito proeminente. Mas só sentar ao lado de Dinara em frente à chama azul do gás parecia certo. Gostava da companhia dela, talvez porque ela me tratasse como um cara normal, sem reverência ou respeito. Tive a sensação de que ela não hesitaria em chutar minha bunda se fizesse alguma merda.

Esperei que ela falasse sobre sua mãe ou meus irmãos novamente, mas não o fez. Talvez fosse uma tática e definitivamente ainda desconfiava dela. Ela tinha uma razão para estar aqui, mas eu não conseguia ficar longe dela.

Nas duas últimas noites, no entanto, fiz questão de acompanhar a dupla principal. Dinara e dois outros carros nos seguiram não muito longe. Terminei em segundo, talvez tivesse ganho se não decidisse passar algumas noites ao lado de Dinara, mas não me arrependi. Ela conseguiu terminar em quarto lugar. Dima,

cujos ferimentos o prejudicaram como esperado, entrou como um dos últimos. Ele parecia regiamente irritado durante a cerimônia de premiação, especialmente quando meu nome foi chamado em segundo.

Ele se aproximou de Dinara, que assistia a tudo de braços cruzados. Faltavam sete dias para a próxima corrida.

Quando desci do pódio dos vencedores com uma garrafa de champanhe, Dinara veio na minha direção. Afastei algumas das garotas do box que vieram me parabenizar e descobrir se minha postura sobre transar com elas havia mudado - não mudou.

— Você não é apenas palavras e um grande nome, Adamo. Você pode pilotar um carro, tenho que reconhecer, — disse Dinara.

Sorri. — Obrigado. Não é meu único talento.

Dinara ergueu uma sobrancelha. — Talvez um dia você me mostre seus outros talentos.

Tomei um gole do champanhe e estendi a garrafa para Dinara. — Quando você quiser. — Dinara pegou a garrafa e bebeu alguns goles antes de devolvê-la e se aproximar.

— Talvez depois da próxima corrida. Até então, terei que voltar para Chicago.

— Próxima corrida, — prometi.

Seus lábios roçaram minha bochecha mal barbeada - eu havia cortado minha barba ontem porque estava muito indomada. Seus olhos capturaram os meus e foda-se, eu era um caso perdido. Queria arrastá-la para o meu carro, montar uma barraca e devorá-la.

***

Fazia algumas semanas que não via CJ e teria ficado no acampamento e não voltado para casa depois da corrida de sete dias se não soubesse que tinha que resolver as coisas com ela o mais rápido possível. Não parecia certo deixá-la

em segundo plano enquanto minha mente ficava girando em torno de outra pessoa, mesmo que ela e eu não estivéssemos em um relacionamento. A promessa de um beijo e mais havia permanecido entre Dinara e eu nos últimos dias e eu definitivamente queria cumprir essa promessa.

No momento em que entrei no apartamento de CJ, ela fez um movimento como se fosse me beijar, mas agarrei seus ombros, impedindo-a. — Eu...

— Há alguém, — ela disse imediatamente, sorrindo com conhecimento de causa. A sugestão de hesitação cintilou em sua expressão. Ela deu um passo para trás. Como de costume, ela estava apenas de lingerie e por um momento, considerei retirar minhas palavras. Não devia nada a Dinara, e CJ e eu não éramos exclusivos...

No entanto, me importava muito com CJ para mantê-la no escuro. — Na verdade. Ainda não. Talvez nunca...

Ela me fez entrar e fechou a porta. — Mas seu interesse foi despertado. Acho que é tão anti-Falcone de sua parte não dormir por aí, mesmo quando ainda está inseguro sobre a garota.

Sentei em seu sofá com uma risada sombria. — Não me faça parecer um santo. Eu não sou. — CJ se cobriu com um roupão de banho antes de se abaixar ao meu lado.

— Em comparação com seus irmãos, você é.

— Não sou o cara que você conheceu, — murmurei. Essa era uma das razões pelas quais não voltava com frequência a Las Vegas. As pessoas sempre me confundiam com o menino que fui, quando mudei irrevogavelmente ao longo dos anos.

Ela sorriu melancolicamente. — Vou sentir falta dos orgasmos. Sexo com os clientes nunca me satisfaz.

— Você deveria parar e trabalhar apenas no bar, então pode encontrar um namorado que te dará orgasmos.

Ela encolheu os ombros. — Em breve. Até lá, posso usar o dinheiro. Ainda nos veremos?

Hesitei. Queria vê-la porque, além do sexo, compartilhávamos muitas conversas significativas, mas não tinha certeza se ser apenas amigos viria facilmente. Não tinha certeza sobre os verdadeiros sentimentos de CJ por mim. — Estarei muito ocupado com as corridas nos próximos meses, mas quero continuar seu amigo.

CJ franziu os lábios. — Sou uma garota crescida, Adamo. Posso ser apenas sua amiga.

— Que tal vermos como correrá, isso de sermos só amigos?

Ela assentiu.

Quando saí de seu apartamento, uma hora depois, um peso havia sido tirado de meus ombros. Percebi que meu relacionamento sexual com CJ me impedia de perseguir Dinara como eu queria, mas agora nada mais me atrapalhava.

Talvez Dinara fosse uma má ideia. Provavelmente a pior delas, mas eu a queria, e não se tratava de grandes emoções ou casamento. Queria me divertir e tinha a sensação de que Dinara também era assim, mesmo que também tivesse motivos ocultos para buscar minha proximidade.

Dinara

Algo no comportamento de Adamo estava diferente quando ele voltou de sua viagem a Las Vegas. Ele parecia menos distante, e os olhares que me lançava não precisavam de muita interpretação. Adamo queria me foder. Eu não queria que ele tentasse. Estava atraída por Adamo. Ele era o completo oposto de Dima, meu único namorado, e talvez isso fizesse parte de seu apelo especial. Dima, é claro, notou também o que azedou seu humor sombrio ainda mais desde seus resultados desastrosos na corrida de sete dias.

Ele e eu nos sentamos em uma das toras dispostas ao redor da fogueira no centro do acampamento após a primeira corrida desde o circuito de sete dias.

Muitos dos outros pilotos também estavam presentes, conversando e bebendo para comemorar outro dia de corrida mais ou menos bem sucedido. Os ferimentos de Dima cicatrizaram e ele terminou em quinto lugar, um lugar atrás de mim hoje. Adamo havia vencido, o que provavelmente fez Dima se ressentir ainda mais com ele.

— Se você continuar terminando em quinto ou quarto até o circuito de cinco dias no final do ano, ainda terminará com uma colocação decente para o ano.

Dima bufou. — Você sabe que não me importo com os resultados. Só estou aqui por sua causa, Dinara. Mas você torna minha tarefa de protegê-la muito difícil, do jeito que sempre corre com Falcone.

— Não corri com ele. Você dirigiu muito devagar para nos acompanhar.

Ele não disse nada, apenas olhou para as chamas. Aceitei um copo com algum tipo de ponche de um dos mecânicos. Era muito doce para o meu gosto, mas os outros competidores e especialmente as garotas do box pareciam adorar. Meia garrafa de vodca poderia ter tornado isso tolerável.

Meus olhos seguiram uma forma alta conforme se aproximava da cena. Adamo afundou em um tronco em frente a mim com o fogo entre nós. Nossos olhos se encontraram e um arrepio agradável percorreu minhas costas a expressão em seu rosto. Seus olhos escuros pareciam negros na luz do fogo enquanto traçavam meu corpo. Nunca me senti assim: como se um simples olhar pudesse me incendiar. Eu não tinha certeza se apreciava a sensação do meu corpo fazendo o que queria.

Adamo ergueu seu copo, brindando. Fiz o mesmo e nós dois tomamos um gole e fizemos uma careta ao mesmo tempo. Não pude deixar de rir e o rosto de Adamo brilhou com um sorriso em resposta.

Dima praguejou baixinho e levantou. — *Estou indo para a cama.*

— *Não temos corrida amanhã. Você não precisa de seu sono da beleza*, — falei, embora meio que quisesse que ele fosse embora para poder interagir com Adamo sem a vigilância de Dima. Mesmo que não devesse nada a Dima, flertar

na frente dele parecia errado.

Dima acenou com a cabeça na direção de Adamo. — *Tenho certeza que ele lhe fará companhia*. — Ele se virou e sumiu na escuridão.

Suspirei, mas não o segui. Logo uma sombra caiu sobre mim. — Esse lugar ao seu lado está ocupado?

Olhei para o rosto bonito de Adamo e balancei a cabeça. — É todo seu.

Ele afundou, mais perto do que Dima estivera e nossos braços se tocaram. Meu corpo todo arrepiou. — As bebidas não são muito melhores do que a comida, — falei com um aceno de cabeça em direção ao ponche.

Adamo encolheu os ombros. — Isto não é um cruzeiro de luxo, — disse ele. — E não me diga que vodca é um deleite gourmet.

— A vodca vence esta doce atrocidade. E o que você sabe sobre a culinária russa? Diga o nome de um prato russo.

Adamo estreitou os olhos pensando. — Borscht[1]?

— Foi um palpite de sorte. Você já provou?

— Não. Beterraba não é realmente minha praia.

— Mas macarrão mole com molho de queijo falso é?

Adamo apoiou os cotovelos nas coxas, flexionando os bíceps de maneira distraída. Meus olhos se desviaram para sua tatuagem da Camorra desfigurada. O cabo e a ponta da adaga ainda estavam intactos, mas a área da lâmina onde o olho vigilante estivera foi desfigurado por cicatrizes de queimaduras. Conhecia a história geral de como ficou assim. A Outfit, a máfia italiana adversária em Chicago, o torturou, mas estava curiosa para saber mais detalhes. Pedir detalhes poderia levar Adamo a fazer perguntas pessoais, no entanto, e isso não era algo que eu queria.

Ele se inclinou um pouco mais perto. — Que prato russo você gostaria que eu comesse se alguma vez tivéssemos um encontro?

Meu coração bateu um pouco mais rápido. Me apoiei em minhas coxas também, aproximando ainda mais nossos rostos. — Pelmeni[2] ou Pirozhki[3]. Nada melhor do que enfiar os dentes em uma massa quente para encontrar um recheio

saboroso e escaldante. — Minha voz era baixa, sedutora. Não um tom que geralmente usava para descrever comida, ou em qualquer outro momento.

Não mencionei meu khachapuri[4] favorito porque parecia muito pessoal. Adamo assentiu e um sorriso lento se espalhou em seu rosto. — Mal posso esperar para provar.

Meu núcleo apertou, me pegando de surpresa. Nossos olhos ficaram presos e, se possível, nossos rostos ficaram ainda mais próximos. A risada de uma garota do círculo me fez recuar. Não queria que as pessoas nos vissem ficando aconchegantes. — Este lugar está muito lotado. E preciso de uma bebida decente. Que tal tomar uma vodca comigo no meu carro?

Não tinha certeza do que estava fazendo. Isso nunca fez parte do meu plano. Adamo inclinou a cabeça. — Mostre-me o caminho.

Me levantei, sentindo uma sensação desagradável de nervosismo. Não esperei por ele e fui até o meu carro. Ele estava estacionado na extremidade do acampamento, encoberto pela escuridão completa. O carro de Dima havia sumido. Talvez ele o tivesse estacionado em outro lugar por raiva, ou saiu em busca de um bar onde pudesse beber até cair pela primeira vez. Ele procuraria por um longo tempo.

Peguei a garrafa meio cheia de vodca do meu porta-malas e sentei no capô do meu carro. Adamo se inclinou ao meu lado. Depois de um gole da garrafa, entreguei a ele. Nossos ombros roçaram e meu corpo reagiu com uma enxurrada de sensações, a mais proeminente e surpreendente: desejo. Engoli em seco.

Adamo estendeu a garrafa para mim. Peguei e bebi um gole ainda mais longo. — A vodca está começando a crescer em mim. Talvez eu tenha uma queda por iguarias russas.

Inclinei minha cabeça em direção a ele. — Elas são as melhores.

— Preciso de provas.

Adamo segurou meu pescoço, me assustando e pressionou seus lábios nos meus. Minha primeira reação foi empurrá-lo para longe, mesmo enquanto meu corpo gritava por mais. Meus dedos se enrolaram em torno de seus ombros fortes

para empurrá-lo, mas em vez disso, cravei minhas unhas e me aproximei ainda mais.

A outra mão de Adamo agarrou meu quadril enquanto sua língua separava meus lábios, me provando. Seu beijo era dominação e fogo, e me incendiou de maneiras inesperadas.

A maneira como nossas línguas brincavam uma com a outra e nossos lábios se moldavam perfeitamente parecia mais do que um encontro casual. A mão de Adamo deslizou para cima do meu quadril, acariciando ao longo das minhas costelas, espalhando ainda mais fogo em seu rastro. Meus mamilos enrugaram contra a minha camiseta. Não me preocupei em usar sutiã porque o tecido era solto e meus seios não eram muito grandes.

As pontas dos dedos de Adamo acariciaram a parte inferior de um seio antes de seu polegar roçar meu mamilo, encontrando meu piercing. Calor e umidade se acumularam entre minhas pernas no pico de prazer. Sufoquei um gemido, tentando controlar a reação avassaladora do meu corpo. Seu polegar sacudiu meu piercing e um suspiro de prazer explodiu de meus lábios. Ele parecia controlar meu corpo com apenas alguns toques. Meu corpo ansiava por mais, meu cérebro exigia controle.

Controle. Eu precisava disso.

Me livrei dos braços de Adamo e de seu beijo inebriante, ofegante e formigando por toda parte.

OITO

Adamo

Por um momento, Dinara pareceu quase assustada, mas talvez fosse a luz do fogo distante lançando sombras tênues em seu rosto. Era difícil distinguir detalhes tão longe da única fonte de luz.

Os lábios vermelhos de Dinara formaram um sorriso ousado que foi direto ao meu pau. — Achei que você não misturasse negócios e prazer? — Sua voz estava rouca e ofegante. Meu coração estava batendo forte no meu peito e meu pau já estava pressionando desconfortavelmente o meu jeans. Não sentia um desejo tão forte em... nunca.

— Não misturo. Usualmente.

Não seria a primeira regra que quebrava. Tinha uma longa história de coisas que não deveria fazer. Dinara parecia um bom motivo para acrescentar mais um à lista.

Tirei o maço de cigarros do bolso de trás. — E você? Você mistura negócios e prazer?

Dinara não disse nada. A queda e elevação de seu peito eram inconfundíveis, mesmo na luz fraca que fluía da fogueira distante, nossa única fonte de luz. Estávamos tão longe da civilização que a escuridão era quase impenetrável fora do acampamento. Os faróis dos carros ao redor foram desligados quando seus donos se retiraram para dormir ou se juntaram à fogueira. Dinara puxou um baseado, com os dedos trêmulos. Não consegui interpretar sua reação física ao nosso beijo.

Ela acendeu o baseado e colocou na boca, fazendo com que minha mente criasse associações mais explícitas. Ele brilhou intensamente quando ela o tragou em uma respiração profunda. Depois de outra tragada, ela me entregou o

baseado e inalei profundamente, sentindo seus efeitos zumbirem em minhas veias. Larguei meu maço de cigarros no capô para fumar depois do sexo que esperava exigir. Sexo e drogas foram minha combinação favorita por um tempo. — Você não respondeu minha pergunta. Ou por que recuou? Tive a sensação de que você gostou do beijo mais do que um pouco. — Seus mamilos estavam duros como pedra e ansiosos por atenção quando os toquei.

Dinara se aproximou e pressionou a palma da mão contra a protuberância em minha calça, me fazendo chiar. — Acho que você gostou ainda mais. — Resisti ao desejo de enfiar a mão em suas calças, mesmo sabendo que a encontraria encharcada, pronta para ser fodida.

— Sim, e é por isso que não entendo por que paramos.

— Porque gosto que as coisas sigam minhas regras, — Dinara disse enigmaticamente e pulou do capô. Achei que ela fosse embora, mas, em vez disso, agarrou minha mão e me arrastou em direção ao meu carro, que estava ainda mais longe do acampamento e envolto na escuridão. A segui e a deixei me empurrar contra o capô do meu carro. Seu rosto pairou bem diante do meu, sua respiração rápida e doce. — O que...

Ela pressionou um dedo contra meus lábios, me calando.

Dinara se abaixou e desafivelou meu cinto com um click suave, alto demais na noite estrelada. Nada se mexia ao nosso redor, mas Dinara não parecia preocupada em ser pega de qualquer maneira enquanto abaixava meu zíper. Tirei o baseado dos meus lábios e me inclinei para beijá-la, mas ela virou a cabeça. — Sem beijos.

Engoli minhas perguntas, preocupado em impedi-la de continuar o que ela tinha em mente. Meu pau já estava ansioso por seu próximo movimento. Ela agarrou o baseado dos meus dedos e deu uma tragada profunda antes de colocá-lo de volta entre meus lábios. Suas mãos percorreram meu peito e ela caiu de joelhos, me pegando completamente desprevenido. Ela puxou minha boxer e calça jeans até que meu pau saltou livre. Não conseguia parar de olhar para o topo de sua cabeça tão perto da minha ponta vazando.

Seus dedos quentes enrolaram em torno do meu eixo antes que ela tomasse minha ponta em sua boca quente e úmida. Sibilei através do baseado e, em seguida, respirei fundo uma rajada de fumaça enquanto Dinara me tomava mais em sua boca, até que minha ponta atingiu o fundo de sua garganta. Ela engasgou, mas não recuou. — Foda-se, — eu estremeci. Toquei a parte de trás de sua cabeça, mas ela afastou minha mão e lentamente tirou meu pau de sua boca. — Não toque. Mãos no capô se quiser que eu continue te chupando. Minhas regras, não as suas. Lembre-se.

Apoiei as palmas das mãos no carro e olhei para baixo, para a cabeça de Dinara, que se movia para frente e para trás enquanto me chupava. Sua língua circulou minha ponta languidamente, lambendo meu pré-sêmen. Gostaria de poder ver mais dela do que sua cabeça. Eu queria ver seus lindos lábios vermelhos em volta do meu pau enquanto ela chupava. Parecia um sonho. Mas mesmo minhas melhores alucinações induzidas por drogas não tinham sido tão boas quanto agora.

Porra, seus lábios no meu pau pareciam o paraíso. Gemi quando Dinara começou a massagear minhas bolas enquanto trabalhava apenas minha ponta com seus lábios e língua. Quando ela começou a massagear a área sensível atrás das minhas bolas, o prazer irradiou pelo meu corpo e minhas bolas começaram a apertar. Não seria capaz de aguentar muito se ela continuasse assim. Estive fantasiando com ela por muito tempo e não estava preparado para esse boquete surpresa.

Ela puxou a cabeça para trás, estalando os lábios. Gemi. — Estou tão perto.

Dinara agarrou meus quadris e se levantou. Na penumbra, a curva de seus lábios zombou de mim. — Eu sei, Adamo. — Ela se inclinou e deu um beijo na minha bochecha. — Mesmo um Falcone precisa aprender a ter paciência.

Ela deu um passo para trás. Eu fiquei congelado, minhas bolas ainda pulsando, meu pau desesperado para jorrar uma carga. Com um último sorriso, ela se virou e foi embora. Fiquei olhando para o balanço de seus quadris até que

seu corpo se fundiu com as sombras e ela foi engolida pela escuridão.

A iluminação interna do carro dela acendeu, iluminando Dinara, uma visão tentadora que agora me provocava. Ela deslizou para o banco de trás e antes de fechar a porta, olhou para mim, então a escuridão a absorveu novamente.

Eu não ficava pendurado, ou melhor, excitado assim desde minha primeira namorada, Harper, muitos anos atrás. Porra, ela estava brincando comigo. O sangue ainda enchia meu pau. Estava muito excitado para esperar que minha ereção desaparecesse em breve. Agarrei meu pau com raiva e o masturbei com força, quase dolorosamente. Se alguém aparecesse, teriam um show que não esqueceriam tão cedo.

Não demorou muito para atirar minha carga por todo o chão empoeirado. Enfiei meu pau de volta e fechei o zíper da calça antes de chutar a sujeira sobre o local onde suspeitava que meu esperma tinha pousado. Peguei o maço de cigarros no capô, mas toquei o metal frio. — Foda-se, — rosnei. Dinara não apenas me deixou aqui parado com a porra de um tesão, como também roubou meus cigarros. Estava cansado de lidar com ela com luvas de pelica. Na próxima corrida, ela conheceria o verdadeiro Adamo Falcone na pista, e da próxima vez seria ela com a boceta pingando.

Dinara

Minha espinha formigava de medo irracional quando virei as costas para Adamo, meus músculos tensos de antecipação, prontos para voar ou lutar. Não que esperasse que Adamo corresse atrás de mim, me agarrasse e me obrigasse a terminar o que havia começado, mas meu corpo preferia esperar o pior. Dessa forma, as pessoas tinham dificuldade em te pegar desprevenido. Nenhum passo foi dado, nem Adamo me xingou.

Passei pelos outros carros de corrida até chegar ao meu Toyota. Abri a porta, então não pude resistir a arriscar um olhar por cima do ombro para o

homem que deixei com uma ereção furiosa. Adamo também estava olhando na minha direção. Mesmo na penumbra, eu podia dizer que ele não havia se preocupado em fechar as calças ainda.

Não imaginei que seria tão difícil me afastar de Adamo, de não terminar de chupar seu pau, mas gostava do jogo de poder, era o que me deixava excitada. Se havia uma coisa a que não conseguia resistir, era uma boa disputa. Não esperava que fosse assim com Adamo, mas ele me encheu de uma energia explosiva que só drogas ou corridas haviam feito até agora.

Subi no banco de trás, tirei minhas botas, então bati a porta, me escondendo na escuridão. Tranquei o carro, peguei a Glock embaixo do banco da frente e coloquei na minha barriga enquanto me esticava de costas. Dormir no carro não era confortável, mas dividir uma barraca com Dima parecia imprudente depois de nossa recente discussão. Nem sabia quando ele voltaria, ou se voltaria. Talvez uma vez que as coisas se acalmassem. Mas na verdade preferia ficar de olho no meu carro mesmo à noite. Muitos pilotos tinham muito a perder quando não chegavam ao grid. O dinheiro em jogo significava a salvação para eles, uma forma de saldar seus devedores (provavelmente a Camorra, ou talvez a Bratva) ou pagar fiança para um membro da família. O desespero levava as pessoas a fazerem coisas tolas. Não daria a eles a chance de cortar meus pneus ou minha mangueira de freio.

Ainda estava bem acordada, então olhei pela janela. Adamo chutou o chão antes de também entrar em seu carro. Ele estava chateado. Não pude deixar de sorrir. Me perguntei como seria um Adamo puto, como ele correria.

Meu corpo ansiava por voltar para ele, continuar o que comecei. Minha calcinha grudou em mim com a minha excitação, algo que não esperava em dar prazer a Adamo. Eu queria estar perto de Adamo, mas ao mesmo tempo sua proximidade me abalava.

Meus olhos começaram a se fechar, mas segurei a consciência por um longo tempo até que finalmente o sono venceu.

***

Uma batida forte na minha janela me acordou. O sol estava nascendo no horizonte. Meus dedos na minha arma apertaram enquanto tentava me orientar. O rosto de Dima olhava para dentro. Franzindo a testa, me sentei, estremecendo com a rigidez nas minhas costas por dormir meio sentada no banco de trás. Destranquei o carro e Dima abriu a porta rapidamente. Uma rajada de frio atingiu meu corpo. No início da manhã, era realmente suportável aqui no deserto. — *O que há errado?* — Perguntei meio grogue, empurrando a beirada do assento e balançando minhas pernas para fora do carro. Os olhos de Dima estavam injetados e sombras escuras se espalhavam sob eles. Ele parecia não ter dormido muito e possivelmente bebido mais do que estava acostumado.

Coloquei minhas botas e me levantei.

Dima fechou a cara, dando um passo mais perto. Ele colocou uma das mãos atrás de mim no teto do carro, ocupando muito espaço. — *Eu estava lá*.

— *Onde?* — Perguntei, não seguindo sua linha de raciocínio.

— *Noite passada.*

Corei. Não tinha feito nada de errado e ainda assim uma parte de mim se sentia culpada. Admitir fraqueza não era meu ponto forte, então fiquei com raiva em vez disso. — *Você me espionou?*

O rosto de Dima se contorceu com uma raiva correspondente. — *Você realmente não tentou esconder, não é? Como pôde fazer isso?*

— *Porque eu quis.*

Dima balançou a cabeça. — *Você vai chupar o pau de cada Falcone para conseguir o que quer?*

Meus olhos se arregalaram. Dei um tapa forte nele. — *Não é da sua conta. Faz muito tempo que não faço isso. Talvez você deva se lembrar do seu lugar. Você é meu guarda-costas, Dima. Você está trabalhando para mim. Lembre-se do seu lugar, ou meu pai irá lembrá-lo.*

Dima deu um passo para trás, a dor cintilando em seus olhos, o que só

percebi porque o conhecia melhor do que ninguém, mas seu rosto ficou gelado e duro instantaneamente. — *Obrigado por me lembrar. Não se preocupe. Não vou esquecer de novo.*

Ele se virou e a culpa se apoderou de mim. Dima era meu guarda-costas por sete anos, o primeiro de vários, mas eventualmente o único. Antes disso, éramos amigos e depois nos tornamos ainda mais próximos. Ele nunca foi apenas um guarda-costas e nunca o ameacei com meu pai, ou o coloquei em seu lugar.

Eu era uma merda absoluta em me desculpar e admitir minhas falhas, mas meus pés se moveram por conta própria. — *Dima,* — disse, minha voz ainda nervosa e nem um pouco arrependida. Maldito orgulho. — *Espere.* — O pedido de desculpas fez cócegas na ponta da minha língua.

Dima parou, mas não se virou. A tensão permaneceu em seus ombros. — *Você não vai me olhar?*

— *Isso é um ordem?*

— *Pare com essa merda! Você sabe que não quis dizer isso. Mas tem que parar de enfiar o nariz nos meus assuntos pessoais. Se eu ficar com Adamo, não é da sua conta.* — Não estive com ninguém desde que Dima e eu começamos a namorar quando tinha dezesseis anos, mas ele e eu nunca seríamos um casal novamente. Mesmo quando estávamos juntos, nunca pareceu certo. Porém, isso pode ter algo a ver com o meu eu distorcido e não com Dima.

Ele se virou. — *Você deveria ter mais juízo.*

— *Você está com ciúmes, mas precisa se controlar.*

— *Ciúmes?* — Ele sussurrou. — *Não mereço o direito a ter um pouco de ciúme?*

— *Não. Não mais.*

— Algum problema? — Adamo perguntou, parecendo alto e ligeiramente sonolento atrás de Dima. Ele estava apenas de boxer justa, revelando coxas musculosas e uma parte superior do corpo impressionante.

Nossa discussão tinha ficado alta e acordado várias pessoas que agora

estavam enfiando a cabeça para fora de suas tendas ou carros.

Pelo menos, nenhum deles falava russo pelo que eu sabia, então não sabiam do que estávamos conversando.

— Foda-se, — Dima rosnou, seu rosto ficando vermelho. Agarrei seu braço para acalmá-lo, mas ele me afastou.

Adamo agarrou seu ombro, a expressão dura. — Que tal levar sua raiva para outro lugar? Acalme-se antes de voltar. Dinara não precisa da sua merda.

Dima se desvencilhou do aperto de Adamo, seu corpo se contraindo de uma forma que eu conhecia muito bem. Ele era um lutador de artes marciais, desde que conseguia me lembrar e até matou alguns homens com chutes direcionados. Havia uma razão pela qual meu pai confiava em Dima para me manter segura.

— Dima, — rosnei, mas ele nem estava me ouvindo. Seu olhar furioso estava focado em Adamo.

— Você não tem que se envolver, filhote Falcone. Isso é entre Dinara e eu, então por que não volta para sua cama e para de me incomodar. — Ele finalmente se moveu como se fosse se virar para mim, provavelmente para continuar nossa discussão, mas Adamo agarrou seu braço novamente. Ele ainda parecia extremamente calmo, pelo menos o seu rosto, mas em seus olhos, eu podia ver um fogo perigoso que nunca tinha visto nele antes, e não podia negar: estava fascinada por isso.

Dima se virou para ele, tentando acertar um soco em seu rosto, mas Adamo deve ter antecipado o movimento. Ele evitou o ataque e deu um soco no lado esquerdo de Dima. Depois disso, o inferno começou. Tropecei alguns passos para trás para evitar me tornar uma vítima de sua batalha de testosterona. Os vídeos das lutas de Adamo que assisti quase não fizeram justiça a ele. Vê-lo em ação bem diante dos meus olhos, ver o suor brilhando em sua testa e abdômen, testemunhar o foco letal em seus olhos e a precisão determinada de seus chutes e socos era uma questão completamente diferente. Era a diferença entre ver um lindo ovo Fabergé em uma foto ou segurá-lo na mão, ver de perto o

trabalho intrincado feito nele. Adamo não era tão quebrável quanto minha obra de arte favorita, mas era uma obra-prima ao mesmo tempo, e sua arte de lutar exigia o mesmo esforço, dedicação e talento. Sempre achei o Adamo um lutador relutante, nos vídeos às vezes parecia assim, mas agora, enquanto trocava socos e chutes com Dima, parecia que ele tinha nascido para lutar, como se a demanda por sangue e violência tocasse em suas veias, chamado por ele como meu desejo escuro costumava fazer.

Uma multidão se reuniu ao nosso redor, torcendo e logo fazendo apostas. A poeira girava em torno da briga, queimando meus olhos.

— Parem com isso! — Gritei, mas não era louca o suficiente para me colocar entre eles. Eles eram como cães de briga. Se você tentasse ficar entre eles, seria quem eles morderiam.

Crank tropeçou em nossa direção, parecendo surpreso com a cena violenta diante de nós. O sangue respingava no chão empoeirado.

Ele acenou para dois homens altos de cabelos escuros, provavelmente membros da Camorra. Minha suspeita foi confirmada quando eles se aproximaram e avistei a tatuagem em seu braço.

Mesmo eles tiveram problemas para separar os dois lutadores, mas eventualmente conseguiram. O olho esquerdo de Dima começou a inchar e fechar novamente quando só agora estava parecendo melhor depois que meu pai o espancou. Seu nariz também foi arrebentado e pingava sangue em sua camiseta branca.

Adamo tinha um corte na bochecha direita. Ele não estava usando camisa nem sapatos, mas sua pele estava coberta de respingos de sangue e seus olhos estavam selvagens e famintos. Ele me lembrou de um predador provando sangue pela primeira vez e viciando instantaneamente.

Balancei a cabeça. — Isso era realmente necessário?

As garotas do box sussurravam entre si, algumas até me deram sorrisos zombeteiros. Mostrei meus dentes para elas em um sorriso perigoso que herdei de meu pai. Elas desviaram os olhos e encontrei o olhar de Adamo. Ele havia se

acalmado e parou de se debater contra o homem que o segurava. — Você não precisava me defender de Dima. Ele está sempre do meu lado.

Adamo zombou. — Não me pareceu assim.

Olhei e me virei para Dima, que estava muito quieto. Me perguntei se ele ainda estava mesmo do meu lado, mas não conseguia imaginar de outra forma. Seu ciúme teria que parar eventualmente. Talvez devesse lhe lembrar que ele esteve com algumas garotas desde que terminamos, e nunca fiz uma cena por causa disso.

Dima se virou para o cara que o segurava. — Me solte.

O cara olhou para Adamo, o que já era ridículo, mas é claro, Adamo era o membro da Camorra com a posição mais alta presente. Afinal, ele era o quarto na linha de sucessão, depois de seus três irmãos mais velhos.

— Soltem, — Adamo ordenou em uma voz dura, e os dois homens afrouxaram o aperto.

Dima recuou. — *Não se preocupe com minha interferência novamente. Vou cuidar dos negócios em Chicago a partir de agora.*

Duvidava que ele realmente me deixasse fora de vista. Ele ficaria por perto para que pudesse intervir se algo acontecesse, mas eu ligaria para meu pai, só por precaução para lhe dizer que mandei Dima embora. Papai ficaria puto e tentaria me convencer a voltar para casa, sem dúvida.

— *Dima, vamos conversar assim que você se acalmar, certo?*

Ele não disse nada, apenas saiu em direção ao carro.

— Se você perder uma corrida, corre o risco de ser desclassificado! — Crank falou, mas Dima não reagiu. Ele entrou no carro e partiu.

Suspirei.

Adamo passou as costas da mão no corte, sem tirar os olhos de mim. Lentamente, a multidão se dispersou. Me perguntei se a noite passada tinha valido a pena pela luta com Dima. O que realmente consegui, exceto irritar meu melhor amigo e, provavelmente, Adamo também? Não tinha pensado nisso. Reagi com medo, o que foi uma coisa estúpida de se fazer. Porque senti que

estava perdendo o controle, tentei controlar Adamo da maneira mais fácil que pude imaginar.

Agora tinha criado uma bagunça, e meu corpo ainda zumbia de desejo quando olhava para o homem na minha frente, especialmente coberto de sangue porque lutou por mim.

Era uma maneira de donzela em perigo de se pensar, me excitar, mas meus instintos básicos eram obviamente mais fortes do que minha teimosia.

NOVE

DinarA

Minha atenção estava dispersa durante a próxima corrida, então embora tenha começado na primeira fila ao lado de Adamo, terminei em décimo. Claro, Adamo teve um papel importante no meu mau resultado. Ele me cortou violentamente após a partida, então perdi brevemente o controle do meu carro e fiz um desvio sobre o acostamento acidentado da estrada.

Não que eu não tivesse feito o mesmo com outros pilotos, mas até agora Adamo não tinha me mostrado seu lado implacável. Tinha que admitir que isso só me fez desejá-lo mais. Não queria ser mimada por ninguém. Naquela noite, após a corrida, a festa foi tumultuada e logo a maioria das pessoas estava bêbada ou desmaiada.

Eu só tinha bebido um copo da mistura um pouco menos nojenta com Schnaps de pêssego que alguém havia feito. Adamo e eu ficamos de olho um no outro a noite toda, mas não conversamos. Agora que Dima não era minha sombra, muitos outros pilotos vieram conversar e muitos deles eram mais interessantes do que eu imaginava. À medida que a multidão diminuía, fiquei inquieta. Algo em mim clamava pela proximidade de Adamo, mas resisti.

Para minha surpresa, ele me procurou quando eu estava voltando para o meu carro. — Já está indo? — Ele perguntou, perto, me fazendo pular. Lancei-lhe um olhar por cima do ombro.

— Nada prendeu minha atenção.

Adamo me alcançou. — Talvez eu possa. Comprei uma garrafa da melhor vodca que consegui encontrar na última loja de bebidas por onde passamos. Que tal compartilharmos uma bebida?

Parei. Depois de como nosso último encontro terminou para ele, estava

desconfiada de seus motivos. Confiança não era algo que distribuísse livremente. Apesar da minha desconfiança, balancei a cabeça e o segui em direção ao seu carro, que ficava longe da maioria dos outros. Escuro e isolado.

Nós compartilhamos a bebida em silêncio, encostados no capô de seu carro, nossos ombros roçando mais uma vez. Com a música da festa ao fundo - pela primeira vez uma peça mais lenta e melódica - parecia quase romântico.

— Você está chateado? — Perguntei eventualmente.

— A vida é muito curta para guardar rancores.

— Esse não é um lema pelo o qual vivo.

— Aposto que sim, — disse Adamo. Ele se endireitou e se moveu para minha frente, elevando-se sobre minha cabeça. Não me movi, apenas olhei para ele calmamente. Lentamente, ele se inclinou. — Parece como se você quisesse fugir. Está com medo de me beijar de novo?

— Não tenho medo de nada, — murmurei. — Mas prefiro não ter que chutar suas bolas porque sente a necessidade de vingar seu orgulho ferido e esquecer o que a palavra não significa.

Adamo apoiou uma mão no capô, deixando nossos rostos muito próximos um do outro, o calor de seus lábios queimou os meus. — Sou fluente no significado de não, Dinara. Não se preocupe. E meu orgulho não é facilmente ferido. Mas diga-me, você está dizendo não para um beijo?

Eu deveria estar. Da última vez, me perdi completamente nele, mas ter Adamo tão perto, especialmente sua boca, nublou meu julgamento. Eliminei a distância entre nós, roçando meus lábios nos dele.

Adamo não precisou de outro convite. Ele arrancou o controle sobre o beijo de minhas mãos e o deixei, delirando demais a cada golpe de sua língua.

Dormir com Adamo nunca fez parte dos planos. Talvez se soubesse mais sobre ele, sobre seu lado sombrio, que me chamava ruidosamente porque refletiam a escuridão dentro de mim, poderia ter antecipado que chegaria a esse ponto. Seu aperto no meu pescoço aumentou enquanto ele aprofundava nosso beijo. Ele tinha gosto de pecado e escuridão, e podia beijar de uma maneira que

nunca considerei ser possível. Meu corpo formigou com a simples fricção de nossos lábios, com a suave carícia de sua língua e o seu gosto. Logo o formigamento se transformou em uma necessidade pulsante e minha calcinha ficou úmida. Eu estava me perdendo em Adamo novamente, perdendo o controle do meu corpo. Voltei a atenção, forçando minha mente a focalizar totalmente e submetendo meu corpo ao seu comando. Nunca foi tão difícil. Pratiquei o controle por anos, eu dependia disso.

Peguei o cinto de Adamo e o soltei, afastando minha boca dos lábios perigosos de Adamo. Peguei seu pau que estava tentando romper o tecido de sua boxer, mas ele agarrou minha mão e tomou meus lábios em outro beijo. — Minha vez. Tenho alguns problemas de confiança quando se trata de você e meu pau.

Não pude deixar de rir contra sua boca, mas então sua língua quente e habilidosa traçou a costura dos meus lábios antes de mergulhar na minha boca mais uma vez. A mão de Adamo segurou meu seio através da minha regata. Claro, eu não estava usando sutiã. Como tinha pouco peito raramente via necessidade de usar. Agora gostaria de estar usando porque, como da última vez, Adamo começou a brincar com meu piercing, enviando raios de prazer pelo meu corpo. A outra mão de Adamo abriu o botão do meu short jeans antes de deslizá-la para dentro, acariciando minha fenda. Como um molusco se fechando para se proteger, minha mente fez o mesmo, afastando-me do toque. A mão de Adamo deslizou por baixo da minha calcinha, tocando a pele, mas testemunhei tudo através de uma névoa, mal registrando o toque. Eu estava no controle de minha mente e corpo, concentrando-me na tatuagem no antebraço de Adamo, seguindo suas linhas intrincadas quebradas por cicatrizes de queimaduras. O feio e o belo se tornando um.

Fiz o que sempre fiz. Desliguei, fiz os movimentos, gemi ocasionalmente, depois arqueei quando achei que era hora de um orgasmo porque Adamo havia me acariciado por um tempo. Nunca tive muita paciência para esperá-lo. Não me importei se ele achou que gozei muito rápido.

As sobrancelhas de Adamo se uniram enquanto ele olhava nos meus olhos. Algo em sua expressão mudou de paixão para realização e então raiva.

Adamo bateu com a palma da mão no capô, rosnando: — Que porra foi essa?

Pulei e estreitei meus olhos, surpresa com sua explosão. — O que você está falando?

— Isso foi falso pra caralho. Cada fodido gemido, e o maldito orgasmo também. Você não gozou, não estava nem perto, não importa quão alto gemeu. Quando toquei sua boceta pela primeira vez, ela estava pingando, então ficou seca como o chão abaixo de nós. Não sou idiota e reconheço um orgasmo feminino.

— Então agora você sabe se tive um orgasmo? Você pode ser um Falcone, mas não sabe nada sobre meu corpo.

O calor subiu pelas minhas bochechas por ser pega, mas não ia deixar Adamo me encostar na parede. Não lhe devia um orgasmo.

Adamo parecia lívido. — Besteira, Dinara. Não minta para mim. Reconheço a porra de um orgasmo e você não teve um, — ele rosnou. — Por que fingiu?

O encarei, tentando deslizar do capô, mas ele permaneceu entre minhas pernas, seus braços apoiados em cada lado delas.

— Responda a porra da pergunta.

— Não te devo nada.

— É porque acha que não consegue gozar com um cara?

Dima tinha falado merda sobre mim? Provavelmente algo sobre ser frígida ou algo assim. A culpa passou por mim. Dima não falaria mal de mim e definitivamente não falaria sobre sexo com Adamo.

— Foda-se.

Adamo chegou muito perto. — Ou você está com medo de perder o controle, Dinara? — Fiquei tensa porque ele acertou em cheio. — Você está, — ele disse baixinho como se isso revelasse outra peça do quebra-cabeça. O grande

quebra-cabeça de Dinara Mikhailov que ele tanto queria resolver. Me perguntei o que ele pensaria depois de encaixar a última peça. Não era uma obra-prima que alguém mostraria em uma moldura. Era uma coisa complicada que as pessoas mantinham na garagem ou no porão.

— Não tenho medo de nada, — fervi. Já vivi muitos medos para me curvar a eles.

Adamo balançou a cabeça, vendo através de mim como ninguém jamais viu. Ele inclinou a cabeça, buscando mais daquela escuridão que tentei reprimir. Ele não era estranho a horrores, conhecendo a história de sua família, mas algumas coisas estavam além do que as pessoas se sentiam confortáveis. Fiquei preocupada que ele percebesse que eu era uma dessas coisas.

Isso não fazia parte do plano. Ele era um meio para um fim.

Recomponha-se!

Agarrei seu pescoço e o beijei duramente, querendo calá-lo e impedi-lo de olhar para mim assim. Isso me fez querer coisas que não podia no momento, talvez nunca.

Adamo se afastou da minha boca. Ele enfiou a mão entre nós e deslizou dois dedos ao longo da minha fenda. — Não quero um orgasmo falso. Quero o negócio real e vou ganhá-lo, e você perderá o controle, Dinara.

Eu nunca gozei com Dima, mas ele nunca mencionou isso, embora tivesse quase certeza de que notou. Ele também não era estúpido e me conhecia ainda melhor do que Adamo. Não que eu não tivesse gostado de muitas das coisas que Dima e eu tínhamos feito, mas nunca me permiti relaxar completamente, entregar o controle sobre meu corpo a outra pessoa. Nunca mais.

Encontrei o olhar feroz de Adamo. Por alguma razão, algo nele me obrigou a jogar a cautela ao vento. — Você pode perder o controle comigo, — ele murmurou. — Você está segura.

Sorri ironicamente. Você está segura era algo que tinha ouvido antes, mas não era mais aquela garota e Adamo não era um demônio do meu passado. Adamo agarrou minha calça e a deslizou pelas minhas pernas junto com a minha

calcinha, deixando-me nua no capô do carro. Eu não era tímida com meu corpo ou uma puritana que tinha problemas em ficar nua perto dos outros. Idas nuas para a sauna com a família e amigos não eram incomuns em minha família e, ainda assim, me sentia vulnerável sentada diante de Adamo. Seus olhos deslizaram pelo meu corpo até minha boceta. Ele estava certo. Estava seca como o ar ao nosso redor. A umidade que seu beijo tinha evocado foi banida por meus medos. Precisava daquele beijo de novo, daquele gosto de Adamo. Agarrei seu colarinho e o puxei para mais perto. Sua mão agarrou meu pescoço, então finalmente sua boca pressionou contra a minha, sua língua despertando meu corpo. Logo uma pulsação familiar encheu meu núcleo.

— Fique comigo, — ele ordenou, então mais suave. — Fique. — Seus olhos escuros me prenderam, me seguraram no presente, sem ter como escapar. Ele deslizou dois de seus dedos em sua boca, molhando-os antes de pressioná-los levemente contra meu clitóris. Eles deslizaram sobre meu feixe de nervos facilmente com a umidade extra e logo um formigamento se espalhou por mim. Ele chupou meu lábio inferior em sua boca enquanto seus dedos deslizavam suavemente para cima e para baixo na minha fenda, me cutucando até que cada terminação nervosa na minha boceta despertou.

Minha respiração ficou mais rápida, meu corpo mais tenso. Um nó estava sendo apertado perigosamente a cada golpe dos dedos de Adamo e ele era o único que poderia soltá-lo. Ele controlou meu corpo, cada sensação deliciosa que experimentava. Ele juntou a umidade entre minhas dobras e espalhou sobre meu clitóris, circulando-o. Sua respiração estava ficando mais rápida agora também. Ele nunca tirou os olhos de mim enquanto me dirigia mais alto. As sensações tornaram-se opressoras, o nó prestes a arrebentar. — Sim, — Adamo rugiu, seus olhos parecendo pretos na escuridão, como se pertencessem ao diabo com quem fiz um pacto.

Ele empurrou dois dedos em mim e os torceu. Respirei fundo, prestes a cair. Minha mente gritou por controle, meu corpo por liberação.

Com cada impulso, ele torcia os dedos, atingindo um ponto delicioso

dentro de mim. Meus cílios tremeram, querendo abaixar e afundar ainda mais na sensação, mas permaneci enraizada no momento. Seu olhar segurou o meu enquanto ele me fodia com golpes profundos e precisos. Um gemido me escapou, não planejado, não forçado. Saiu dos meus lábios como um suspiro de alívio.

Minhas paredes internas começaram a formigar como nunca antes, começaram a ter espasmos e apertar em torno dos dedos de Adamo. Não consegui me conter. Cravando meus calcanhares na bunda de Adamo, arqueei para trás no capô enquanto o prazer tomava conta de mim, rasgando qualquer fragmento de controle do meu corpo. Eu gritei, agarrando Adamo quase freneticamente. Adamo bombeou os dedos mais rápido, forçando mais gemidos e gritos. Não conseguia parar de tremer até que finalmente os dedos de Adamo pararam. Eles permaneceram dentro de mim, como se Adamo tivesse se enfiado em minha mente, meu corpo, cada parte de mim.

Depois, meu corpo zumbindo, minha respiração rouca, olhei para o céu noturno. Nenhum dos orgasmos que me dei ao longo dos anos foi tão intenso. Lentamente, meus sentidos voltaram. Adamo pairou sobre mim. — Isso foi um orgasmo, Dinara.

Perdi o controle. Meu peito apertou. O empurrei com força e ele cedeu, dando um passo para trás. Uma protuberância formava uma tenda em sua calça. Ele levou seus dedos, revestidos com meus sucos, para sua boca e os lambeu limpando-os com um sorriso malicioso. Meu núcleo pulsou, querendo mais, completamente hipnotizado pelas sensações lentamente escurecendo meu corpo. Pulei do capô, puxei meu short jeans e calcinha antes de correr em direção ao meu carro. Dentro dele, com a porta fechada, meu coração começou a desacelerar.

Adamo ainda estava parado na frente do capô do carro. O deixei de pau duro mais uma vez. Só que dessa vez não me senti vencedora no nosso jogo. Toquei minha calcinha, que estava completamente encharcada, então tirei minha mão e reclinei no assento. — Porra. Foda-se, Adamo.

O que quer que estivesse acontecendo entre nós poderia se tornar perigoso, mas sabia que não seria capaz de ficar longe ou reconstruir velhas barreiras. Queria mais do que Adamo tinha me dado, mesmo que me assustasse.

***

Eu não era uma covarde, não fui criada para ser e não me permitiria ser, então não evitei Adamo como parte de mim queria fazer depois da minha fuga. Em vez disso, sentei ao lado dele no tronco na noite seguinte e estendi um maço de cigarros fechado para ele. Esta era minha oferta de paz. Ele aceitou. Foi preciso ainda mais coragem para sustentar seu olhar, porque ele me deu a sensação de que podia ver ainda mais em meus olhos do que no dia anterior. Todos os dias ele desvendava outro pedaço de mim, e eu ainda estava desbastando inutilmente suas barreiras. Não conversamos, apenas ouvimos a banda improvisada que alguns pilotos haviam formado. Uma das garotas do acampamento tinha uma voz incrível, que enchia a noite com mais calor do que o fogo. Passava muito da meia-noite quando a maioria das pessoas havia adormecido. — Você tem mais daquela vodca de ontem no seu carro? — Me ouvi dizer.

— Bebi um pouco de frustração ontem, mas ainda resta o suficiente, — disse Adamo em voz baixa. Nós nos endireitamos e caminhamos até seu carro. As pessoas começaram a falar sobre nós. Rumores circulavam. Éramos um pequeno círculo e a fofoca era impossível de suprimir. Não me importei. Minha reputação era minha menor preocupação. Esta não era minha casa, e esses não eram amigos ou família.

Antes que Adamo pudesse pegar a garrafa, afundei meus dedos em sua camiseta e o puxei para mais perto. Ele não resistiu, mas também não abaixou a cabeça. Em vez disso, olhou para mim. — Não cansou de jogar?

— Não estou jogando. — Pelo menos não o jogo de que ele poderia suspeitar.

— Da última vez você me deixou lá parado com tesão.

— Deixei. Mas não deixarei de novo.

Ele se aproximou. — Você tem certeza disso? Minhas palmas estão ficando calejadas de tanto me masturbar.

Eu ri, mas sem avisar o beijo de Adamo me jogou contra o carro. A paixão explodiu entre nós, eliminando qualquer senso de cautela. Rasgamos as roupas um do outro. Adamo abriu a porta, já puxando para baixo minha bermuda jeans e com ela minha calcinha. Eu as sacudi antes de empurrar Adamo para o banco de trás. Eu queria, precisava estar no controle. O pênis de Adamo estava em posição de sentido enquanto ele colocava um preservativo com impaciência. Afundei nele e respirei fundo com a sensação de plenitude. Já fazia mais de um ano desde que estive com Dima e isso era muito diferente. Os dedos de Adamo cravaram em meus quadris e comecei a movê-los. Meus lábios caíram sobre os dele enquanto o montava. Ele empurrou para cima, dirigindo-se ainda mais fundo, tentando me fazer ceder o controle.

Minhas unhas cravaram mais fundo em seu peito, um aviso. Adamo agarrou minhas nádegas e nos virou. Falcones nunca renunciavam ao controle. Ele me empurrou para o banco de trás com seu corpo muito mais forte e bateu em mim. Cada impulso dele arrancava outra lasca de controle. Com ele em cima de mim desse jeito, não tinha como recuperá-lo.

Perdendo controle. Fora de controle.

Minha garganta fechou imediatamente. Eu enrijeci e o prazer se transformou em dor. Adamo tocou minha bochecha e meus olhos cortaram para os dele. A preocupação nadava em seus olhos escuros. Ele viu mais profundamente do que deveria, viu coisas que ninguém deveria. Ele não deveria. — Não pare, — consegui dizer, sem querer parecer fraca. Eu não era frágil ou vulnerável, não queria que ele me tratasse como tal.

Meus pulmões se contraíram. Meu corpo era mais forte do que minha vontade de ferro.

Adamo rolou para trás, levando-me com ele, então eu estava mais uma vez

sobre ele. Depois de um momento para obter um controle, cravei minhas unhas em seu peito e girei meu quadril, enfiando seu pau profundamente em mim. Abaixei-me, beijando-o ferozmente, meus olhos se fechando contra seu olhar inquisitivo. Suas palmas seguraram meus seios e seus dedos puxaram meu piercing. Eu engasguei, meus olhos abrindo.

— Eu amo esse piercing.

Meus lábios se abriram quando ele puxou novamente e minha boceta apertou com força em torno dele. Eu estava cada vez mais perto, incapaz de parar, e pela primeira vez não tentei lutar pelo controle do meu corpo. O soltei, mesmo que me assustasse.

Os quadris de Adamo subiram enquanto eu girava meus quadris. Agarrei seus ombros, meus olhos arregalados quando uma onda de prazer me rasgou. Não pude pará-la, só pude me submeter à sua força. Gritei, meu estomago tensionando, meus mamilos endurecendo ainda mais.

Quase desmaiei quando o pau de Adamo se expandiu no seu próprio orgasmo. Oprimida, caí para a frente. Meu rosto pressionado contra seu peito enquanto eu ofegava após uma respiração aguda. A mão de Adamo deslizou suavemente sobre minhas costas. A carícia era boa, ancorou meu interior tumultuado. Me permitiu desfrutar de seu toque e nossa conexão ainda íntima.

Poderia ter ficado assim para sempre, ouvindo seus batimentos cardíacos acelerados, mas eventualmente me sentei. Adamo ainda estava enterrado em mim, mas lentamente amolecia. Sai de cima dele e cambaleei para trás e para fora do carro. Adamo não tentou me impedir. Ele não disse nada, apenas tirou a camisinha e deu um nó. Procurei minhas roupas quase no escuro e as coloquei desajeitadamente. Elas estavam empoeiradas e grudaram na minha pele suada.

Olhei para Adamo e, de novo, parte de mim queria ficar, rastejar de volta para o carro e esticar-me no banco de trás ao lado dele. Eu confiava nesse meu lado ainda menos do que em Adamo.

Não tinha certeza do que dizer. Nunca tinha fodido com alguém com quem não estava namorando e não sabia como lidar com Adamo ou com meus

sentimentos. Eventualmente, apenas me virei para ir embora.

Antes que estivesse fora do alcance da voz, Adamo disse: — Boa noite, Dinara.

DEZ

Dinara

Até ver Adamo novamente no dia seguinte, não tinha certeza de como eu reagiria. Se eu tentaria trazer o nosso relacionamento de volta a um estado menos íntimo. No entanto, no momento em que ele se juntou a mim de manhã com sua própria tigela enquanto eu comia meu mingau de aveia e silenciosamente comeu ao meu lado, sabia que não queria recuar. Eu queria mais.

— Você está bem? — Adamo perguntou eventualmente.

Estreitei meus olhos. — Por que não deveria estar?

Adamo encolheu os ombros. — Achei que você fosse me evitar agora. Mas parece que estava errado.

— Você prefere que eu te ignore?

— Prefiro que você se junte a mim no meu carro esta noite novamente.

Reprimi um sorriso. — Combinado.

Adamo e eu não perdemos muito tempo quando cheguei ao carro dele. Nós nos beijamos como se fôssemos amantes há muito perdidos, com tempo limitado para desfrutar um do outro. Talvez isso não estivesse muito longe da verdade, porque o tempo definitivamente não estava a nosso favor. Eu era russa. Ele era italiano. E mesmo que o acampamento de corrida pudesse ter borrado algumas linhas, nossas famílias estavam em guerra.

Adamo nos levou para trás em direção ao seu carro e me içou no capô, sem parar de me beijar. Seus dedos encontraram meu piercing, em seguida, ele puxou a camiseta pela minha cabeça e se afastou do beijo apenas para abaixar seus lábios no meu peito. Sua língua brincou com meu mamilo, sacudindo o piercing com força. Soltei um suspiro afiado, minhas pernas se separando por conta

própria. Adamo pressionou a palma da mão contra minha virilha. Me perguntei se ele podia sentir minha umidade mesmo através das camadas de tecido.

Meus dedos pressionaram no capô, minha respiração saindo em rajadas curtas. Cada músculo do meu corpo se contraiu e meu coração bateu forte no peito. Adamo deu um passo para trás e quase protestei até que meu orgulho fechou minha boca.

Adamo abriu o botão da minha bermuda jeans, deslizou-a junto com a calcinha e se agachou na minha frente. Ele olhou para mim. Seu rosto envolto em sombras, mas eu sabia que ele estava esperando pelo meu ok. Depois de ontem, suas ações eram mais cautelosas. Eu não queria que ele se contivesse. Eu não era frágil.

Minha garganta estava seca, seca demais para falar. Separei minhas pernas. Não faria isso pela metade. Eu estava encharcada para o homem diante de mim. Sua língua traçou uma linha molhada ao longo da minha coxa, causando arrepios e me fazendo estremecer. Me perguntei se ele podia sentir as cristas do passado na minha pele. Até agora ele não as havia mencionado. Um homem com tantas cicatrizes quanto ele poderia ter aprendido a não fazer perguntas sobre as marcas de outras pessoas.

O ar da noite era frio contra meu centro encharcado. Não tirei os olhos de Adamo, não me inclinei para trás. Essa posição me dava uma sensação de controle, mesmo que Adamo logo o arrancasse de mim. Ele mudou para a minha outra coxa e arrastou sua língua ao longo da minha pele sensível. — Quando você vai me lamber? — Perguntei, mas minha voz não tinha o sarcasmo e bravata que queria colocar nela. Queria sentir sua língua em mim, na minha boceta.

— Logo, — Adamo murmurou, e sua exalação seguinte soprou sobre minha boceta molhada. Mordi meu lábio, tensa de expectativa e ansiedade. A ideia de perder o controle como da última vez ainda apertava meu peito, mas meu corpo estava pedindo mais, mais alto do que qualquer dúvida e ansiedade.

E então a língua de Adamo passou pela minha fenda lentamente, traçando

ao redor do meu clitóris antes de separar minhas dobras com a ponta da língua. Meus dentes afundaram em meu lábio inferior enquanto sua ponta acariciava minha carne sensível, lentamente mergulhando mais fundo até chegar à minha entrada. Minha cabeça caiu para trás por um momento, meus olhos arregalados de admiração pela sensação que Adamo criou com um toque de sua língua. Ele circulou minha abertura, sua respiração agora mais audível.

Seus lábios se fecharam em torno de minhas dobras sensíveis, sugando, e inalei bruscamente.

— Você gosta disso? — Adamo murmurou depois de um tempo, sua voz carregada de desejo. Como se para enfatizar sua pergunta, ele deslizou a língua para cima e cutucou meu clitóris.

— Não fale, — cerrei. — Lamba-me.

Seus dedos seguraram minhas nádegas e ele realmente mergulhou. Menos gentil, mais barulhento. Sua língua separou minhas dobras, procurando minha entrada, mergulhando. Ele lambeu de cima a baixo, despertando cada terminação nervosa. Minha luxúria gotejava e Adamo a engoliu, me fazendo gemer. — Faça isso de novo, — sussurrei, quase delirando com as sensações.

Adamo me separou mais e lentamente passou sua língua ao longo da minha abertura. Meus dedos puxaram seu cabelo enquanto o observava tirar mais dos meus sucos e festejar com eles. Meus quadris se moveram inquietos. Adamo olhou para cima, encontrando meu olhar enquanto continuava me comendo, seus lábios brilhando com a minha luxúria e seus olhos famintos por mais. Meu aperto em seu cabelo aumentou ainda mais quando meu núcleo começou a espasmar. Adamo fechou os lábios ao redor do meu clitóris enquanto empurrava dois dedos em mim, e um tremor percorreu meu corpo, levando qualquer aparência de controle com ele. Gritei, empurrando minha boceta com mais força contra o rosto de Adamo, que aceitou o convite com um grunhido, chupando com mais força e mergulhando seus dedos ainda mais fundo em mim. Montei seus dedos e rosto, quase chorando de prazer. Não me importava com quem ouvisse, não me importava com nada além dessa sensação de liberdade

que sentia.

Caí para trás, completamente exausta. Corri meus dedos pelo cabelo despenteado de Adamo, mais gentil agora enquanto ele salpicava minha boceta com beijos. Pisquei para o céu, me perguntando o que era isso que estava acontecendo. Adamo apareceu na minha linha de visão. Passei a palma da mão em sua barba, que estava molhada com meus sucos. Sua expressão era cheia de luxúria e a protuberância em suas calças era impressionante. — Vire-se, — disse Adamo.

Não protestei. Em vez disso, rolei até meu estômago descansar no capô quente do carro e minha bunda apontar para Adamo. Ele acariciou minha bunda antes de esfregar sua ponta sobre a minha abertura. Arqueei contra ele. — Foda-me, Adamo. Foda-me como se quisesse me quebrar.

Adamo se inclinou para frente, traçando as saliências da minha coluna com a língua. Sua ponta larga mergulhou em mim. Tentei me mover para trás, mas a pressão de Adamo em meus quadris me manteve no lugar enquanto ele empurrava em mim lentamente com apenas a ponta. — Mais profundo, — engasguei.

— Paciência. Eu faço as regras.

Levei a mão para trás, segurando suas bolas e apertando. Ele sibilou baixo em sua garganta. — É assim que você quer jogar? — ele rosnou.

— Sim, — falei asperamente enquanto ele continuava me provocando com sua ponta.

Adamo recuou e então, sem aviso, bateu todo o caminho em mim, enchendo-me até a borda.

Gritei com a sensação de alongamento, à beira da dor. Adamo era incrivelmente grosso e comprido. Sua ponta cutucou o ponto ideal dentro de mim.

— É isso que você quer? — Adamo perguntou com uma voz rouca.

Virei minha cabeça para olhar seu rosto. — Quero que você me foda até minhas pernas cederem e eu gozar por todo o seu carro.

Seus olhos brilharam com luxúria crua e então ele bateu ainda mais forte em mim. Seu carro balançava sob nossa foda e pela primeira vez perdi todo o senso de controle e isso não me assustou.

Adamo

Ocasionalmente, achei que estava entendendo Dinara, mas então algo acontecia que me deixava completamente desconcertado. Como seu ataque de pânico enquanto eu estava em cima dela quando fodemos pela primeira vez. Não tínhamos conversado sobre isso e não aconteceu novamente nas duas semanas que se seguiram, embora tenhamos fodido todas as noites. Nunca fiquei por cima. Ou as cicatrizes finas na parte superior das suas coxas, eu senti primeiro com a ponta dos dedos e depois com a língua. Quando seu short subia e o sol batia em sua pele, agora também as via.

Dinara era um enigma que eu estava desesperado para desvendar. Não pedi mais informações a Remo novamente. Por alguma razão, agora que Dinara e eu nos aproximamos, parecia errado revirar seu passado sem sua permissão. Ela obviamente não queria compartilhar coisas comigo. Talvez eventualmente me contasse.

O calor na tenda era quase insuportável. O sol tinha sido implacável durante o dia e mesmo a noite não trouxe muito alívio.

Dinara rolou de cima de mim e se esticou de costas, respirando com dificuldade. Nossos corpos estavam cobertos de suor de sexo e calor.

— Você vai me dizer por que está realmente aqui?

Dinara rolou de lado, ficando mais perto. Eu me virei para encará-la. Fios de seus cabelos vermelhos grudavam em suas bochechas e testa. — Estou surpresa que Remo não tenha te contado tudo.

— Remo tem um tipo estranho de regras e gosta de brincar comigo, — disse, então encolhi os ombros. — Mas realmente não tenho tentado extrair

informações dele desde que começamos com isso.

— Isso? — Dinara perguntou, traçando minha tatuagem desfigurada da Camorra. Ela sempre fazia isso depois do sexo, obviamente fascinada por sua aparência ou talvez apenas pela história por trás dela. Ela ergueu os olhos. — O que é isso entre nós?

— Diga você. Acho que só você sabe o que realmente quer.

— O que você quer Adamo?

Me apoiei no meu cotovelo e tracei sua bochecha. Ela deixou, pela primeira vez sem se afastar, sem buscar a segurança de seu próprio carro depois que fodemos. — Quero te conhecer melhor. Não apenas seu corpo, mas sua mente, seu passado, sua escuridão.

Dinara sorriu amargamente. — Não, você não quer. Não se gosta da minha versão que conhece até agora.

— Deixe-me decidir por mim mesmo. Duvido que haja algo que possa me fazer vê-la sob uma luz diferente. E se é escuridão que você abriga, tenho muito da minha própria, então não fugirei disso.

Dinara ergueu os olhos para o teto da tenda. Acariciei sua barriga e brinquei com seu piercing. — O que é isso exatamente?

Ela me lançou um olhar horrorizado. — Não me diga que você não sabe o que é um ovo Fabergé?

— É um ovo russo.

Ela balançou a cabeça exasperada. — É arte e história. Design intrincado.

Inclinei-me sobre sua barriga para olhar mais atentamente o pequeno ovo pendurado em seu piercing. Era vermelho com decoração dourada. — Este é um original?

— Foi feito sob encomenda para mim pelos mesmos fabricantes que criam os ovos Fabergé maiores.

— Mas por que escolheu isso para um piercing?

Suas sobrancelhas franziram. — Faz parte da minha história. Meu pai me presenteou com um ovo Fabergé todos os anos desde meu nascimento e os

mantenho em um armário de vidro em meu quarto.

— Nunca te imaginei como uma entusiasta da arte, especialmente este tipo de arte tradicional. Você parece mais o tipo de garota Andy Warhol ou Jackson Pollock.

— Você está errado.

— Porque não me fala o suficiente sobre você.

— Você também não é exatamente um livro aberto.

Inclinei minha cabeça. — O que você quer saber?

— Há tantas coisas, é difícil escolher apenas uma, — ela disse, mas então seu olhar disparou para o meu antebraço. — Sua cicatriz de queimadura. Por que não tratou sua pele a laser e refez sua tatuagem da Camorra?

Sombras escuras do meu passado tomaram forma. Estendi o braço para que ela visse minha tatuagem, a faca com o olho e o lema da Camorra em italiano. Mas a maioria das palavras estava ilegível, torcida e retorcida pelas marcas de queimadura, assim como o olho. — Esse dia me mudou. Despertou um lado meu que eu achava que não existia. A tatuagem em seu estado desfigurado é minha lembrança e também um aviso do que se esconde por baixo.

Nas primeiras semanas e meses após minha captura e a tortura, acordava com pesadelos todas as noites. Nunca tive meu poder privado de mim assim antes, me deixando à mercê de outra pessoa. Antes daquele dia, achava que estava à mercê de Remo e sujeito ao seu humor. Mas depois, percebi quão errado estava. Remo nunca quis me machucar. Ele cuidou de mim de sua própria maneira distorcida. Foi preciso estar nas mãos do inimigo para perceber isso.

— Você nunca procurou vingança pelo que te fizeram? A dor eu te infligiram? A Outfit te escolheu para punir seu irmão. Você ainda era jovem.

Não me surpreendeu que Dinara soubesse dos detalhes. Afinal, Grigory sabia tudo sobre isso e obviamente não se importava em compartilhar informações com sua filha. Talvez os chefes da máfia russa não mimassem suas filhas tanto quanto os italianos.

Ocasionalmente, sonhei com vingança, especialmente no início. Passei

horas imaginando como seria ter um dos meus algozes em minhas mãos e fazer com eles o que fizeram comigo, mas finalmente parei de ficar obcecado por vingança. — Deixei o passado para trás. Não preciso de vingança. Não me importo com o que acontece com a Outfit. Nino e Remo cuidam deles. Não acho que a vingança ajude alguém.

— Não acredito que não esteja furioso, — ela sussurrou.

— Eu estou. Mas estou canalizando toda a raiva que ainda resta daquela época para corridas e lutas. É o bastante.

Não era bem verdade. Aquele dia, despertou algo que eu tinha cada vez mais dificuldade em suprimir. Meu lado sombrio - um lado que ainda temia e desprezava com frequência. Os raros momentos de aceitação e paz que eles trouxeram me assustavam ainda mais.

Ela traçou minha cicatriz de queimadura. A pele ali não era sensível ao toque ou dor, mas a que estava ao redor tinha ficado ainda mais. Quando as pontas dos dedos de Dinara subiram, descobrindo uma pequena cicatriz em meu bíceps e depois as cicatrizes no meu peito, arrepios ondularam pelo meu corpo. — Isso é da sua tortura também?

— Nem todas elas. Algumas. O resto é de lutas e do tempo que passei em Nova York com a Famiglia.

— Acho estranho que seu irmão tenha confiado em outra família o suficiente para mandá-lo para lá. Mesmo quando meu pai faz as pazes com os outros, isso não significa que confia neles o suficiente para enviar alguém de quem gosta para lá.

— Eu pedi a Remo para me mandar para lá. Precisava ficar longe de meus irmãos, de sua sombra e proteção. Em Nova York, não fui tratado de forma especial. Não era ninguém. Tive que fazer o trabalho sujo e seu Capo me punia quando eu errava.

— Não importa aonde vá, você nunca é um ninguém, Adamo. Mesmo que esteja longe de seus irmãos e de Vegas, seu nome tem peso, assim como o meu. Carregamos nossos nomes como fardo e escudo. A única maneira de sermos

anônimos é assumir um novo nome e nos tornarmos outra pessoa.

— Você já pensou em fazer isso? Deixar seu pai e a Bratva para trás? Começar de novo?

Dinara balançou a cabeça. — Está no meu sangue. Faz parte da minha vida. Não gosto de todos os aspectos dessa vida, mas não quero fugir disso, — disse ela, traçando minhas cicatrizes.

Contei a ela sobre cada cicatriz e quando finalmente fiquei em silêncio, seu rosto estava a centímetros do meu. Corri minha palma sobre a parte superior das suas coxas e as cicatrizes finas lá, uma pergunta silenciosa.

Dinara suspirou, voltando o rosto para o teto mais uma vez. — Às vezes, somos nosso pior inimigo.

Balancei a cabeça porque era uma verdade que aprendi no passado. Suspeitava que as cristas fossem auto infligidas. Elas me lembravam das cicatrizes que alguns dos meus amigos drogados tinham nos pulsos ao cortar. — Por que? — Perguntei.

— Usei drogas para encobrir dores antigas. Mas elas me deixavam entorpecida em todos os sentidos, então tentei sentir alguma coisa, mesmo que fosse dor, desde que pudesse sentir algo.

Algo em Dinara me lembrava de quando eu não estava limpo há muito tempo. As drogas eram uma coisa do passado dela como eram do meu, mas eu queria saber as razões de seu vício. — Que tipo de dor antiga?

Sua expressão se fechou. — A verdade sobre mim que seu irmão esconde mudará a maneira como olha para mim. Mas diga a Remo, que lhe dou permissão para compartilhar com você, se é disso que ele precisa.

Remo nunca pediu permissão, de ninguém. Duvidava que essa fosse a razão pela qual ele estava escondendo a verdade de mim.

Dinara subiu em cima de mim, deixando seu cabelo cobrir meu rosto. — Um dia você terá que me levar a Las Vegas com você e me mostrar sua cidade.

— Você quer dizer levá-la até sua mãe?

Os lábios de Dinara roçaram os meus. — E se eu disser que sim?

— Não acho que seja uma boa ideia, a menos que Remo permita uma reunião.

— Ele não será capaz de mantê-la longe de mim para sempre.

Suspirei, passando minha mão pelo cabelo de Dinara. — Temo que esteja me usando contra meus irmãos. Você deve saber que sou leal a eles.

— Eu sei, — ela disse simplesmente e me beijou.

Me afastei. — Você não será capaz de me influenciar, mesmo que parte de mim queira fazer o que você pedir.

— Cale a boca, — Dinara murmurou.

Permiti que ela me silenciasse com seus lábios. Não tinha certeza de qual segredo Remo revelaria sobre Dinara. Esperava que isso não me fizesse vacilar, não me fizesse querer ajudá-la, mesmo contra Remo. Meu irmão tinha feito algumas merdas distorcidas na vida, e temia que essa coisa com a mãe de Dinara fosse outra da lista. Muitas vezes discordava do que meus irmãos faziam, mas eu os apoiava. E se o segredo de Dinara tornasse isso impossível? Talvez fosse por isso que Remo mantinha o segredo para si mesmo, e talvez agora que estava mais perto de Dinara ele revelasse pelo mesmo motivo. Para testar minha lealdade.

ONZE

Dinara

Meu pai odiava a minha mãe. Cada vez que mencionava o nome dela, a aversão transformava cada linha dura de seu rosto. Ele a queria morta. Não, ele queria que ela sofresse e morresse. Uma morte simples não era suficiente para ele. Como Pakhan, ele tinha os meios para matar quase qualquer um, para tornar suas últimas horas tão dolorosas quanto possível, e certamente não tinha escrúpulos sobre isso.

Mas minha mãe estava no território da Camorra, bem no centro dele em Las Vegas, sob o olhar atento de ninguém menos que o Capo da Camorra: Remo Falcone.

Remo Falcone era apenas a memória distante de uma menina e ele era o que se interpunha entre mim e minha mãe. Impossível contornar sem ajuda. Meu pai não me ajudaria. Não, a menos que Remo lhe entregasse minha mãe para que ele mesmo pudesse matá-la. E Adamo?

Talvez Adamo pudesse ajudar, mas ele ajudaria? Usá-lo para conseguir informações era fácil, mas o que eu precisava dele ia além disso... Eu não tinha certeza se deveria sequer considerar pedir.

Mas eu tinha escolha?

Isso era muito importante para deixar as emoções atrapalhar, especialmente quando não tinha certeza sobre sua extensão. Alguma coisa entre nós poderia durar?

Mas, ao contrário de Adamo, não conseguia deixar o passado descansar. Não queria. E não querer me vingar? Impossível.

O passado era meu fardo.

Às vezes, à noite, as memórias eram frescas e eu acordava com o cheiro do

doce perfume da minha mãe no meu nariz, minha pele coberta de suor. Odiava aquelas noites, esses sonhos, que me faziam sentir pequena e fraca, destruindo tudo pelo qual trabalhei tanto.

Passado

— Vamos, Mandy, — minha mãe disse enquanto me arrastava para fora do carro e em direção a um prédio de tijolos. Eu não gostava desse nome. Mas talvez não durasse. Meus últimos cinco nomes não duraram. Sentia falta do meu nome verdadeiro. Ekaterina, ou Katinka, como papai sempre me chamava. Mas era ruim.

— Mandy, se apresse! — Sua voz estava tensa de medo. Os homens nos levaram com eles, para longe da casa em que vivíamos há semanas. Eles nos colocaram em um carro e nos levaram a um lugar com um grande letreiro de néon acima da entrada. As pernas de uma mulher brilhavam em cores cintilantes e entre elas as palavras Sugar Trap *piscavam. Não lutei contra ela, apenas a segui. Baixei meu olhar para o chão como me ensinaram quando passamos por um bar. Cheirava a álcool e fumaça, mas acima de tudo, a um perfume forte, ainda mais forte do que o que mamãe usava. Quase tropecei quando descemos por escadas íngremes. Mas um homem de olhos cinzentos segurou meu braço. Ele me soltou e mamãe me puxou ainda mais perto.*

Chegamos a um quarto sem janelas. Outro homem esperava lá dentro.

Ele era muito alto, tinha cabelos escuros e estava de braços cruzados. Sua expressão me apavorou. Ela prometia problemas. Mas eu sabia que mesmo um sorriso não significava nada. A dor geralmente acompanhava palavras doces e sorrisos gentis. Seus olhos eram quase pretos e seu cabelo também. Ele olhou para mim brevemente, em seguida, estreitou os olhos para mamãe e seu namorado Cody. Cody estava com o nariz sangrando. Eu não sabia por que, mas não estava triste. Ele era um homem mau. Um tipo diferente de mau do que

papai. Pior, mesmo que mamãe não visse isso. Mamãe odiava o papai. Ela disse que eu precisava odiá-lo também.

— Você sabe quem sou? — O homem alto perguntou. Sua voz era profunda e confiante.

Mamãe apertou ainda mais minha mão. Olhei ao redor. O homem de olhos cinzentos estava encostado na mesa, me observando. Ele não sorriu ou olhou carrancudo. Ele não fez nada, apenas parecia que podia ver sob minha pele as partes escuras de mim. Encarei meus pés sujos em meus chinelos.

— Claro, — disse Cody. Sua voz tremeu. Minha cabeça disparou e olhei para ele. Nunca tinha ouvido esse tom dele. Ele parecia apavorado. O suor brilhava em sua testa e ele parecia prestes a chorar.

— Quem sou eu? — O homem perguntou. Ele não era muito velho. Sua voz era baixa e calma, mas o rosto de Cody se contraiu.

— Você é Remo Falcone.

— E?

— Capo da Camorra. — Ele engoliu em seco. — Tenho negociado com você, Senhor, por quase seis meses. Mas não sou ninguém que você conheça.

Cody parecia tão recatado. Quando ele me dava ordens, era sempre confiante e zangado. Por que Cody estava com tanto medo de Remo Falcone? Se um homem como Cody se sentia assim, eu deveria ficar apavorada.

— Você deveria vender crack e maconha, mas ouvi que construiu um pequeno negócio paralelo lucrativo com a ajuda da senhora ali. Talvez você imaginasse que eu não notaria porque estava muito ocupado estabelecendo o poder.

A mão da minha mãe me apertou de forma dolorosa. Nunca tinha ouvido ninguém falar a palavra senhora com mais nojo.

— Qual é o seu nome, mulher?

Minha mãe estremeceu. — Eden.

— Tenho certeza que esse é o seu nome verdadeiro.

Mamãe não disse nada. Como eu, ela teve muitos nomes nos últimos

meses. — Há quanto tempo você está fazendo seus negócios paralelos na minha cidade?

Mamãe olhou para Cody.

— Eu não sabia o que ela estava fazendo! — Ele resmungou. — Só descobri hoje.

— Que coincidência descobrir sobre isso no mesmo dia em que te pegamos.

Remo acenou com a cabeça em direção ao cara de olhos cinzentos que instalou um laptop na frente da mesa e ficou olhando para ele. — Meu irmão conseguiu algumas filmagens em sua casa. Presumo que não provarão que suas palavras são falsas, certo?

Cody empalideceu.

Remo se virou para a mamãe novamente. — Quanto dinheiro você ganhou?

— Eu - eu não sei. Nunca recebi dinheiro.

— Você tem um teto sobre sua cabeça e drogas suficientes para esquecer o passado e ocultar o presente também, certo? — Remo se aproximou da mamãe, elevando-se sobre ela e eu. — Na minha cidade eu faço as regras e ninguém vai contra elas.

— Eu não sabia, — disse a mãe. — Foi ideia de Cody.

Cody a encarou, mas abaixou a cabeça quando Remo se virou para ele.

— Até onde chega o seu negócio? Existem outros que devemos saber?

— Não, somos só nós.

— Ele está falando a verdade, Eden? — Perguntou Remo.

— S-sim. Começamos agora.

— Começaram agora. Parece que vocês tinham grandes planos de negócios sem envolver a Camorra.

Mamãe puxou uma mecha de seu lindo cabelo ruivo para trás da orelha e deu a Remo aquele sorriso que normalmente só dava aos namorados. — Eu posso falar sobre a clientela. Tenho certeza que você poderia ganhar muito mais

dinheiro com isso. Nunca fomos profissionais. Se você e a Camorra organizarem tudo, poderia ganhar milhões.

Remo sorriu, mas não era um sorriso legal. — Você acha?

— Você deveria dar uma olhada nisso, — disse o outro homem. Remo se virou e foi em direção à mesa. Ele olhou para o laptop por alguns minutos. O silêncio reinou na sala. Os rostos dos dois homens não mostraram nenhuma emoção enquanto olhavam para a tela. Remo se afastou da mesa. — Você vendeu esses vídeos na Darknet?

Cody não reagiu. Ele só olhou fixamente para seus pés. Ele parecia estar orando, mas duvido que acreditasse em alguma coisa.

— Sim nós vendemos. Você pode ganhar ainda mais dinheiro com isso do que com suas corridas e lutas na gaiola, — disse mamãe. Ela me lembrou da mãe que era ocasionalmente quando morava com o papai.

Remo apenas olhou para mim, sem dizer nada. Mamãe soltou minha mão e tocou meu ombro. Encontrei seu olhar. Ela me deu um sorriso encorajador. — Por que não mostra ao Sr. Falcone como você é legal.

Assenti. Tinha ouvido essas palavras com frequência nas últimas semanas. Olhei para Remo Falcone e ele encontrou meu olhar. Forcei o sorriso que todos os clientes gostavam e me aproximei dele. Meus chinelos bateram ruidosamente no silêncio.

No começo, não queria fazer isso, mas só piorou as coisas. Mamãe me disse que eu precisava me comportar para que as coisas melhorassem e, eventualmente, fiz o que eles queriam. Ainda doía, mas mamãe se sentia melhor quando eu não lutava.

— Ela fará o que você quiser, — disse a mamãe.

Minhas bochechas doíam de tanto sorrir. Remo não olhou para mim como os outros homens olhavam. Ele não me disse quão bonita eu era e como era uma boa garota. De repente, sua expressão mudou para algo perigoso, algo selvagem, e ele desviou o olhar de mim.

Ele passou por mim e agarrou mamãe pelo pescoço. Cody já tinha feito

isso antes. Isso me incomodou no início, mas agora me sentia vazia com muita frequência. Sabia que não deveria gostar de ver mamãe se machucar, mas tudo em mim era vazio.

— Remo, — disse o outro homem.

— Você está realmente tentando me oferecer sua filha para uma trepada? Você acha que tolero merdas nojentas como essa no meu território? — Sua voz tornou-se um zumbido baixo. — Aposto que até me veria foder sua filha? Você, sua prostituta desprezível não piscaria um olho, contanto que conseguisse suas drogas e estivesse longe de Grigory.

Mamãe empalideceu.

— Remo, — disse Nino com firmeza, acenando com a cabeça na minha direção.

— Você realmente acha que essa merda vai prejudicá-la depois da merda que foi feita a ela?

— Papai? — Perguntei. Mamãe nunca falou sobre ele e quando o fazia era apenas para me dizer coisas ruins. Os olhos de Remo se voltaram para mim. Seus dedos ainda seguravam mamãe pela garganta. Cody estava chorando no fundo.

— Nino, leve a criança lá para cima, dê-lhe comida e roupas decentes enquanto cuido dessa situação. — Mamãe me lançou um olhar suplicante. Não reagi. Suplicar não funciona, mãe, você não lembra?

Nino apareceu diante de mim e estendeu a mão. — Vamos, Ekaterina.

Meus olhos se arregalaram. Coloquei minha mão na dele e o segui para fora. Antes que a porta se fechasse, ouvi mamãe choramingar. — Por favor, não me entregue a Grigory. Você não imagina o que ele faria comigo.

— Provavelmente a mesma coisa que eu faria com a porra de uma escória como você.

Nino me conduziu escada acima. Ele pegou uma Coca para mim no bar e então fomos para um quarto com cama e banheiro. Tomei um gole hesitante da minha Coca, então dei-lhe o sorriso que mamãe me ensinou. Ele balançou a

cabeça. — Não há necessidade disso nunca mais, Ekaterina. Seu pai estará aqui em breve, então você estará segura.

Balancei a cabeça, embora não soubesse mais o que significava segura. Lembrei-me de me sentir segura no passado. Lembrei-me de estar deitada nos braços de papai enquanto ele lia para mim contos de fadas russos. Mamãe não me permitia dizer nada em russo.

— Você pode tomar um banho e vou pedir a uma das garotas para te trazer roupas.

Balancei a cabeça novamente. Ele acenou com a cabeça também. — Você não vai fugir, vai? Não quero te trancar no quarto.

— Não, — sussurrei. Não queria mais fugir. Desde que mamãe me levou com ela, as coisas estavam ruins. Queria que elas voltassem a ser como eram antes.

Ele acenou com a cabeça e saiu.

Olhei para a cama, lembrando-me da cama em que estava há menos de uma hora. Uma cama no porão de Cody. Estremeci. O velho que estava comigo não veio conosco. Nino ficou algum tempo com ele antes de se juntar a nós no carro.

A expressão nos olhos de Nino depois disso me lembrou da expressão que às vezes eu via nos olhos de papai, ou mesmo nos olhos de Remo agora há pouco.

Sentei na cama e puxei minha camisola branca com babados. Todos adoravam babados e branco. Envolvendo meus braços em volta do meu peito, esperei. Odiava o silêncio. Normalmente, mamãe sempre me permitia assistir o que quisesse na TV depois que os homens partiam, pelo tempo que quisesse. Adormecer na frente da TV era melhor do que ouvir meus pensamentos, as vozes dos homens que minha memória repetia. Agora, nada abafava as palavras que o velho havia dito. Elas se repetiram inúmeras vezes na minha cabeça. — Doce menina. Boa menina. Dê ao papai o que ele precisa.

Pressionei minhas mãos sobre meus ouvidos, mas as vozes não paravam.

A porta se abriu e uma mulher entrou. Eu mantive minhas mãos nos ouvidos. Ela me encarou mim com os olhos arregalados e tristes e colocou uma pilha de roupas no chão. — Elas ficarão muito grandes em você. Mas são melhores do que o que você está vestindo agora, certo?

Pisquei para ela. Ela saiu novamente e a voz ficou ainda mais alta. Cantarolei, mas elas estavam no fundo da minha cabeça, mais altas do que a minha voz. Balancei para frente e para trás, querendo sair da minha cabeça, fora do meu corpo, longe das vozes. Me sentia tão cansada. Mas se fechasse meus olhos agora, os rostos se juntariam às vozes. Minhas mãos doíam e meus ouvidos zumbiam, mas pressionei ainda mais forte, minhas unhas arranhando meu couro cabeludo. — Pare, — engasguei. — Pare.

Mas as vozes continuavam sussurrando. O pare nunca funcionava.

A porta se abriu novamente. Remo estava na soleira. Ele entrou e calei a boca. Cantarolar alto fazia as pessoas acharem que você era estranha. Abaixei lentamente minhas mãos. Sangue e pele presa sob minhas unhas de onde machuquei meu couro cabeludo. Meu esmalte rosa havia descascado em alguns lugares.

Fiquei momentaneamente distraída por uma mancha vermelha na camisa cinza de Remo. — Você matou a mamãe e o Cody? — Perguntei.

Remo ergueu as sobrancelhas. Papai sempre tentou esconder tudo de ruim de mim, mas mamãe me contou tudo. Remo era como o papai. Ele tinha o mesmo brilho perigoso em seus olhos. Eles eram assassinos. Mamãe disse que eles eram ruins, mas nem papai nem Remo me machucaram. Os homens legais que mamãe levava para casa, eles o fizeram.

— Não, não matei, — disse ele.

Ele se agachou diante de mim, encontrando meu olhar. Os outros homens preferiam elevar-se sobre mim. Ele não parecia triste ou como se sentisse pena de mim. Ele parecia me entender.

— Por que não?

Ele deu um sorriso estranho. — Porque eles não são meus para matar.

Não entendi.

— Você ficaria triste se sua mãe estivesse morta?

Olhei para as minhas mãos. Eu amava mamãe. Mas não ficaria triste. Às vezes, até a odiava. — Sou uma garota má.

— Você está tentando ser uma boa garota para que as pessoas te machuquem menos?

Fiz uma careta, em seguida, assenti.

— Não faça isso, — disse ele com firmeza.

Olhei para cima.

— Nunca tente ser boa para as pessoas que te machucam. Elas não merecem.

Balancei a cabeça porque isso era isso o que eu imaginava ser o esperado.

— Seu pai estará aqui em algumas horas, Ekaterina. Ele vai te levar para casa.

— Casa, — repeti, testando a palavra. Lembrei-me de calor e felicidade. Parecia tão distante, como os contos de fadas que papai gostava de me contar.

Ele se endireitou e olhou para mim. — Nada pode quebrá-la a menos que você permita. Se voltar a Las Vegas, terá a chance de acabar com isso.

Não entendi nada. Meu corpo gritava por sono, mas lutei contra ele. — Pedimos pizza. Você pode comer um pouco.

Assenti. Então meus olhos dispararam para a TV presa na parede em frente à cama. Remo foi em direção à mesa de cabeceira e pegou o controle remoto antes de entregá-lo para mim. Imediatamente liguei e aumentei o volume. Já era tarde, então todos os filmes eram para adultos. Parei quando vi uma cena familiar do filme Alien.

Uma mulher entrou com uma caixa de pizza e colocou-a ao meu lado na cama. — Você vai ter pesadelos se assistir a algo assim, — ela me disse.

— Eu gosto desses pesadelos, —sussurrei.

— Torne-se o pesadelo, mesmo para seus piores medos, Ekaterina, — Remo disse antes que ele e a mulher saíssem. Aumentei ainda mais o volume e

peguei uma fatia de pizza. Não estava realmente com fome, mas enfiei na boca.

Meus olhos ardiam de exaustão, mas os forcei a abrir, com foco na TV.

Uma batida soou. Não desviei o olhar do segundo filme Alien. Eles estavam fazendo uma maratona de filmes Alien, e senti que só se mantivesse meus olhos na tela as vozes e imagens ficariam longe.

— Katinka, — papai disse suavemente.

Tirei meus olhos da tela, meu coração batendo mais rápido quando avistei papai na porta, usando um terno preto e gravata azul clara. Seu rosto estava marcado pela tristeza. Atrás dele estavam Remo e Nino.

— Katinka? — O nome que ele sempre usou para mim parecia errado. Ele soou diferente. Parecia diferente. Eu não conhecia mais a garota a quem ele pertencia. Eu não era ela.

Papai se aproximou. Ele me olhava de forma diferente também, como se achasse que eu tinha medo dele. Mamãe disse que papai era um homem mau, que machucava as pessoas, as matava, que acabaria fazendo o mesmo com ela e comigo. Mas papai nunca me machucou, não como os homens que mamãe levava para casa, então eu era legal com eles.

Deixei cair o controle remoto no chão e corri em direção a ele. O ar escapou de meus pulmões enquanto me jogava contra ele. Ele ainda usava a mesma Colônia que eu me lembrava e suas roupas cheiravam levemente a charutos. Ele enrijeceu e não me abraçou de volta. — Eu fui ruim, — arfei, esperando que admitir isso faria papai me perdoar.

— Katinka, não, — ele murmurou e então seus braços me envolveram firmemente e ele me levantou do chão, me segurando contra ele. Enterrei meu rosto em sua garganta. Tive vontade de chorar, mas parei de chorar há um tempo. Agora não podia mais fazer isso, não importa quão triste estivesse. Ele segurou minha nuca e me balançou como fazia quando eu era bem pequena.

Ele não sabia o que eu tinha feito. Se soubesse, ficaria louco. Mamãe me disse várias vezes que papai ficaria com raiva de mim, não apenas dela. Ele acharia que eu era suja e ruim pelo que fazia.

Ele se virou comigo em seus braços e me carregou para fora do bar. Um carro preto com os homens de papai esperava na frente. Antes de seguir em direção a eles, ele se virou para Remo, que nos acompanhava. — É melhor você cumprir sua promessa, — papai disse em uma voz que continha violência.

Remo sorriu. Os homens nunca sorriam quando papai usava essa voz. — Não fiz uma promessa a você, Grigory. Essa promessa é para Ekaterina.

Olhei para ele, me perguntando do que ele estava falando.

Papai balançou a cabeça. — Minha filha nunca mais pisará em Vegas novamente. Vou me certificar disso. Eventualmente, você terá que me deixar completar minha vingança.

— Vingue-se daquela escória no seu porta-malas. O resto terá que esperar por ela.

— Ela nunca mais será tocada pela violência ou escuridão novamente, Falcone. Vou protegê-la até meu último suspiro.

— Você não pode protegê-la de algo que está apodrecendo dentro dela. Diga a ela o que espera por ela. Que seja a escolha dela.

Papai não disse nada, apenas me segurou com mais força. Ele se virou e foi em direção ao carro. Os homens de papai não olharam para mim. Eles sempre tentavam me fazer rir no passado. Me curvei no banco de trás e papai sentou ao meu lado, ajudando-me a colocar o cinto de segurança antes de passar um braço a minha volta. Ele me lançou um olhar que me lembrou da única vez que quebrei minha boneca de porcelana favorita. Nossa governanta a consertou, mas depois disso ela ficou muito frágil para eu tirá-la da estante novamente. Eventualmente, não conseguia mais olhar para ela porque, quando o fazia, era lembrada que não podia brincar com ela. Isso me deixava triste.

— O que aconteceu com a mamãe?

— Ela está morta e os homens que te machucaram também.

Abaixei minha cabeça. Ele sabia.

— Eu sinto muito.

— Não se desculpe, Katinka. Nunca mais te perderei de vista. Nada te

tocará novamente. — Ele beijou minha cabeça. — Em breve estaremos em casa e tudo será como antes. Você vai esquecer o que aconteceu.

Nunca esqueci. E as coisas não voltaram a ser como costumavam ser. Me tornei a frágil boneca de porcelana. Agora, de volta a minha casa em Chicago para uma breve visita entre as corridas, me sentia assim ainda mais.

Corri meus dedos sobre a borda da prateleira que continha meus ovos Fabergé. Havia vinte e um deles. Papai comprou um pelo meu aniversário todos os anos, mesmo quando mamãe me levou com ela. Ele me deu aquele ovo no dia em que voltei para casa e eu o coloquei na minha prateleira com todos os outros. Tudo estava como eu me lembrava. Só eu tinha mudado. Cercada pela beleza do meu passado, me sentia deslocada, como uma intrusa em uma vida que não me pertencia mais.

— Katinka, — testei a palavra. Eu ainda parecia estar falando sobre outra pessoa. Tolstoi, nosso gato, um lindo Russian Blue, roçou minha panturrilha, talvez sentindo minha angústia. Afaguei sua cabeça, fazendo-o ronronar.

Papai tentou me fazer esquecer, voltou para a Rússia comigo por um tempo, achando que poderíamos deixar os horrores para trás, mas eles me seguiram.

Eventualmente, ele também percebeu que eu não me tornaria a Katinka que já fui. Cada vez que ele olhava para mim com piedade ou tristeza em seus olhos, eu também era lembrada. Agora ele não me olhava mais desse jeito. Eu era mais forte do que costumava ser. Não precisava da piedade de ninguém.

Me perguntei se Adamo também me olharia de forma diferente, depois que descobrisse o que havia acontecido.

DOZE

Adamo

Minha viagem de volta a Las Vegas foi acompanhada por uma sensação de mau presságio. O passado de Dinara obviamente continha horrores. Possivelmente criado por meus irmãos. Ela estava preocupada que eu a visse sob uma luz diferente assim que descobrisse, mas eu me preocupava que velhos ressentimentos pelos meus irmãos, especialmente Remo, se abrissem. Remo tinha feito muito para que eu perdesse minha lealdade, mas talvez a verdade destruísse nosso relacionamento ou, pelo menos, voltasse à tolerância relutante que sentia por ele na minha adolescência.

Enviei a Remo e Nino uma mensagem de que os visitaria novamente neste fim de semana antes de sair do acampamento, mas não o motivo. Talvez Remo tivesse uma ideia. Suas mensagens nas últimas semanas revelavam suas suspeitas sobre o meu relacionamento com Dinara. Meu irmão sempre teve uma espécie de sexto sentido quando se tratava de farejar os segredos das pessoas.

Dirigi em direção ao Sugar Trap porque Remo tinha me pedido para encontrar a ele e Nino lá. Normalmente evitava aquele lugar porque cheirava a desespero demais para o meu gosto. O fato de Remo considerá-lo o melhor lugar para discutir o que quer que suspeitasse sobre a minha visita não era um bom presságio. Entrar na luz sombria do corredor do prostíbulo sempre me dava a sensação de estar entrando em uma espécie de limbo.

O corredor se abria para uma área de um bar de veludo vermelho e laca preta, o que só intensificava a vibração infernal do lugar. Havia postes e cabines com cortinas de veludo e várias portas que se ramificavam da sala principal para onde as prostitutas levavam seus clientes para privacidade. Outro longo corredor, também em vermelho e preto, levava ao escritório de Remo.

Quando entrei na longa sala sem janelas, os olhos de Remo disseram que ele sabia por que estava aqui. Nino estava sentado no sofá, me olhando com uma pitada de desaprovação. Ele achava que eu estava procurando uma briga com Remo, mas não era o caso. Mas, ao contrário de Nino, eu tinha uma consciência e às vezes ela entrava em conflito com a crueldade de Remo.

— Suas visitas estão se tornando mais frequentes de novo, mas esta não é uma simples reunião de família, é, Adamo? — Remo perguntou, os braços cruzados na frente de seu peito largo. Ele estava com roupas de ginástica, provavelmente porque chutou o inferno no saco de pancadas pendurado no teto entre sua mesa e o sofá. Seus olhos escuros exibiam uma pitada de suspeita. Talvez fosse minha própria emoção refletida de volta para mim.

— Como vão as coisas com Dinara? — Nino perguntou calmamente, tentando ser a presença desescaladora, mas acidentalmente cutucando a colmeia.

Estreitei meus olhos. — Ela ainda faz parte das corridas e temos conversado com frequência nas últimas semanas. — Não era mentira, mas certamente também não era verdade.

O sorriso afetado de Remo me disse que ele sabia. Mão me importava. Ele não disse que eu deveria ficar longe de Dinara e, mesmo que tivesse dito, não teria dado ouvidos. Sua proximidade me chamava muito alto. Ir para a cama com o inimigo era algo que ele e eu tínhamos em comum.

— Você quer respostas sobre Dinara. Respostas que ela não está disposta a lhe dar.

— Respostas que ela não pode me dar. Parece que você é o único que sabe todos os aspectos do passado dela. Você e Nino. — Balancei a cabeça para Nino, que mantinha sua expressão de sempre, não que eu esperasse que ele mostrasse qualquer tipo de reação. Sua esposa Kiara e seus filhos eram a aposta mais segura para arrancar alguma emoção dele. Antes de seu casamento com Kiara, todos estávamos convencidos de que ele não era capaz de sentir nada. — Dinara me falou que quer que você me diga a verdade.

— Ela quer? Espero que você a tenha lembrado de que não recebo ordens,

nem preciso de permissão. Manter seus segredos não é apenas por causa dela.

— Isso foi o que pensei. Se você acha que o que me disser vai me chocar ou me fazer ressentir por suas ações, está esquecendo que te conheço, Remo. Eu conheço cada ato desprezível que você cometeu. Nada poderia me chocar quando se trata de você.

O rosto de Remo ficou duro. — Nino, por que você não reúne as informações que Adamo quer.

Nino se levantou sem dizer uma palavra e foi até o computador sobre a mesa. Ele lançou a Remo um olhar de advertência. Talvez o segredo protegesse os dois.

— O que você acha que vai descobrir hoje? — Perguntou Remo.

— Dinara passou por alguma merda no passado. Algo a ver com Grigory e você. A mãe dela tentou fugir com ela, mas você as pegou e entregou Dinara de volta ao pai dela. Você manteve Eden para si mesmo por qualquer motivo torcido. Então, talvez Eden e Dinara tenham feito algo em nosso território que o irritou. Nós dois sabemos que você era ainda mais psicótico naquela época do que é agora. — Lembrei-me dos dias em que Remo e Nino lutaram por Vegas, quando sangue e violência brilhavam em seus rostos quando voltavam para casa de seus ataques noturnos.

— Eu estava puto pra caralho na hora. Grigory também, — disse Remo. — Me pergunto se você acha que Dinara precisa do seu apoio contra mim, se lhe daria se ela pedisse?

— Você está testando minha lealdade?

— Eu devo?

Nino fez um pequeno som de impaciência. — Nenhuma lealdade precisa ser testada.

— Ele tem razão. Sou leal à nossa família e à Camorra. — Levantei meu braço com a tatuagem da Camorra desfigurada. — Mas não significa que isso me impedirá de bater de frente com você se estiver causando mal a Dinara.

— Vejo que ela te pegou, — disse Remo com uma risada sombria.

— Pronto, — disse Nino, erguendo os olhos da tela do computador. Remo deu um aceno brusco antes de se virar para mim novamente.

— Talvez um dia você pare de suspeitar do pior quando se trata de mim. — Remo me deu um sorriso severo. — Não sou um bom homem, mas o que quer que pense sobre Eden e Dinara, está errado. — Ele acenou com a cabeça para Nino, então ele se virou e saiu.

Fiz uma careta para a porta fechada. Achei que Remo ficaria para ver minha reação, para avaliar minha lealdade, mesmo que tivesse dito que não era um teste.

Nino ergueu um pen drive e apontou para o laptop na mesa em frente ao sofá. — Pode ser melhor você se sentar.

— Posso lidar com isso. — Já tinha visto morte e tortura o suficiente em minha vida para ser endurecido pelo que quer que estivesse esperando neste pendrive. Peguei o dispositivo de sua mão e coloquei no laptop, querendo acabar com isso.

Nino não saiu. Ele se encostou na parede atrás de mim.

A princípio, não sabia o que estava acontecendo na tela. A câmera estava direcionada para uma cama em um quarto vazio. Este era um vídeo de como Eden começou a trabalhar para a Camorra? Ou pior, o vídeo do primeiro encontro de Remo com a mulher? Realmente não estava feliz em vê-lo transar com a mãe de Dinara, mas isso explicaria por que ele saiu da sala.

Então, uma garota com uma camisola branca apareceu, definitivamente não era uma mulher adulta. Uma olhada em seu rosto e seu cabelo ruivo e sabia que era uma jovem Dinara, talvez com oito ou nove anos de idade. Um cara gordo, apenas de cueca, com uma máscara cobrindo a maior parte do rosto a seguiu e meu estômago revirou, temendo o que viria a seguir. A garota balançou a cabeça freneticamente. Não conseguia nem pensar nela como Dinara. Então uma mulher apareceu, o mesmo cabelo ruivo e traços remotamente familiares. Eden. Ela falou com Dinara e depois desapareceu de vista novamente.

Não tinha certeza do que exatamente esperava. Mas não era isso. Meu

coração batia freneticamente, meu peito apertando enquanto continuava assistindo. A bile subiu pela minha garganta. Não tinha certeza de quanto tempo consegui assistir ao horror diante de mim. Logo a náusea lutou contra a raiva absoluta em meu corpo.

Peguei o laptop e joguei contra a parede, quebrando-o. A tela finalmente ficou preta e os sons horríveis morreram. Minha respiração estava difícil, como se tivesse corrido ou lutado uma batalha, e o aumento da adrenalina indicava o mesmo. Mas ainda estava sentado no mesmo lugar no sofá. Meus dedos cravaram em minhas coxas, tremendo com o desejo de raiva e destruição.

— Remo e eu descobrimos que a Bratva estava procurando a esposa de Grigory. Recebemos uma denúncia de que ela estava na cidade, então fomos procurá-la, na esperança de chantageá-los. O que encontramos não era o que esperávamos. Eden e seu namorado produziam esse tipo de vídeo com sua filha e os vendiam na Darknet. Informamos Grigory e devolvemos sua filha para ele.

Olhei fixamente para a tela destruída. Não era o suficiente. A necessidade de destruir mais, de quebrar e ferir era quase impossível de suprimir. Um desejo familiar, que senti ocasionalmente ao longo dos anos - nunca tão potente, tão intenso, no entanto - e sempre ignorei. Eu mal assisti a três minutos do vídeo, e tive que desligá-lo antes que realmente começasse, incapaz de ver os horrores que Dinara havia vivido. Ela não era capaz de detê-los. Eu imaginei tantos horrores, mas nada chegou perto do que assisti.

— Sempre me perguntei se algum dia veria esse brilho em seus olhos.

Arrastei meu olhar em direção a Nino, meu sangue correndo em meus ouvidos e o pulso latejando em minhas têmporas. — Que brilho? — Mal reconheci minha voz. Estava misturada com veneno, não dirigido ao meu irmão.

Nino olhou brevemente para Remo, que devia ter entrado enquanto eu estava absorto nos horrores na tela, antes de dizer, — Um brilho que normalmente só vejo nos olhos de Remo. A fome de sangue e violência. A necessidade de morte e destruição. Quando bebê e criança, você se parecia muito com Remo. E de vez em quando um temperamento semelhante transparecia.

Tinha visto fotos da minha juventude e Nino estava certo. Quanto mais velho ficava, mais tentava ser diferente dos meus irmãos, especialmente Remo. Em nosso período de internato na Inglaterra, tive o primeiro vislumbre de pessoas normais, de seus valores e da dinâmica familiar, e logo esses se tornaram os objetivos que queria alcançar. Tinha sede de normalidade, mesmo quando minha própria natureza frequentemente clamava por outra direção. Queria ser melhor, queria perdoar em vez de vingar, simpatizar em vez de condenar. Podia sentir compaixão ao contrário de Nino e até mesmo de Remo. Isso fez meu desejo de atormentar os outros - mesmo que merecessem - muito pior.

— Acho que é o sangue Falcone, certo? — Falei baixinho.

— Pode ser maldição ou bênção, dependendo do seu ponto de vista, — Remo disse com um sorriso torto. Ele levantou uma pilha de CDs e os estendeu para mim. — Nós confiscamos estes quando encontramos Eden e sua filha.

Fiquei de pé e, por um momento, temi que minhas pernas cedessem, então fui até ele e os peguei. Encontrei o olhar do meu irmão. — Você acabou com isso.

— Claro, — disse Remo. — Nino matou o idiota nojento que vimos na frente da câmera com Dinara, e entreguei o namorado de Eden a Grigory para que ele pudesse se vingar, pelo que ele estava desesperadamente sedento.

Balancei a cabeça entorpecido. — Por que você não entregou Eden a ele? Ela merecia a morte depois do que fez à filha.

A boca de Remo torceu-se cruelmente. — Ela merece pior do que isso. Mas seja o que for, não cabe a você, eu ou Grigory decidir.

Lentamente, comecei a entender. A lógica confusa de Remo estava fora, influenciada por nossos próprios problemas com a mãe. Observei com pavor a pilha de CDs em minhas mãos, sabendo que cada um deles representava um momento doloroso no passado de Dinara, horrores que explicavam muito, mas não tudo. Não como aquela garota na tela conseguiu crescer e se tornar a mulher forte com quem gostava de passar o tempo. — Então, todos eles mostram Dinara com diferentes abusadores?

— Sim, — disse Nino. — Alguns estão em mais de uma gravação. Há dez caras no total e uma mulher.

Meus lábios se torceram de desgosto. Foi difícil controlar minhas emoções. No passado, o desejo de alívio em forma de drogas teria me oprimido em uma situação como essa, mas agora a única coisa que meu corpo exigia era sangue. Muito disso e tão brutalmente derramado quanto possível. Não tinha certeza se conseguiria reprimir dessa vez - se quisesse tentar. — Os abusadores dela, você os matou também?

— Seis homens e a mulher ainda estão vivos, — disse Nino. — Nós apenas nos certificamos de que mantivessem suas mãos para si mesmos.

— Por que você não os matou? — Mas eu sabia. Pelo mesmo motivo que Remo não matou Eden e também não permitiu que Grigory o fizesse, porque não era direito deles.

— Diga a Dinara, — disse Remo. — Sabemos o nome de cada pessoa nas gravações e onde estão. Se ela quiser, daremos a ela.

— A mim não, — falei ironicamente. E porra, eu entendi. Pela primeira vez, a lógica psicológica distorcida de Remo fez sentido para mim em toda a sua enormidade brutal. Se ele me desse os endereços, faria uma visita a cada um desses filhos da puta e os torturaria até a morte. Querer ser melhor que meus irmãos? Que minha natureza?

Impossível.

— E se Dinara quiser falar com você?

— Então ela pode falar comigo pessoalmente. Sem ligações.

Estreitei meus olhos. — Dinara estará segura em Vegas. — As palavras não saíram como uma pergunta como eu pretendia, mais como uma declaração em um tom ameaçador.

Remo inclinou a cabeça. — Se eu quisesse machucá-la, teria feito nos meses desde que ela começou a correr em nosso território. Vou culpar suas emoções pelo seu desrespeito a garota.

— O que você vai fazer agora? — Perguntou Nino.

Engoli meu primeiro impulso de jurar vingança e entrar em fúria imediatamente. — O que quer que Dinara precise que eu faça.

Remo encontrou meu olhar e acenou com a cabeça. — O que ela precisa te levará por um caminho que você jurou nunca trilhar. É um caminho que todos nós, Falcones, conhecemos bem. Está pavimentado com sangue e morte e, uma vez que o percorra, nenhum outro caminho será suficiente.

Não neguei porque o chamado dos meus demônios internos exigindo sangue e dor era mais forte do que meus desejos por drogas jamais foram. Eles prometiam ser ainda mais recompensadores e eu estava ansioso para acreditar neles. Evitei torturas e assassinatos por uma razão. Gostava muito disso. A culpa chegava mais tarde, enquanto eu lamentava pela pessoa que deveria ter sido.

Não importa o quanto eu quisesse ser diferente de Remo, às vezes achava que era mais parecido com ele do que qualquer um dos meus irmãos. Nino torturava porque era eficaz em intimidação e punição, bem como um desafio científico para prolongar a morte de uma vítima enquanto causava o dano máximo. Sávio torturava porque era um mal necessário nos nossos negócios. Remo torturava porque gostava, porque para ele estava ligado a pura emoção... e para mim era a mesma coisa.

— Por que você não passa a noite na mansão? Podemos jantar juntos e você terá tempo para deixar as coisas se acalmarem, para se acalmar, — disse Nino em sua fala arrastada.

Concordei. Dinara também não estaria de volta ao acampamento, mas mesmo se estivesse, eu precisava de outro dia para vê-la como a mulher que conheci e não a garota assustada. Talvez uma noite não fosse suficiente para isso. — Preciso falar com Kiara de qualquer maneira.

Nino assentiu. Kiara havia sido abusada por seu tio quando era criança, embora alguns anos mais velha que Dinara, e talvez ela pudesse lançar alguma luz sobre os sentimentos de Dinara.

De volta à solidão do meu carro, os breves vislumbres do passado de Dinara apareceram.

Pensei em Eden como uma vítima da crueldade de Grigory e Remo. Um homem desprezado por sua mulher e outro com ódio pela maioria das mulheres. Parecia a explicação lógica.

Quando a mansão apareceu na frente do meu para-brisa, dei um suspiro de alívio. Pela primeira vez em muito tempo, estava desesperado pela atmosfera caótica da minha casa, por sua natureza perturbadora. Não queria ficar sozinho com meus pensamentos.

No momento em que entrei, as crianças se aglomeraram ao meu redor, falando todas ao mesmo tempo, ansiosas para me contar sobre suas aventuras e ouvir minhas histórias das últimas corridas. Remo e Nino já estavam na área comum, sentados à longa mesa de jantar com suas esposas. Nem Fabiano e Leona, nem Gemma e Savio estavam presentes. Talvez tivessem saído.

Kiara estava ouvindo algo que Nino dizia, então seu olhar cortou para mim e ela sorriu gentilmente. Fina se levantou e me abraçou brevemente, seus olhos azuis penetrantes verificando meu rosto. Acho que estava imaginando como eu lidaria com isso. — Você não vai perder a cabeça de novo? — Ela sussurrou.

Sorri ironicamente, lembrando da minha maneira adolescente de lidar com situações difíceis. — Não sou mais um menino.

— Você não é, — ela concordou e deu um passo para trás abrindo espaço para Kiara enquanto conduzia as crianças até a mesa.

— Por que não me ajuda a pegar a comida da cozinha? — Kiara perguntou.

Balancei a cabeça e a segui pelo longo corredor até a vasta cozinha. No passado, quando éramos apenas meus irmãos e eu, e nossa alimentação consistia principalmente em pizza para viagem, o ambiente parecia uma perda de espaço. Isso mudou desde que nossa família se expandiu e as mulheres, que ocasionalmente desfrutavam de opções saudáveis, se juntaram a nós.

Quando arrisquei uma espiada no forno, ri secamente.

As sobrancelhas de Kiara se ergueram. — O que há de errado? Está queimado? — Ela passou correndo por mim e abriu o forno para verificar sua

caçarola.

— Não — disse. — É que recentemente falei a Dinara sobre seu macarrão com queijo, depois que ela provou o prato pela primeira vez enlatado.

Kiara fechou o forno e o desligou, mas não fez nenhum movimento para remover a caçarola. Em vez disso, ela se encostou no balcão da cozinha com uma expressão levemente surpresa. — Você contou a ela sobre nossa família?

Dei de ombros. — Fragmentos. Não muito. Mas prometi a ela que seu macarrão com queijo a convenceria do prato.

Kiara tentou reprimir um sorriso, mas falhou. — Vocês dois passam muito tempo juntos. Deve ser sério, se está considerando apresentá-la a nós.

De repente, me senti sob um holofote. Encostei-me no balcão ao lado de Kiara, mas não olhei para ela diretamente. — Não somos sérios. Não definimos o que temos. É mais uma situação de amigos com benefícios.

— Como era com o CJ? Ou você ainda está saindo com ela também? — Kiara perguntou sem um pingo de julgamento em sua voz. Isso era o que eu apreciava nela. Ela não julgava as pessoas. Ela ouvia e tentava entender.

— Não, terminei com ela antes de começar algo com Dinara. — Fiz uma pausa, considerando meu tempo com CJ em comparação com o que tinha com Dinara agora. Parecia diferente. Queria que fosse diferente. Com CJ eu nunca havia considerado um futuro, nunca quis passar todos os momentos acordados com ela, mas com Dinara...

Kiara tocou meu braço. — A expressão em seu rosto me diz que é mais do que apenas amigos com benefícios.

Eu ri. — Considerando o motivo pelo qual Dinara me procurou em primeiro lugar e o que sei agora, não tenho certeza se ela concordaria com sua avaliação.

— Você acha que ela está contigo para descobrir a verdade sobre o passado dela e entrar em contato com a mãe? — A sugestão de proteção em seu tom provocou um sorriso em mim. Kiara tentava proteger todos os membros da família.

— Ela não sabia que sua mãe estava viva quando se juntou às corridas, mas definitivamente esperava conseguir informações através de mim, — disse. — Mas não acho que seja por isso que ela passa todas as noites comigo. Ela e eu compartilhamos uma história com drogas. É como se estivéssemos conectados em um nível profundo e inexplicável.

Balancei a cabeça com uma careta. — Porra, pareço um maldito horóscopo.

— Você está apaixonado — Kiara disse, seus olhos brilhando com diversão.

Meus sinos de alarme tocaram. Apaixonar-me foi algo que tentei evitar desde que Harper partiu meu coração estúpido e ingênuo de adolescente. Ferir meus sentimentos não era tão fácil agora. Ninguém chegava perto o suficiente para sequer tentar.

— Não sei. Mas mesmo seja o caso, Dinara é uma princesa da Bratva. Seu pai é nosso inimigo. Duvido que Grigory ou Remo estejam interessados em uma trégua. E depois da coisa com a família de Gemma, seria uma tempestade de merda na Camorra se Remo tentasse estabelecer uma trégua.

Kiara acenou com a cabeça lentamente, sua expressão simpática. Ela tocou meu braço. — Não é como se Remo se importasse com a opinião das outras pessoas. Se ele acha que uma trégua com o Bratva é uma vantagem tática, ele o fará. Tempestade de merda ou não. — Ela enrubesceu.

Sempre era engraçado ver Kiara dizer palavrões. Era óbvio que ela se sentia desconfortável em usá-los. — E você sabe que ele faria quase tudo por você, Adamo.

Suspirei. — Sim, eu sei. — Remo era um homem de família. Ele daria sua vida por qualquer um de nós. Mas eu estava me adiantando. Dinara e eu ainda não estávamos namorando de verdade. Não tinha certeza do que ela queria, agora menos do que nunca. — Nino lhe contou sobre o passado de Dinara? — Perguntei com cuidado. Estava preocupado em fazer uma ponte sobre o assunto de abuso sexual com Kiara, relutante em abrir velhas feridas para ela. Ainda me

lembrava de como ela era submissa e temerosa quando se juntou à nossa família, e fiquei furioso ao pensar nos horrores aos quais ela e Dinara haviam sido submetidas.

— Ele mencionou isso, sim, e me disse que você descobriu hoje.

— Vi alguns minutos de uma das gravações o que aqueles pervertidos nojentos fizeram dela. — Engoli em seco, meu pulso começando a bater selvagemente de novo. Falar com Kiara tinha me acalmado, mas agora a fúria de antes mostrou sua cabeça feia novamente. — Remo me deu os CDs com as gravações. Ele me disse que tem os nomes de todos os envolvidos. Ele quer os entregue a Dinara.

Kiara não pareceu surpresa. No passado, essa conversa teria causado uma tremenda ansiedade, mas agora sua única reação foi uma tensão sutil em seu corpo e os dedos massageando o pano de prato. — Remo tem sua própria maneira de pensar.

— Acho que ele quer que Dinara se vingue. Para ele, é natural que ela queira ver seus agressores mortos, até mesmo sua mãe. — Eu não tinha certeza do que sentia sobre isso. Por um lado, a perspectiva de vingança me empolgava, mas, por outro, estava preocupado com as consequências para Dinara.

— E o que Dinara quer?

— Não tenho ideia. Ela não me disse. Ela queria saber a verdade. Depois que ela a tiver, não sei o que fará com isso. Talvez peça ao pai para se vingar.

— Parece que você quer que ela te peça, em vez disso — disse Kiara com curiosidade.

Ela estava certa, não havia como negar. Se o desejo de Dinara era se vingar das pessoas que a machucaram, queria que ela pedisse a mim e não ao seu pai, ou a Dima. O pior era que não era só porque queria ajudar Dinara, uma pequena parte de mim também ansiava por um motivo para derramar sangue. — O que você acha que ela quer? Você provavelmente é a única de todos nós que a entende.

Kiara não disse nada a princípio, seus olhos distantes como se minhas

palavras a tivessem levado para muitos anos atrás. Em vez de responder, ela abriu o forno e tirou a caçarola, obviamente pesando suas palavras pela expressão tensa em seu rosto. — Nem todo mundo consegue lidar com o trauma se vingando de seus agressores. Parece lógico, talvez seja simplesmente a escolha de seus irmãos e até o seu ponto de vista, mas algumas pessoas buscam a reconciliação e uma conversa esclarecedora sobre a violência. O que Dinara precisa e deseja é impossível dizer sem conhecê-la.

Conhecia Dinara, ou pelo menos, sabia tanto quanto ela tinha me permitido ver até agora, mas não tinha certeza de seus motivos. Ela era uma garota durona, então a vingança não parecia completamente fora de questão. — E você, Kiara? Nino matou seu tio da maneira mais cruel possível. Ele se vingou por você. Você queria ser vingada? Ou teria preferido fazer as pazes com seu agressor?

O rosto de Kiara franziu de dor e seu sorriso ficou um pouco mais trêmulo. Esses pequenos sinais me mostraram que mesmo depois de todos esses anos, os acontecimentos ainda a assombravam. Talvez fosse impossível superar algo tão horrível definitivamente. Fiquei deprimido ao pensar que Dinara carregaria o peso de seu passado sobre os ombros para sempre. — Nunca poderia perdoá-lo. Precisava que ele desaparecesse, mas nunca poderia ter feito isso. Acho que nem mesmo pediria, se Nino não tivesse decidido. Ele tirou a decisão, o peso dela, das minhas mãos. Talvez pudesse ter salvado meu tio de seu destino, mas não queria. Se ele tivesse vivido, sempre temeria que ele viesse atrás de mim novamente, mesmo se Nino me protegesse. Para encontrar paz, precisava da sua morte.

— Então, você é grata a Nino por matar seu tio do jeito que matou.

— Eu sou, tanto a Nino quanto a Remo. Quando descobri que ele havia partido, senti alívio. Nunca me senti culpada por isso. Foi um passo necessário para que eu me curasse.

— Você acha que Dinara queria que eu descobrisse a verdade para me vingar por ela?

— Não sei. Ela não é indefesa como eu era naquela época. Ela tem o pai e

seus homens como apoio. Pelo que Nino disse, o pai dela sabe o que aconteceu, então Dinara não se preocupa em manter segredo. Ela poderia pedir ao pai para matar seus agressores, e ele faria isso, certo?

— Ele faria isso, sem dúvida, mas arriscaria a ira e retaliação de Remo se derramasse sangue no território da Camorra.

— Remo quer que a vingança aconteça.

— Quer que aconteça do jeito que ele quer, e acho que para ele só há uma pessoa que deve derramar sangue, Dinara. Se eu matasse todos por Dinara, Remo não faria nada comigo. Sou irmão dele. Ele ficaria chateado, mas seria tudo. Talvez Dinara suspeite disso. Ou talvez prefira arriscar minha vida do que a de seu pai ou Dima.

— Você acha que ela te usaria assim? Para fazer o que ela e o pai não podem fazer?

— Isso explicaria a permissão dele para que ela corra em nosso território.

Kiara me encarou com preocupação em seus olhos castanhos. Ela deixou escapar um pequeno suspiro. — Acho que só há uma maneira de descobrir. Fale com ela. Enganar o parceiro não é um bom começo para um relacionamento.

Isso foi algo que aprendi da maneira mais difícil com minha primeira namorada, Harper. Eu havia superado o profundo sentimento de traição e não era mais o adolescente instável da época, mas se vingança pelas minhas mãos era o plano de Dinara desde o início, definitivamente deixaria seus rastros. Mesmo assim, por algum motivo, não conseguia imaginar Dinara me enganando assim. Ela ficou honestamente chocada por sua mãe estar viva e não sabia da existência das gravações ou que meus irmãos haviam recolhido os nomes e endereços de seus agressores. Mesmo que a vingança estivesse em sua mente, só poderia ser em um conceito abstrato.

Kiara sorriu. — Fale com ela. Diga-lhe o que sabe e veja como ela reage, então ainda pode decidir se deseja interromper o contato com ela.

Concordei. — Dinara estava preocupada que a eu tratasse de forma diferente depois de saber. Agora estou pensando, como posso não fazer isso com

o que sei agora? Ela passou por uma merda horrível que deve ter deixado cicatrizes profundas.

— Definitivamente, mas quando você a conheceu, essas cicatrizes já faziam parte dela. Ela não mudou. Ela ainda é a mesma garota que você conheceu.

Fiz um gesto para a fumegante caçarola de macarrão com queijo. — Se não levarmos a comida para a mesa logo, temo que o bando faminto venha nos devorar.

Kiara apertou meu antebraço brevemente antes de pegar uma tigela com salada. Carreguei a caçarola e tentei desfrutar de uma noite caótica com minha família, mesmo que minha mente continuasse girando com uma miríade de pensamentos. Não queria nada mais do que segurar Dinara em meus braços novamente, mesmo que parte de mim temesse esse encontro.

TREZE

Adamo

A viagem de carro de Las Vegas de volta ao acampamento pareceu durar uma eternidade. Era difícil se concentrar na estrada, em qualquer coisa, exceto nas imagens horríveis que vi. Elas assombraram minha noite. Não pude evitar me perguntar o quanto isso seria pior para Dinara. Ocasionalmente, compartilhávamos uma barraca e seu sono muitas vezes era interrompido por resmungos ininteligíveis. Sempre que lhe perguntava com o que havia sonhado, ela evitava responder.

Era incrivelmente difícil ligar aquela garota indefesa e encolhida com a mulher feroz e confiante com quem passava tanto tempo. Eu esperava uma história triste, mas não esta. Mesmo uma noite de sono não conseguiu acalmar a onda de emoções em meu corpo.

Quando nos vimos pela última vez, dois dias atrás, antes de ela partir para Chicago e eu dirigir para Las Vegas, ela estava preocupada que eu a visse sob uma luz diferente, uma vez que soubesse sobre seu passado. Achei que ela estava exagerando. Estava confiante de que nada poderia mudar minha opinião sobre ela. Agora, não tinha certeza.

A reação de Dinara no carro quando deitei em cima dela, sua necessidade de manter o controle de seu corpo o tempo todo. Tudo fazia sentido agora. Mesmo antes de saber a verdade, a considerava forte, agora sua força parecia quase desumana.

Quando as primeiras tendas do acampamento apareceram, meu peito apertou. Eu estava nervoso pra caralho sobre vê-la novamente, sobre fazer o que prometi não fazer, sobre vê-la sob uma nova luz. E não apenas isso, um pequeno fio de dúvida sobre seus motivos permanecia. Talvez ela ficasse desapontada por

eu voltar sem ter matado sua mãe e todos os outros.

Uma rápida varredura revelou o Toyota de Dinara bem no limite, no lado oeste do acampamento. Dirigi meu carro naquela direção.

No momento em que me viu, Dinara veio em minha direção de onde estava conversando com uma das garotas do box. Este era o momento da verdade.

Dinara

Estava esperando ansiosamente o retorno de Adamo de Vegas, me perguntando se Remo havia revelado meu passado para ele. Parte de mim queria que ele soubesse, porque tornaria as coisas mais fáceis. Adamo poderia estar mais disposto a ajudar se soubesse por que eu estava fazendo o que fiz. Por outro lado, gostava do nosso tempo juntos, o sexo e conversas, a maneira como ele me tratava como se fosse sua igual. Ele não me considerava frágil. Eu provei minha força para ele. Mas uma vez que ele soubesse sobre meu passado, nada disso importaria.

As pessoas só viam esse aspecto de mim quando descobriam, como se fosse tudo o que me definisse. A criança molestada. A garota estuprada. Era uma grande parte de mim, sem dúvida, e me assombrava até hoje, mas eu não queria um tratamento especial por causa disso. Queria ser tratada como qualquer outra pessoa, não alguém quebrável, vulnerável ou danificada. Eu não era nenhuma dessas coisas.

No momento em que o carro de Adamo parou no acampamento, pedi licença a Kate, a garota com a voz de anjo, que também era uma cozinheira incrível, e fui em direção a ele. Meu pulso disparou quando Adamo saiu. Um olhar dele, e eu sabia que Remo tinha lhe contado o suficiente. Como esperado, isso mudou a maneira como Adamo me olhava. Não era só Dinara, princesa da Bratva e piloto de corridas. Era a pobre menina de antes.

Dei fiz meia-volta e voltei para o meu carro, sem humor para esse tipo de confronto. Eu estava com raiva, mas por baixo disso, estava com medo, com medo de perder a conexão que Adamo e eu tínhamos desenvolvido, nossas interações fáceis. Era uma das razões pelas quais adorava fazer parte do acampamento de corrida. Ninguém sabia quem fui antes, o que havia acontecido. Em Chicago, todo mundo sabia sobre isso e, apesar dos anos que passaram, ainda costumava se manifestar na maneira como me olhavam e me tratavam. Como eu deveria deixar o passado para trás, se as outras pessoas não conseguiam fazer isso?

Estava com tanto medo das pessoas aqui me olharem da mesma forma, de Adamo me olhar dessa forma. Essa foi uma das razões pelas quais Dima e eu não demos certo, porque nosso relacionamento estava condenado desde o início. O que o fez parecer uma escolha segura para um relacionamento no início foi o prego em nosso caixão.

Logo alguns passos me seguiram, e meu coração bateu mais rápido.

Odiava sentir medo. Isso me lembrava daquela garota com a qual Adamo agora me confundia. Não queria ser ela novamente.

— Dinara! — Adamo chamou e finalmente me alcançou no carro.

Me virei para ele e olhei em seus olhos, esperando que ele dissesse algo, mas ao mesmo tempo com medo do que seria. Adamo tocou meu ombro. Mesmo esse simples toque parecia mais hesitante do que qualquer um de nossos toques no passado.

Adamo me observou sem dizer uma palavra. Ele não precisava. Seus olhos falavam uma linguagem clara - a língua da piedade. Eu odiava isso mais que tudo. — Então Remo te contou tudo?

Eu tinha dado o ok para Adamo, tinha dado o ok para Remo, mas talvez uma parte estúpida de mim esperava que Adamo deixasse para lá. Foi uma idiotice. Eventualmente, ele descobriria. Era inevitável se eu quisesse seguir em frente com meu plano.

Adamo passou a mão pelo cabelo e desviou o olhar. Uma miríade de

emoções nadava em seus olhos. — Sim, não tudo, mas o suficiente.

Ele não estava dizendo a verdade. Houve um momento de hesitação antes de ele responder.

Me afastei do carro. — Não faça isso. Não minta para mim para me proteger.

Eu estava tão cansada de gente fazendo isso. Merecia a dura verdade, mesmo que esmagasse meu coração. Adamo enfiou as mãos nos bolsos. Sua expressão cheia de compaixão. E eu não aguentei. — O que ele te disse exatamente? — Fervi, com muita raiva, mas ao mesmo tempo explodindo em desespero. Tudo por causa de Adamo, pela maneira como ele poderia me tratar no futuro. Nunca senti nada parecido com Dima, como se meu coração fosse se partir.

— Isso importa?

— Claro que sim! — Zombei. — Você pode imaginar como é frustrante estar no escuro sobre algo que integralmente lhe diz respeito? Pela maneira que você está olhando para mim, sei que está bastante abalado com o que Remo falou. Ele talvez seja o único que sabe de tudo, porque era ele quem cuidava de tudo naquela época. Mesmo eu não sei tudo, apenas as mentiras e meias verdades que meu pai, você e seus irmãos me contaram.

Podia sentir o peso traiçoeiro no fundo da minha garganta, o formigamento na parte de trás dos meus olhos - prenúncios de lágrimas. Não vai acontecer. Chorar era um sinal de fraqueza que não me permitia há muito tempo.

O desejo de alívio aumentou como a maré, imparável, lentamente corroendo minha determinação como as ondas tomando conta da areia. Procurei um cigarro, embora odiasse o gosto, o cheiro, a sensação do papel encharcado na boca. Nunca fumei porque gostava. Mas era melhor do que nada, melhor do que a alternativa. Precisava de algo para acalmar minha mente ansiosa, para silenciar o chamado do meu desejo sombrio.

Adamo se aproximou, seus olhos penetrantes examinando meus dedos trêmulos. Talvez ele conhecesse os sinais reveladores. Afinal, ele era íntimo dos

desejos obscuros também.

Me preparei para o seu toque, mas suas mãos permaneceram alojadas em sua calça jeans. Seus olhos escuros procuraram os meus. Dando uma tragada profunda, virei minha cabeça, lhe dando o meu perfil. — Não estou mentindo, — ele disse, então respirou fundo. — Remo me mostrou um vídeo seu e o que aconteceu.

Senti a cor sumir do meu rosto e minha garganta ficar presa. Muitos anos se passaram para que eu me lembrasse de tudo, ou mesmo da maior parte do que havia acontecido. Lembrava de fragmentos. Acontecimento tenebrosos que assombravam meu sono em episódios desconexos ou flashes de imagens estáticas. Trabalhei muito para esquecer o máximo possível, usei álcool e drogas para acelerar o processo. — Você... — Minhas cordas vocais congelaram e não pude dizer mais.

A raiva lutava contra o horror e a frustração em meu corpo. Mais uma vez, outros sabiam mais sobre mim e minha vida do que eu.

Adamo se aproximou ainda mais, com muito cuidado, como se temesse que eu desaparecesse. Fugir nunca tinha resolvido nada. — Não assisti quase nada. Apenas alguns minutos até que percebi para onde estava indo. Não suportei assistir mais.

Olhei furiosamente. — Você não suportou assistir? Eu vivi o que você não pode nem assistir. — Nem tinha certeza de por que estava com raiva disso. Uma grande parte de mim estava feliz por ele não ter visto mais dos meus horrores. Uma pequena parte ainda sentia vergonha quando pensava no que tinham feito comigo. Era uma voz feia que mesmo anos de terapia, drogas e distrações não haviam silenciado. Adamo acenou com a cabeça, sua expressão gentil e solene ao mesmo tempo. Queria lhe dar um soco tão forte quanto pudesse. Em vez disso, fechei a mão em punho e dei outra tragada profunda no cigarro. Meus dedos estavam tremendo, deixando a fumaça subir em um curso irregular em ziguezague.

— Eu sei, — ele murmurou em uma voz como seda. — Não deveria ter

assistido sem pedir sua permissão antes. Foi uma invasão ao seu espaço pessoal.

Zombei. — Acredite em mim, ninguém se importava com meu espaço pessoal naquela época. — Estremeci, enquanto resquícios de memórias piscavam no fundo da minha mente. Palavras, cheiros, imagens que deixaram marcas permanentes em meu subconsciente.

— Dinara, eu... — Ele soltou um suspiro.

Encontrei o olhar de Adamo. — Diga o que tem a dizer. Não sou frágil, Adamo. O que aconteceu naquela época não me quebrou, o que quer que aconteça agora e no futuro não vai me quebrar também. — Minha voz era aço puro, assim como a camada protetora cobrindo lentamente meu coração.

— O que você quer dizer? — Adamo perguntou, parecendo honestamente confuso. — Não tenho nenhuma intenção de fazer algo que possa te machucar, muito menos te quebrar.

— O brilho em seus olhos agora, quando olha para mim... significa que o que tivemos acabou. — O que tínhamos. Nós nem tínhamos dado um nome para isso, não nos permitimos definir algo porque ia contra muitas probabilidades. Não me permiti dar muita importância a nossa ligação. Tentei dizer a mim mesma que era apenas para me divertir e me aproximar de um Falcone, mas agora que via nosso vínculo desmoronar bem diante dos meus olhos, percebi que era mais do que apenas diversão. Mais do que eu deveria ter permitido. Mais do que meu pai jamais aceitaria.

Ele abaixou a cabeça, capturando meu olhar com o dele. Seu cheiro, quente e picante, me envolveu. — Como estou olhando para você?

Ri amargamente e apontei a ponta brilhante para seu rosto. — Assim. Da mesma forma que meu pai olhou para mim quando Remo me devolveu a ele. Como se eu fosse uma boneca quebrada. Sua boneca favorita que você pega para brincar todos os dias, mas de repente tem uma rachadura irreparável, e agora não pode mais brincar com ela porque tem medo que se desfaça se o fizer. Então, você a coloca em uma prateleira e quase nunca olha para ela, porque sempre que o faz, fica triste pelo que perdeu. É assim que você está me olhando, Adamo.

Então, siga seu caminho feliz, eu sobreviverei.

Não deixaria o nosso relacionamento continuar porque Adamo agiu por piedade, porque não teve coragem de terminar comigo por pena.

Sou uma sobrevivente. Sobreviveria a partida de Adamo, não sem meu desejo sombrio, mas sobreviveria de uma forma ou de outra. Ainda assim, meu estômago revirou com o pensamento de que este poderia ser nosso adeus final - mesmo que o adeus fosse inevitável para nós.

Adamo balançou a cabeça. — Besteira. Nunca brinquei com você e não seguirei meu caminho feliz. Não acabamos e não vou permitir que você coloque uma barreira entre nós. — Ele agarrou meus ombros, nem um pouco gentil, e meu coração estúpido bateu forte de esperança. — Nada mudou entre nós.

E, no entanto, tudo tinha mudado. Seus olhos diziam a verdade. Se quiséssemos uma chance, Adamo precisava me ver como a garota que eu era antes de saber a verdade. Ele tinha que me ver como um ser separado da pobre menina do vídeo. Eu não tinha certeza se ele poderia. Papai tentou e falhou. Nunca me ressenti dele por isso. Ele era meu pai. Aceitei a maneira como ele olhava para mim porque éramos uma família. Mas não faria o mesmo por Adamo. Não podia. Eu precisava que essa parte da minha vida fosse apenas por Dinara, e não pela a pobre e abusada Katinka. — Então me foda, Adamo. Foda-me como teria feito há dois dias e não como se eu fosse quebrável. — Larguei o cigarro e o amassei com a bota. — Ou não pode fazer isso agora que sente pena de mim?

Adamo segurou meu pescoço, calor e raiva lutando em seus olhos. — Não tenho pena da garota na minha frente, Dinara. Tenho pena daquela menina do passado. Mas você... você é forte como pregos. Você não precisa da porra da minha pena.

Balancei a cabeça, tanto para confirmar suas palavras quanto para me convencer de que realmente deixei cada pedacinho daquela menina para trás. No fundo, sabia que ela ainda estava encolhida em uma parte escura do meu cérebro, pequena e assustada, ameaçando explodir. Eu a queria fora de lá, e

agora tinha uma ideia de como finalmente ter sucesso.

— Foda-me, — respirei.

Adamo me puxou contra seu corpo, sua língua mergulhando em minha boca. Me abri para ele, joguei meus braços ao redor de seu pescoço e moldei nossos corpos. Adamo apertou meu peito através da minha regata, em seguida, puxou meu mamilo com força. Passei meus dedos por seu cabelo ondulado, mordi seu lábio inferior só para acalmá-lo com minha língua logo depois. Ele pressionou sua palma contra minha virilha e arqueei contra ele, querendo sentir seu toque na pele nua.

— Arrumem um quarto, — alguém gritou. Eu estava muito desorientada pelo nosso beijo para saber quem era. Adamo agarrou minha mão e me puxou com ele. Eu o segui, meu coração batendo descontroladamente no peito, meu centro formigando de necessidade. Adamo me arrastou para o antigo posto de gasolina, passando por um Crank surpreso. — Saia, — Adamo rosnou, e Crank fez isso com uma maldição murmurada. Então nós tropeçamos na sala dos fundos com seu velho freezer e caixas espalhadas. O fedor de papelão mofado e algo podre obstruiu meu nariz.

Adamo fechou a porta e me pressionou contra a borda do freezer, suas mãos abrindo rapidamente meu zíper. Ele não se incomodou em puxar meu short para baixo, apenas enfiou a mão na minha calcinha e o dedo médio em mim. A base de sua palma esfregou meu clitóris enquanto ele me tocava forte e rápido.

Nossos olhos ficaram presos, meus lábios se separaram enquanto Adamo tirava gemido após gemido da minha boca. Minha excitação encharcou minha calcinha, fazendo o dedo de Adamo deslizar dentro e fora facilmente. Ele acrescentou um segundo dedo e bateu ainda mais forte em mim. O desejo em seus olhos queimava cada centímetro da minha pele. Nenhum sinal de piedade, apenas luxúria.

Gritei minha libertação, mas Adamo mal me deu tempo de me recuperar antes de arrancar meu short e me içar no freezer. Ele afastou minhas pernas e deu algumas lambidas profundas, fazendo-me estremecer e me agarrar ao seu cabelo.

Então ele se endireitou e pegou seu pênis. Ele agarrou meus tornozelos e os apoiou em seus ombros antes de mergulhar em mim com um impulso forte. Ele não me deu tempo de me preparar, em vez disso, bateu em mim. Ele se inclinou para frente, empurrando minhas pernas para mais perto do meu corpo e mudando o ângulo para que pudesse ir ainda mais fundo. Eu respirei fundo após uma respiração instável, meus dedos do pé encolhidos sob a força das sensações.

A fúria e o desejo substituíram a piedade e voltei a ser Dinara, perdendo-me no olhar de Adamo. Cravei minhas unhas em seus ombros, meus quadris encontrando-o impulso a impulso, e então meus lábios se abriram em um grito quando gozei novamente. Adamo bateu ainda mais forte em mim antes de gozar em mim com um gemido baixo.

Fechei meus olhos, ofegante. Não queria que isso acabasse. Não hoje, não amanhã, talvez nunca.

Adamo me fez querer ceder o controle para ele. Ele me fez sentir como se pudesse ceder o controle para ele sem medo.

Quando Adamo e eu nos acalmamos com o nosso orgasmo, ele encontrou meu olhar. Seu rosto estava coberto de suor e sua camisa agarrada à parte superior do corpo. — Nós não acabamos, — ele murmurou.

Balancei a cabeça, respirando com dificuldade. — Não.

Naquele momento Adamo olhou para mim da mesma forma que antes de descobrir a horrível verdade, como se ainda fosse o piloto, a durona Dinara para ele. Eu sabia que haveria momentos que essa nova expressão comovida retornaria, mas enquanto ele pudesse me fazer sentir tão viva, poderia viver com os pequenos lembretes.

QUATORZE

Dinara

Nós passamos a noite na tenda de Adamo. O sono me evitou. Meus pensamentos giravam em torno dos acontecimentos do dia anterior, o conhecimento de que ainda havia vídeos meus por aí. Agora que sabia, me lembrava da câmera sempre apontada para mim. Isso havia desaparecido na escuridão das minhas memórias ao longo dos anos. Outras imagens eram mais proeminentes.

O cheiro quente de Adamo me envolveu, um de seus braços jogado sobre minha cintura. Sua proximidade fornecia o consolo que nunca admiti que precisava. Olhei para o teto da tenda, mesmo que estivesse quase todo envolto em escuridão. Apenas uma sugestão de luz chegava até nós, talvez da fogueira ou de um dos carros. O murmúrio baixo de vozes me dizia que outros também não conseguiam dormir.

— Não consegue dormir? — A voz sonolenta de Adamo soou, me fazendo pular.

— Muitos pensamentos, — admiti.

Adamo assentiu, seu nariz roçando minha bochecha. — O que você precisar, estou aqui. Sei que há um motivo pelo qual você se juntou às corridas, por que buscou minha proximidade, e quando estiver pronta para divulgar seus motivos, estou aqui para ouvir.

Engoli em seco, ouvindo a sugestão de suspeita em sua voz. Se estivesse em seu lugar, também desconfiaria de meus motivos, e eles não eram completamente inocentes. — Dormir com você, passar tanto tempo com você, isso não foi um plano. Nunca quis que isso acontecesse. Só queria conhecer um membro do notório clã Falcone para lançar uma luz sobre o meu passado, pelo

menos os cantos que meu pai manteve propositalmente escuros. Achei que você seria a melhor opção. A reputação de seus irmãos é ainda menos convidativa. Nunca menti para você sobre minha identidade. Desde o início, você sabia que eu estava procurando por algo que só um Falcone poderia me dar.

Adamo deu uma risadinha. — Sou a opção menos perigosa, você quer dizer?

Soltei uma pequena risada. — Entrar em Vegas parecia uma má ideia, mesmo na minha cabeça, e você me fascinou desde o momento em que comecei a pesquisar sobre sua família.

— O que te fascinou?

— As corridas, definitivamente. Mas, mais do que isso, era o conflito que às vezes via em seus olhos durante as lutas de gaiola. Como se uma parte sedenta de sangue lutasse com sua consciência. Você me lembrou de mim mesma. Meu pai acha que pertenço à luz, mas não me encaixo nela.

Adamo se apoiou para que seu rosto pairasse sobre o meu, mas estava escuro demais para ver mais do que o contorno geral. — O sangue que você tem sede, está em Las Vegas?

Eu não disse nada. Nos últimos meses, meu objetivo mudou. — Queria descobrir mais sobre meu passado, e sabia que apenas Remo poderia me dizer o que meu pai não diria. Não tinha muita esperança de que ele me desse qualquer informação. Talvez se meu pai e ele ainda cooperassem, mas agora que o relacionamento deles se tornou hostil, sabia que as chances eram mínimas. Mas tinha que arriscar. Parte de mim esperava que você soubesse o que eu precisava saber.

— O que você quer agora?

Meu coração acelerava sempre que tentava determinar o que queria exatamente. No fundo, só uma opção parecia satisfatória. — Preciso fazer o que planejei originalmente. Descobrir tudo antes que possa realmente decidir o que farei a seguir.

— Tenho os CDs no meu carro. Você os quer?

Balancei minha cabeça rapidamente. — Ainda não, — sussurrei. Um dia eu tentaria vê-los, mas não agora, mesmo que eles me mostrassem a verdade fria e dura em cada detalhe nojento. Não estava pronta para esse confronto.

Adamo segurou minha bochecha. — Você quer que eu te leve para Vegas? Para encontrar Remo. Certo?

Imaginei encontrar o homem que me salvou de, possivelmente, anos de abusos incontáveis ao longo da vida. Meu pai nunca tinha falado palavras muito favoráveis sobre o Capo. Agora imaginei que a razão para isso era que Remo mantinha minha mãe e não permitiu que meu pai a matasse. Não tinha certeza do porquê. Parecia improvável que Remo Falcone tivesse escrúpulos em acabar com a vida de uma mulher.

— Sim. — O silêncio de Adamo preencheu a escuridão entre nós. — Sei que você é leal à Camorra e não estou pedindo que os traia. Quero encontrar Remo pessoalmente, se ele permitir.

— Podemos dirigir para Las Vegas após a próxima corrida.

— Você não vai ter que perguntar a Remo primeiro? — Mesmo que Adamo fosse irmão do Capo, havia algumas regras a serem seguidas, a menos que a Camorra operasse completamente diferente da organização do meu pai, o que eu duvidava seriamente. Todas as organizações criminosas eram baseadas em uma estrutura hierárquica rígida.

— Durante minha última viagem a Vegas, mencionei que você poderia querer vê-lo para conversar. Ele concordou.

Sentei bruscamente. — Como você sabia? Talvez eu queira matar seu irmão por manter minha mãe todos esses anos? Você não podia saber meus verdadeiros motivos. Eu poderia estar mentindo.

— Você não revelou seus verdadeiros motivos ainda, talvez nem mesmo os conheça em seu escopo completo neste momento, mas Remo pode se proteger e ele é o mestre dos jogos e da astúcia. Enganá-lo é difícil, muito mais difícil do que me enganar.

Bufei. — Acho que você está se rebaixando.

— Nah, sou muito bom em ler as pessoas, e até mesmo em manipulá-las, se quiser, é o gene Falcone, mas Remo é o mestre nisso. Ele poderia muito bem ter inventado isso.

— Então Remo quer me ver para saber meus motivos? Ele quer descobrir se represento um risco para ele, para você ou para a Camorra.

Adamo acariciou meu braço. — Não, duvido que seja por isso que ele quer te encontrar. Remo ficou com sua mãe e os vídeos por um motivo, mas não divulgou tudo para mim. Você e ele escondem parte da verdade e, ao colocar vocês dois juntos, espero descobrir tudo.

— Mas você tem suas suspeitas de por que seu irmão fez o que fez?

— Eu conheço Remo. Seus valores não mudaram ao longo dos anos. Eles não são tão distorcidos e moralmente duvidosos quanto costumavam ser.

— Não é como se sua moral fosse socialmente aceitável.

Adamo riu. — Sou um Falcone. Moral distorcida está na minha piscina genética.

— Me pergunto quando você vai decidir que não valho a pena?

— Oh, tenho a sensação de que vale a pena todos os problemas que possa me fazer passar.

Mordi meu lábio, sem saber como responder a isso. Cada dia que passava com Adamo, gostava mais dele. Sentia falta dele quando ele não estava por perto e ficava pensando sobre ele e como era estar com ele. Não tinha certeza para onde meu caminho estava me levando, mas esperava que Adamo se juntasse a mim, pelo menos por mais um tempo. Não ousei olhar muito longe no futuro.

— Dima não pode ir conosco para Vegas. Isso não cairia bem para Remo, — disse Adamo.

Dima e eu não conversávamos muito, mas ele voltou para o acampamento comigo depois da minha última viagem a Chicago. Não tinha certeza se era por ordem do meu pai ou se sua própria onda de proteção tinha voltado. — Então teremos que fugir. Duvido que me ouça se eu pedir que ele fique pra trás. Se meu pai lhe deu ordens para me proteger, ele não deixará nada impedi-lo.

— Então vamos fugir depois da próxima corrida. Ele raramente fica muito tempo no pós-festa. E talvez você possa colocar alguns comprimidos para dormir na bebida dele. Posso te dar algo forte.

Balancei minha cabeça. Embora confiasse em Adamo comigo, não tinha certeza se deveria confiar a vida de Dima a ele. Afinal, ele era um soldado da Bratva e definitivamente o primeiro que Adamo mataria. — Eu cuido disso.

Adamo deu uma risadinha. — Tudo bem. Mas não precisa se preocupar. Se quisesse me livrar de Dima, não o faria de maneira covarde. O venceria em uma luta até a morte.

— Isso é um consolo, — falei secamente.

Adamo aproximou ainda mais nossos rostos e me beijou. O beijo foi doce com uma pitada de possessividade. Ele mordeu meu lábio antes de se afastar. — Por que Dima?

— Você quer dizer por que namorei com ele?

— Sim, — disse ele. — Você e ele estiveram juntos por alguns anos, certo?

— Três anos.

— Então por que ele? No início, achei que ele estava com ciúmes de nós, mas agora não tenho mais tanta certeza. Ele definitivamente desaprova, mas não tenho certeza se é porque te quer para si mesmo ou se há outro motivo. Mas você definitivamente olha para ele como se fosse seu irmão e não seu ex.

— Você é ciumento? Não estou com ele há mais de um ano, e com mais ninguém.

— Só curiosidade. Ainda acho que ele age mais como um irmão protetor do que como um ex-amante. É estranho.

— Mais estranho do que um Falcone e uma Mikhailov se divertindo? — Perguntei, arrastando meus dedos pelo peito e o abdômen musculoso de Adamo.

Adamo deu uma risadinha. — Boa tentativa.

Suspirei. Conhecia Dima quase toda a minha vida. Ele era meu amigo mesmo antes de minha mãe me levar embora e depois, ele foi aquele cuja

companhia busquei. Ao contrário dos adultos, ele não olhava para mim com pena e horror. Ele realmente não sabia o que tinha acontecido. Isso mudou mais tarde e também a maneira como me tratou, mas ele sempre esteve ao meu lado.

Peguei o maço de cigarros no chão ao meu lado e acendi um, depois dei uma longa tragada nele. Normalmente este era um tópico que parecia muito pessoal, mas Adamo e eu tínhamos chegado a um ponto em nosso... relacionamento em que eu queria compartilhar mais de mim mesma. Era uma constatação surpreendente e aterrorizante.

Soltei uma nuvem de fumaça antes de virar a cabeça para Adamo. — Eu queria estar no controle, queria experimentar a sexualidade em meus próprios termos. No passado... — Minha voz morreu. Apertei os olhos para a ponta acesa do meu cigarro por alguns segundos antes de conseguir falar novamente. — As coisas que foram feitas comigo... tudo estava fora do meu controle. Tive que suportar a dor, o medo e a humilhação. Mas com Dima, mesmo quando era doloroso, era minha escolha. Ele deixou ser minha escolha. Dima era uma opção segura. Como meu guarda-costas, ele deveria me proteger. Meu pai o mataria se ele me machucasse. Ele é um homem do meu pai por completo. Sabia que ele nunca faria nada que eu não quisesse. Com ele, podia fazer o que quisesse, obter de volta o poder que me foi tirado quando era criança.

Sexo com Dima tinha sido... libertador de uma forma porque era nos meus termos. Não foi forçado sobre mim. Tudo era minha escolha. Mas nunca pareceu... certo. Nunca realmente deixei meu controle ir tão completamente até Adamo. Dima e eu éramos um vínculo de conveniência. Dima provavelmente esperava que isso lhe desse uma vantagem a longo prazo, porque como um órfão criado pela Bratva, suas opções eram limitadas. Mas ele também queria me ajudar. E para mim, significou quebrar parte das minhas algemas e também tirar meu pai do meu pé. Ver-me em um relacionamento com Dima deu a papai esperança de que eu superasse o passado e pudesse viver uma vida normal. Se eu não tivesse vivido o que vivi, duvido que ele ficaria tão emocionado por eu namorar um de seus homens.

Adamo acenou com a cabeça e, embora não pudesse ver sua expressão, avisei. — Sem piedade. — O timbre da minha voz era quase selvagem.

— Sem piedade. Nós, Falcones, não temos pena, — disse ele com firmeza, tirando cigarro da minha mão e dando uma tragada.

— Quase esqueci, — falei sarcasticamente. Adamo me beijou de novo, sua mão deslizando sobre minha barriga nua, deixando arrepios em seu caminho. Ele começou a brincar distraidamente com meu piercing no mamilo novamente. O brilho do cigarro lançava sombras em seu rosto, refletindo em seus olhos escuros.

— O que você disse faz sentido. Espero não ser outra opção segura.

Engoli um gemido quando Adamo puxou um pouco mais forte. — Sexo com você não tem nada a ver com uma opção segura, é um passeio selvagem que tira completamente qualquer aparência de controle de mim.

Adamo beijou o canto do meu lábio e esmagou o cigarro. — Então, isso é apenas sobre sexo e orgasmos fodásticos?

Não era. Não mais. Mesmo que meu corpo ansiasse constantemente por seu toque. Passei minhas unhas sobre seu peito e abdômen. — Sobre o que mais seria? Eu realmente gosto de todos os orgasmos fodásticos. Você nunca reclamou.

Adamo se curvou sobre meu mamilo. — Sem reclamações. Cada orgasmo fodástico, sua boca hábil, e o sabor da sua boceta são muito apreciados pelo meu pau. — Ele acariciou meu mamilo com a língua. Em seguida, desceu, seu hálito quente pairando sobre minha barriga. Ele enterrou o rosto na minha boceta, lambendo minha luxúria por ele. — E também não ouço sua boceta reclamar.

— Cale a boca, — engasguei, e ele o fez enquanto sua boca e língua tocavam minha boceta como um instrumento. Perder o controle nunca foi tão bom.

***

Durante a corrida do dia seguinte, tive dificuldade em me concentrar. Um dos motivos era a falta de sono, porque Adamo e eu nos mantivemos ocupados até de madrugada. Os outros eram pensamentos sobre meu próximo encontro com Remo me distraindo. Estaria mais perto da minha mãe do que em mais de uma década. A única vez que realmente a vi foi em pesadelos. A realidade seria pior?

Não tinha certeza se queria vê-la. Quando achava que ela estava morta, sempre desejei uma chance de confrontá-la, mas agora que a opção era real e ao meu alcance, meu peito apertava com o mero pensamento. Mesmo que o passado ainda me assombrasse de vez em quando, o mantinha sob controle na maioria dos dias. E se vê-la abrisse feridas que não pudesse fechar novamente?

Terminei a corrida em décimo quinto lugar. Meu pior resultado até agora, mas apesar da minha ambição, nem isso foi registrado. Tudo que conseguia pensar era que iríamos para Vegas no início da manhã.

Dima não se juntou à festa após a corrida e, em vez disso, se escondeu em sua barraca imediatamente. Fui atrás dele. Queria ver como ele estava, e ainda precisava lhe dar os comprimidos para dormir para que ele não atrapalhasse nosso plano de ir para Las Vegas. Realmente não precisava da escolta dos homens do meu pai ao meu lado. Isso não faria Remo compartilhar o que sabia. Ele nos expulsaria com armas em chamas.

— Dima? — Chamei. Não podia realmente bater em sua barraca. Uma forma se moveu dentro e, eventualmente, a aba se abriu e Dima colocou a cabeça para fora. Ele estava apenas de boxer, uma visão que eu já tinha visto inúmeras vezes antes, mas parecia estranho agora. A tatuagem dos Kalashnikovs cruzados marcava seu peito - o sinal da Bratva. — *O que você precisa?*

Segurei os dois copos com vodca. — *Não bebemos nada depois da corrida.*

— *Não há razão para comemorar, certo? Nós dois não nos saímos bem hoje.*

Dima nunca se importou muito com o sucesso nas corridas. Ele ficou por

mim. — *A vodca é certa em qualquer situação. Para comemorar, para celebrar e só para bebê-la.*

O brilho de um sorriso apareceu no rosto de Dima antes de desaparecer.

Entreguei a ele um dos copos e ele a aceitou saindo da tenda. A dose não era muito alta. Isso faria com que ele adormecesse logo e dormisse até de manhã. Caso contrário, seu sono leve complicaria as coisas.

Batemos os copos antes tomar a vodca de um só gole, seguido por um chiado. Sorri. Era uma vodca caseira da cozinheira do papai e mais forte do que as que você pode comprar nas lojas, especialmente nos Estados Unidos. 'Fabricante de viúvas' era um de seus apelidos entre os homens de papai.

Dima examinou meu rosto. — *Estou preocupado com você, Dinara. Desde que descobriu sobre sua mãe, você se afastou de mim. Sinto que não confia mais em mim com seus planos.*

Zombei, mesmo se ele tivesse acertado em cheio. — *Você se afastou porque não gosta de mim com Adamo. Eu te dei espaço.*

— *Não cometa o erro de confiar nele. Um lobo ainda é um lobo, mesmo coberto de pele de cordeiro.*

— *Você também não é um cordeiro. Não tenho nenhum cordeiro em minha vida. E não se esqueça, sou um lobo por si só.*

Dima riu. — *Você é.*

Meu olhar voltou para a festa. As pessoas estavam dançando ao redor da fogueira, já bêbadas com qualquer mistura que prepararam hoje. Adamo conversava com Crank, mas continuou lançando olhares na minha direção.

— *É melhor você voltar*, — disse Dima friamente. — *Ele está esperando.*

Enviei-lhe um olhar exasperado, mas ele deslizou para dentro da tenda e fechou-a. No momento em que cheguei à festa, alguém agarrou minha mão e me puxou para um círculo de dança ao redor da fogueira. Fiquei chocada demais para repreendê-los. Em vez disso, permiti que meu corpo balançasse com a música.

Adamo sorria enquanto me observava. Quando passamos por ele, agarrei

sua camisa e puxei-o junto. Por segundos, esqueci o que estava por vir e vivi apenas no momento, vivendo na batida. Minhas botas agitavam a terra seca enquanto dançava com a música.

O pós-festa ainda estava em pleno andamento quando Adamo e eu escapamos em direção à sua tenda. Ninguém suspeitou visto que já tínhamos feito isso antes. A essa altura, nosso caso não era mais um segredo. Felizmente, as pessoas não meteram o nariz no nosso negócio. A maioria delas tinha segredos próprios que queriam encobrir. O único que comentou sobre isso foi Dima. Me perguntei se ele havia mencionado alguma coisa para meu pai, mas duvidava. Papai teria me perguntado sobre isso se soubesse.

Eram quatro da manhã quando Adamo e eu desmontamos a barraca e entramos em seu carro. Adamo mal tocou no acelerador e, em vez disso, deixou o carro rodar para longe do acampamento lentamente. Quando estávamos a uma boa distância, ele acelerou e pegamos a estrada em direção a Las Vegas.

Meu olhar seguiu a paisagem monótona, apenas ocasionalmente interrompida por árvores de Josué ou formações rochosas.

— Quanto tempo vai demorar?

— A viagem dura cerca de três horas. Talvez quatro dependendo do tráfego assim que chegarmos a Las Vegas.

— E Remo sabe que estamos indo?

— Mandei uma mensagem para ele. Ele e Nino esperarão por nós no Sugar Trap.

O Sugar Trap... o nome fez soar um sino e eventualmente a imagem de um letreiro de néon com as pernas abertas se formou em minha mente como se tivesse sido arrastado para fora de águas turvas. Com a memória, veio uma sensação de aperto na minha barriga. — Será que voltaremos imediatamente?

Adamo me lançou um olhar cauteloso. — Talvez você precise de mais do que apenas algumas horas. Reservei um hotel para nós na Strip, propriedade da Camorra.

— Você não precisa passar a noite em um hotel comigo em vez de com sua

família. Sei que eles não confiam em mim.

— É um fardo passar a noite em um hotel cinco estrelas com uma ruiva linda em vez de ter minha família metendo o nariz nos meus assuntos e me fazendo um milhão de perguntas sobre você.

Minhas sobrancelhas se ergueram. — Que tipo de perguntas?

— Minhas cunhadas querem saber tudo sobre você. Uma garota secreta em minha vida fez com que todas morressem de curiosidade.

— Garota secreta na vida de Adamo Falcone. Eu gosto desse título.

Antes que pudesse pensar sobre isso, peguei sua mão e antes que eu puxasse novamente, Adamo entrelaçou nossos dedos. Ele me deu um sorriso cúmplice e o silêncio caiu sobre nós. Às vezes me perdia no calor de seus olhos. Eles me faziam sentir como se pudesse confiar a ele todos os segredos sombrios que eu guardava.

Minha pulsação disparou com a onda de emoção que essa realização trouxe e desviei o olhar. Espiei pela janela, tentando reunir o que me lembrava de Remo e Nino Falcone e de Las Vegas. Não entendi quem eles eram naquela época, exceto os homens que me libertaram do meu inferno diário e me devolveram ao meu pai. Por um tempo, eles pareceram heróis. Mas, finalmente, papai deixou claro que tudo o que eles fizeram foi por motivos de negócios, para criar uma trégua instável com a Bratva. Papai tinha mentido sobre a morte de minha mãe, então não tinha certeza de quanto de suas histórias eram falsas também. No entanto, a Camorra não era realmente conhecida por suas agendas altruístas.

Quando Las Vegas apareceu no horizonte, minha barriga deu um salto e minha boca ficou seca. Mais de uma década. A menina que deixou esta cidade há muito tempo não existia mais - ou assim eu esperava.

— Quanto tempo? — Perguntei, minha voz baixa.

Adamo apertou minha mão, mas nem mesmo seu toque me acalmou agora. — Dez minutos.

Não havia tempo suficiente para me preparar para o que estava por vir.

Agora que me aproximava do meu objetivo, a calma interior parecia impossível de alcançar.

Dez minutos depois, paramos em frente ao Sugar Trap. Empurrei a porta, me soltando das garras de Adamo. Respirei fundo, lutando contra o aperto no meu peito. A mera visão do sinal de néon trouxe de volta memórias do passado, dos dias e semanas anteriores a Remo me devolver ao meu pai. Las Vegas estava repleta de memórias horríveis para mim. Porém, não era a única cidade. Mesmo antes de minha mãe e eu nos mudarmos para cá, ela permitia que os homens que nos deram abrigo abusassem de mim.

— Dinara? — Adamo perguntou com cuidado, caminhando ao meu lado.

— Estou bem, — disparei antes que ele pudesse perguntar. — Mostre-me o caminho.

Adamo pegou minha mão e eu o deixei enquanto ele me conduzia em direção à porta preta surrada que levava ao Sugar Trap. Era um bordel, o primeiro estabelecimento do tipo em que pus os pés desde aquele dia fatídico, muitos anos atrás, e o lugar que determinaria meu futuro.

Quinze

Dinara

Adamo abriu a porta e segurou-a aberta para mim. Entrei na ante-sala mal iluminada com sua chapelaria e um enorme segurança negro sentado a uma mesa. Seus olhos se estreitaram brevemente em mim antes de seguirem até Adamo e ele deu um breve aceno de cabeça.

Adamo não disse nada, apenas deu ao homem um sorriso tenso, antes de me puxar com ele. Minhas pernas pareciam pesadas enquanto o seguia até a área do bar do Sugar Trap, onde os clientes podiam verificar a seleção de prostitutas e conversar com elas até irem para um dos quartos nos fundos para a ação real. Agora a área estava quase deserta, exceto por um homem de pele escura atrás do balcão do bar, fazendo um balanço do armário de bebidas. Ainda era muito cedo para a clientela.

Meus olhos percorreram as cabines de couro vermelho, a decoração de laca preta e as plataformas de dança com mastros prata. O esquema de cores não mudou a vibração geral do estabelecimento. Mas agora parecia menor e menos assustador. Para a menina pequena e perturbada do passado, tudo parecia muito maior. Agora era um bar sujo como qualquer outro, não tão diferente dos que meu pai tinha em Chicago. Eu não tinha permissão para pisar neles, mas tinha visto fotos. Eu lidava com todas as reservas online de clubes e bares pela internet, bem como das partes da Bratva na darknet para o papai. Eu tinha uma queda por ciência da computação, então era uma maneira de me sentir útil e justificar a quantidade infinita de dinheiro à minha disposição.

Minha pulsação não diminuiu enquanto cruzávamos o bar, mesmo que não percebesse nenhum sinal de perigo. Adamo me lançou outro olhar preocupado porque diminuí ainda mais o ritmo.

— Não precisamos encontrar meus irmãos. Podemos voltar ao acampamento.

— Não, — eu disse bruscamente. — Tenho que falar com Remo.

Algumas partes da minha vida, do meu passado, permaneceram fora do meu controle e eu precisava pegar o controle de volta. Precisava falar com alguém que esteve lá.

Adamo assentiu, mas percebi que ele não estava convencido. Ele não conseguia entender. Eu não tinha certeza se alguém realmente poderia. Ele tinha passado por alguma merda confusa, especialmente com sua mãe, mas o que ele fez, atacando-a, havia sido um impulso do momento, quando era a vida de seus irmãos ou a dela. Meus desejos mais profundos iam muito mais longe.

— Deixe-me falar com meus irmãos antes de levá-la até eles, certo? — Ele disse. — Por que você não pega algo para beber? Tenho certeza de que Jerry terá o maior prazer em lhe dar o que você quiser.

Jerry olhou para trás, do bar e me deu um sorriso rápido, todos os dentes brancos em sua pele escura.

Soltei a mão de Adamo e ele desapareceu pela porta dos fundos. Fui até o bar, mas não me sentei. — Você tem vodca?

Jerry sorriu. — É claro. E uma boa, se assim posso dizer.

Ele me serviu um copo generoso de Moskovskaya, definitivamente não a pior vodca. Tomei um gole, meus olhos voltando para a porta por onde Adamo havia desaparecido.

A essa altura, Dima já teria percebido meu desaparecimento e alertado meu pai. Foi por isso que deixei meu celular no carro no acampamento. Eu não queria que papai me rastreasse até este lugar e enviasse seus soldados para me salvar, quando não queria ou precisava ser salva. Pelo menos não o tipo de salvamento que ele tinha em mente.

A porta se abriu e Adamo saiu seguido por dois homens altos. Na minha memória, Remo e Nino Falcone eram gigantes, mas agora eu percebia que Adamo tinha a altura deles. Eles pareciam muito mais altos para uma menina.

Esvaziei o copo em um gole só, apreciando a queimadura e o calor resultante.

A boca de Remo se contraiu quando ele seguiu minhas ações. Seus olhos continham reconhecimento e uma pitada de diversão sombria. Nenhum sinal de piedade. O rosto de seu irmão Nino estava completamente vazio de emoções, assim como eu me lembrava. Não esperei que eles se aproximassem de mim, em vez disso, caminhei em sua direção, minha cabeça erguida.

Eu estava ciente de sua reputação, e que a proteção de Adamo só iria até certo ponto. Eles eram seus irmãos e, mesmo que gostasse da minha companhia, sua lealdade estava com a Camorra e sua família, como deveria.

Eu estendi minha mão para Remo. — Já faz muito tempo.

Remo assentiu com outra contração de boca e apertou minha mão brevemente. — De fato. Você mudou.

Adamo se posicionou ao meu lado e tocou meu quadril. Olhei brevemente em sua direção, surpresa pela sua proximidade e seu sinal aberto da nossa proximidade. Eu não podia negar que aqueceu meu peito mais do que a vodca.

Tanto Nino quanto Remo olharam para o movimento de Adamo, mas não comentaram. Papai provavelmente teria tentado matar Adamo por essa demonstração de afeto.

— Não mudamos todos? — Eu disse. — A mudança é inevitável.

Nino inclinou a cabeça e apertou minha mão. — Que tal continuarmos nossa conversa no escritório?

— Isso parece razoável, — eu disse.

Remo e Nino trocaram um olhar antes de voltarem pela porta.

Adamo sorriu encorajadoramente, seu polegar deslizando ao longo do meu quadril. — Você está segura em Vegas. — Seus olhos escuros não continham absolutamente nenhuma dúvida.

— Eu sei, — falei e o beijei brevemente. Seguimos seus irmãos, passando por uma longa fila de portas fechadas. Minha barriga deu um salto quando reconheci uma delas como a porta do quarto onde passei minha noite. Mais memórias daquele dia tomaram forma. O rosto de Cody, que estava envolto em

trevas até este ponto, se manifestou por trás dos meus olhos, e com isso veio uma onda de repulsa.

Remo olhou por cima do ombro antes de abrir a porta do que eu assumi ser seu escritório. Ele observou meu rosto e eu me preparei, lembrando das palavras de Adamo sobre o talento de seu irmão para reconhecer as fraquezas e emoções mais sombrias das outras pessoas.

Quando entrei no escritório com o saco de boxe, a mesa e o sofá, minha respiração ficou presa na garganta por um momento, pois os acontecimentos de uma década atrás surgiram na minha cabeça. A expressão horrorizada de Cody, as tentativas de mamãe de barganhar com o Capo e sua fúria por isso. Adamo fechou a porta com um clique suave, mas pulei mesmo assim. Eu poderia me chutar por esse sinal de angústia, porque não passou despercebido. Todos os três homens registraram minha agitação. Se eu não conseguisse me controlar, eles me veriam como a ovelha da matilha, não como outro lobo.

Adamo acariciou minha cintura novamente e, embora eu apreciasse seu apoio, e acabaria por dizer-lhe isso, precisava mostrar força. Eu não tinha vindo tão longe para me encolher como a garota que fui no passado. Eu estava além dela. Eu tinha mudado.

Eu lhe dei um sorriso tenso antes de sair de seu alcance e me aproximar de Remo, que estava encostado em sua mesa, nos observando com olhos penetrantes. Eu me perguntei o que Adamo tinha dito a ele sobre nosso relacionamento e o que o Capo pensava disso. — Ao longo dos anos, me certifiquei de me manter atualizado sobre a sua vida, — disse Remo enigmaticamente.

Eu não mostrei uma reação. Como filha do Pakhan, que adorava levar uma vida espalhafatosa, eu estava aos olhos do público com mais frequência do que gostaria. Eu nunca me escondi, e papai também não teria permitido. Ele me queria no centro das atenções, usando lindos vestidos para o mundo ver. Poucas pessoas ousavam falar do passado, mesmo que os boatos tenham se espalhado depois da minha volta. — Eu também. Você e seus irmãos mantiveram as coisas

interessantes ao longo dos anos.

Os olhos de Remo brilharam com diversão.

— Por que o Capo da Camorra se interessaria pela filha de seu inimigo? Minha vida não proporcionou a mesma emoção que a sua.

Adamo e Nino assistiam à nossa conversa, mas não intervieram.

— Eu queria ver se estava certo na minha avaliação sobre você.

Eu estreitei meus olhos. — Que avaliação?

— Se você se mostraria tão forte quanto eu a considerei.

Eu zombei. — Eu era uma criança assustada que permitia que as pessoas usassem e abusassem dela. Eu não era forte. Não sou a mesma pessoa que costumava ser. Eu mudei.

Remo se afastou da mesa e se aproximou, elevando-se sobre mim, o que deixou Adamo tenso. Encontrei o olhar de Remo sem vacilar. Talvez tenha sido uma tolice da minha parte não temê-lo, mas só conseguia vê-lo como o homem que me libertou dos meus algozes.

— Mesmo naquela época eu vi sua força, mesmo que você não visse. O fato de estar aqui hoje mostra que eu estava certo. Talvez você tenha mudado por fora, mas no fundo é a mesma criança resiliente que sobreviveu.

Engoli em seco, porque suas palavras despertaram emoções com as quais eu não queria lidar. Adamo deu um passo à frente e sua expressão protetora não era um bom presságio. Isso era entre Remo e eu. Se eu quisesse chegar ao fundo do meu passado, precisava falar com Remo sozinha. Tive a sensação de que ele não seria tão acessível a informações, enquanto eu precisasse de Adamo como minha babá e guarda-costas. Ele estava me testando. Limpei a garganta e olhei para Adamo. — Preciso falar com Remo sozinha.

Se Remo ficou surpreso com meu pedido, escondeu bem.

Nino trocou um olhar com o irmão mais velho antes de sair sem dizer mais nada. Adamo, no entanto, puxou-me de lado. — Qual é o problema?

— Seu irmão e eu precisamos conversar a sós.

— Ainda não confia em mim, hein? — Adamo perguntou ironicamente.

— Não, — eu rosnei. — Não é isso. Mas a verdade que vou descobrir hoje é a minha verdade. Quero processá-la antes de compartilhá-la com mais alguém. Mesmo com você. É o meu passado.

Adamo suspirou. Ele se inclinou e me beijou. — Tudo bem, mas lembre-se de que estou aqui se precisar de mim.

Ele enviou ao seu irmão um olhar de advertência que me fez desejar pedir-lhe para ficar, afinal. Quando Remo e eu finalmente ficamos sozinhos, o silêncio caiu sobre nós por um tempo. Remo me observou atentamente, e tudo o que viu pareceu agradá-lo. — Poucos dos meus homens se sentem confortáveis na minha presença. A maioria das mulheres prefere ser trancada dentro de uma gaiola com um cão de combate do que comigo, mas você pede um tête-à-tête e não parece nem um pouco assustada?

— Eu tenho razão para ter medo de você? — Perguntei.

Novamente a contração de sua boca. — Acho que você já respondeu a essa pergunta antes de colocar os pés em Vegas.

Dei de ombros. — Eu tinha minhas suposições, mas é claro que não podia ter certeza. Meu pai é seu inimigo. Você e ele se matariam se um dia se encontrassem.

— Seu pai não está entre os dez primeiros da minha lista de inimigos, Dinara. Ele provavelmente viveria.

Meus lábios se estreitaram. — Meu pai é um homem forte com um exército de seguidores leais.

Remo riu. — Ahh, uma princesa da Bratva afinal? Alguém poderia pensar que você não se importa com os negócios de seu pai, considerando o quão imprudentemente entra no território da Camorra e se torna parte do nosso acampamento de corrida.

— Sou leal ao meu pai, assim como Adamo é leal a você e à Camorra.

Algo mudou nos olhos de Remo e percebi que estava pisando em terreno perigoso. — Você testou a lealdade dele?

— Eu não testei e não vou. Adamo tem o seu lugar e eu o meu.

— Mas as linhas ficaram borradas, não é? Você e Adamo ficaram próximos nas últimas semanas, — disse Remo, e a sugestão de suspeita e ameaça balançou em sua voz profunda.

Eu sabia que seria inútil negar. Eu não tinha certeza do quanto Adamo havia contado ao irmão e tinha a sensação de que Remo cheiraria a mentira. — Ficamos. Compartilhamos a paixão por corridas.

— Mas não foi por isso que seus caminhos se cruzaram, Dinara, estou certo? Você se juntou ao nosso acampamento de corrida por um motivo.

— Sim, — eu disse com firmeza, sem desviar o olhar. Se eu tivesse baixado meu olhar ou tentado evitar o assunto, Remo teria visto isso como uma admissão de culpa. Eu fui definitivamente culpada em buscar a proximidade de Adamo inicialmente para descobrir sobre os Falcones e usá-lo para entrar em contato com Remo, mas dormir com ele ou passar muito tempo com ele nunca serviu a esse propósito. Meu corpo e minha alma ansiavam por isso. Quando estava com Adamo, raramente ansiava pela adrenalina das drogas que me assombrou por tantos anos. Ele era minha droga preferida. — Meu pai sempre teve o cuidado de divulgar o mínimo possível de informações sobre meu passado. Eu sabia que você era o único que poderia revelar as partes que ele deixou no escuro.

— Então você acha que farei isso? Por que eu daria informações sem pedir algo em troca? E, ao contrário do seu pai, você não tem nada de valor a oferecer.

Por um momento, fiquei chocada. Meu pai sempre frisou que Remo não me ajudaria com meu passado. Que eu teria sorte de não ser morta pelo Capo louco. Mais uma vez, percebi o brilho de desafio nos olhos de Remo. Lembrando as palavras de Adamo sobre as habilidades de manipulação de seu irmão, endireitei meus ombros. — Meu pai deve ter te oferecido muito por minha mãe. Não há nada que ele queira mais do que matá-la com as próprias mãos. Mas tudo o que ele ofereceu nunca foi suficiente para você, o que significa que ele não tem nada que você queira. Talvez você seja tão distorcido quanto todo mundo diz e só queira controlar o destino dela para zombar dele, mas a paz que durou muitos

anos não faz sentido.

O sorriso de Remo se alargou. — Prossiga. Estou começando a gostar de sua análise.

— Talvez você estivesse esperando que eu aparecesse. Talvez meu pai não seja aquele a quem você quer fornecer informações.

— E por que eu escolheria você, Dinara?

— Porque é o meu passado. É meu direito saber a verdade. De mais ninguém.

Remo inclinou a cabeça. — Muito bem dito.

— Então, você vai me contar tudo?

— Vou, mas primeiro quero falar sobre Adamo.

— Adamo é um homem adulto. Ele pode se proteger.

— Oh, eu sei, mas tenho a sensação de que você pode precisar da ajuda dele novamente em um caminho que não pode percorrer sozinha. Ele fará o que você lhe pedir porque se preocupa contigo e porque é um caminho ao qual ele não pode resistir. Você deve ter certeza de que o que deseja de Adamo não termine no dia em que chegar ao fim desse caminho, porque se isso acontecer, é melhor terminar agora.

— Adamo e eu não temos um relacionamento sério. Nós nos divertimos juntos. Isso é tudo.

Remo se aproximou e eu recuei involuntariamente. — O que quer que haja entre vocês dois vai além de foder. Vocês dois compartilham os mesmos vícios.

— Adamo e eu precisamos descobrir por nós mesmos.

Remo me lançou um olhar que causou um arrepio na minha espinha. Eu não estava ressentida por ele ser protetor de seu irmão mais novo. Se Adamo conhecesse meu pai... as coisas não seriam diferentes. Papai tentaria assustá-lo ou pelo menos assustá-lo para que me tratasse bem. Se ele não fosse irmão de Remo Falcone, provavelmente até o mataria. Talvez fizesse isso de qualquer maneira se considerasse a única opção para me proteger.

— Talvez devêssemos conversar sobre a razão pela qual você está aqui

agora. Pergunte o que quer saber.

— Meu pai sabia todos esses anos que minha mãe estava viva?

Remo assentiu. — Eu nunca disse a ele o contrário. Não tinha motivo para matá-la.

— Você não tinha, mas meu pai sim. Então, por que não permitiu que meu pai a matasse? Posso ver nos olhos dele que ele quer fazer isso. Você é a única coisa no caminho dele, — falei.

— Porque, — Remo rosnou. — Esse é um direito seu. Eu disse a seu pai que a manteria em meu território até que você tivesse idade suficiente para decidir sobre o destino dela. Achei que você viria antes para matá-la.

Eu congelei, percebendo o presente colocado diante de mim, o presente que Remo estava oferecendo. Papai nunca mencionou essa informação. Claro que não. Ele me queria na luz, e o que Remo estava oferecendo me levava para as profundezas do inferno. — Você a manteve para mim para que eu pudesse matá-la?

Matar minha mãe. Eu perdi a conta das vezes que havia considerado isso em fantasias abstratas, mas nunca cheguei tão perto. Meu coração acelerou. Nos últimos dias a ideia tomou forma, mas a Camorra sempre pareceu atrapalhar, uma barreira que eu teria que transpor para conseguir o que queria. Agora percebi que a única coisa que me impedia era eu. Se eu quisesse, poderia encontrá-la agora e acabar com sua vida.

— Matá-la ou fazer o que achar adequado a alguém como ela depois de tudo o que fez.

— Me fodeu? — Eu cortei, mesmo que fosse um tom impróprio para um Capo.

— Não vejo ninguém fodido quando olho para você. E se acha que está, então deve tentar se consertar, porque ninguém mais pode.

Eu assenti. Papai tentou, Dima tentou, até Adamo estava tentando, mas no fundo eu sabia que só havia uma maneira de superar o que tinha acontecido.

— E se eu quiser que ela seja livre? E se quiser fazer as pazes com ela?

Nem todo mundo precisa matar sua mãe para seguir em frente. — Era uma coisa arriscada de se dizer, mas Remo me pegou com o pé errado.

Sua expressão tornou-se perigosa. — Isso é verdade. Algumas pessoas podem fazer as pazes com seus agressores, mas nossa espécie não é capaz de fazer isso.

Nossa espécie. Meu pai sempre tentou me manter longe da escuridão, mas seu chamado sempre foi alto e claro em meu coração. — Eu nunca pensei em matá-la.

Remo me lançou um olhar que deixou claro que não acreditava em mim.

— Detalhadamente, — eu emendei. — Achei que ela estava morta, então nunca considerei realmente uma opção válida. Era a fantasia impossível de uma mente desesperada.

— Não é mais uma fantasia impossível, Dinara. É sua vingança. Está ao seu alcance. Você só tem que pegá-la.

Engoli em seco. — Não posso matá-la agora. Ainda não. Eu nunca matei ninguém, — admiti. Eu nunca tinha testemunhado alguém sendo morto. Testemunhei um assassinato por acidente uma vez, quando papai atirou em um de seus soldados em seu escritório. Mas o homem já estava morto e jazia em seu sangue. Eu não tinha olhado em seus olhos em seus últimos momentos de vida.

Remo encolheu os ombros. — Ninguém é isento de culpa.

Eu bufei. — Algumas pessoas podem ver como uma virtude abster-se de matar.

— Essas são geralmente pessoas que nunca viram o lado negro da vida e experimentaram o quão bom pode ser submetê-la à sua vontade.

— Já vi escuridão suficiente... — Fiz uma pausa, tentando realmente sentir dentro de mim. Eu não tinha dúvidas de que poderia puxar o gatilho se tivesse o incentivo certo, especialmente para me proteger ou proteger as pessoas com quem me importava. Mas a vingança era um monstro diferente. Resultava de um desejo ainda mais sombrio.

Ainda assim, eu queria seguir seu chamado.

Dezesseis

Adamo

Eu praticamente saltava no banco do bar enquanto esperava Dinara falar com Remo. Não caiu bem em mim que ela tivesse que lidar com ele sozinha.

— Remo quer ajudá-la. Não há motivo para você ficar tenso, — disse Nino com voz arrastada. Ele sentou no banco do bar ao meu lado, olhando-me com sua expressão calma analítica usual.

— Você ficaria relaxado com Kiara em uma sala com Remo no início?

— Kiara precisava se sentir protegida e só confiava em mim. Dinara parece uma mulher que pode cuidar de si mesma. Ela não vai deixar Remo intimidá-la. Você não precisa se preocupar. — Ele estreitou os olhos em consideração. — Mas sua comparação prova que sua relação com Dinara vai além do aspecto físico. Você se preocupa com ela em um nível emocional.

Eu desviei meus olhos dos dele. — É complicado.

— De fato.

Passos soaram e a porta do corredor dos fundos se abriu. Dinara estava terrivelmente pálida quando entrou no bar. Essa era a aparência que muitas pessoas exibiam depois de algum tempo a sós com Remo.

Eu pulei do banquinho e corri até ela. Toquei seu ombro, atraindo seu olhar para o meu. — Você está bem?

Dinara acenou com a cabeça distraidamente. — Sim. — Ela riu roucamente. — Ou talvez não.

— O que Remo falou?

Dinara ergueu um pedaço de papel com algo escrito. — Ele me deu o endereço do bar onde minha mãe trabalha.

— Dinara, — eu disse devagar. Remo sempre quis matar nossa mãe pelo

que ela fez a ele e aos meus irmãos. A vingança foi sua força motriz. Para ele era impossível compreender que nem todos seguiam a mesma lógica.

— Leve-me até lá, — Dinara disse, não me permitindo expressar minhas preocupações. Eu podia sentir o olhar de Nino sobre nós, provavelmente analisando nossa linguagem corporal para avaliar nosso nível de conexão emocional.

Suspirei e resisti ao desejo de entrar no escritório de Remo para confrontá-lo. Teria sido hipócrita de qualquer maneira, porque vingar Dinara estava em minha mente desde que descobri sobre seu passado. Mas eu queria protegê-la disso. Nino nos deu um breve aceno de cabeça enquanto passávamos por ele e em direção ao meu carro. Dinara estava tensa ao meu lado enquanto eu dirigia até o endereço. Estive nesse bar apenas uma vez antes. Era um dos nossos bordéis mais miseráveis, não um lugar onde eu gostasse de passar o tempo.

— O que você fará quando vir sua mãe? — Perguntei. Lembrei-me de ver minha mãe pela primeira vez em anos, quando eu era adolescente. Ela estava em um asilo, uma mulher aparentemente destruída que queria paz. Naquela época, eu queria ir além da necessidade constante de sangue e morte dos meus irmãos. Eu queria ser melhor. Em vez disso, minha tentativa desesperada de mudar o destino apenas me empurrou mais fundo no meu caminho predeterminado.

Dinara se virou para mim com os olhos verdes arregalados. — Não sei.

— Presumo que Remo te deu permissão para matá-la.

— Deu. Ele me deu permissão para fazer com ela o que eu quiser. Ele chamou isso de meu direito.

Isso soou como meu irmão. — Você não tem que fazer isso. Você tem opções.

— Quais opções? — Dinara sussurrou asperamente. — Não é que eu não tenha considerado matá-la. Todas as noites, desde que descobri que ela está viva, tenho sonhado em vê-la morrer. Seu irmão não colocou a ideia na minha cabeça. Ela esteve lá o tempo todo. — Ela bateu contra sua têmpora.

Peguei sua mão, entrelaçando nossos dedos.

— Você imaginou matar sua mãe antes do dia em que a esfaqueou? — Ela perguntou.

— Por muito tempo, acreditei que matar minha mãe não mudaria nada. Parte de mim até esperava que pudéssemos fazer as pazes com ela e nos tornar, pelo menos, uma família disfuncional. Eu não era nascido quando ela machucou meus irmãos. Sempre ouvi apenas as histórias, e mesmo essas eram esparsas. Remo tentou manter os horrores do dia em que minha mãe tentou matá-los longe de mim. Mas eu precisava perceber o impacto terrível que ela teve em nossa família por mim. — Nino uma vez contou como nossa mãe cortou os pulsos dele, drogou o bebê Savio e tentou cortar Remo também antes de colocar fogo no quarto. Remo salvou Nino e Savio de um destino cruel. Nossa mãe ainda estava grávida de mim, e se ela tivesse tido sucesso em seu plano tortuoso, eu nunca teria nascido. Percebi que estava em silêncio por muito tempo, perdido em meus pensamentos, então continuei com minha história:

— Quando a vi naquele dia, tentando matar todos a quem eu amava e sorrindo enquanto o fazia, percebi o que ela era. Que ela era a raiz dos problemas dos meus irmãos, de todas as nossas lutas. Nosso pai não foi melhor do que ela, mas pelo menos estava morto e não podia mais lançar sua sombra negra sobre nós. Naquele momento eu quis matá-la e nunca me arrependi. Estou feliz que meus irmãos tenham feito isso. Era um direito deles.

— Ajudou seus irmãos vê-la morta? Eles mesmos matá-la?

Eu considerei isso. Eu nunca tinha falado sobre isso com meus irmãos. O tema da morte de nossa mãe foi enterrado com seu cadáver. Ela se foi. Talvez meus irmãos tenham falado sobre isso com suas esposas, mas definitivamente não comigo, e nunca ousei falar sobre isso. Colocar o passado de lado foi um grande passo para encontrar a minha felicidade.

— Não tenho certeza se os ajudou. Isso não os mudou. A essa altura, já estávamos todos muito confusos para voltar e encontrar um caminho diferente, mas talvez tenha lhes dado paz de espírito por um tempo.

Dinara engoliu em seco. — Paz de espírito era o que eu queria quando te

procurei e a verdade. Eu queria descobrir os fantasmas do meu passado que continuavam me assombrando, queria confrontá-los e colocá-los para descansar, mas não sabia que muitos deles ainda estavam por perto.

— Você quer dizer sua mãe e seus agressores?

Ela assente. Parei o carro no estacionamento meio vazio do bordel e desliguei o motor, mas não fiz nenhum movimento para sair porque Dinara também não. Ela lançou um olhar cauteloso para a porta da frente do estabelecimento. Era uma porta de aço simples em um prédio de tijolos sem janelas na frente.

Eu apertei a mão dela. — Estou aqui.

Dinara assentiu mais resoluta e abriu a porta. Eu a soltei e saí do carro, seguindo-a em direção à entrada do bordel. Ela congelou na frente dele e se virou para mim, seus olhos frenéticos. Ela estendeu a mão para o coldre da minha arma, mas a interrompi com um toque suave. — Você não pode atirar nela no meio de um bar. Se quiser matá-la, precisa fazer isso em algum lugar privado.

Dinara puxou a mão, parecendo perdida por um momento. — Você me dará sua arma quando eu precisar? Não tenho nenhuma arma comigo.

— Você sabe atirar?

— Dima me ensinou.

— Você pode pegar minha arma se precisar. — Eu ainda achava que Dinara parecia muito fora de si para tomar esse tipo de decisão monumental logo depois de ter a opção entregue a ela em uma bandeja de prata.

— É minha decisão, — ela cortou, seus olhos se tornando mais focados. — Meu passado, minha decisão. Não tente me impedir.

— Eu não vou, — prometi.

Ela respirou fundo antes de entrar no prédio, seguida de perto por mim. O ar estava denso de fumaça, cerveja derramada e suor enquanto entrávamos no bar mal iluminado do bordel. Dois homens estavam sentados no bar, conversando com prostitutas, e meia dúzia de cabines também estavam ocupadas. Em algumas delas, as putas e seus clientes já haviam deixado de

conversar. Em nossos estabelecimentos melhores, qualquer tipo de toque era limitado aos quartos, mas aqui as coisas eram tratadas de forma um pouco mais aberta. Uma das putas estava esfregando um cara gordo através da calça enquanto ele apalpava seus seios e babava por todo seu pescoço.

Dinara não pareceu notar. Seus olhos percorreram a sala e eu fiz o mesmo, mas não localizei ninguém que pudesse ser Eden. — Vamos até o balcão do bar, — eu disse.

Os homens no bar verificaram Dinara com fome, mas o olhar que lhes enviei os fez desviar os olhos rapidamente. O dono do bar, um cara magro e loiro na casa dos vinte anos, veio até nós. — Senhor Falcone — disse ele com um aceno reverente. — O que posso fazer por você?

— Duas vodcas e pode me dizer onde está Eden.

— Ela está nos fundos com um cliente. Quer que eu a chame para você?

— Não, — Dinara disse rapidamente.

O dono do bar me lançou um olhar questionador e eu assenti. — Vamos esperar por ela. Deixe-a terminar seu negócio. Mas traga nossas bebidas. Estaremos em uma cabine esperando.

Com a mão nas costas de Dinara, levei-a até uma mesa no canto. Nós nos acomodamos e um momento depois uma garçonete entregou nossas bebidas. Dinara olhou em volta com o rosto rígido. — Este lugar é nojento.

— Os bordéis do seu pai são melhores?

— A maioria deles não é, não. Mas ele tem alguns estabelecimentos luxuosos também. — Dinara deu um gole em sua vodca e depois a largou novamente. Eu deslizei para mais perto dela, procurando seu olhar. — Obrigada por estar ao meu lado, — ela murmurou. — Você tem todos os motivos para desconfiar de mim ou cuidar da sua própria vida, mas em vez disso escolheu me ajudar, mesmo quando estou sendo uma vadia.

— Você não é uma vadia. Você é teimosa e obstinada.

Um sorriso lento se espalhou em seu belo rosto, mas caiu rapidamente.

Seus olhos se voltaram para o bar e segui seu olhar. Uma mulher e um

homem acabavam de entrar no bar pela porta dos fundos. O homem estava com o braço em volta da cintura dela e ela estava encostada nele, dando-lhe um sorriso sedutor. Seu cabelo era de um vermelho vinho e sua pele era bronzeada, mas as maçãs do seu rosto eram inconfundíveis.

Dinara congelou. — É ela.

Ela parecia pequena e apavorada, como aquela garota das gravações. Corri meu polegar sobre a mão dela, na esperança de lhe dar forças. Estreitei meus olhos em sua mãe, que ainda estava em cima de seu cliente. O ódio queimava em minhas veias. Ódio e fome de vingança por Dinara. Eu gostaria que ela me pedisse para cuidar da mulher por ela. Eu não hesitaria - fingir o contrário seria uma mentira do caralho. Eu nem teria escrúpulos sobre isso.

Eden beijou seu cliente uma última vez antes dele ir embora, então seu sorriso agradável caiu e ela fez uma careta para as costas dele antes de se virar para os homens no bar com um sorriso sedutor. Ela não nos notou.

— Eu preciso ir, — Dinara pressionou. — Agora.

Ela se levantou bruscamente, seus olhos assombrados. Eu me levantei, agarrei sua mão e a levei para fora o mais rápido que pude. Eu não sei se Eden nos viu, e mesmo se visse, ela reconheceria Dinara?

Dinara estava hiperventilando quando a empurrei para o banco do passageiro e agachei-me diante dela. Eu toquei suas coxas. — Ei. Olhe para mim. Estou aqui. Eu posso te proteger.

— Eu sei, — disse ela entre suspiros e lentamente sua respiração se acalmou e seus olhos realmente focaram no meu rosto. — Mas eu preciso me proteger. Em vez disso, perco o controle como se ainda fosse a garotinha daquela época. Eu deveria ser forte, mas não sou. — O desespero em sua voz e olhos me cortou profundamente.

— Você é, — eu disse com firmeza. — Mas tem que se dar tempo. Você passou de achar que sua mãe estava morta para vê-la em carne e osso. Você precisa de tempo para resolver as coisas.

— Leve-me de volta ao acampamento, — Dinara sussurrou. — Eu preciso

sair de Vegas. Eu preciso... — Ela balançou a cabeça. — Só me leve embora.

Inclinei-me e beijei-a antes de fechar a porta e entrar atrás do volante. Pela primeira vez desde que conheci Dinara, ela parecia a criança assustada a qual não queria ser vista. Eu podia ver que ela estava lutando para ser forte, mas a garota dos vídeos, uma sombra do passado, permanecia em seus olhos.

Dinara ficou terrivelmente quieta no caminho de volta ao acampamento. Eu não conseguia esquecer o brilho assustado em seus olhos quando viu sua mãe. Agora, sua expressão estava controlada e seus olhos fechados. Isso era quase pior do que antes porque eu não sabia o que realmente estava acontecendo dentro dela.

Depois que estacionei o carro na beira do acampamento, nenhum de nós se moveu. — Você não está pensando em voltar para Chicago de vez, está?

Percebi o quanto a ideia de perdê-la me incomodava. Eu não poderia deixá-la ir.

Dinara não olhou para mim, seu olhar dirigido à frente. — Não, eu não estou. Não vou encontrar o que preciso lá.

Dima veio em nossa direção, como se fosse me executar. Minha fome por sangue ainda gritava alto, então parte de mim queria que ele tentasse.

— Ótimo, — eu rosnei.

— Deixe-me cuidar dele. Fique aqui, por favor.

Dinara desceu e eu a segui rapidamente, apesar de suas palavras. Mesmo que eu a deixasse lidar com ele, a apoiaria.

Dima disse algo em russo, mas Dinara o ignorou. Ela passou por ele sem dizer uma palavra e se dirigiu para o carro. Essa era sua maneira de lidar com ele? Eu estava prestes a segui-la, não querendo que ela ficasse sozinha no estado em que estava, mas Dima barrou meu caminho. — Onde diabos você a levou?

— Isso não é da sua conta.

Ele agarrou meu ombro e eu o empurrei, estreitando meus olhos. Ele estava começando a me irritar seriamente com seu desrespeito. Se não fosse por Dinara, eu poderia ter lhe dado um gostinho da minha faca. Talvez isso

acalmasse a necessidade de sangue em minhas veias.

Eu precisava me controlar.

— Você a levou para Las Vegas, não foi? Eu disse ao meu Pakhan. Ele está chateado com seu irmão.

— Tenho certeza de que meu irmão ficará com o coração partido ao ouvir isso, — eu disse sarcasticamente.

Dima franziu o cenho e se aproximou. — A última vez que ela parecia assustada assim, teve uma recaída e quase morreu. Se algo acontecer com ela, eu te mato.

Eu avancei em seu rosto. — Ela é minha, e vou garantir que esteja segura, então vá se foder.

— Você realmente acha que ela será sua? — Dima me lançou um olhar severo antes de ir atrás de Dinara. Odiava que ele soubesse mais sobre o passado de Dinara do que eu. Eu precisava descobrir mais sobre seu histórico de drogas. Por experiência própria, eu sabia que o apelo das drogas ainda era alto em certos momentos, e Dinara estava bastante abalada agora.

Segui Dima com os olhos e contive um suspiro de alívio quando Dinara não abriu o carro onde ela havia se trancado. Dima disparou em direção ao seu próprio carro, provavelmente para entrar em contato com Grigory novamente. Talvez eu devesse pedir a Remo para mandar mais guardas para as corridas caso a Bratva decidisse atacar. Antes que eu pudesse decidir me aproximar de Dinara, o carro dela arrancou.

— Foda-se, — eu murmurei. Precisei de muito controle para não segui-la. Ela ficaria chateada se eu agisse como um perseguidor. Eu tinha que confiar que ela só precisava de um tempo para si mesma. Não havia nenhum lugar próximo a nós onde ela pudesse comprar drogas, então ela teria que se contentar com bebida barata se quisesse apagar o que aconteceu.

Ela voltou uma hora depois, e na hora certa, porque eu estava perto de fazer uma busca. Eu fui até ela imediatamente. Ela se encostou no carro, mas evitou meus olhos e se concentrou no isqueiro enquanto acendia a ponta do

cigarro. Não senti cheiro de álcool ou maconha nela.

— Eu preciso ficar sozinha agora, Adamo. Sei que você quer conversar, mas as vozes na minha cabeça são o suficiente para lidar agora. Apenas me dê tempo. — Por um momento, seus olhos encontraram os meus, me pedindo para respeitar seu desejo.

Eu balancei a cabeça relutantemente. — Ok, você sabe onde me encontrar. Não faça nada estúpido sem mim.

O brilho de um sorriso cruzou seu rosto. — Não se preocupe.

Depois de um beijo rápido, me virei e a deixei sozinha, mesmo que fosse a última coisa que eu quisesse fazer. Nossa próxima corrida estava marcada para dentro de três dias, então não era como se eu não tivesse o suficiente para fazer. Meu carro precisava de outra revisão e Crank e eu precisávamos repassar as estatísticas das corridas.

Aquela noite foi a primeira vez que Dinara e eu não nos vimos desde que começamos a transar. Era estranho ficar deitado na minha tenda, sabendo que ela estava do outro lado do acampamento e me perguntando o que ela estava fazendo, como estava se sentindo.

Quatro dias depois tinha uma grande festa porque havíamos chegado à metade da nossa temporada. Depois dos eventos dos últimos dias, eu não tinha certeza se estava com vontade de dançar, ficar bêbado era outro assunto. Essa parecia uma opção atraente neste momento.

Não vi Dinara de manhã e resisti à vontade de procurá-la, apesar do desejo crescente de fazê-lo.

Em vez disso, ajudei Crank e alguns outros caras a montar uma grande fogueira no centro para esta noite e comprei carne para churrasco para toda a multidão. A Camorra sempre patrocinou as grandes celebrações para manter os pilotos entretidos. Afinal, ganhamos muito dinheiro com eles. Enquanto Crank e eu descarregávamos meu porta malas, avistei Dinara pela primeira vez naquele dia. Ela estava sentada no seu capô com os braços apoiados atrás dela e seus

olhos fechados. Dima estava ao lado dela falando com ela, mas ela não deu qualquer indicação de que estava ouvindo. Ela parecia estar a quilômetros de distância. Eu só podia imaginar onde sua mente a estava levando.

Por fim, Dima foi embora. Corri atrás dele e o alcancei antes que ele pudesse entrar em seu carro. — Como ela está?

Dima zombou. — Você está me perguntando? Eu nem sei o que diabos aconteceu nos últimos dias. Você a tirou daqui e agora ela está confusa. Você a levou para ver a mãe dela?

— Dinara tem o direito de saber todos os aspectos de seu passado, mesmo que você e Grigory não gostem.

Dima se inclinou, seus olhos brilhando em advertência. — Você deve ter cuidado, Falcone. Seus irmãos não estão aqui para protegê-lo e quando se trata de Dinara, Grigory não se importa com as consequências. Ele vai arrancar seu coração e jogá-lo para os cães se algo acontecer com ela.

Eu sorri sombriamente. — Ele pode tentar. — Eu me virei, dando minhas costas para Dima. Ele realmente acha que pode me assustar? Eu perdi a conta do número de inimigos que queriam ver a mim e a meus irmãos mortos. Grigory teria apenas que esperar no final da fila pela porra da sua vez. Do outro lado do acampamento, Dinara chamou minha atenção. Ela deve ter assistido meu confronto com Dima. Ela não desviou o olhar e então me aproximei dela, interpretando isso como um convite. Ela colocou os óculos de sol casualmente, mas essa foi uma grande admissão de sua turbulência emocional do que ela provavelmente percebeu.

Em vez de perguntar o que eu realmente queria saber, como ela estava lidando com tudo, falei: — Você vai participar da festa esta noite? Vai ser uma explosão.

— Uma explosão, — disse ela com um sorriso estranho. — Parece algo que não posso perder.

— Começa pouco antes do pôr-do-sol.

Era estranho não estar mais perto dela, não tocá-la, mas Dinara

permaneceu recostada no capô e não fez nenhum movimento para buscar minha proximidade. Se ela ainda estivesse precisando de espaço para processar tudo, eu daria a ela. — Eu estarei lá.

Eu assenti, resistindo ao desejo de arrancar seus óculos de sol para ver seus olhos. Em vez disso, recuei e voltei para Crank. — Problemas no paraíso? — Ele perguntou enquanto eu o ajudava a acender uma das churrasqueiras que ele construiu com um velho barril de vinho.

— Dinara e eu gostamos de nossos espaços ocasionalmente. Não somos presos pelo quadril.

— Se você diz, — disse Crank. Esse era o problema de morar no acampamento.

Pouco antes do pôr do sol, todos os membros do acampamento, incluindo as meninas dos boxes e outras mulheres que os pilotos encontraram em bares próximos, se reuniram para a festa. As chamas da fogueira no centro serpenteavam para o céu iluminando a noite e enchendo nossos corpos de calor. O cheiro de carne grelhada e maconha pairava pesadamente no ar. Uma mistura apimentada que te faz se sentir chapado sem um único gosto ou tragada.

Eu estava em uma das churrasqueiras, virando costelas para me manter ocupado enquanto examinava a multidão. Graças as churrasqueiras e às fogueiras, o ar ainda estava quente e muitos convidados da festa dançavam seminus. Nenhuma das garotas usava mais do que um top de biquíni e shortinhos, e até mesmo a maioria dos caras já tinha descartado suas camisas. Eu era um deles, mas muitos perto da churrasqueira, um fino brilho de suor cobria meu peito, apesar da minha falta de roupas.

Eu congelei quando finalmente vi Dinara. Estive procurando por ela desde o início da festa, mas ou ela se escondeu na multidão até agora ou acabou de se juntar à festa. O sol estava começando a desaparecer no horizonte. Passei a pinça de churrasco para Crank e deixei meu lugar na churrasqueira para dar uma olhada mais de perto em Dinara. A visão era linda demais para perder.

Ela dançava descalça sob o sol poente, seu cabelo ruivo em chamas na luz

fraca. Ela era lindamente imperfeita - imperfeitamente linda. Era risada e leveza e felicidade.

Nossos olhos se encontraram e por um segundo ela pareceu parar, um ligeiro percalço em sua farsa, então ela jogou a cabeça para trás e riu. Ela começou a girar até perder o equilíbrio e tropeçar em minha direção. Ela colidiu com meu peito com força, ainda rindo. Seus olhos brilhavam de felicidade forçada. Ninguém viu a escuridão persistente logo abaixo.

— Finja até ser verdade, — ela respirou, em seguida, colou seus lábios contra os meus. Nos beijando, caímos no chão sob os aplausos da multidão. Eu rolei de costas, levando-a comigo. Ela montou em meus quadris e soltou um grito de guerra.

Eu sorri.

Finja até ser verdade. Eu poderia fazer isso por ela, se era isso que ela precisava para superar seus demônios, seu desespero. Seu hálito cheirava a álcool e maconha, mas ela não estava bêbada ou chapada o suficiente para explicar sua alegria repentina. Ela queria esquecer, ser feliz e estava determinada a forçar isso.

A multidão começou a dançar em círculo ao nosso redor e Dinara se inclinou novamente para um beijo prolongado. Ela geralmente era menos aberta a demonstrações públicas de afeto, mas a tomei sem hesitação e a beijei de volta, querendo que todos vissem que ela era minha - agora e pelo tempo que me deixasse.

— Dance comigo. Ajude-me a esquecer esta noite — ela murmurou, seus olhos quase febris de desespero. — Vamos simplesmente ser nós esta noite. Não é filha ou irmão de ninguém. Vamos entrar no momento. Sem passado, sem futuro.

Eu bati em sua bunda em resposta, fazendo a multidão rugir de alegria. Os olhos de Dinara brilharam de indignação e depois de ansiedade. Eu agarrei seus quadris e me sentei. — Simplesmente nós. — Eu a beijei duramente antes de acenar para uma das dançarinas. Ela agarrou Dinara e puxou-a para o círculo de

dança. Eu pulei e me juntei a eles. Dançamos até nossos pés doerem, até que o ambiente ao redor ficasse embaçado por causa do álcool e da maconha passando.

Dinara nunca saiu do meu lado, nossos corpos moldados enquanto dançávamos com a batida. Sentindo seu corpo pressionado contra o meu e vendo o fogo em seus olhos, o desejo por ela me acendeu e logo meu pau cavou contra sua barriga. Seus olhos brilharam com luxúria. Inclinei-me, beijando sua orelha. — Eu preciso te foder agora, Dinara.

— Então me foda, — disse ela. Eu a levantei do chão e suas pernas envolveram meus quadris enquanto a carregava para longe da festa. Disfarçar não era mais uma opção. Todo mundo já sabia sobre nós, e eu queria que eles soubessem. Eu queria que a porra do mundo inteiro soubesse sobre Dinara e eu, até mesmo a Bratva e seu pai assassino.

***

Na tarde seguinte, Crank se aproximou de mim quando eu estava indo tomar um banho. Minha cabeça latejava de dor. Dinara e eu nos mantivemos acordados até o inicio da manhã, e até voltamos para a festa para passar algum tempo sozinhos. Eu nem conseguia me lembrar da última vez que estive tão bêbado. A última coisa que queria era falar com alguém, especialmente porque a expressão de Crank me dizia que eu não gostaria do que ele tinha a dizer. — Problemas? — Eu perguntei, esperando no primeiro degrau para o trailer do banheiro por ele.

Ele fez uma careta. — Ouvi dizer que Dinara pediu drogas, Adamo.

Meus olhos dispararam pelo acampamento em direção ao meu carro e à tenda onde Dinara e eu passamos a noite. Eu não a vi em lugar nenhum, então ela provavelmente ainda estava dormindo. — Que tipo de drogas?

— Ela não foi exigente. Mas cocaína ou heroína foram suas opções preferidas.

Eu balancei a cabeça lentamente. Não havia regra contra drogas durante as

corridas. Vários pilotos eram clientes leais dos traficantes de drogas da Camorra, principalmente ecstasy e LSD. E eu sabia que muitas pessoas estavam doidas com mais do que maconha na noite passada. Eu não me envolvia nesse lado do nosso negócio. Era muito arriscado para mim estar rodeado de drogas pesadas, mesmo que estivesse limpo por muitos anos. Aprendi a não confiar facilmente, muito menos em mim.

— Achei que você gostaria de saber, — disse Crank.

— Alguém vendeu merda para ela? — Eu rosnei.

Crank me deu um sorriso torto. — Ninguém se atreveu a fazer isso antes de pedir permissão, já que ela é sua garota.

Eu não o contradisse, mesmo que Dinara provavelmente odiasse ser marcada como minha - ou de qualquer um, aliás.

— Bom. Vou falar com eles para ter certeza de que mantenham as drogas longe.

Depois de um banho rápido, fui até um dos pilotos que também trabalhava como nosso distribuidor de drogas e disse-lhe para garantir que ninguém no território da Camorra ousasse vender nada para Dinara. A notícia se espalharia em breve. Ela era minha e quem se atrevesse a dar-lhe coisas pagaria com sangue.

Voltei para minha barraca, mas Dinara havia desaparecido, então fui em busca dela e finalmente a encontrei em seu Toyota.

Ela estava inclinada sob o capô aberto de seu carro, mexendo no motor. Suas longas pernas espreitavam fora de seu short jeans e as saliências suaves de sua espinha convidavam minha língua a traçá-las, mas segurei minha necessidade de estar perto dela. Tínhamos problemas para discutir primeiro. Ao me notar, ela se endireitou e estreitou os olhos. — O que está errado?

Eu me inclinei contra o carro, tentando esconder meu aborrecimento. Ela agiu como se a noite passada não tivesse acontecido e estava de volta ao seu eu distante. Mas a palidez de sua pele e a maneira como estreitou os olhos para a luz revelaram a verdade da folia da noite anterior. — Esta é a minha corrida, e as

pessoas me contam as coisas. Ninguém lida com drogas a menos que tenha a autorização da Camorra.

— Eu sei. Foi por isso que pedi a alguém para me comprar coisas. Eu previ que teria dificuldade em conseguir qualquer coisa porque as pessoas parecem achar que você pode decidir o que eu faço ou não.

— Você não veio até mim.

— Você não teria me vendido drogas, ou teria? A julgar pelo seu olhar irritado, vou receber uma palestra agora. Não tenho certeza se tenho capacidade cerebral depois de ontem à noite.

— Não, claro que não a deixaria comprar drogas! Eu mesmo usei essa merda. Heroína, cocaína e até metanfetamina. Eu sei o que isso faz com o corpo. Isso te arruína. Seu corpo, sua mente, tudo.

Dinara

Eu ri amargamente. — Eu já dancei com o diabo antes. Eu sei o que isso faz. — Parte de mim estava feliz com a preocupação de Adamo, mas a maior parte se sentia presa e na defensiva. Eu estava tão cansada, desde a noite passada, de tentar esquecer meus sentimentos distorcidos. Na festa e com Adamo, havia me esquecido da minha mãe por algumas horas, mas esta manhã tudo me atingiu novamente. Não podia escapar da realidade, pelo menos não por muito tempo, não sem meus velhos vícios.

— Há quanto tempo você está limpa?

Fechei o capô e suspirei. — Quase um ano agora.

Preocupação e frustração guerreavam nos olhos de Adamo. — E agora você quer jogar tudo pela janela, por quê?

Eu pensei exatamente a mesma coisa na primeira noite após nosso retorno de Las Vegas, sozinha em minha tenda depois que todos se recusaram a me vender coisas. Por um momento pensei em dirigir até a próxima cidade, um

lugar onde ninguém me reconhecesse, muito menos soubesse que eu era a garota de Adamo, como todos por aqui me chamavam. Com os últimos resquícios da minha determinação, fiquei quieta e passei a maior parte da noite olhando para o teto da minha barraca, com muito medo de adormecer e ser assombrada por novas memórias, acordada por minha recente viagem a Las Vegas. Ficar limpa e permanecer limpa era uma luta. Este foi o tempo mais longo que consegui ficar longe das drogas desde os quatorze anos e quase joguei tudo fora por causa da minha mãe. Ela arruinou minha vida uma vez e quase lhe dei o poder de fazer isso de novo. Eu estava furiosa comigo mesma, mas, como sempre, orgulhosa demais para admitir.

Eu o encarei. — Você não pode imaginar que tipo de imagens minha mente está repetindo desde que vi minha mãe. Tanta merda enterrada voltou. Isso está me corroendo, e sei que a única maneira de impedir isso é me drogar.

Adamo se aproximou. Eu poderia dizer que ele queria me tocar, talvez até me abraçar, e queria que ele fizesse, mas ainda assim não me mexi. Na noite anterior, nossos corpos se uniram, alimentados pela paixão e alegria, agora cada toque seria preenchido com emoções com as quais eu não queria lidar. — As memórias voltam duas vezes mais ruins quando o efeito passa, Dinara. Você não pode escapar delas. Eu tentei também.

Porra, precisei de cada grama de contenção para não voar em seus braços. Eu queria ser abraçada por ele, mas não queria parecer fraca. Porém, provavelmente era um pouco tarde para isso. Em Vegas, tinha me perdido completamente. Ver minha mãe me revirou por dentro, me fez sentir como uma garotinha. Ela mudou muito ao longo dos anos, desde que papai não pagava mais pelos seus tratamentos de beleza e ela trabalhava como uma prostituta barata, mas minha mente havia puxado imagens do passado.

— O que devo fazer? — Eu perguntei baixinho, me movendo um pouco mais perto dele.

— Seja o que for, estou aqui para te ajudar, mas não precisas de drogas, Dinara.

— Você não sabe o que eu preciso. Você não pode. Não até que tenha vivido o que eu vivi. A única coisa que faz a dor passar por um tempo são as drogas.

— Não tem que ser assim.

Ele estava certo. Eu lutei muito para chegar onde estava agora. Adamo tocou minha bochecha e me inclinei para ele. — Vamos descobrir uma maneira de você superar essa merda. Juntos.

Eu assenti. — Juntos.

Dezessete

Adamo

Dinara se juntou a mim na minha tenda naquela noite, mas estava inquieta. — Podemos ir para outro lugar? Para algum lugar longe de todos, onde possamos dormir do lado de fora, sem nossa barraca? Eu sinto que tudo está se fechando sobre mim. — Sua voz estava hesitante.

— Claro, — eu murmurei.

Arrumamos tudo e dirigi meu carro a cerca de um quilômetro do acampamento. Amanhã não era um dia de corrida, então não era um problema. Arrumamos nossos sacos de dormir e travesseiros no chão até criarmos uma cama espaçosa sob as estrelas. Por um tempo, ficamos sentados um ao lado do outro, olhando para a escuridão. À distância, as luzes do acampamento iluminavam o horizonte, mas logo elas também morreriam. Eu coloquei o lampião a gás atrás de nós com a chama no mínimo possível iluminando o suficiente para que pudéssemos ver nossos rostos. — Tenho pensado em assistir às gravações que você me deu, mas estou com medo. Se ver minha mãe já me incomodou tanto, o que ver todos aqueles caras e o que fizeram, fará comigo? — Ela fechou a boca, arrependimento passando por seu rosto. Nos meses desde que conheci Dinara, aprendi uma coisa sobre ela: ela odiava admitir fraqueza, ou o que percebia como fraqueza. Entrelacei nossos dedos.

— Se quiser, posso estar presente quando você assistir, — eu disse, mesmo que a ideia de ver o abuso de Dinara revirasse meu estômago. Assistir alguns minutos já foi demais. Mas por Dinara eu o faria.

Ela virou a cabeça para mim. — Não acho que quero que você me veja assim, não mais do que já viu. — Ela balançou a cabeça. — Porra, isso é tão bagunçado.

— Eu poderia queimá-los para você. Se Remo não os tivesse me dado, você nunca saberia que eles existem. Finja que nunca descobriu.

— Ele queria que eu os tivesse para que pudesse ver meus agressores e decidir sobre seu destino. Seu irmão é tudo sobre o Dia do Julgamento, não é?

Eu ri. — Não no sentido religioso, mas olho por olho é definitivamente o seu estilo. Embora ele não se contente com um olho. Ele pegaria os olhos, a língua e pelo menos um órgão antes mesmo de considerar.

— O que ele faria com meus abusadores?

Provavelmente a mesma coisa que eu estava fantasiando. Era irônico que eu tivesse passado a maior parte da minha vida tentando ser melhor do que Remo. — Torturaria até que implorassem pela morte, até que cada parte de seus corpos e sua mente estivessem quebradas. Ele se certificaria de que os outros abusadores soubessem o que estava acontecendo para que mijassem nas calças sabendo que seriam os próximos. Ele trabalharia seu caminho do filho da puta menos culpado ao número um, deixando o melhor para o final. — Minha voz soou com ansiedade e fome sombria. Passei a mão pelo meu cabelo, meu sangue batendo forte em minhas veias.

Dinara olhou para meu rosto. — Parece que você pensou muito sobre isso.

Eu sorri torto. — Eu sou um Falcone. Merda torcida está no meu sangue.

Ela chegou mais perto e se inclinou sobre mim, me empurrando para trás. Seu cabelo cobriu nossos rostos enquanto ela montava em meus quadris. Ela ficou séria. — Só há uma outra coisa que pode me ajudar a seguir em frente. Sem drogas e, definitivamente, sem perdão.

— Diga-me. — Mas no fundo eu sabia o que ela queria, o que me pediria, e com a mesma certeza sabia que não negaria. Porra, eu queria que isso acontecesse. Eu não deveria querer tanto.

— Ajude-me a matá-la, me ajude a matar cada um deles. — Ela me beijou duramente, em seguida, enfiou a mão entre nós e esfregou-me rudemente através da minha calça. Agarrando seu pescoço, retribuí o beijo com ainda mais força. Com um grunhido, nos virei e abaixei seu short antes de abrir o zíper da minha

calça. Deslizando sua calcinha para o lado, meti nela com um golpe duro. Ela arqueou com um gemido. Trocamos olhares e nos dela havia confiança e uma emoção que nós dois não podíamos admitir. Apenas nossas respirações e gemidos preencheram o vazio quando nossos corpos se juntaram. Mais do que o aspecto físico, pude sentir como esse momento nos aproximou no plano emocional.

Depois, deitamos um ao lado do outro, ambos observando silenciosamente o céu estrelado. Dinara pegou um cigarro, acendeu-o e deu uma longa tragada antes de estendê-lo para mim. Eu estava tentando parar de fumar de novo, mas hoje não era um bom dia para começar essa busca e duvido que as próximas semanas seriam melhores. Peguei a extremidade e traguei profundamente.

— Então? Você vai me ajudar?

Soltei uma nuvem de fumaça, nublando o lindo céu noturno. — Sim. — Não houve hesitação em minha voz, nem um lampejo de dúvida em minha mente.

Dinara apoiou a cabeça no meu ombro e eu a envolvi com o braço. — Nunca matei ninguém. Nem mesmo machuquei alguém de verdade.

Eu não poderia dizer o mesmo. Como Falcone, coube a mim me acostumar com a violência desde cedo. — Se você não pode fazer isso, posso fazer por você.

Dinara ergueu a cabeça. — Não, eu não quero usá-lo como meu assassino. Esse nunca foi o plano. Porra, quando vim para cá descobrir mais sobre o meu passado, não achei que acabaria comigo planejando sair em uma matança com você.

Eu examinei seu rosto. Não consegui detectar um pingo de mentira em sua voz. — Mas estava curiosa sobre eu e meus irmãos matando nossa mãe.

— Claro que estava. Se você encontrar alguém que esfaqueou a mãe, é provável que seja a coisa mais interessante sobre ele, mesmo que sua vida provavelmente envolva muitos incidentes interessantes.

— Seu pai é Pakhan. Sua vida certamente não tem sido entediante.

A boca de Dinara se contraiu em uma linha tensa. — Papai tentou me dar a vida de uma princesa, ou melhor, a vida de uma czarina. Meus guarda-roupas estão cheios de mais vestidos do que posso usar e tenho joias que valem muitos milhões. Há pessoal para cada pequena demanda em nossa casa. Frequentei bailes na Rússia e festas em Chicago. Eu vivi uma vida chata.

— Parece que você viveu a vida de outra pessoa. Não consigo imaginá-la em um vestido de baile, trocando gentilezas com pessoas arrogantes.

— Eu me sentia uma impostora.

— Então por que fez isso? Por que não disse ao seu pai que essa não era você.

— Ele sabe que não sou eu, mas espera que possa me tornar isso. Ele acha que é um sinal do meu sofrimento contínuo não gostar de festas sem sentido como muitas outras meninas em nosso círculo fazem. Ele acha que pode me consertar me mostrando esse lado da vida. E eu o agrado porque o faz se sentir melhor. Eu vejo isso como meu trabalho e sou muito bem paga.

Eu ri. — Essa é uma maneira de ver as coisas. Mas valsar nas pistas de dança foi apenas uma pequena parte do que você fez.

— Dima me levou em aventuras, a corridas e festas, a partes de Chicago onde eu não deveria colocar os pés.

— Mas seu pai sabia.

— Dima é o homem dele. Conta tudo a ele, mas papai aceitou minha parte indomável e me permitiu vivê-la, contanto que não precisasse testemunhá-la.

— Talvez ele acabe aceitando que você é assim, indomável e forte, porque quer ser, e não como um sinal dos horrores do passado.

— Talvez, — ela concordou, mas a dúvida encheu a palavra. — Você mencionou que seu irmão tem os nomes e endereços dos homens que me molestaram.

— Ligarei para ele de manhã e pedirei que me envie um e-mail.

— Ele provavelmente ficará chateado se descobrir que estou te arrastando para essa confusão comigo.

Remo era totalmente sobre vingança e retaliações sangrentas, especialmente se envolvessem mães horríveis, mas certamente estava cansado dos motivos de Dinara. Ele achava que ainda precisava me proteger quando eu era perfeitamente capaz disso.

— Tenho pensado em pedir a ajuda de Dima, talvez até meu pai. Ambos matariam qualquer pessoa que me machucasse.

Eu fiz uma careta. — Eu disse que te ajudaria. Não há razão para pedir a mais alguém, especialmente porque Remo não ficará feliz se seu pai invadir nosso território.

— Eu faria isso para te mostrar que não estou aqui porque preciso da sua ajuda. Não quero que você pense que o que existe entre nós serve ao propósito de fazê-lo me ajudar. Esse não é o caso. Eu queria informações, era isso. Agora que as tenho, não preciso mais de você, especialmente agora que sei que Remo está disposto a me dar todas as informações de que preciso para me vingar.

— Ai, — eu disse secamente. — É bom saber que você não precisa mais de mim. — Eu lhe dei um sorriso sarcástico.

Ela revirou os olhos. — Você sabe o que quero dizer. Estou aqui porque gosto de estar com você, o sexo, a conversa, tudo. Estou aqui porque quero estar.

Passei meus dedos por seu cabelo, apreciando a sensação sedosa dele contra a minha pele. Dinara tinha o cabelo mais macio que eu poderia imaginar. — Não há nenhum lugar onde eu preferisse estar do que ao seu lado, mesmo que isso envolva uma vingança brutal.

Dinara suspirou. — E depois? Quando a parte da vingança acabar. Somos quem somos.

— Você já disse isso antes, — murmurei. — Que tal levarmos um dia após o outro?

— Combinado, — ela disse antes de ficar em silêncio por alguns minutos. A tensão assumindo seu corpo me disse que seus pensamentos voltaram ao passado. — Acho que precisamos fazê-los assistir às gravações quando os confrontarmos, antes de lidarmos com eles.

— Isso serve a dois propósitos. Eles serão lembrados de seus pecados e você ficará com raiva o suficiente para se vingar.

Dinara soltou uma risada sombria. — Você acha que vou precisar de mais incentivo para matá-los?

— Se você nunca matou, talvez. A primeira morte é sempre a mais difícil.

— Foi para você?

— Foi durante um ataque para salvar a minha vida e a dos meus irmãos, então não tive tempo de pensar. Apenas puxei o gatilho. Minha morte mais difícil foi a seguinte, aquela que Remo ordenou que eu fizesse para me tornar um camorrista. Ele me deixou com raiva do cara antes que eu tivesse que atirar nele. Tornou as coisas mais fáceis.

— Suponho que sim. Não acho que a raiva seja um problema, mas e se eu congelar como fiz com minha mãe? E se eu me tornar essa garota indefesa que não pode fazer nada?

— Estarei lá para tirá-la disso. Se você realmente quer matá-los, então vou me certificar que consiga fazer isso.

— Porra, nós dois somos distorcidos, você percebe, certo?

— Eu fiz as pazes com isso, — falei com um sorriso irônico. — Você já pensou em como quer matá-los? Com uma arma, rápido e fácil, ou com uma faca, mais pessoal e desde que não tem experiência em esfaquear alguém, mais dolorosa. Você provavelmente precisará de algumas facadas para matar. Você quer torturá-los antes? Ou tem outro tipo de morte em mente?

Dinara pressionou sua testa contra a minha. — Talvez seja um mau sinal que nada do que você acabou de dizer me assustou.

— Se o que eu disse te assustasse, então não teríamos que caçar seus agressores.

— É... — Dinara suspirou lentamente. — Acho que atirar em nossa primeira vítima seria o melhor. Dessa forma, posso terminar minha primeira vez rapidamente. Não acho que poderia simplesmente enfiar uma faca em alguém, muito menos várias vezes. Talvez considere isso para as mortes posteriores.

— Posso te mostrar como fazer isso. Poderíamos praticar no cadáver da primeira vítima.

Dinara riu. — Agora estou um pouco assustada.

— O suficiente para fugir de mim? — Murmurei. No passado, sempre mantive essa parte minha escondida com segurança, especialmente quando estava perto de meninas, mas até mesmo em torno da minha família. Com Dinara, senti como se pudesse finalmente revelar esse lado distorcido e mórbido de mim mesmo.

— Nunca, — disse ela com firmeza, mordendo meu lábio inferior.

Por fim, Dinara adormeceu em meus braços e, como tantas vezes antes, murmurou e se contorceu durante o sono. Afastei uma mecha de cabelo de sua testa, me perguntando se esse caminho que faríamos seria a escolha certa para Dinara, se isso dissiparia seus pesadelos ou apenas acrescentaria outros.

Dinara

Saímos do acampamento logo após a próxima corrida. Adamo imprimiu a lista com os endereços dos meus agressores. Eu examinei os nomes, mas eles não significavam nada para mim. Eles nunca se apresentaram com seus nomes verdadeiros. Os nomes não carregavam os horrores do passado, mas eu sabia que seus rostos sim. Mesmo se tivessem mudado ao longo dos anos, eu reconheceria seus olhos. Isso sempre me assombrou mais. A ânsia... a fome...

Adamo e eu nos hospedamos em um hotel miserável na interestadual, fora de Reno, um lugar mais adequado para nossa viagem do que um bom hotel.

Nós só passaríamos uma noite aqui antes de finalmente encontrarmos a primeira pessoa em nossa lista amanhã. Meu primeiro abusador. Fiquei olhando para o teto branco-acinzentado do motel, ouvindo Adamo tomando banho.

Não seria difícil encontrá-lo. Ele era dono de uma loja de ferragens em Reno, onde trabalhava seis dias por semana. Ele era conhecido como agressor

sexual. Desde uma condenação pouco depois de ter abusado de mim e alguns anos na prisão, ele vivia uma vida solidária. Nenhuma família morando por perto e se os contatos de Adamo estivessem certos, nenhum amigo próximo também. Adamo pesquisou bastante desde que recebeu a lista. Ele estava determinado a me ajudar. Seus próprios demônios o impulsionavam. Demônios ainda mais sedentos de sangue que os meus.

Adamo saiu do banheiro em uma nuvem de vapor com apenas uma toalha enrolada em sua cintura estreita. Normalmente, a visão de seu abdômen e peito musculoso sempre me deixava no clima, mas hoje minha mente girava com muitos pensamentos sobre o que estava por vir.

— Você cortou o cabelo, — eu disse baixinho. Mesmo para meus próprios ouvidos, minha voz soava estranha, como se eu estivesse perdida em outra dimensão.

Adamo veio em minha direção e se sentou na beira da cama. Toquei seu cabelo curto, senti falta dos cachos nos quais poderia afundar meus dedos.

— É mais fácil lavar. As coisas podem ficar complicadas em breve.

Ele quis dizer sangrento. Logo as coisas ficariam sangrentas. — É difícil lavar o sangue do cabelo? — Perguntei roucamente. — Talvez eu deva cortar meu cabelo também.

— Não, mantenha seu cabelo. Eu adoro. — Suas sobrancelhas franziram. — Você está preocupada com o amanhã? Ele não vai escapar, e se eu não puder contê-lo, o que duvido, ainda posso chamar reforços.

— Não estou preocupada com isso. Eu vi você lutar com Dima. Sei que você pode lidar até mesmo com um lutador capaz. Estou preocupada comigo mesma.

Adamo se esticou ao meu lado, cobrindo-me com o perfume do seu gel de banho de ervas frescas. A cama rangeu com o peso adicional. — Como você vai lidar com a situação?

Eu balancei a cabeça e apontei para a nova arma na minha mesa de cabeceira. Adamo comprou para mim. — Eu a segurei em minha mão esta

manhã e me imaginei puxando o gatilho enquanto olhava nos olhos do idiota. Na minha imaginação, foi bom, foi fácil, apenas um movimento do meu dedo, nada mais.

Adamo se aproximou, seus lábios roçando minha orelha. — Se está perguntando se será tão fácil na realidade, então devo dizer que provavelmente não. Não saberemos até o momento. Talvez você aperte o gatilho sem pensar duas vezes, ou talvez perceba que não pode seguir com nosso plano.

— Eu preciso.

Não queria que Adamo fosse meu carrasco. Eu não poderia colocar esse fardo em mais ninguém. — É a minha vingança. Eu deveria fazer isso. Com você ao meu lado, posso fazer isso.

Os olhos escuros de Adamo encontraram os meus. — Podemos parar em qualquer ponto. Não precisamos terminar todos os nomes dessa lista. Trata-se de ajudá-la a lidar com o que aconteceu, não tornar pior. E se você precisar que eu faça isso, cuidarei de todos eles para você.

Se eu simplesmente precisasse de um carrasco, poderia ter pedido a papai para caçar todos os meus agressores. Ele teria feito isso de bom grado. Ele também ansiava por uma maneira de me vingar, e talvez até a si mesmo. O fato de os homens terem ousado tocar na filha de um membro do alto escalão da Bratva foi como um tapa na cara, mesmo que meus agressores não soubessem quem eu era.

Na manhã seguinte, antes de Adamo e eu sairmos para encontrar o primeiro cara da nossa lista, nos acomodamos na frente de seu laptop para assistir a gravação de mim com o alvo de hoje. A tela se iluminou com a imagem de uma cama e uma versão jovem de mim mesma empoleirada na beirada com as mãos no colo, os olhos baixos. Era como assistir outra pessoa, mas eu sabia que isso mudaria no momento em que iniciasse a gravação. Os horrores da garota se tornariam meus. O vídeo se tornaria realidade na minha cabeça, traria memórias de cheiros e sensações dos cantos escuros da minha mente. Eu seria arrastada de volta ao passado. Adamo esperou que eu apertasse o play, seus

olhos amáveis e sua expressão paciente.

Eu apenas encarei a tela, meu corpo congelado. A Dinara de antes usava o cabelo preso em rabos de cavalo, algo que muitos dos meus abusadores preferiam.

— Não precisamos assistir, — disse Adamo. — Você sabe o que aconteceu. Nós sabemos que ele é culpado. Não há razão para se torturar com imagens do passado.

Eu não reagi, apenas olhei para a tela. O problema era que essas imagens me assombravam quase todos os dias desde que papai me pegou em Vegas, há mais de uma década.

— Ou, se não quiser que eu veja, posso dar uma volta até que você termine.

O pânico passou por mim com sua sugestão, então agarrei sua mão, entrelaçando nossos dedos. — Não, — eu sussurrei asperamente. — Não posso assistir sozinha. Já é ruim o suficiente reviver isso em meus pesadelos todas as noites sozinha.

Ele apertou minha mão e meu coração se contraiu com uma mistura de emoções em seu apoio. Adamo não tinha absolutamente nenhum motivo para me ajudar, mas aqui estava ele. Estava tentando manter suas emoções sob controle por mim, mas em seus olhos, eu podia ver muitas das minhas próprias emoções. O ódio absoluto por meus agressores e a determinação de me vingar e, por baixo de tudo isso, uma emoção que tanto Adamo quanto eu não podíamos arriscar, dadas nossas famílias, nossas origens... nosso futuro. Eu estava tentando ignorar meus sentimentos, mas olhando para ele agora, não podia negar que estava me apaixonando por Adamo. Era absolutamente insano e eu estava feliz que nosso plano de vingança me mantivesse muito ocupada para considerar a insanidade da escolha do meu coração.

Eu me concentrei na tela e apertei o play, meu corpo enrijecendo ainda mais. O primeiro cara da nossa lista entrou na sala. Seu sorriso era excessivamente gentil enquanto ele se aproximava do meu eu do passado, mas

por baixo disso, persistia a ansiedade e a fome. Logo seu rosto apareceu diante do meu olhar interno, não mais na tela. Meu aperto na mão de Adamo aumentou enquanto tentava manter meu rosto neutro, querendo ser forte, mesmo enquanto a repulsa e o terror guerreavam por dentro. Minha garganta secou e um suor frio começou a brotar, colando minhas roupas ao corpo. Quando o homem sentou ao lado da jovem Dinara na cama e tocou sua perna, apertei o botão de pausa, interrompendo o vídeo. Soltei uma respiração áspera, meu pulso acelerando em minhas veias enquanto os medos do passado aumentavam minha adrenalina. — Não consigo assistir.

— Tudo bem. Ainda podemos descartar todos os vídeos.

Eu balancei minha cabeça. — Vamos levá-lo conosco para ele hoje. Quero que ele assista, mesmo que eu não possa fazer isso.

— Tudo bem, — disse Adamo simplesmente.

Eu o beijei antes de fugir para a beira da cama. — Vamos agora. — Eu precisava me mover antes que perdesse a coragem. Trancada neste quarto de motel, me senti como um animal enjaulado.

Adamo não hesitou. Ele enfiou o cd e o laptop em uma bolsa antes de me seguir. Ele perguntou se eu queria que ele empacotasse material para tortura, mas eu disse que não. Matar outra pessoa já seria um grande desafio. A tortura estava fora de questão, mesmo que cada um dos meus abusadores a merecesse. Eu os queria mortos. Isso seria o suficiente.

***

Adamo estacionou na calçada em frente à loja de ferragens onde o cara trabalhava e também morava nos fundos. Já era fim da tarde e a loja deveria fechar em meia hora. Nós não conversamos enquanto estávamos sentados no carro. Adamo pegou um saco com donuts, mas não consegui forçar mais do que uma mordida pela garganta. Meu coração não parou de bater acelerado desde que vimos os primeiros minutos do vídeo. Eu me sentia como se fosse a presa e

não o caçador.

Minhas mãos estavam úmidas e fiquei feliz por Adamo estar ao meu lado, porque ele parecia extremamente calmo.

— Está na hora, — ele disse finalmente, e percebi que quase trinta minutos se passaram sem que eu notasse. — Ele vai fechar a loja a qualquer minuto.

— Ok, — eu resmunguei.

Adamo agarrou meu queixo e me forçou a encontrar seus olhos. — Devemos ir agora para que possamos entrar como clientes de última hora. Invadir trás o risco de alertar a polícia. Não estamos em Las Vegas, não temos todos os policiais em nossa folha de pagamento.

Engoli e balancei a cabeça, mas não conseguia me mover. Lágrimas de raiva de mim mesma brotaram e pisquei de volta. — Eu...

— Eu irei sozinho e o matarei por você, a menos que não queira que eu faça isso?

Eu queria que meu agressor morresse, queria fazer isso sozinha, mas talvez estivesse muito fraca para fazê-lo. Eu dei o menor aceno de cabeça, mesmo que me odiasse por isso. Adamo me deu um beijo e saiu do carro antes de pegar a bolsa do porta-malas. Ele correu até a loja de ferragens sem um minuto a perder. Um cara apareceu na porta para virar a placa para fechada. Adamo lançou lhe um sorriso encantador e foi autorizado a entrar. Os dois homens desapareceram da minha vista e logo depois Adamo virou a placa para fechado antes de sair de vista novamente.

Eu olhei para minhas mãos, furiosa comigo mesma por permitir que outra pessoa repartisse minha vingança.

Dezoito

Adamo

Eu tinha visto a luta interior de Dinara em seus olhos e não fiquei surpreso que ela não pudesse seguir com nosso plano. Eu esperava que ela perdesse a coragem. Uma coisa era desejar vingança, imaginar-se matando alguém, mas era uma questão totalmente diferente seguir em frente, ver a vida sumir dos olhos de alguém. Mesmo que Dinara fosse uma princesa da Bratva, ela nunca tinha participado do lado brutal dos negócios. Seu pai a protegeu disso, da mesma forma que eu a protegeria se ela quisesse. Matar alguém ficou mais fácil com o tempo. No começo tinha sido mais difícil para mim do que agora.

Quando fechei a porta da loja de ferragens atrás de mim e observei o sorriso desavisado do bastardo, a ansiedade tomou conta de mim. Vingar Dinara não era um fardo. Seria satisfatório de muitas maneiras. Talvez eu pudesse até continuar fingindo que não estava gostando.

Virei a fechadura e dei ao número um, o primeiro nome da nossa lista, um sorriso sombrio.

Sua expressão mudou, o medo queimando em seus olhos. Talvez ele achasse que era um assalto. Ele não teria tanta sorte. Ele estava mais velho do que nos vídeos, mas era ele, sem dúvida. Mesmo se Remo não tivesse me fornecido o paradeiro de nossos alvos, eu teria reconhecido o homem diante de mim. A cara de rato, a mesma aparência com a barba por fazer. Ele cambaleou para trás em direção ao balcão de vendas, provavelmente para disparar um alarme. Eu avancei, agarrei seu braço e o joguei no chão. Ele perdeu o equilíbrio e caiu no chão com um grito de dor. Seus grandes olhos azuis encontraram os meus. — Não tenho muito dinheiro! Você pode levar tudo.

— Não se trata de dinheiro, — eu disse enquanto o circulava. Eu não

deveria gostar disso tanto quanto estava. Sempre me ressenti de Remo por brincar com suas vítimas.

A confusão cintilou nos olhos do homem. Eu puxei minha arma e a cor sumiu de seu rosto. Eu calmamente segui até a porta da loja e virei a placa para 'fechado' antes de voltar para o número um. Seguindo o pedido de Dinara, não levei nenhum instrumento de tortura na mala, mas uma loja de ferragens era a terra dos doces para alguém como eu.

— Ouvi dizer que você gosta de garotinhas.

Ele pareceu surpreso antes de balançar a cabeça rapidamente. — Isso foi há muito tempo atrás. Eu mudei. Eu paguei pelo que fiz.

Peguei o laptop e lhe mostrei a primeira imagem de Dinara na cama. — Você com certeza não pagou pelo que fez a ela.

O horror surgiu nos olhos do homem. Ser confrontado com sua própria depravação deve ter doído.

— Mas você vai, — eu prometi. — Essa garota na tela. O nome dela é Dinara e ela quer que você morra. Ela não quer que eu te torture, mas talvez eu faça isso só por mim.

Eu sonhei com isso noite passada.

Uma batida enviou uma onda de tensão pelo meu corpo. O homem gritou: — Socorro! Chame a polícia!

Eu chutei seu lado direito, no nível de seu rim e fígado, silenciando-o efetivamente enquanto ele ofegava. Quando avistei Dinara na porta, relaxei e fui até ela. Destranquei a porta e a deixei entrar. Um breve olhar para a rua me disse que ninguém havia notado nada ainda.

Ela entrou hesitante, ainda com uma expressão assustada no rosto. Eu não tinha certeza se era uma boa ideia ela estar aqui. Era egoísta pra caralho, mas eu estava preocupado que ela mudasse de ideia e poupasse o idiota.

Seus olhos passaram por mim até o homem no chão que estava segurando seu lado, chorando. Seu olhar lacrimoso pousou sobre ela. — Por favor me ajude.

Dinara se moveu lentamente em sua direção e parou bem em cima dele. — Você se lembra do meu rosto? — ela sussurrou.

O homem balançou a cabeça freneticamente.

— É engraçado porque vejo seu rosto e cada centímetro nojento de seu corpo todas as noites quando fecho os olhos, — Dinara disse, com a voz embargada.

— Eu sinto muito! Juro. Eu mudei. Eu era uma pessoa má naquela época, mas não faço mais isso. Eu paguei pelos meus pecados. Eu fui para a prisão.

— Por machucar outras garotas como eu, — disse Dinara. — Garotas cujas noites serão para sempre assombradas por pesadelos.

Eu me aproximei dela, toquei seu ombro para mostrar meu apoio. Ela tremeu sob meu toque.

— Por favor, não me mate. Eu não mereço uma segunda chance?

Eu cerrei meus dentes, querendo nada mais do que esmagar seu rosto para que ele calasse a boca. Percebi a hesitação no rosto de Dinara. Precisei de todo o meu controle para não tentar convencê-la a matá-lo. Esta era sua decisão. Eu não tinha o direito de forçá-la em uma determinada direção apenas porque era um fodido maluco que queria torturar e matar o cara diante de mim.

Dinara desviou os olhos do homem. — Você acha que ele diz a verdade? Você acha que ele mudou?

— Eu duvido, — eu disse. — Você quer que eu reviste seus aposentos? Talvez possamos encontrar algo.

Dinara deu um pequeno aceno de cabeça. Eu não tinha certeza se uma nova prova realmente importaria. Esta era uma batalha interna para Dinara, uma batalha entre seu lado sombrio e seu lado bom. Eu lutei a mesma batalha.

Entreguei a ela minha segunda arma. — Se ele fizer um movimento, atire nele.

Eu não tinha certeza se ela atiraria, mas pela expressão em seu rosto, o idiota acreditava que ela era capaz de matá-lo e isso era tudo que importava.

Eu fui para os fundos da loja que ele usava como seu apartamento. Eu não

queria encontrar provas de sua depravação contínua porque isso significaria que mais garotas teriam sofrido, mas, ao mesmo tempo, queria encontrar algo que convencesse Dinara a seguir com nosso plano. Algo que faria pender a escala em favor de seu lado sombrio.

Após vinte minutos de procura, encontrei imagens em seu computador que não deixavam dúvidas de que ele ainda nutria os mesmos desejos nojentos do passado, mesmo que não estivesse nas fotos. Pareciam serem baixadas da Darknet. Eu voltei para a loja. Dinara estava a poucos passos do homem, a arma apontada para ele. Seus olhos dispararam para mim e dei um aceno de cabeça. — Encontrei fotos.

Outro aceno quase imperceptível.

Número um olhou de um lado para o outro entre Dinara e eu. — São apenas fotos. Nunca toquei em uma criança desde que saí da prisão.

— As crianças nessas fotos foram tocadas por outros pervertidos como você para que pudesse se masturbar olhando aquelas fotos, — eu rosnei.

Aproximei-me de Dinara e ela baixou a arma. Afastamo-nos alguns passos do homem. — O que você quer fazer agora?

Dinara engoliu em seco, o conflito dançando em suas feições tensas. — Eu o quero morto. Eu quero fazer isso, mas... simplesmente não sei se consigo. É como se algo ainda estivesse me segurando.

— Você nunca fez isso antes. É natural que hesite.

Não me lembrava dos momentos antes de puxar o gatilho em outro humano pela primeira vez. Tinha acontecido muito rápido, sem tempo para deixar minha consciência falar. Às vezes me pergunto se ela teria. Nas semanas após minha primeira morte, não me senti muito incomodado pela minha consciência, mas pela falta dela.

— Você pode mostrar o vídeo para ele? Quero que ele se lembre do que fez e talvez isso me dê coragem para fazer o que quero.

O número um não se moveu um centímetro, como se esperasse que pudéssemos esquecer que ele existia.

Tirei o laptop e o cd da minha bolsa e coloquei tudo em uma prateleira para que o idiota desse uma boa olhada na tela. Após um aceno de Dinara, liguei a gravação. Desta vez, nem Dinara nem eu pressionamos o botão de pausa. Em vez disso, assistimos cada momento esmagador do vídeo. Eu não queria nada mais do que desligar a tela, ou melhor ainda, quebrar a porra da coisa como tinha feito com o laptop de Remo, mas fiquei enraizado no lugar. O único movimento que me permiti foi o ocasional olhar de soslaio para Dinara, que parecia perdida nas imagens, o olhar distante e o corpo rijo de tensão. Quão difícil deve ser para ela reviver esses momentos?

Eu olhei com raiva para o idiota no chão que tinha abaixado a cabeça como se não suportasse assistir. A fúria correu por mim. Eu agarrei sua cabeça com força e empurrei seu queixo, forçando sua atenção de volta para a tela do laptop. — Eu sei o que eu fiz! Eu não preciso ver, — ele choramingou, fechando os olhos, e minha fúria se multiplicou e se tornou selvagem. — Você vai abrir a porra dos olhos ou vou grampear suas pálpebras na porra das sobrancelhas. Tenho certeza de que posso encontrar um grampeador em algum lugar da sua loja.

Seus olhos se abriram e ele não se atreveu a desviar o olhar da tela novamente. Fiquei feliz quando nos aproximamos do final da gravação. Os sons e imagens reviravam meu estômago, e eu só queria ajudar Dinara a superar aqueles horrores.

Dinara parecia uma figura de cera dela mesma, pálida e perfeitamente imóvel. O objetivo era ajudá-la, mas e se não ajudasse? E se isso apenas satisfizesse minha própria fome distorcida por sangue?

Dinara

As imagens da tela ficaram borradas e minha mente assumiu o controle, repetindo minhas memórias muito mais vividamente do que o vídeo.

Cada sensação percorreu meu corpo, cada dor e odor, cada som e imagem. Inundaram meu corpo como uma avalanche imparável, arrastando emoções enterradas. Vergonha e repulsa, medo e desespero, mas acima de tudo: raiva. Raiva do homem diante de mim. Quando a tela ficou preta e a provação de Dinara acabou, abaixei meu olhar para o homem encolhido diante de mim. Ele me implorava com os olhos, fingindo ser uma vítima, quando era um monstro que arruinou minha infância para satisfazer suas próprias necessidades.

Eu me lembrei de seus olhos e suas palavras, os nomes que ele me chamou e o nome que queria ser chamado, mesmo antes de assistir ao vídeo. Lembrei-me de sua respiração rasa, sua loção pós-barba e o suor por baixo dela. Aproximei-me e respirei fundo. Até sua loção pós-barba ainda era a mesma. Uma nova enxurrada de imagens, as mesmas que eu havia reproduzido antes, queriam explodir repetindo a performance, mas minha mente lutou contra o ataque.

A repulsa cresceu dentro de mim, seguida pelo pânico, mas não permiti que criasse raízes e, finalmente, a raiva dominou tudo o mais. Minhas mãos tremiam e minha garganta estava apertada quando coloquei a arma no balcão. Adamo observou o movimento com o cenho franzido. Meu sangue parecia pulsar com raiva ígnea quando me aproximei de Adamo, minha respiração saindo em rajadas rápidas. Nossos olhos se encontraram e os dele continham uma infinidade de perguntas. Ele achou que eu não poderia atirar no meu agressor. Talvez ele até tenha achado que eu teria misericórdia dele e o deixaria viver. Eu considerei isso logo que entrei na loja de ferragens e vi o cara lamentável, mas sempre que o pensamento tentava se enraizar, cada fibra do meu corpo lutava contra isso e a voz que clamava por vingança gritava mais alto. Eu respirei fundo e lancei outro olhar para o homem. A esperança surgiu em sua

expressão e ele me deu outro olhar implorando. Mais de uma década atrás, ninguém se importou com o que eu queria, com minha mendicância.

Sem piedade.

Sem pensar a respeito, peguei a faca no coldre do peito de Adamo e enrolei os dedos no cabo frio. Adamo não me parou quando retirei a lâmina afiada com um silvo satisfatório.

Nunca usei uma faca de forma violenta e não tinha certeza do que estava fazendo enquanto cambaleava em direção ao meu agressor. Ele tentou recuar, mas o segui. Meu coração bateu na minha garganta e meus arredores se tornaram um borrão quando me lancei contra ele. Ele levantou os braços, tentou lutar comigo, mas o ataquei com a faca. Atingi seus braços agitados, a parte superior de seu corpo, cada centímetro dele que podia alcançar. Ele tentou lutar comigo, e a voz de Adamo ecoou na minha cabeça, mas os gritos do homem a abafaram. Eu não conseguia parar, mesmo que nem estivesse vendo o que estava fazendo. Minha visão estava embaçada com lágrimas e sangue. Minha palma e minha coxa doíam, minha bochecha latejava, mas minha mão com a faca ainda estava curvada para baixo sobre meu agressor até que fui arrastada para longe e alguém me segurou com força em seus braços, apesar de minha luta.

Eu engasguei para respirar. Cada ingestão doeu em meu peito.

— Shhh, Dinara. Está tudo bem. Acalme-se. Ele está morto. Acalme-se.

A voz calma de Adamo vadeava através da névoa nublando meu cérebro e lentamente voltei a mim. Adamo arrancou um pedaço de sua camisa e enxugou meu rosto com ela. Fechei meus olhos, permitindo que ele me limpasse. Quando os abri novamente, meus arredores voltaram ao foco. O choque desabou sobre mim quando vi a cena a minha frente. O homem estava em uma grande poça de sangue e seu cadáver estava coberto de marcas de faca. Suas mãos, seus braços, seu peito, seu rosto, sua garganta... a lâmina não poupou nenhum pedaço da parte superior do seu corpo. Eu não tinha poupado nenhuma parte de seu corpo. Eu fiz isso.

Eu soltei uma respiração instável. Lentamente, olhei para mim mesma. O

braço de Adamo ainda estava em volta da minha cintura e me sentei entre suas pernas, seu peito quente pressionado contra minhas costas. Minhas pernas nuas estavam manchadas de sangue e meu short jeans estava completamente encharcado com ele. Eu levantei minhas mãos, também cobertas de vermelho. A faca caiu no chão e o som me fez estremecer. Minha camisa, meu cabelo... tudo estava coberto de sangue. E o pedaço de tecido que Adamo usou para limpar meu rosto e minhas pálpebras agora estava vermelho. Pisquei, chocada com o que tinha feito. — Por que você me parou? — Eu disse, mas minha voz parecia distante, como se algo estivesse bloqueando meus ouvidos. Talvez mais sangue. Eu estremeci.

Adamo pegou minha mão e a virou para que eu visse um corte longo, mas superficial na palma da minha mão, em seguida, ele apontou para outro corte mais profundo na minha panturrilha. — Você se cortou na situação e eu não queria que se machucasse seriamente. Ele está morto há muito tempo.

Eu assenti. — Não sei o que deu em mim. Eu simplesmente perdi o controle...

Adamo pressionou sua bochecha contra a minha, embora eu estivesse uma bagunça. — Talvez seja um começo. Talvez esta seja a sua maneira de liberar a dor que reprimiu.

Não havia dor agora. Sem memórias. Sem medo, raiva ou ódio, apenas entorpecimento e uma calma feliz.

— O que fazemos agora?

— Tenho que ligar para nossa equipe de limpeza local para que venham e cuidem disso.

Eu ri vagamente. — Acho que é bom que este seja um território da Camorra.

— Isso torna as coisas mais fáceis. Vegas seria ainda melhor, mas nossos homens limparão isso e se livrarão do corpo. Ninguém será capaz de rastrear nada até você ou eu.

Adamo se levantou e estendeu a mão. Eu peguei e permiti que ele me

colocasse de pé. Minhas pernas tremiam. Agora que a primeira onda de adrenalina diminuiu, minha palma e minha panturrilha latejavam onde eu havia me cortado. A percepção de que meu sangue se misturou com o sangue do meu agressor enviou uma nova onda de repulsa por mim e não pude reprimir um estremecimento violento. Adamo tocou meu braço, procurando meus olhos. — Dinara?

— Eu tenho que tomar banho. Eu preciso me livrar do sangue dele. — Respirei fundo, percebendo que estava perto de entrar em pânico, algo que realmente não precisávamos agora.

— Você quer tomar banho lá nos fundos?

Eu balancei minha cabeça abruptamente. Só a ideia de usar o mesmo chuveiro que meu agressor usava me deixou ainda mais enjoada. — Em nosso motel, — eu pressionei.

— Tudo bem, — disse Adamo lentamente, como se estivesse falando com uma criança assustada, e talvez essa tenha sido exatamente a impressão que passei. — Eu preciso ligar para a equipe primeiro e precisamos nos limpar um pouco e encontrar algo para cobrir nossas roupas ensanguentadas. Não podemos atravessar a rua como se tivéssemos nos banhado em sangue.

Eu balancei a cabeça, mesmo que meu desejo de fugir estivesse ficando mais forte a cada segundo.

Adamo pegou o telefone para duas ligações rápidas antes de aparecer na minha frente novamente. Eu estava ocupada olhando para os restos mortais do meu agressor. — Eu estava preocupada em não poder matar alguém. Preocupada em não conseguir puxar o gatilho. Em vez disso, o massacrei com uma faca. Isso é muito mais confuso do que atirar em alguém.

Adamo acariciou minha bochecha. — É mais pessoal. O que esse homem fez com você foi muito pessoal, e você retribuiu de uma forma pessoal também. Não é tão estranho se pensar sobre isso.

— Eu acho que a maioria das pessoas discordaria de você. Nada do que fazemos é normal.

— Quem se importa?

— Sim, — eu sussurrei.

Trinta minutos depois, saímos da loja de ferragens. Adamo, que parecia menos uma bagunça sangrenta, pegou o carro e estacionou na calçada bem em frente à loja de ferragens. Sua equipe de limpeza já estava ocupada resolvendo a bagunça que causei. Eles até me trouxeram roupas limpas para usar em vez das minhas na viagem de volta ao nosso motel. Eu desajeitadamente lavei meu cabelo do sangue na pia do banheiro dos clientes, mas minha pele estava coçando toda. Eu precisava tomar banho o mais rápido possível.

No momento em que entramos em nosso pequeno quarto de motel, fui direto para o banheiro e fechei a porta. Eu precisava de alguns minutos sozinha para processar tudo o que aconteceu. Enquanto a água quente escorria pelo meu corpo, fechei os olhos e deixei que as lágrimas que contive escorressem pelo meu rosto. Por muito tempo, não me mexi e a cada momento que passava, e a cada lágrima que derramava, me sentia um pouco mais leve, como se o assassinato tivesse tirado um peso dos meus ombros. Ainda havia muito lastro em minha alma, mas era um começo.

Dezenove

Dinara

Depois do banho, eu por acaso olhei para mim mesma no espelho. Eu perdi um ponto de sangue seco perto da minha têmpora. Peguei uma toalha e o esfreguei. Meus olhos estavam calmos, não cheios de adrenalina ou assombrados, nenhum sinal de que eu havia matado um homem em uma onda de sede de sangue menos de uma hora atrás. Afastando-me do meu reflexo, saí do banheiro, meu cabelo ainda úmido e apenas uma toalha em volta do meu corpo. Adamo estava ao telefone, balançando a cabeça enquanto ouvia o que a pessoa do outro lado tinha a dizer. — Tudo bem, obrigado. Bom trabalho.

Adamo ergueu os olhos e se levantou da cama antes de se aproximar de mim. Ele segurou minhas bochechas em suas mãos quentes, seus olhos procurando os meus sem dizer uma palavra pelo que pareceu uma eternidade. Eu o deixei, encontrando paz interior enquanto me perdia em seu olhar. Os eventos brutais do dia também não deixaram vestígios em seus olhos. — Você está bem?

Procurei dentro de mim um sentimento de mal-estar, de uma sensação profunda e inquietante, mas estava calmo. Balancei a cabeça e me pressionei contra Adamo. — Estou bem.

— Isso é bom. A equipe se livrou do corpo e limpou cada centímetro da loja. Ninguém vai suspeitar de nada. Vai demorar um pouco antes que alguém perceba que ele sumiu e, com sorte, a polícia vai achar que ele se mudou para evitar os rumores.

Eu balancei a cabeça, mas minha mente já havia mudado do homem que eu havia matado para o próximo nome da lista.

Adamo recuou. — Deixe-me tomar um banho, depois podemos conversar mais um pouco. — Ele foi para o banheiro, mas ao contrário de mim, não fechou

a porta.

Eu me estiquei na cama e liguei meu telefone. Eu o desliguei ontem para evitar ligações de Dima e meu pai. Como esperado, minha caixa de correio estava transbordando de mensagens de ambos. Como se papai pudesse sentir meu telefone sendo ligado, ligou novamente. Respirando fundo, atendi.

— Dinara, onde diabos você está? Você está bem? Precisa de ajuda?

As palavras foram disparadas contra mim rapidamente, tornando difícil entendê-las. — Estou bem. Eu não preciso de ajuda. Estou lidando com alguns assuntos.

— Que tipo de assunto?

— Nada para você se preocupar, pai. Honestamente. Estarei de volta a Chicago em breve. Apenas me dê algum tempo e espaço.

Quanto mais tempo eu passava com Adamo, menos queria voltar para Chicago. Eu me sentia deslocado lá, agora mais do que nunca, e embora sentisse falta de Dima, ele e eu tínhamos nos separado no último ano.

— Eu tenho lhe dado muito tempo e espaço recentemente. Poucos homens em minha posição permitiriam que sua filha andasse em território inimigo. É onde você ainda está, certo?

— Sim, mas você sabe que não estou em perigo.

— Sei? Você está caçando o passado e isso nunca é uma coisa boa.

— Ninguém guarda rancor melhor do que você, pai, e ninguém se apega mais obstinadamente ao passado. Eu herdei isso de você.

Ele fez um som desagradável. — Dima deve estar ao seu lado. Você não foi feita para ficar sozinha.

— Eu não estou sozinha, — falei.

Papai zombou. — Você acha que um Falcone vai te proteger? Não cometa o erro de ser amiga demais deles, Dinara. É uma ladeira escorregadia.

— O que Dima te disse?

— Eu vi um vídeo de você e o Falcone mais novo dançando e se beijando. — O último foi dito com desprezo flagrante.

Depois de me certificar de que o chuveiro ainda estava ligado, falei: — Você não precisa se preocupar. Não há nada entre nós. Ele é um meio para um fim. Nada mais. Ele está me ajudando a conseguir o que preciso.

A culpa se instalou na boca do meu estômago por mentir para meu pai desse jeito, e por falar sobre Adamo como se ele não fosse nada, quando todos os dias que estávamos juntos, ele capturava mais meu coração. Fiquei feliz que ele não pudesse me ouvir falar assim. Mesmo que Adamo não soubesse falar russo, eu não queria que ele estivesse presente quando vomitasse mentiras tão dolorosas.

— E o que é isso?

— Matar o passado.

— Não deixe este homem arrastá-la para o escuro.

Se qualquer coisa, eu estava arrastando Adamo para a escuridão. Mas mesmo isso não parecia muito verdadeiro. Era como se estivéssemos trilhando esse caminho como iguais, de mãos dadas, guiados por nossos demônios. — Prometa não mandar Dima me buscar, ou jogarei fora meu telefone e você não conseguirá falar comigo até que eu termine.

— Quero mensagens diárias dizendo que você está bem e rastrearei seu paradeiro. Se você não me enviar mensagens diárias, enviarei homens, mesmo que isso signifique guerra com a Camorra.

Suspirei. Eu conhecia esse tom e que era inútil discutir o assunto com ele. — Tudo bem.

O chuveiro foi desligado no banheiro. Felizmente, pude ouvir uma batida ao fundo na linha de papai. Papai ficou em silêncio por um momento, como se estivesse ouvindo alguém. — Eu tenho que ir, Katinka. Tome cuidado.

— Sempre. — Ele desligou e eu abaixei o telefone com um suspiro profundo.

— Más notícias? — Adamo perguntou com cuidado, inclinando-se na porta com apenas uma toalha enrolada em seu quadril.

— Meu pai preocupado comigo.

— Ele enviará homens?

— Não, enquanto eu lhe passar atualizações diárias de que estou viva, não enviará. Ele confia em mim.

— Mas definitivamente não em mim, — disse Adamo, caminhando em minha direção. — E nunca confiará.

Ele estava certo. Meu pai não era um homem de confiar facilmente e certamente não em um membro da Camorra. — Não importa. Contanto que eu confie em você, — eu disse.

Adamo afundou ao meu lado. — E você confia em mim?

— Eu estaria aqui com você se não o fizesse?

Adamo encolheu os ombros. — Talvez eu seja sua única opção.

Eu balancei minha cabeça. — Eu poderia fazer isso sozinha. Eu sei o endereço de cada pessoa em nossa lista e depois de hoje sabemos que posso continuar matando-as, então se fosse realmente apenas uma questão de conveniência, não precisaria de você além deste ponto.

Adamo sorriu melancolicamente. — Então por que ainda estou aqui?

— Não preciso que você os mate, mas preciso do seu apoio, do seu incentivo. Quando você está perto, simplesmente me sinto melhor, mais segura de quem eu sou.

— Você não precisa de mim, mas precisa, — ele murmurou.

Suspirei. — Talvez não faça sentido.

— Talvez você só precise admitir que precisa de mim. Hoje você agiu por impulso e perdeu completamente o controle. Não prestou atenção ao que estava acontecendo ao seu redor. Se a mesma coisa acontecer da próxima vez, precisará de mim para garantir que nada aconteça enquanto estiver zoneada.

— Como me machucar.

— Ou alguém te encontrando. Duvido que você notasse se alguém chegasse repentinamente na loja de ferragens.

— Você está certo. Era como se eu estivesse possuída. — Inclinei-me para mais perto de Adamo. — Ok, eu preciso de você, mas não quero que pense que é

por isso que estou com você.

— Então por que você está comigo?

— Por que você quer me ajudar? Por que faz isso por uma garota com quem transa?

— Você não é apenas uma garota com quem transo.

— E você não é apenas um cara com quem transo.

Adamo sorriu torto. — Um dia um de nós tem que ser corajoso e nomear o que temos.

— Será? — Eu sussurrei. Adamo deitou-se na cama e me puxou contra ele, um braço em volta de mim. — Quem nos obrigará?

— Talvez queiramos ter certeza em algum momento, ou talvez, eventualmente, nossas famílias vão querer respostas, mais respostas do que temos neste momento.

— Isso não é algo que eu quero pensar agora. Quero viver no momento. No momento, a única coisa em que quero me concentrar é na vingança e como podemos fazer com que todas as pessoas da lista paguem pelo que fizeram comigo e com outras crianças.

Adamo passou a mão levemente no meu braço. — Mesmo que você tenha matado impetuosamente hoje, não significa que não será assombrada por pesadelos da matança. Talvez eles parem eventualmente, talvez não. Só quero que você tenha certeza de que pode viver com eles, especialmente se continuarmos a perseguir seus agressores e mais mortes forem adicionadas à sua consciência.

Soltei uma risada amarga. — Eles serão piores do que os pesadelos que têm assombrado meus sonhos desde que eu era criança? Eu duvido. Então, se me perguntar, esses novos pesadelos serão uma melhoria danada para os horrores das minhas noites até agora.

O braço de Adamo em volta de mim apertou. — Porra. Eu realmente gostaria de ter torturado o idiota hoje. Na verdade, pensei em fazer isso antes de você aparecer.

Eu me apoiei. — O próximo nome da nossa lista… ele era um dos piores. Quer dizer, todas as experiências foram horríveis, mas algumas foram melhores.

Adamo cerrou os dentes. — Melhor não é uma palavra que eu usaria para descrever as atrocidades que aqueles pervertidos fizeram a você.

Engoli. — E todos eles vão pagar pelo que fizeram. Mas o próximo cara da lista era mau, muito mau. Ele gostava de machucar e eu... — Matar meus agressores era uma coisa, mas torturá-los era outra. Mesmo alguns dos homens do meu pai não podiam assistir à tortura, não é? E não apenas assistir, eu poderia torturar alguém?

Adamo inclinou a cabeça para pegar meu olhar. — Você quer torturar o idiota?

Meus lábios se separaram, mas uma onda de nervosismo passou por mim. — Eu quero que ele sofra antes de morrer.

— Ele vai se você quiser. Posso fazer isso.

— Eu deveria pelo menos fazer parte disso. Esta é a minha vingança e não quero ser covarde.

— Não se trata de ser covarde. Torturar alguém exige muito de você. É diferente do ato de matar. Você tem que enfrentar o desespero, a dor e o pedido da vítima, tem que se deliciar com isso e usá-lo como outra ferramenta de sofrimento para ela.

— Quantos você torturou? Sei que Remo e Nino são famosos por seu talento especial, mas não ouvi nenhuma história sobre você.

— Tentei não me envolver em torturas, exceto quando era absolutamente necessário. Tanto Nino quanto Remo queriam que eu ganhasse alguma experiência, mas eventualmente pararam de me forçar a participar dessas sessões.

Se até mesmo Adamo, que era um Falcone, não suportava torturar alguém, como eu seria capaz de fazê-lo? — Se te incomoda, se te dá pesadelos, então não quero que você faça isso, não por mim. Se eu quiser que eles sofram, terei de fazer isso sozinha. Não vou pedir que você faça algo que odeia.

Adamo riu sombriamente e deu um beijo forte em meus lábios. — Não é que eu odeie ou que me assombre em pesadelos, Dinara. Eu gosto muito, esse é o maldito problema. Tenho prazer em causar dor nos outros, pelo menos quando acho que merecem. Eu gostaria que fosse diferente, mas sou confuso. E as pessoas em nossa lista, todas merecem, então vou me divertir muito fazendo isso.

— Então você não participa das tortura porque gosta demais?

Ele assentiu. — Sim, eu rapidamente percebi que tinha potencial para ser tão bom e criativo quanto Remo, mas nunca quis ser assim. Achei que poderia ser melhor. — Seu sorriso ficou mais sombrio. — Mas não sou, e o próximo idiota da lista vai aprender da maneira mais difícil, se você deixar.

Engoli em seco e assenti bruscamente. Adamo me beijou e me abraçou com ainda mais força. Eu mal conseguia respirar, mas apenas o abracei de volta com a mesma força. Depois dos acontecimentos do dia, depois de tudo o que acabamos de discutir, meu corpo vibrava com a necessidade de estar o mais próximo possível de Adamo. Eu não me importava se isso me fazia parecer fraca ou carente. Adamo me fez sentir que não havia problema em não ser forte de vez em quando. Ele deu um beijo na minha testa e fechei os olhos, me sentindo segura.

***

Na manhã seguinte, partimos para a próxima parada de nossa viagem: Sacramento, a casa do número dois de nossa lista. Mesmo que esse fosse o meu caminho para a vingança, Adamo e eu estávamos juntos nisso. Fiquei feliz por não ter que fazer essa difícil jornada sozinha.

As janelas do carro estavam abertas quando pegamos a Interestadual 80 para Sacramento. O ar quente despenteava meu cabelo e meus olhos estavam fechados. A batida baixa de um rap explodia nos alto-falantes. Os dedos de Adamo ao redor dos meus me mantiveram enraizada como sempre faziam

quando as imagens do passado se repetiam em minha cabeça. Desta vez, elas não me dominaram. Convoquei meus demônios pessoais para encontrar a mentalidade certa pelo que estava por vir.

Adamo estacionou em frente à casa do número dois e desligou o motor. A casa não era como eu imaginava. Eu esperava um lugar abandonado e mal cuidado. Algo que refletia meus próprios sentimentos sombrios sempre que o rosto dele se repetia em minha memória. Ele tinha sido o medo do meu passado.

Arrepios subiram por todo o meu corpo. O jardim da frente estava imaculado, com gramado perfeitamente aparado e uma bela varanda branca. Este parecia um lugar de felicidade.

— Tem certeza que ele mora aqui sozinho?

— Não sozinho, não. Ele divide a casa com a mãe, mas não tem família.

— Ela sabe? — Perguntei.

— Sim, ela foi álibi dele em um caso, mas ele foi condenado de qualquer maneira.

Eu balancei a cabeça, me perguntando como ela podia viver com o que seu filho tinha feito, mas ela não era da minha conta. — Mas ela não está em casa agora?

— Não, ela trabalha em um posto de gasolina. Podemos entrar.

Podemos entrar. Eu sorri ironicamente. — Você faz parecer que somos uma equipe da SWAT.

— Nós vamos sequestrá-lo, então temos que ser furtivos.

— Esta é uma boa vizinhança, então as pessoas vão denunciar comportamentos suspeitos.

Adamo encolheu os ombros. — Nós estaremos bem. Vamos esperar aqui que ele volte para casa do trabalho.

Ficamos sentados em silêncio por quase uma hora antes que um carro parasse na garagem e um homem baixo, mas muito acima do peso, saísse. Seu cabelo estava ralo e grisalho, mas mesmo de longe seu rosto enviou um arrepio pelo meu corpo. Meus dedos agarraram meus joelhos e minha respiração ficou

irregular enquanto meu pulso acelerava. Eu estava dividida entre o desejo de correr e o desejo de atacar.

— Dinara? — Adamo disse suavemente.

Eu afastei meus olhos. As sobrancelhas de Adamo franziram. — Você está segura. Os papéis inverteram. Você não é vítima dele. Você será a juíza dele.

— Eu sei, — eu disse, e as palavras ditas em voz alta baniram o medo do passado para o canto mais escuro da minha mente, onde a pequena Katinka ainda se encolhia indefesa. Hoje ela teria justiça.

VINTE

Dinara

Meus dedos tremiam de nervosismo e emoção quando Adamo arrastou o homem se debatendo para o porão de um depósito da Camorra. Considerando que sua morte não seria rápida, Adamo escolheu o local por sua localização remota. As paredes eram grossas e conteriam os gritos do meu agressor.

Eu nunca tinha machucado alguém de propósito antes de Adamo e eu começarmos nossa jornada de vingança. Nunca houve uma razão para fazer isso. Eu não era alguém que gostava de ver as pessoas sofrendo. Isso não me empolgava, ou mesmo me fascinava.

Adamo era diferente. Eu ocasionalmente percebia o brilho de ansiedade em seus olhos escuros quando discutíamos possíveis métodos de tortura que poderíamos experimentar no número dois. Adamo os chamou pelo nome no início, mas preferi dar-lhes números. Isso os fazia parecer menos humanos e mais parecidos com os monstros que assombravam meus pesadelos.

O porão estava úmido e o fedor de algo podre e mijo pairava no ar. Talvez ratos. Algumas poças menores de água cobriam o chão onde o teto vazava.

— Poderíamos ter usado uma das salas de tortura da Camorra. Elas são mais bem equipadas e mais limpas, — comentou Adamo enquanto empurrava o homem que se debatia contra a parede. Ele colidiu com força nela e caiu de joelhos com um suspiro de dor.

— Não, — eu disse com firmeza. Já havia aceitado muita ajuda da Camorra, e tecnicamente ainda estava, mesmo que Adamo não estivesse fazendo nada na qualidade de camorrista, mas sim de... amante. Namorado? Afastei o pensamento.

O número dois se virou e tropeçou em seus pés. Seus olhos procuraram os

meus. Eles careciam de emoção e eu me lembrava vividamente do brilho vazio neles quando ele colocou as mãos em mim muitos anos atrás. Ele pagou a mais. Eu me lembrava disso também. Minha mãe não queria que ele me visse novamente, mas eventualmente Cody a convenceu porque o dinheiro era bom demais. Três encontros... três horas cheias de terror. Não me lembrava muito delas, como se minha mente tivesse apagado partes para me proteger.

Adamo estendeu a faca para mim, uma lâmina menor e curva, não destinada a matar, mas mutilar ou escalpelar. Depois de prender meu agressor no chão, Adamo usou fita adesiva para amarrar as mãos e os pés do homem.

O homem lutou contra suas restrições e, pela primeira vez, o medo verdadeiro brilhou naqueles olhos impiedosos. Eu balancei a cabeça com um sorriso amargo. — Isso foi o que eu senti.

Lembrei-me do medo sufocante, do pânico assustador e, eventualmente, da compreensão desoladora de que estava indefesa. Que nem mesmo minha mãe o impediria. Mas hoje eu estava no controle. Aproximei-me dele lentamente, meus dedos apertados ao redor da lâmina.

— Você se lembra de mim? — Perguntei.

As sobrancelhas do homem franziram enquanto ele examinava meu rosto. — Não! Juro. Isso deve ser um mal-entendido.

Não era. Eu o reconheci e os Falcones se certificaram de que ele era a pessoa certa. Não haveria erros, sem arrependimento, sem misericórdia.

Eu olhei para Adamo e dei um aceno curto. Adamo pegou seu laptop e o configurou na frente do homem. — Observe atentamente, — disse Adamo, a fúria tingindo sua voz. A violência distorceu sua expressão. Tive um estranho consolo ao perceber que mesmo se eu falhasse, Adamo estaria lá para fazer o que eu não pudesse.

O vídeo começou e os olhos do homem se arregalaram de surpresa. Eu dei um passo para trás, permitindo que ele assistisse aos nossos vídeos. Por vezes, a ansiedade cintilou em seus olhos e meu estômago apertou com sua óbvia excitação sobre o que fez comigo há muitos anos. Eu queria acreditar que as

pessoas podiam mudar, que podiam melhorar a si mesmas, mas até agora as minhas experiências e de Adamo provaram o contrário. Adamo encostou-se na parede à direita do homem com os punhos cerrados. Era óbvia sua dificuldade em se conter. Cada vez que meu agressor mostrava sinais de prazer, o corpo de Adamo balançava para frente.

Desliguei o vídeo quando não aguentei nem mais um segundo. Eu me permiti algumas respirações profundas para roubar, para trancar a pequena Katinka bem no fundo da minha mente antes de confrontar meu torturador do passado. — Você se lembra de mim agora?

Seu olhar se fixou no meu. Ele não disse nada, mas o nervosismo em seus olhos me disse que ele estava tentando pensar em uma desculpa. Eu levantei a faca. Ele começou a lutar contra suas restrições novamente e gritou com toda a força de seus pulmões por ajuda. Eu vacilei com o volume, arrepios subindo pela minha pele. Aproximei-me e segurei a faca bem na frente de seu rosto. — Pare de gritar, — eu sussurrei asperamente. Minha voz não era tão forte e ameaçadora quanto eu queria que fosse.

O homem não parou. Ele lutou com ainda mais força, quase caindo para trás com a cadeira em que Adamo o amarrara. — Cale a boca, — eu disse asperamente.

O homem nem parecia me ouvir. Eu era ar para ele. Eu lancei um olhar de lado para Adamo. Ele sabia como lidar com situações como esta. Não consegui pedir ajuda, minha língua estava muito pesada e, felizmente, não precisei. Adamo se afastou da parede e puxou sua segunda faca. Em dois longos passos ele apareceu ao meu lado, agarrou o cabelo do homem e pressionou a lâmina contra sua garganta. — Cale a boca ou corto a porra da sua língua, — ele rosnou, soando tão aterrorizante que até meu corpo involuntariamente se afastou dele por um momento.

Adamo adorou o que fez. Seus olhos tinham a mesma onda de euforia que me lembrava quando usava drogas. Eu me perguntei se sua queda seria tão acentuada assim que a adrenalina diminuísse. Lembrei-me das horas desoladoras

e deprimentes que se seguiam, e do desejo crescente pela próxima dose. Quando Adamo precisaria de sua próxima dose?

O olhar de Adamo se voltou para mim, frenético, ansioso, faminto. — Ele é seu.

Meu. Meu para julgar. Torturar. Matar.

Eu levantei a faca, examinei a lâmina afiada. Prendendo a respiração, enfiei a faca em sua coxa. Meus olhos se arregalaram, meus dedos ficando brancos em torno do cabo, chocada com minhas próprias ações. O homem gritou asperamente, os olhos arregalados e agonizantes. O sangue encharcou o tecido ao redor da lâmina, que ainda estava enterrada na sua perna.

— Torça, — murmurou Adamo, a voz convincente.

Eu segurei com mais firmeza, mas não me movi. Adamo cobriu minha mão com a dele. — Eu posso ajudar.

Eu assenti. Ele guiou minha mão, girando a lâmina no sentido horário.

Os gritos aumentaram, penetrando na minha cabeça e me arrepiando. Meu corpo se revoltou contra minhas ações. Eu balancei a cabeça e Adamo soltou minha mão. Eu a tirei da faca.

— Você quer que eu faça isso? — Adamo perguntou.

Eu dei um passo para trás. Não olhei para o número dois, apenas para o homem por quem eu estava me apaixonando mais a cada dia. Ele queria me ajudar, mas além disso tinha sede de violência. Ele queria isso, precisava disso, talvez tanto quanto eu.

— Sim, — eu sussurrei.

Adamo encarou o número dois com um olhar de arrepiar os ossos. Um caçador pronto para atacar sua presa. Adamo arrancou a faca da perna do número dois antes de deslizá-la em seu abdômen, criando um corte raso. Doloroso, mas não letal.

Recuei e observei, fascinada e aterrorizada por Adamo, por seu foco, sua ânsia, sua habilidade.

Não pude deixar de me perguntar se eu era a razão para o despertar de sua

sede de sangue, se meu pedido havia derrubado suas paredes e desencadeado uma fome incontrolável.

— Adamo, — eu sussurrei eventualmente. Ele largou a faca, seus olhos disparando para mim. Demorou um segundo antes que eles realmente me vissem.

— Ele é seu agora, — disse ele com uma voz rouca.

Eu balancei a cabeça e agarrei a arma. Puxar o gatilho foi fácil e, estranhamente, parecia quase um ato de misericórdia.

Adamo

O tiro ecoou no porão sujo, seguido por um silêncio absoluto. Eu respirei pesadamente, tentando sair da minha euforia. Meu pulso estava batendo descontroladamente em minhas veias e eu me sentia quase invencível e no geral: alegremente vivo. Lentamente, voltei a perceber a presença de Dinara. Ela estava a poucos metros de mim. Ela assistiu tudo sem uma palavra, cada segundo de mim perdendo o controle. Devo ter parecido louco, pois me perdi na folia de sangue. Porra. Eu não podia acreditar que deixei isso me consumir desse jeito.

Encontrei o olhar de Dinara, esperando o pior: nojo e talvez até medo, mas encontrei apenas compreensão e uma pitada de choque. Dinara baixou a pistola e a colocou de volta na mochila com as armas. Sentei-me de cócoras, me perguntando se deveria me explicar. Mas o que eu podia dizer para justificar minhas ações? Eu era um maluco fodido. Um sorriso amargo torceu meus lábios quando encontrei os belos olhos de Dinara. — Um monstro matando outro, uma visão aterrorizante, hein?

Dinara inclinou a cabeça. — Você não é como ele.

— Mas sou um monstro. Se eu fosse você, desejaria ficar o mais longe possível de mim.

Talvez eu finalmente precisasse chegar a um acordo de que não poderia ser

melhor, que minha natureza nunca me permitiria atingir o nível de bondade que desejava quando era mais jovem.

Ela balançou a cabeça, enquanto sua expressão se enchia de gratidão. — Não. Você está fazendo isso por mim. Isso é algo que nunca vou esquecer. E com certeza não irei a lugar nenhum, Adamo.

— Estou fazendo isso por você, sim, mas uma pequena parte também faz por mim, porque quero.

— Ok.

Eu ri com voz rouca. — Ok?

— Sim, porque mesmo que você goste, no final das contas, está fazendo isso por mim. Se isso não é uma prova de... — Ela parou, parecendo quase envergonhada.

— É uma prova, — concordei. Provar para Dinara o quanto ela significava para mim era o motivo de eu estar aqui. Foi por isso que comecei, mas não foi por isso que continuei depois de colocar minhas mãos sobre minha vítima. Assim que comecei minha tarefa sombria, fiquei perdido, perdido em um desejo profundo e uma fome sombria. Eu oscilei. Minhas pernas estavam instáveis, como se tivesse andado de montanha-russa várias vezes. Esta sensação após a tortura chegava muito perto de uma dose de drogas do que qualquer coisa já chegou, e qualquer coisa poderia.

Dinara pegou uma toalha da minha bolsa e me entregou. Eu a peguei. Minhas mãos estavam cobertas de sangue e minhas roupas estavam encharcadas. Elas estavam arruinados. Lembrei-me de quando Remo e Nino voltavam para casa assim e eu fingia nojo quando realmente sentia fascínio.

Dinara me observou com calma e me perguntei o que ela via. Lembrei-me da fascinação doentia que senti quando vi Remo e Nino em ação pela primeira vez. Mesmo naquela época, parte de mim se perguntava como seria me perder em algo tão depravado, mas lutei contra isso, resisti o máximo que pude.

Dinara examinou os restos do número dois. Se a visão a perturbou, ela escondeu. Assim que minhas mãos estavam limpas, toquei seu braço, chamando

sua atenção de volta para mim.

— Estou bem, — disse ela calmamente. — Estou feliz que você fez o que fez. Ele merecia, mas não é algo que eu possa fazer. Percebi isso agora.

— Você não precisa. Eu farei, se você quiser. — Eu queria me sentir alto novamente. Dinara provavelmente poderia ver em meu rosto.

— Não quero ser a razão pela qual você perde o controle, — disse ela.

Uma risada sombria explodiu de mim. Eu toquei sua bochecha. — Você realmente acha que a culpa é sua por eu ser assim. Esse é o gene Falcone e minha educação sanguinária, não você.

Dinara deu um beijo suave em meus lábios. — Vamos sair daqui. Não quero dar a ele mais um segundo da minha vida. Ele teve o que mereceu. Ele é passado agora.

Depois de ligar para a equipe de limpeza, Dinara e eu voltamos para o nosso motel. Era melhor do que o lixão em Reno, mas definitivamente não era um lugar que o convidava a ficar mais tempo.

Dinara estava sentada de pernas cruzadas na cama quando saí do banheiro após um longo banho. Ela estava olhando para a lista de seus agressores. Ela já havia riscado o número dois. Eu afundei ao lado dela. — Eu me pergunto como vou me sentir quando riscarmos o último nome.

Esse era o nome de sua mãe. Não havíamos discutido seu fim ainda. Dinara evitou o assunto. Não importava o quanto odiava sua mãe, matá-la seria diferente de qualquer outra morte. — Você vai se sentir livre, — eu disse. Era o resultado que eu esperava.

— Como você está se sentindo? — Dinara perguntou, mudando de assunto como sempre acontecia quando discutíamos o fim de nossa vingança.

Eu me aproximei dela e passei um braço em volta de seus ombros enquanto considerava meus sentimentos. Não me sentia culpado, nem mesmo ligeiramente. Ele merecia tudo o que eu fiz. — Bem. De volta ao normal.

Dinara ergueu as sobrancelhas. — Normal não é uma palavra que eu usaria para descrevê-lo.

— Idem, — respondi com um sorriso, mas fiquei sério ao ver a preocupação sincera nos olhos de Dinara. — Isso é sobre você, não eu. Estamos fazendo isso para que você possa enterrar seu passado e encontrar paz. O que estou sentindo não é importante, mas não estou mentindo. Eu me sinto bem. A melhor pergunta é como você se sente?

Dinara franziu a testa como se estivesse ouvindo a si mesma. — É surreal, tudo isso. Por muito tempo, essas pessoas assombraram meus pesadelos e não pude fazer nada, mas agora não sou mais a vítima, e isso é bom. Eu quero continuar.

— Vamos continuar, mas acho que é bom fazermos uma pausa de alguns dias antes de seguirmos para Las Vegas.

Quando Dinara e eu fizemos a lista e discutimos nosso plano de vingança, concordamos em voltar ao acampamento depois das duas primeiras mortes para participar de duas corridas antes de irmos para Las Vegas, onde o resto dos abusadores morava. Isso nos daria tempo para nos acalmar e reduziria ao mínimo as especulações no acampamento.

— Eu sei, — disse Dinara. — Mas agora que começamos, odeio parar.

— Você não quer tempo para duvidar de nossas ações? — Imaginei.

Dinara encolheu os ombros. — Pode ser. Não consigo imaginar minha consciência se tornando um problema, não pela maneira como estou me sentindo agora, mas eu... — Ela suspirou. — Não sei. Não quero arriscar. Quero que todos eles recebam o que merecem.

— Eles vão, porque minha consciência com certeza não vai ser um problema.

Dinara sorriu estranhamente e me beijou. — Pensar que algum dia eu me apaixonaria por um mafioso italiano... — Ela fechou os lábios, arregalando os olhos.

A euforia da tortura não era nada comparado ao que eu sentia agora.

Abri a boca, mas Dinara tapou meus lábios com a mão. — Não diga nada. Agora não.

Meus olhos enrugaram em diversão. Beijando sua palma, balancei a cabeça em concordância. Lentamente, Dinara tirou a mão.

— Também nunca imaginei que me apaixonaria por uma princesa da Bratva, — me apressei em dizer.

Dinara me beijou com força. — Cale-se Cale-se. Não quero falar sobre emoções, não agora. Ainda não.

— Depois de tudo o que fizemos e tudo o que planejamos fazer, você está com medo das emoções? — Eu provoquei. Seus olhos me imploraram para calar a boca e desta vez eu o fiz. Em vez disso, puxei-a contra mim e mostrei com meu corpo o que sentia. Sem palavras necessárias.

Vinte e Um

Adamo

Dinara e eu voltamos para o acampamento e participamos das duas corridas seguintes, mas nossos corações não estavam nelas. A lista ocupava nossos pensamentos. Era inútil fingir o contrário. Fomos para Las Vegas na manhã após a segunda corrida, incapazes de adiar nossa vingança ainda mais. Nós dois estávamos impacientes.

Pagamos por outro motel decadente na parte antiga da avenida. Um lugar como esse parecia mais adequado à nossa busca do que um hotel cinco estrelas. Não voltaríamos ao acampamento até que todos os nomes de nossa lista fossem riscados, não importa quanto tempo demorasse. As corridas podiam esperar.

As próximas mortes ocorreram sem problemas, sem tortura. Mortes fáceis que Dinara executou com uma arma. Eu controlei meu próprio desejo por sangue, permitindo que ela fizesse isso em seus próprios termos. Pior do que resistir à minha sede de sangue era assistir às gravações. Cada minuto queimou em minha cabeça e às vezes me seguiu em meus pesadelos.

Dinara estava esticada na cama ao meu lado depois que riscamos o número seis, completamente nua e linda além das palavras. Vê-la assim e lembrar as gravações que vi dela foi difícil de montar. Dinara havia sobrevivido a horrores que eu nem podia imaginar, e se tornou feroz e determinada, mas também gentil. Muitas pessoas teriam ficado cínicas depois do que ela passou.

Não havíamos discutido nossas emoções novamente, evitávamos o assunto com cuidado, mas vendo-a agora, o desejo de expressar meus sentimentos era quase irresistível.

Os olhos de Dinara me disseram que ela sabia o que eu estava pensando.

— Ainda não, — ela sussurrou.

Eu sorri ironicamente. — Quando?

— Ainda não, — ela simplesmente disse.

***

A tortura fez meu sangue cantar. Eu ainda ficava excitado, eufórico, mas não mais perdido em um transe. Dinara havia captado toda a minha atenção. A maneira como ela desencadeou sua dor. As últimas mortes foram quase sem emoção. Dinara havia matado todos os seus agressores com uma bala na cabeça. Fria e controlada. Mas hoje foi diferente. Assim como em sua primeira morte, Dinara se perdeu na necessidade de vingança. Talvez fosse porque enfrentamos dois abusadores, um casal, que abusou de Dinara. Sua raiva estava principalmente focada na mulher. Eu perdia conta do quanto Dinara a esfaqueou. Ela atacou ferozmente quando terminei, matando como se estivesse possuída.

Agora o silêncio havia caído na cela abaixo do Sugar Trap. Fiquei paralisado olhando para Dinara.

O sangue cobria seus lábios, um traço de cor contra sua pele pálida. Mesmo o vermelho flamejante de seu cabelo empalideceu em comparação.

Ela ficou imóvel no chão de pedra fria, os olhos arregalados voltados para o teto, mas sem ver o que estava à sua frente.

Eu deixei cair a faca. Ela aterrou com um tinido, respingos de sangue ao redor. Por um segundo, uma parte do meu rosto refletiu no único ponto limpo da lâmina afiada. Pela primeira vez na vida, entendi o medo que as pessoas sentiam quando ouviam meu nome. Falcone.

Hoje minha expressão justificava seu terror.

Derramamento de sangue estava em meus genes. Por toda a minha vida, lutei contra esse desejo no fundo das minhas veias, o ofusquei com drogas e álcool, mas seu chamado sempre esteve presente, uma corrente subterrânea em meu corpo que ameaçava me puxar para baixo.

Eu não deixei. Eu me joguei de cabeça em suas profundezas, segui a

corrente até a parte mais escura da minha alma. Por muito tempo, este dia foi meu maior pesadelo, um medo além da medida. Mas, porra, hoje parecia um renascimento, como um retorno ao meu verdadeiro eu.

Minhas palmas estavam pegajosas de sangue e parecia perfeito. Nunca matei uma mulher antes, muito menos causei a uma dor proposital, mas depois de assistir a gravação, ela se tornou sem rosto para mim, um mero alvo que eu precisava erradicar.

Nenhuma corrida de rua podia competir com a emoção, a excitação absoluta de uma matança, e menos ainda com a adrenalina de poder da tortura.

Negar a própria natureza é viver uma mentira. Apenas drogas em todas as formas e feitios tornavam isso possível. Não mais.

As pessoas finalmente tinham uma razão para o apelido que deram a meus irmãos e a mim.

Os monstros de Las Vegas.

Meu lado monstruoso tinha saído para jogar, mas a festança estava apenas começando.

Remo e eu éramos parecidos, mas essa não era nossa semelhança mais notável. Sua crueldade e brutalidade me horrorizaram a maior parte da minha vida porque refletia uma parte minha que eu desprezava. Hoje fiz as pazes comigo e com ele.

Eu tinha que agradecer a Dinara por isso.

Ela virou a cabeça e piscou para mim, com o peito arfando. — Será sempre assim?

— Assim como? — Eu perguntei roucamente. Eu nem tinha certeza de por que minha garganta doía. Ao contrário da nossa vítima, eu não gritei. Eu quase não disse nada.

Ela respirou fundo como se precisasse de tempo para organizar seus pensamentos, para formar as palavras certas. — Estou igualmente horrorizada e enojada com o que fizemos, assim como estou me sentindo animada e fortalecida. Será sempre assim? Este conflito rasgou meu peito porque me perdi

completamente na sede de sangue. Só puxar o gatilho é diferente, mas isso... essa morte pessoal... — Ela suspirou.

Aproximei-me dela e caí de joelhos ao seu lado. — Não sei.

Ela procurou meus olhos. — O que você sente, Adamo?

Eu considerei mentir, mascarando meus verdadeiros sentimentos. — Nem terror. Nem nojo. — Meu olhar vagou em direção aos cadáveres, esperando por um lampejo de arrependimento, qualquer tipo de emoção que uma pessoa normal sentiria, mas não havia nada, apenas a necessidade de repetir o que acabei de experimentar. Quando olhei de volta para Dinara, a compreensão encheu sua expressão. Era difícil esconder o monstro depois de chamá-lo para brincar. — Você gosta mais a cada vez que faz isso.

Eu sorri sombriamente. — Você sabe como chamam os Falcones.

Remo e Nino ficariam muito orgulhosos de mim se pudessem me ver assim. O orgulho vem antes da queda. Sempre lhes chutei pelo que faziam, pelo que gostavam de fazer, e agora aqui estava eu.

Ela se sentou e pegou minha mão, entrelaçando nossos dedos. Nossas palmas grudadas com o sangue de nossa vítima. — Eu não poderia ter feito isso sem você. Não posso continuar sem você.

— Você quer seguir nosso plano? Até sua mãe?

— Sim, — ela disse sem hesitação. — Quero fazer com que eles paguem, cada um deles. Eles devem sangrar.

Eu apertei a mão dela. — E eles vão sangrar, Dinara. Seus gritos afastarão os fantasmas que suas ações deixaram em sua alma.

Dinara balançou a cabeça com um pequeno sorriso. Ela deu um beijo em meus lábios. Tinha gosto de sangue e lágrimas, e mesmo isso não me enojava. — Poeta e assassino. Você nunca para de me surpreender, Adamo. — Seus olhos brilharam com determinação. — Eu acho que estou apaixonada por você.

A surpresa me atingiu. — O que aconteceu com o ainda não?

Dinara balançou a cabeça. — Por que eu deveria estar assustada?

Provavelmente havia uma centena de razões pelas quais nossas emoções

deveriam nos assustar, mas eu não me importava com nenhuma delas. Embalei seu pescoço, puxando-a para mais perto. — Seguirei cada passo do caminho com você. Te darei a justiça que você merece, mesmo que demore até meu último suspiro.

— Não, — ela sussurrou. — Nenhum de nós vai dar seu último suspiro por essas criaturas nojentas. Vamos viver por muito tempo depois que o sangue deles tiver sido derramado.

Eu a beijei de novo, mais forte desta vez, minha língua separando seus lábios. Minha mão percorreu suas costas.

Dinara se afastou balançando a cabeça. — Eu não posso. Assim não. — Ela apontou para seu estado coberto de sangue. — Não ao lado deles. — Ela acenou com a cabeça para os corpos. — Você poderia?

Desejei que a resposta fosse não, mas minhas veias pulsavam com os restos de adrenalina da morte e do desejo. Eu poderia foder Dinara aqui mesmo, no chão frio e encharcado de sangue. Eu me levantei e estendi minha mão. — Não faça perguntas cujas respostas podem assustá-la.

Dinara agarrou minha mão e eu a coloquei de pé. Ela tocou meu peito, as unhas cravando. — Nunca terei medo de você. — Seu rosto se moveu muito perto até que era tudo que podia ver. — Porque o seu monstro nunca vai me machucar.

Eu balancei a cabeça, porque isso era verdade. — Vamos tomar um banho e comer alguma coisa. Temos um longo dia amanhã.

Dinara olhou de esguelha para os cadáveres. — E eles? Não temos que nos livrar deles?

Peguei meu telefone e liguei para Nino. Ele e Remo estavam lá em cima no escritório e cuidariam da situação. — Isso será resolvido.

Dinara assentiu. Subimos as escadas, cobertos de sangue e estranhamente exultantes. Na saída do bar, cruzamos com Remo e Nino. Remo encontrou meu olhar, mas não disse nada. Eu lhe dei um pequeno aceno de cabeça. Hoje, talvez pela primeira vez na vida, realmente o entendi, e ele viu isso na minha cara.

— Cuidaremos dos cadáveres, — disse Nino com naturalidade.

Uma energia nervosa cercava Dinara quando saímos do Sugar Trap, mas quanto mais perto chegávamos do carro, mais calma ela ficava. Ela abriu a porta do passageiro e soltou uma pequena risada. — Nós realmente conseguimos. Estamos quase terminando nossa lista.

Apenas um nome permaneceu, um nome que evitamos mencionar.

Eu praticamente pude ver o peso saindo dela. A euforia estava banindo qualquer indício de ansiedade. Por enquanto, seus demônios foram colocados para descansar. Eles não desapareceram para sempre. Eu estava intimamente familiarizado com demônios do passado. Eles voltariam para assombrá-la, mas teriam perdido parte de seu poder sobre ela.

— Sim, e não vamos parar até que você consiga o que deseja.

Entramos no carro e pisei no acelerador, saindo correndo da cidade. Dinara estendeu a mão, sua palma cobrindo meu pau através da minha calça jeans. Eu lhe lancei um olhar questionador. Seus lábios se curvaram em um sorriso provocante, mas em seus olhos, escuridão se misturava com luxúria. Foda-se, isso me excitou. Eu a teria fodido ali mesmo com os cadáveres.

Ela esfregou com mais força. Eu diminuí a velocidade do carro, querendo encostar. Ela balançou a cabeça. — Continue dirigindo. Rápido.

Peguei ruas secundárias que eram menos movimentadas a esta hora da noite. Meu pé pisou no acelerador novamente.

Dinara acenou com a cabeça e baixou os olhos para a minha protuberância. Ela desafivelou o cinto e se aproximou antes de abrir meu zíper. Depois de se atrapalhar um pouco, meu pau saltou livre e ela o levou à boca.

Eu assobiei ao sentir seu calor úmido. Sua língua contornou minha ponta antes que ela me chupasse ainda mais fundo. Uma das minhas mãos se enredou em sua crina vermelha enquanto sua cabeça balançava para cima e para baixo. Meus olhos estavam fixos na rua à frente, correndo através da escuridão.

Eu gemi quando Dinara chupou apenas minha ponta enquanto suas mãos espalmaram minhas bolas através do jeans. Os sons molhados de sua boca

trabalhando no meu pau encheram o carro. Meus dedos apertaram em seu cabelo enquanto batia em sua garganta. Ela se afastou um pouco apenas trabalhando minha ponta ainda mais febrilmente com sua boca e língua. Meus dedos se fecharam com mais força em torno do volante quando a primeira pulsação traiçoeira dominou minhas bolas. Dinara me chupou com mais força, seus dedos massageando minhas bolas até o orgasmo, e então o prazer disparou através de mim e gozei direto em sua boca.

Gemendo, bombeei meus quadris, meu pé aliviando o acelerador, enquanto Dinara secava meu leite. — Foda-se, — rosnei quando quase desviei o carro da rua. Dinara levantou a cabeça, sorrindo sombriamente, seus lábios revestidos com meu esperma. Sua língua disparou para fora, lambendo-o.

— Sua vez agora, — eu disse asperamente, dirigindo o carro para o acostamento.

Ela agarrou o volante, puxando o carro de volta para a rua. — Continue dirigindo. Rápido.

Eu balancei a cabeça. — Não posso comê-la enquanto estou dirigindo. Mesmo minhas habilidades de direção não são boas o suficiente para dirigir às cegas.

Ela sorriu maliciosamente. — Me dedilhe e dirija.

Eu acelerei mais uma vez enquanto observava Dinara baixar sua calça e calcinha em um movimento, revelando aquelas pernas magras sexy e a deliciosa boceta com o cabelo ruivo aparado. Ela me lançou um olhar que me disse que sabia o efeito que seu corpo tinha sobre mim. Ela encostou as costas na porta e apoiou uma perna na minha coxa, dando-me uma visão privilegiada da boceta rosa encharcada.

— Olhos na rua, Falcone, — disse ela com um sorriso ousado.

— Como devo me concentrar na direção se sua boceta está me tentando?

— Você é um menino crescido. Pode lidar com isso. Agora me faça gozar.

Eu ri enquanto voltava meus olhos para a rua. Estendi a mão e segurei o joelho de Dinara, então lentamente passei minha mão pela parte interna de sua

coxa.

— Mais rápido.

— O carro ou meus dedos?

— Ambos, — ela sussurrou, agarrando meu pulso e pressionando meus dedos contra sua boceta molhada. Eu gemi com a sensação de seu calor bem vindo, sabendo que seria perfeito em torno do meu pau.

Eu deslizei dois dedos dentro dela. Ela gemeu, suas paredes se fechando em meus dedos.

Logo os quadris de Dinara giravam freneticamente, dirigindo meus dedos mais fundo em sua boceta. As luzes de Vegas surgiram e logo passávamos por prédios e calçadas lotadas.

Dedilhei Dinara ainda mais rápido até que ela gritou, seus músculos internos apertando como um torno ao redor dos meus dedos. Continuei a fodendo, mas abrandei. Meu pé no acelerador também abrandou e logo a confusão de hotéis e pessoas tornou-se visível. Dinara encostou a bochecha no vidro, espiando com os lábios entreabertos. Curvei meus dedos, fazendo-a gemer e embaçar o vidro. Entrei na garagem de um hotel qualquer e estacionei. No momento em que o carro parou, empurrei meu assento para trás.

Dinara não hesitou antes de subir no meu colo e se abaixar no meu pau. Os passageiros dos carros que passavam nos olhavam com os olhos arregalados. Era só questão de tempo antes que suas denuncias chegassem a segurança ou mesmo a polícia. Agarrei o pescoço de Dinara e puxei-a para um beijo enquanto minha outra mão espalmava sua bunda com firmeza enquanto ela me cavalgava. Nossos corpos pareciam se tornar um só e nosso ambiente desbotou ao fundo.

Nos agarramos um ao outro quase desesperadamente, como se esta fosse a última vez que estaríamos próximos.

***

Quando voltamos para o nosso quarto de motel naquela noite, nosso humor

era solene. Estávamos quase chegando ao fim da nossa lista e, com isso, ao fim de nossa jornada de vingança. Depois disso, teríamos que voltar à vida normal, ou tão normal quanto nossa vida poderia ser. Rastejamos juntos para a cama, ambos de costas, nossos braços se tocando.

— O que faremos depois da última morte? — Perguntei.

Dinara piscou para o teto. — Espero me sentir livre.

— Também espero, mas não foi isso que eu quis dizer.

Ela rolou para me encarar, seu sorriso solene. — Eu sei. Suponho que você retornará ao acampamento de corrida?

— A temporada está praticamente no fim e com todas as corridas que perdi, não conseguirei chegar aos dez primeiros de qualquer maneira.

Dinara assentiu. Ela passou as pontas dos dedos ao longo da barba por fazer em meu queixo e bochecha. — Então você voltará para Vegas para celebrar o Natal com seus irmãos?

O Natal parecia anos-luz de distância, mesmo que faltasse apenas um mês para a véspera. — Esse é o plano, sim, — eu disse lentamente. — Mas achei que você poderia se juntar a mim.

A surpresa cruzou o rosto de Dinara. — Você quer que eu passe o feriado com sua família?

— Comigo e minha família, — corrigi. — É realmente um choque para você que eu te queira ao meu lado, mesmo durante o feriado. Nós passamos noite e dia juntos nos últimos meses, e honestamente, apesar de toda a merda brutal que envolveu nossa aventura, foram os melhores momentos da minha vida.

— Então você deveria reconsiderar suas escolhas de vida, — ela disse com um sorriso irônico, mas seus olhos continham ternura. — Diz muito sobre mim e você que também foram os melhores momentos da minha vida. Somos fodidos.

— E daí?

— Assim que terminarmos a lista, você ainda será um camorrista e eu ainda serei a filha do Pakhan de Chicago. Existe uma maneira de isso funcionar?

— Seus lábios roçaram os meus e seus olhos continham esperança e ansiedade.

— Se quisermos.

— Meu pai não quer guerra com a Outfit. Isso o atingiria em cheio, mas se ele concordasse com uma trégua com seus irmãos, isso poderia muito bem levar a uma declaração de guerra da Outfit.

— Nós não lutamos pelo mesmo território, — eu disse. — Seu pai governa os Grandes Lagos. Não temos que declarar trégua para ignorar a existência um do outro.

— Você acha que ignorar a existência um do outro é o suficiente para você e eu nos tornarmos um casal oficial? Onde viveríamos? Não poderíamos morar em Chicago porque isso causaria problemas.

— Sem mencionar que a Outfit teria um dia de glória se colocassem as mãos em mim novamente para terminar o que começaram.

Dinara acariciou a cicatriz em meu antebraço distraidamente enquanto continuava: — E eu morar em Las Vegas seria tão ruim quanto. Não importa o que disséssemos, as pessoas me considerariam parte da Camorra e suspeitariam de uma trégua entre sua família e a minha, o que teria o mesmo resultado. Guerra entre a Bratva e a Outfit.

A Outfit tinha fortes laços com a elite política em Chicago e Illinois. Mesmo que a Camorra e a Bratva lutassem juntas para atacá-los significaria muita atenção indesejada. Isso não era algo que queríamos ou precisávamos. Mas eu não estava disposto a desistir de Dinara por causa da política da máfia.

— Eu quero que fiquemos juntos. Se nós dois quisermos, nada pode nos impedir.

Dinara encostou a testa na minha. — Vamos falar sobre isso quando terminarmos. — Ela ainda não conseguia dizer. O último nome da nossa lista era o maior desafio da Dinara.

— Não será fácil. Talvez você não possa seguir com isso. E tudo bem também. Não significa que você falhou ou que ainda está acorrentada ao passado.

— Eu tenho que fazer isso, — Dinara sussurrou. — Eu tenho que matá-la.

Eu beijei sua testa. O que fosse preciso para ajudar Dinara, eu faria.

Dinara

Antes de matar minha mãe, eu precisava voltar para Chicago. Adamo estava relutante em me deixar ir, mas no final das contas, ele entendeu e aceitou minha necessidade de falar com meu pai.

Entrei no saguão de nossa mansão. Por um momento, apenas inalei o cheiro familiar. Eu odiava viver nesta jaula dourada, mas sempre sentia falta disso. Ou talvez apenas sentisse falta da Rússia.

Papai esperava em seu escritório. Mesmo o czar não poderia ter um espaço de trabalho mais magnífico. Papai ergueu os olhos quando entrei.

Derramar sangue era sua profissão. Eu não tinha ilusões quanto às atrocidades de que ele era capaz. Se você quisesse se tornar qualquer coisa na Bratva, não poderia se dar ao luxo de ter uma consciência. Mas sempre fui sua garotinha, uma boneca preciosa que ele queria manter longe dos terrores de seu negócio.

Agora eu tinha mostrado minhas verdadeiras cores. Eu torturei e matei. Eu era uma Mikhailov.

Ele não se levantou da cadeira, apenas se inclinou para trás, me observando atentamente. — Você trabalhou com a Camorra para conseguir a vingança que eu poderia conseguir por você. Porque pedir ajuda ao inimigo, mas não ao seu próprio pai?

Decepção e raiva ecoaram em sua voz profunda. Seus olhos me atingiram com toda a força de sua decepção. Eu caminhei em direção a ele, meus saltos altos clicando no parquet. O traje da senhora russa mal escondia o que realmente estava por baixo, uma assassina quebrada e bagunçada.

— Porque você nunca teria permitido que eu participasse dos assassinatos.

Minha única chance de me vingar era procurar outros aliados.

Papai bateu na mesa com a palma da mão e ficou de pé, elevando-se sobre mim. — Porque eu não queria sangue em suas mãos. Queria te proteger do mal deste mundo. E os malditos Falcones te jogaram direto no abismo do inferno.

Eu encontrei seu olhar furioso. Homens adultos caíam de joelhos diante desse homem, mas nunca tive medo dele. Talvez eu fosse uma tola por achar que estava a salvo de seu lado cruel. — Proteger-me agora, contra minha vontade, devo acrescentar, não desfará o passado. Eu sei que você se sente culpado por não ter sido capaz de me proteger naquela época.

A fúria se multiplicou, seus olhos praticamente queimando de raiva, mas por trás disso a culpa chamejava.

— Os Falcones nunca tiveram o poder de me jogar em qualquer abismo, porque tenho vivido na porra de um inferno por anos, desde o momento em que o primeiro bastardo me estuprou.

Papai agarrou um dos caros ovos Fabergé de sua mesa e o jogou contra a parede mais próxima. Ele se estilhaçou com um estrondo ensurdecedor e todas as belas peças caíram no chão. A palavra estupro era uma que tínhamos evitado até agora. Nós sabíamos o que tinha acontecido, mas de alguma forma colocar em palavras ameaçava piorar as coisas. Peguei sua mão, me aproximando. — Você não pode me salvar pai. Ninguém pode. Eu preciso me puxar do abismo em que minha mãe me jogou.

— Não fale esse nome.

— Matar aqueles homens foi bom, muito bom. A dor deles tirou um pouco da minha.

Papai segurou minhas bochechas, procurando meus olhos como se esperasse encontrar a filhinha que ele vestia com vestidos de princesa. Mas aquela garota estava morta, morreu muitas mortes dolorosas para renascer como algo vil e vingativo. — Se eu pudesse desfazer o que foi feito com você, mataria cada um dos meus homens apenas para ter minha pequena Katinka de volta.

Meus olhos formigaram. — Eu sei. Mas ela está morta, e agora vou

garantir que cada pessoa que a matou também esteja.

— Um pai nunca quer que sua filha se torne como ele, não se for um homem como eu.

— Estou feliz por ser como você nesse aspecto. Estou feliz por ter conseguido segurar a faca que executou a morte. Estou feliz por não ser a princesa que precisa de um príncipe para acertar as contas.

— Mas você teve ajuda do príncipe Falcone, não foi?

Eu assenti. — Ele me ajudou a localizá-los. Mas fui eu quem os matou. Eles estão todos mortos. Agora só sobrou minha mãe.

— Eu deveria ser o único a matá-la, não você. Matar uma mulher, matar sua mãe, deixará cicatrizes. Cicatrizes que não acho que você deveria causar a si mesma.

Eu sorri sem emoção. — Ela é o pior monstro de todos eles. Essa mulher é a razão pela qual nunca saberei o que a palavra "mãe" realmente significa. Matá-la me libertará.

Papai acariciou minha bochecha. — Espero que sim. Realmente espero que sim, mas se aprendi algo ao longo dos anos, é que a vingança raramente nos liberta. Apenas nos acorrenta a novos demônios. Às vezes, esses apenas se juntam aos antigos. Não posso te perder, Dinara.

Eu me afastei com uma carranca. — Você acha que vou fugir com Adamo, entrar para a Camorra.

— Não é com essa perda que me preocupo. — Seus dedos se curvaram ao redor do meu antebraço.

— Eu não tentei me matar. Não tenho me cortado há algum tempo. — Apesar dos muitos anos que se passaram desde o meu deslize, papai não conseguiu superar isso e me senti culpada por isso, mas estava tentando viver uma vida nova e melhor.

Os olhos de papai ficaram distantes. — Quando Dima encontrou você em uma poça de sangue com espuma ao redor da boca, pensei que tinha te perdido.

— Eu não vou ter uma overdose de novo, pai. Estou limpa. Você sabe que

ninguém me venderá merda em seu território de qualquer maneira.

— E quanto ao território da Camorra?

— Lá também não, confie em mim. Adamo se certificou disso.

— Adamo, — papai repetiu, um brilho perigoso nos olhos. — O que há realmente entre você e esse garoto Falcone?

— Ele não é um garoto, pai.

Papai apenas continuou olhando nos meus olhos. — Isto é sério?

— O que você faria se eu dissesse que sim?

— Você ficará dividida entre dois mundos.

— É o mesmo mundo, apenas lados diferentes.

— Exatamente. Você sabe que não posso permitir que namore o inimigo. Ninguém entenderá isso.

— Eles não precisam, contanto que você entenda.

— Você percebe em que posição me colocou? Permitir que você continue vagando pelas terras da Camorra coloca o negócio em risco. Moscou não ficará feliz com isso.

— Não sei nada sobre o seu negócio e, mesmo que soubesse, não contaria a ninguém.

— Se a Camorra te usasse como isca, me teriam nas mãos e você sabe disso.

Eu sorri ironicamente. — Você conhece Remo melhor do que eu, e até eu sei que ele nunca me usaria assim.

— Aquele homem não tem um osso gentil no corpo, Dinara. Há uma razão pela qual ele controla o oeste sem percalços.

— Há uma razão pela qual você é Pakhan, pai. Ainda assim, vive de acordo com certas regras. Uma delas garante que você me permita fazer o que eu quiser, mesmo que desaprove, e as mesmas regras fazem Remo Falcone me ver como fora dos limites também.

— Ter homens como nós em suas mãos, é uma posição poderosa para se estar, espero que perceba isso, — ele murmurou, colocando a mão na minha

cabeça. — Estou dando a você mais liberdade do que jamais permitiria a qualquer outra pessoa, e não por causa dessas regras que mencionou.

— Por pena, — eu adivinhei.

Papai sorriu melancolicamente. — Oh, não tenho pena também. A garota diante de mim hoje não precisa da minha pena. — Ele beijou minha testa. — O amor é um jogo de tolos. Não o jogue.

— Preciso voltar a Vegas para terminar o que comecei.

Os lábios de papai se estreitam. — Não se perca. Não dê a sua mãe nenhum poder sobre você. Ela merece morrer e ser esquecida.

Vinte e dois

Dinara

As últimas mortes foram fáceis, mais fáceis do que deveriam, mas talvez matar estivesse em meu sangue como Adamo sempre afirmou que estava no dele.

Mas hoje era diferente, e nada sobre isso seria fácil. Eu me sentia ainda mais nervosa do que antes da minha primeira morte. Adamo apertou minha mão seu olhar procurando o meu, tentando determinar se eu estava bem.

Eu não tinha certeza do que estava sentindo. Minhas emoções despencaram, e vomitei o pouco que tinha comido no café da manhã. Este era o cume que eu precisava escalar. Cada morte até este ponto tinha sido uma mera preparação para este dia. Quando conversei com papai ontem, ele se ofereceu para matá-la se eu não pudesse continuar com isso. Adamo também não hesitaria em tirar esse fardo dos meus ombros, mas eu não podia permitir que nenhum dos dois matasse por mim. Isso era entre minha mãe e eu. Foi ela quem me vendeu pelo lance mais alto, que me arrancou da minha casa e do meu pai porque queria liberdade. Papai nunca revelou os detalhes do relacionamento deles, até a noite anterior.

Ele a conheceu como acompanhante, mas seus encontros sexuais terminaram com minha mãe engravidando de mim e meu pai insistindo que ela me mantivesse. Mais tarde, ele a proibiu de trabalhar como acompanhante e a mandou para uma clinica de reabilitação e obrigou-a a morar na mansão dele, então eu teria uma mãe. Ele queria que eu tivesse pais, mas minha mãe nunca me quis, ou ser mãe, estar limpa. Ela queria sua vida de volta e quando ficou claro que meu pai não lhe daria, ela me usou como um meio de puni-lo e conseguir o que queria.

— Dinara? — Adamo perguntou, preocupado.

Eu afastei meus pensamentos. Estávamos estacionados em frente ao prédio onde minha mãe morava. Ela tentou fugir ontem depois de talvez ter descoberto sobre os assassinatos, mas um soldado da Camorra manteve a vigilância sobre sua casa. Agora ela esperava a nossa chegada. Eu me perguntei se ela sabia que teria o mesmo destino que todos os outros nomes em nossa lista ou se esperava por misericórdia.

Eu agarrei a maçaneta da porta. — Estou pronta. — Minha voz parecia decidida, determinada, calma, o oposto do que eu estava sentindo.

Adamo e eu pegamos o elevador até o terceiro andar e seguimos em direção à última porta à esquerda. Um fedor empoeirado e rançoso pairava no corredor e o carpete já tinha visto dias melhores. Adamo bateu. Eu fechei minhas mãos em punhos para impedi-las de tremer. Esperei por este dia por muito tempo, mas agora estava apavorada. Um homem de meia idade soldado da camorra, abriu a porta e deixou-nos entrar. Adamo entrou primeiro e eu o segui após um momento de hesitação. O lugar não era o que eu esperava. Achei que seria um lugar triste e sujo, mas o apartamento era limpo e recém-mobiliado com bastante vidro, mármore falso e decoração dourada. Fotos em preto e branco da minha mãe em lingerie penduradas na parede sobre o sofá de couro branco. Não encontrei nenhum sinal de mim mesma em nenhum lugar do apartamento. Minha mãe provavelmente havia se esquecido da minha existência.

Quando a avistei, um arrepio percorreu minha espinha e o desejo de ir embora tornou-se quase imparável.

Da última vez, só tinha visto minha mãe de longe. Agora, apenas alguns metros nos separavam. Lembrei-me de que papai comparou minha beleza com a de minha mãe quando eu era bem pequena, antes de nunca mais falar dela. A beleza ainda permanecia sob suas rugas e linhas de expressão ao redor de sua boca e testa. Ela estava usando um vestido de aparência cara, com unhas e cabelos imaculados. Um cigarro queimado no cinzeiro da mesa de vidro à sua frente. Seus olhos dispararam entre Adamo e eu, a ansiedade revestindo seu

rosto.

— Katinka, — ela disse baixinho, como se estivesse feliz em me ver, como se tivesse o direito de me chamar pelo nome que arrancou de mim.

— Não, — eu fervi. — Não use esse nome. Agora sou Dinara. Ou talvez você queira usar um dos muitos nomes que escolheu para mim enquanto deixa um homem atrás do outro me estuprar?

Ela empalideceu. Eu podia ver como ela estava tentando pensar em algo para dizer. Ela pegou o cigarro e deu uma tragada trêmula. Eu nunca mais fumaria. Sua energia nervosa me disse que ela precisava de algo mais forte do que tabaco. Drogas. Eu não podia acreditar que tinha seguido seus passos e também caído na armadilha do vício. Jurei que nunca mais tocaria em nada. Eu nunca me tornaria a mulher desprezível diante de mim.

— Dinara, — ela começou hesitante. — Eu nunca quis que você se machucasse. Eu estava em um péssimo estado de espírito. Estava desesperada.

Eu cambaleei mais perto dela, lágrimas furiosas ardendo em meus olhos. — Desesperada?

— Seu pai...

Seu perfume familiar, muito doce e muito forte penetrou em meu nariz, trazendo memórias vívidas que quase fizeram minhas pernas se dobrarem. — Meu pai te proibiu de usar drogas. Ele queria que você cuidasse de mim. Ele cuidou de você para que pudesse ser uma mãe para mim. Ele lhe deu dinheiro para que você não precisasse mais vender seu corpo.

— Eu nunca pedi nada disso. Era feliz com o que tinha.

Eu engoli em seco. Ela não parecia nem um pouco culpada.

— Eu não sabia o que aqueles homens faziam com você. Eles te machucaram, não eu.

Não pude acreditar em sua audácia. — Há gravações do que aconteceu. Você está em muitos delas, me dizendo para ser legal com aqueles idiotas. Você registrou o que aconteceu. Você sabia, não finja que não sabia!

— Eu, eu estava drogada. Aqueles homens me pressionaram.

— Você pode culpá-los ou a meu pai, mas você é o verdadeiro monstro, Eden. Eles pelo menos não me conheciam. Você deveria ter me amado.

Ela fez menção de se levantar, mas Adamo lançou lhe um olhar de advertência.

— Eu era muito jovem quando dei à luz. Eu nem queria ter um filho, — ela disse, olhando dele para mim. O cigarro entre seus dedos quase havia queimado.

Pressionei meus lábios, lembrando-me das palavras de papai. Minha mãe não me queria. Ela queria fazer um aborto, mas papai não permitiu. Ele não permitiu que ela se livrasse de seu filho. Eu não me ressentia por ela não estar pronta para um filho, nem mesmo que quisesse me abortar, mas a odiava por como ela me usou, como deixou outros abusarem de mim apenas para que pudesse viver a vida que queria. Isso era algo que eu jamais poderia perdoar.

— Uma mãe deve proteger seu filho de todo mal, não jogá-lo em seu caminho. Eu te amei. Eu confiei em você e você destruiu tudo. Você arruinou minha vida.

Ela acenou para mim. — Você está aqui agora e parece forte.

— Estou aqui por causa do papai, porque ele me protegeu.

— Não se torne como ele, não me mate, Dinara. Posso deixar os Estados Unidos para que você nunca mais precise me ver de novo.

— Talvez você possa fugir do que aconteceu, mas eu não posso. Sempre será uma parte de mim. — Mãe lançou um olhar de avaliação para Adamo, como se perguntando se ele poderia ser sua salvação. Ela não o conhecia. Ele era a última pessoa de quem esperar misericórdia. — Você já teve pesadelos por causa do que fez comigo? — Perguntei.

— Remo Falcone se certificou de que eu não esquecesse o que aconteceu, — disse ela, mas não disse isso como se tivesse causado sua angústia em meu nome. Sua voz soou auto piedosa. Ela encontrou o olhar de Adamo. — Ele é seu irmão. Você sabe como ele é. Você contou a ela?

— O que quer que meu irmão tenha feito não é nada em comparação com

o que você fez com sua própria filha, — Adamo rosnou, seus olhos brilhando com violência.

Minha própria fome de sangue respondeu. Eu não tinha certeza do por que ainda estava falando com minha mãe. Talvez, no fundo, esperasse que ela percebesse o que fez, como quebrou a confiança de uma criança e arruinou minha vida, mas eu não teria a satisfação de um pedido de desculpas honesto. Minha mãe era incapaz de ver seus erros.

Tirei a arma do coldre sob minha jaqueta de couro. Minha mãe se levantou com as mãos para cima. — Por favor, Dinara. Você não vai se sentir melhor se me matar. Você se sentirá culpada.

— Culpada — Murmurei. — Tão culpada quanto você se sente pelo que fez comigo?

Eu levantei a arma, apontei direto para a cabeça dela. Seus olhos frenéticos vasculharam a sala em busca de uma oportunidade de escapar, de se salvar. Meu dedo no gatilho tremeu. Eu só precisava puxar o gatilho para acabar com isso, mas não conseguia me mover. Eu não tinha certeza do que estava me segurando. Eu não amava a mulher diante de mim, mas até esse ponto, uma parte pequena e boba esperava que tudo acabasse sendo um grande mal-entendido, que houvesse uma explicação que provasse a inocência da minha mãe. Eu sabia que isso não aconteceria, mas meu coração se agarrou totalmente à esperança. Queria encontrar uma mãe que pudesse amar, uma mãe que pudesse perdoar. A mulher diante de mim não era essa mãe.

Eu me virei, incapaz de olhar para ela. Adamo tocou meu ombro, procurando meus olhos. — Eu não posso, — eu disse quase sem emoção, abaixando a arma.

— Você quer que eu...

— Não, — eu disse rapidamente. Eu coloquei a arma na mesa lateral.

Pelo canto do olho, percebi minha mãe se aproximando de nós hesitantemente. — Você não vai se arrepender, eu juro. Agora que decidiu me poupar, Remo vai me deixar ir, como você quer. Vou embora e nunca mais vou

voltar. Mas... — Ela lambeu os lábios. — Seu pai vai me caçar. Vou precisar de algum dinheiro para chegar à Europa e criar uma nova vida para mim lá.

A expressão de Adamo mudou para fúria absoluta. — Você está pedindo dinheiro a Dinara?

Eden deu um passo para trás. — Se ela quer que eu viva e não ter minha morte em sua consciência, preciso de algum dinheiro para escapar de Grigory.

Novas lágrimas arderam em meus olhos. — Assim como você precisava de dinheiro da última vez, mas naquela época não podia me pedir, então me vendeu para velhos que me molestaram.

Comecei a tremer, raiva e desespero absoluto lutando dentro de mim. Eu arranquei a faca do coldre e me virei. Com um grito rouco, esmaguei a lâmina em seu peito. Seus olhos se arregalaram e seus lábios se separaram em um grito silencioso. Então ela desabou no chão, levando-me com ela porque eu ainda estava segurando a faca. Eu caí de joelhos ao lado dela. Soltei a faca, agarrei seus ombros e comecei a sacudi-la.

— Como você pode fazer isto comigo? Como? Como? — Eu gritei. Minhas lágrimas cegaram minha visão e minha garganta estava em carne viva de tanto gritar. — Como? Por que você não me amou o suficiente para me proteger? Por que? — Continuei sacudindo-a e gritando, mas ela não conseguia me responder, e não importa o que tivesse dito, nunca teria me dado a resposta que eu desejava.

Eu a soltei e me enrolei, meu rosto enterrado em minhas mãos, que estavam pegajosas com seu sangue. Eu chorei e estremeci. — Por que você não me amou?

Adamo se ajoelhou ao meu lado e passou um braço em volta de mim, puxando-me contra ele. — Ela era um monstro e nunca mereceu ser sua mãe. Você é adorável e eu te amo. — Eu congelei contra ele, prendendo uma respiração instável. Eu levantei meu rosto. Devia estar parecendo uma bagunça ensanguentada, lágrimas e ranho no rosto, mas a expressão de Adamo estava cheia de amor. — Você me ama?

— Sim, mesmo que esteja quebrando nosso pacto de manter isso casual. Eu não me importo. Não vou esconder minhas emoções. Eu te amo pra caralho e é melhor você lidar com isso.

Soltei uma risada estrangulada. — Eu também te amo. — Beijei Adamo, mas quando recuei seus lábios estavam cobertos de sangue. Meus olhos procuraram o cadáver de minha mãe bem ao nosso lado. Seu sangue estava se espalhando lentamente sob seu corpo e seus olhos sem vida olhavam para o teto.

Caí contra Adamo, a adrenalina esvaindo e deixando uma estranha sensação de vazio. Eu consegui. Nós conseguimos. Matamos cada um dos algozes da minha lista. Inclusive minha mãe. Eu esperava euforia e alívio, e havia uma centelha de alívio, mas na maior parte estava a incerteza. E agora? Durante toda a minha vida, me esforcei para descobrir meu passado e, em seguida, punir aqueles que abusaram de mim. Agora que consegui, precisava me concentrar no futuro, em novos objetivos e descobrir o que realmente queria.

Enfiei a mão no short jeans e tirei o pedaço de papel amassado e manchado de sangue. Eu o mantive no bolso desde que começamos nosso caminho de vingança.

Terminamos nossa lista. Pareceu uma eternidade que havíamos matado o primeiro homem da lista. Cada segundo de cada dia foi dominado por pensamentos de vingança. Isso ocupou todos os meus pensamentos, minhas noites e dias, e agora, que chegamos ao fim, uma sensação de "e agora?" tomou conta de mim.

Adamo acariciou minhas costas. Nem ele nem eu fizemos qualquer movimento para nos levantar da poça de sangue que se formava ao nosso redor, ensopando nossas roupas. Ainda estava quente. — Acabou, — eu sussurrei, quase pasma.

Adamo beijou minha testa. — Agora você pode seguir em frente.

Eu procurei seus olhos, imaginando o que faríamos agora e se seria tão fácil quanto ele disse.

Eu olhei para minha mãe. Não, para a mulher que me deu à luz. Ela não

era realmente uma mãe e nunca tinha sido.

— A equipe de limpeza cuidará dela. Você pode esquecer que ela existiu, — disse Adamo. — Vamos sair daqui. — Ele se levantou e estendeu a mão para mim.

Eu balancei a cabeça, mesmo que ainda me sentisse presa em um torpor, e permiti que ele me levantasse. Adamo chamou a equipe de limpeza e me conduziu em direção à porta. Eu arrisquei uma última olhada para minha mãe antes de sair. Eu a queria morta e não sentia nenhum arrependimento por matá-la, mas a euforia e a sensação de liberdade ainda não haviam aparecido.

Adamo

Voltamos ao hotel e entramos no prédio pela entrada dos fundos, pois parecíamos grosseiros e cobertos de sangue. A equipe fez vista grossa ao nosso estado. Las Vegas e especialmente os hotéis estavam sob nosso controle total. Todos os que trabalhavam para nós tinham mais juízo do que mostrar interesse em comportamentos suspeitos.

Dinara foi para o banheiro e eu a segui. Ela não disse nada desde que deixamos a casa de sua mãe.

Ela sentou na beirada da banheira e ficou olhando para os dedos incrustados de sangue, flexionando-os como se não acreditasse em seus olhos. Depois de nossas últimas mortes, a euforia e a excitação eram nossos sentimentos dominantes. A cada nome riscado em nossa lista, outro peso parecia ter saído do ombro de Dinara. Mas não hoje. Eu me sentei ao lado dela. — Ela merecia a morte.

— Pelos nossos padrões, definitivamente, — disse Dinara.

— Não apenas pelos nossos padrões. Acho que muitas pessoas concordariam que ela merecia morrer depois do que fez. — Normas sociais e moral média eram algo que nem Dinara nem eu tínhamos muitas experiências,

mas o abuso infantil era um crime que a maioria das pessoas queria ver punido o mais duramente possível. — Você se arrepende de matá-la?

Dinara finalmente ergueu os olhos das mãos, franzindo as sobrancelhas enquanto considerava minha pergunta. — Não. Não sinto nenhum remorso. Eu teria continuado pensando nela se soubesse que ela estava viva. Eu nunca poderia ter realmente seguido em frente. E não apenas isso. Se eu a tivesse mantido viva e sofrido por causa disso, papai resolveria o problema com as próprias mãos, eventualmente. Ele moveria céus e terras para matá-la no território de seu irmão e isso só teria causado problemas. Não quero que nossas famílias estejam em guerra.

— Não é como se estivéssemos em paz agora.

— Nem em guerra também. Contanto que nos ignoremos, há uma chance de estarmos... — Ela parou de falar, sua expressão se apagando.

Eu agarrei a mão dela. — De estarmos juntos, — eu terminei. Os olhos de Dinara fixaram-se nos meus. Alguns pequenos respingos de sangue pontilhavam suas bochechas e testa, seu cabelo estava uma bagunça e sua pele estava pálida, e ainda assim ela parecia mais bonita do que qualquer pessoa que eu já tinha visto.

— Sim, — ela concordou baixinho. — E agora? Sinto como se houvesse um vazio se abrindo diante de mim agora, onde antes havia um propósito.

— Agora vamos tomar um banho e ter uma boa noite de sono, e amanhã voltaremos ao acampamento. — A surpresa cruzou a expressão de Dinara como se ela nem tivesse considerado a opção de voltar ao acampamento.

— Você quer voltar para o acampamento, certo?

Um sorriso cansado se espalhou pelo seu rosto. — É o único lugar onde quero estar agora.

***

Acordei no meio da noite em uma cama vazia. Procurando pelo quarto, encontrei Dinara na frente das janelas panorâmicas. Seu olhar vagava pelas luzes

bruxuleantes da Strip abaixo de nós. Saí da cama e me juntei a ela. Havia um brilho perdido em seus olhos, como se procurasse uma âncora para se agarrar. Toquei suas costas e ela me deu um sorriso cansado por cima do ombro.

— Eu não conseguia dormir.

— Pesadelos?

Ela balançou a cabeça com uma pequena carranca. — Não, na verdade não. Só me sinto um pouco perdida. Achei que mataria o passado matando meus abusadores, mas ainda permanece no fundo da minha mente, não tão proeminente como antes, mas ainda está lá.

A cura exigiria mais do que matar sua mãe e os agressores e, acima de tudo, levaria mais tempo. Eu a levei de volta para a cama e nos deitamos, meus braços em volta de sua cintura. Eu podia sentir a inquietação em seu corpo.

— Talvez você devesse falar com Kiara, — eu disse eventualmente.

— Sua cunhada, — disse ela, começando a se afastar. Suas defesas se ergueram. — E por que eu deveria?

— Porque ela experimentou algo semelhante. — Eu não tinha discutido isso com Kiara, mas ela era uma das pessoas mais gentis e prestativas que eu conhecia, então tinha certeza de que ela ajudaria Dinara.

Dinara saltou da cama, de costas para mim. Ela tirou um cigarro do maço e colocou-o entre os lábios, mas não o acendeu. Em vez disso, fez uma careta para a ponta. Ela abriu o isqueiro quase com raiva e finalmente acendeu o cigarro. Sentei-me também para poder ver seu rosto, mas ela estava semicerrando os olhos para a ponta em chamas. Finalmente, ela se virou para mim, seus olhos duros. — E o que seria isso?

— Ela foi abusada pelo tio quando era criança.

Dinara soltou uma risada amarga e deu uma longa tragada no cigarro, exalando a fumaça lentamente. — A mãe dela ganhava dinheiro vendendo sua filha também? Ela foi estuprada por uma dúzia de caras, às vezes enquanto sua mãe assistia?

— Eu sei que vocês não experimentaram exatamente o mesmo, mas isso

não significa que ela não entende o trauma que você passou. Talvez falar com ela te ajude.

Ela me olhou com raiva. — Você lida com traumas da mesma forma que Remo ou Nino fazem? A merda que aconteceu na sua juventude, a morte da sua mãe? Não, você não lida. Mas por alguma razão as pessoas pensam que todas as vítimas de estupro são iguais, como se todos nós lidássemos com a merda da mesma maneira. Como se todos nós quiséssemos piedade e sermos mimados como se de repente fôssemos frágeis.

— Eu não te mimo nem tenho piedade de você, e definitivamente não acho que seja frágil.

— Mas quando você descobriu, foi exatamente o que pensou.

A raiva cresceu dentro de mim. Peguei o cigarro da sua boca e apaguei no cinzeiro. — Eu não sabia o que pensar. Fiquei chocado com o show de merda que Remo colocou aos meus pés.

Dinara revirou os olhos. — Você ficou chocado com o que viu? Eu vivi aquele show de merda.

Corri a mão pelo meu cabelo com um suspiro. Eu agarrei a mão de Dinara e para minha surpresa ela deixou, até me deixou entrelaçar nossos dedos. — Eu sei. Porra, Dinara, eu quero te ajudar.

— E você está, já fez, ajudando-me a matar aqueles idiotas um após o outro.

— Você acha que isso é o suficiente?

Ela olhou nos meus olhos, sem dizer nada por um longo tempo. — Não sei, mas me fez sentir melhor, pelo menos temporariamente. Acho que terei apenas que determinar o que quero agora e como viver com os demônios que não posso matar tão facilmente.

***

Pude ver um peso caindo quando deixamos Las Vegas para trás. A cidade

sempre seria associada a lembranças dolorosas para ela. Unindo nossos dedos, chamei sua atenção. Ela me deu um sorriso distraído.

— Você se sente diferente? — Perguntei.

— Diferente de antes de começarmos nossa vingança?

Eu assenti.

Ela considerou isso. — Ontem eu teria dito não. Parecia que estava caindo em um buraco negro, mas estou começando a perceber o que conquistamos. As pessoas que machucaram a mim e a outras garotas se foram. Minha mãe se foi e eles não podem mais ter poder sobre mim novamente.

— Você vai se sentir ainda melhor depois da próxima corrida.

Seu sorriso ficou menos tenso. — Eu realmente senti falta de correr. Nunca pensei que gostaria tanto.

— Você nunca pensou que gostaria tanto de mim também, — eu brinquei, querendo aliviar ainda mais o clima.

Dinara revirou os olhos, mas então se inclinou e me distraiu brevemente com um beijo. — Você me pegou de surpresa. Isso não vai acontecer de novo.

— Eu já tenho seu coração.

— Você tem, agora só terá que mantê-lo, — ela disse provocativamente. Ela afundou no assento, seus ombros relaxando pela primeira vez desde ontem.

— Agora que o tenho, não vou devolvê-lo.

O olhar de Dinara ficou distante. — Teremos apenas que convencer nossas famílias.

— É a nossa vida. Eles terão que aceitar nossa escolha.

Dinara me lançou um olhar que deixou claro que não seria tão fácil assim. Eu sabia que ela estava certa, mas já havíamos passado por tanta coisa e eu não deixaria ninguém nos separar.

Vinte e Três

Dinara

Na verdade, voltar para o acampamento foi como voltar para casa. Eu amava minha casa em Chicago, mas sempre me senti como em uma espécie de prisão. Quando morava lá, tinha que obedecer a certas regras. Os soldados e a equipe de papai exigiam que eu refletisse uma certa imagem. Sem falar que papai preferia ver uma versão minha que tivesse pouca semelhança com a Dinara real.

Kate, a garota com a bela voz me cumprimentou com um abraço quando cruzei com ela a caminho do trailer do banheiro. Eu poderia nos ver nos tornando amigas a longo prazo, se eu ficasse no acampamento e realmente começasse a vê-lo como meu lar. Se ela ouviu o que aconteceu, não deixou transparecer. Eu não podia acreditar que ninguém havia espalhado boatos.

Não cheguei ao trailer porque Dima veio na minha direção. Eu não o via há semanas. Eu o abracei. — Senti sua falta, — admiti.

Sua expressão se torceu com apreensão quando ele se afastou. Eu me preparei para o que ele tinha a dizer. — Devemos voltar para Chicago agora. Não há razão para ficarmos. Falcone e as corridas serviram ao seu propósito. Não precisamos mais de nenhum dos dois.

Eu permiti que meu olhar contemplasse as barracas e carros de corrida, absorvendo a excitação do dia anterior a corrida. Eu não queria ir embora. Eu queria fazer parte do acampamento, simplesmente por fazer e não por qualquer outro motivo. Eu queria estar com Adamo. — Por que eu deveria voltar para Chicago?

— Porque é onde você pertence, — Dima murmurou. — Aqui não é sua casa. Não fique muito tempo, Dinara. Remo Falcone pode ter tolerado sua

presença para que pudesse brincar com você, mas agora que o jogo acabou, ele vai te querer fora de seu território o mais rápido possível.

— Ninguém brincou comigo. Ele me deu uma opção e eu agarrei. Só porque era uma opção que papai e você desaprovavam não significa que seus motivos eram ruins. Ele me deu o que eu queria.

Dima fez uma careta. — Ele é bom em manipulação. Eu tenho que admitir. Remo te usou para executar a vingança que seu pai queria.

— Ele pode ter querido, mas era minha para começar. Não dele, ou de qualquer outra pessoa.

— E ainda assim você compartilhou com Adamo em vez de comigo ou seu pai.

— Porque nenhum de vocês teria permitido que eu sujasse as mãos. Vocês teriam resolvido o problema com suas próprias mãos. Talvez tivessem me permitido assistir, mas definitivamente não participaria.

— Porque o que você fez pode destruí-la.

— Mas não aconteceu, — eu disse com firmeza. — Não tenho pesadelos e não me sinto culpada.

Isso não era bem verdade. Eu tinha pesadelos, mas eram melhores do que os que me assombravam no passado. Eles não me acordavam suando frio e com o coração batendo forte.

— Não voltarei para Chicago agora. Vou terminar a temporada...

— Seu pai te quer de volta a Chicago, então é para lá que vou te levar. Você conseguiu o que queria, agora tem que voltar aos seus sentidos.

Eu estreitei meus olhos. — Você vai me amarrar e me sequestrar?

— Seu pai não aceitará um não neste caso e culpará Adamo se você não aparecer em Chicago esta noite.

Eu cerrei meus dentes. Eu não queria provocar meu pai. Ele estava chateado com a minha missão de vingança, mas me permitiu fazer o que eu precisava fazer, mas tinha a sensação de que ele não seria tão tolerante se ignorasse sua ordem desta vez. Eu não queria colocá-lo contra Adamo. Eu queria

que ele gostasse de Adamo, que o aceitasse como o homem que eu amava, não importa o quão improvável isso fosse.

— Terei de falar primeiro com o Adamo, — falei. Dima não se incomodou em esconder sua desaprovação, mas não me importei. Eu não ia fugir. Adamo merecia saber o que estava acontecendo. Eu me virei e fui em busca de Adamo. Eu o encontrei, como esperado, no trailer de Crank, provavelmente discutindo detalhes de última hora para a corrida de amanhã. Ele me deu um sorriso distraído, mas seu rosto se transformou em uma carranca quando viu minha expressão. Ele disse algo a Crank, que assentiu antes de correr em minha direção. — O que está errado?

Era estranho como Adamo me conhecia bem. Sempre me orgulhei de minha cara de pôquer, mas depois de tudo que Adamo e eu passamos, conhecíamos as expressões falsas um do outro e o verdadeiro significado por trás delas. Era assustador e reconfortante ao mesmo tempo.

— Preciso voltar para Chicago, hoje à noite.

Adamo congelou. — Por que? Você vai perder a corrida de amanhã.

— Eu sei. Mas meu pai insiste que eu volte para falar com ele. Ele me deu tempo para fazer o que eu precisava fazer, mas agora sua paciência está se esgotando.

Adamo me olhou em silêncio por alguns segundos. Uma sugestão de preocupação e suspeita brilhava em seus olhos, mas desapareceu tão rapidamente que eu teria perdido se não o conhecesse tão bem quanto ele me conhecia.

— Estarei de volta o mais rápido possível, — eu disse com firmeza. — Mas preciso acertar as coisas com meu pai primeiro. Não quero que ele envie a cavalaria e crie mais tensão entre nossas famílias.

Adamo pegou meus quadris, me puxando para mais perto. — Talvez ele não permita que você volte.

— A única maneira de me fazer ficar é me trancando e isso é algo que ele nunca faria. — A mim, pelo menos. Por causa do que aconteceu comigo, papai

odiava impor sua vontade, e era por isso que eu tinha mais liberdade do que a maioria das garotas que conhecia.

— Se você não voltar, vou dirigir até Chicago e buscá-la pessoalmente.

Eu zombei. — Não se atreva. Isso seria loucura. Papai iria matá-lo de cara. Confie em mim para lidar com meu pai. Ele não vai me forçar a ficar. Eu o conheço.

Adamo ainda parecia duvidoso, mas balançou a cabeça de qualquer maneira. — Tudo bem. Eu confio em você. Prometa se apressar.

— Prometo.

— Dinara! — Dima chamou do outro lado do acampamento, a impaciência ressoando em sua voz.

Suspirei. — É hora de partir. — Adamo pressionou seus lábios contra os meus e me beijou apaixonadamente. Quando ele se afastou e me soltou, a expressão de Dima estava ainda mais sombria.

— Você se despediu dele? — Dima perguntou quando entramos no carro juntos.

— Não foi uma despedida. Foi um até logo.

Dima me lançou um olhar exasperado. — Isso não é o que seu pai quer.

— É o que eu quero, — falei bruscamente.

***

Chicago parecia ainda menos um lar do que da última vez. Eu havia mudado nos últimos meses. Não me incomodei em trocar de roupa antes de ver papai. Minhas botas, jeans esfarrapados e jaqueta de motoqueiro eram eu e não queria fingir que era outra pessoa.

O rosto de papai brilhou de surpresa quando entrei em seu escritório. Ele examinou minha roupa, obviamente descontente. Para ele, as mulheres deveriam usar vestidos e saias para enfatizar sua feminilidade. Ele se levantou da cadeira da escrivaninha e caminhou em minha direção me puxando em um abraço

apertado. — É bom te ter de volta. Eu não consegui parar de me preocupar com você enquanto passava um tempo no território da Camorra.

Eu lhe dei um sorriso tenso. Ele achou que eu tinha voltado para sempre, que não voltaria mais para o acampamento, para Adamo.

— Pai, — eu comecei, me afastando.

Os olhos de papai se estreitaram. — Seu lugar é aqui, com seu povo, com sua família.

— Eu sou uma adulta, e os adultos eventualmente se mudam e vivem suas próprias vidas. Você sabe que nunca realmente senti que pertencia a nossos círculos. Não quero jogar conversa fora com as esposas de oligarcas e políticos, ou fingir que me importo com a mais nova bolsa de edição limitada da Louis Vuitton. Eu quero ser livre e fazer o que quiser. Não quero cumprir meu papel de filha do Pakhan. Eu nunca quis. Você tem Galina e os meninos para isso. Não precisa de mim.

Papai deu um passo para trás, seus ombros enrijecendo. Eu podia dizer que ele ficou magoado com minhas palavras. — Eu te dei toda a liberdade que você precisava, mais do que qualquer outra garota na sua posição seria permitida. Tudo que peço é que seja leal.

Minhas sobrancelhas se juntaram. — Claro, eu sou leal. Querer passar o ano como piloto de corrida em território de Camorra não significa que não seja leal a você. Eu te amo pai. Eu nunca te trairia.

— Você quer ficar com o garoto Falcone.

— Ele não é um garoto, — eu disse. — E sim, eu quero estar com ele. Não é como se fossemos nos casar. Nós simplesmente gostamos de passar o tempo juntos.

Papai acariciou minha bochecha como se eu fosse uma criança delirante. — Isso não vai funcionar Dinara. Você ficará dividida entre dois mundos, mundos que nunca se fundirão. Não quero guerra declarada com Dante Cavallaro, mas se eu fizer as pazes com a Camorra, sua arqui-inimiga, esse será o resultado. Ele conquistou algumas vielas políticas muito importantes nos

últimos anos e vai prejudicar meus negócios se eles começarem a voltar sua atenção para mim.

— Não estou pedindo que você arrisque uma guerra com a Outfit, ou que faça as pazes com a Camorra. Não faço parte da Bratva, e se eu parar de mexer em nossos sites, não terei nenhum envolvimento com os negócios Não correrei o risco de revelar nada a Adamo, nem mesmo por acidente. Ele e eu nem mesmo discutimos detalhes de negócios de qualquer maneira.

— Dinara, você é uma Mikhailov e as pessoas a julgarão como tal. Você viveu uma fantasia por alguns meses, mas agora tem que enfrentar a realidade. Uma Mikhailov e um Falcone não podem ficar juntos. Não posso permitir isso.

Eu dei um passo para trás. — Você não pode ou não quer?

Papai sorriu sem alegria. — Não importa. O fato é que você não pode mais ver Adamo Falcone.

A raiva correu por minhas veias. — Você está me pedindo para parar de ver Adamo?

— Eu não estou te pedindo. Você não o verá novamente e não colocará os pés no território da Camorra.

— Você não pode me dar ordens assim. Essa é a minha vida. Eu sempre te respeitei, mas você precisa me respeitar também.

O rosto de papai ficou duro. — Você pode parar de vê-lo ou encontrarei uma maneira de tirá-lo de cena de alguma outra forma. Depende de você, mas o resultado final será o mesmo. Adamo Falcone não fará parte da sua vida.

Meu queixo caiu. — Você está ameaçando matá-lo?

Papai se sentou na beirada da mesa, sua expressão profissional substituindo o olhar que ele normalmente me dava. — Eu farei o que for necessário para proteger a todos nós. — Sua voz não deixou espaço para uma discussão. Para ele, a questão estava resolvida e minha opinião era irrelevante. Esse lado dele não era novo para mim, mas geralmente eu não o recebia.

Eu o encarei. — Você não está me protegendo me mantendo longe de Adamo! Achei que você queria me ver feliz, mas obviamente só está preocupado

com os negócios.

— Se uma guerra aberta estourar em Chicago, todos estarão em risco. Você, Galina, os meninos, meus homens. Tenho uma responsabilidade que vai além de sua paixão por um garoto que você mal conhece.

Eu não pude acreditar em sua coragem. Ele não sabia nada sobre Adamo e eu. Ele nunca quis saber e tive o cuidado de não lhe dizer muito. Por que cutucar uma colmeia? — Adamo me salvou. Ele me deu o que eu precisava para esquecer o passado. Ele me traz felicidade no presente e me deixa animada para o futuro. Isso não é mais do que uma paixão boba? — Por muito tempo, tentei fingir que não estava apaixonada por Adamo, temia qualquer tipo de compromisso, mas agora que eu estava além do ponto de negação, me deixou ainda mais furiosa ter outros questionando sentimentos que batalhei por meses. — Não sou alguém que permite emoções facilmente. Você me conhece, pai. Se estou dizendo que quero ficar com Adamo, isso significa algo.

— Você realmente acha que a família dele permitirá que ele fique com você? Suas tradições não são as nossas. Eles nunca te aceitarão totalmente, nunca confiarão em você.

Eu não tinha certeza. Adamo me garantiu que sua família me aceitaria. Eles não eram tão tradicionais quanto as outras famílias mafiosas italianas. Afinal, seu Executor era casado com uma forasteira, o que, se você olhar para isso, é um risco maior do que ter um relacionamento com alguém de uma organização criminosa adversa. Eu fui criada em um mundo de violência e sujeita a regras rígidas. Eu sabia como guardar um segredo, não importa o quão escuro fosse. Eu poderia mentir na cara de um policial sem pestanejar. Mesmo que Adamo e eu tivéssemos sido criados em lados diferentes, nossas vidas eram semelhantes. — Vou cruzar essa ponte quando chegar, mas isso é problema meu, não seu.

Papai se levantou e agarrou meus ombros suavemente, seu sorriso melancólico, mas seus olhos eram implacáveis. — Farei o que for necessário para protegê-la, Katinka. Não force minha mão.

Não duvidei por um segundo que papai mataria Adamo. Ele queria me proteger a todo custo. Que ele não pisaria no pé da Outfit fazendo isso era um efeito colateral, não o motivo. — Você está tentando compensar o passado porque não conseguiu me proteger de minha mãe e dos homens que me molestaram, mas não pode desfazer o que aconteceu, e certamente não pode arruinar minha vida agora.

Os dedos de papai apertaram meus braços. — Você tem Dima. Vocês dois eram felizes juntos. Se quiser proteger Adamo, você vai ficar. Ele é jovem. Ele vai encontrar um novo amor, alguém com quem possa realmente estar. Ou você realmente acha que pode viver em Las Vegas com ele?

Las Vegas estava fora de questão, sempre estaria, mas Adamo também não queria morar lá.

Ainda…

— Katinka, seja razoável, — papai disse suavemente. — Algumas coisas não são feitas para acontecer. Se você sente falta das corridas, podemos tentar configurar algo.

Eu me afastei de suas mãos, incapaz de suportar sua proximidade. Sem outra palavra, saí de seu escritório. Meus olhos queimavam, mas não chorei. Quase esbarrei em Dima no saguão. Ele devia estar esperado por mim e agora provavelmente ficaria de olho para se certificar de que eu não saísse de casa. Uma fúria incandescente chiou em minhas veias. Corri em direção à porta da frente, determinada a sair. Eu pegaria um carro, porque meu pai provavelmente havia dado ordens a todos os nossos pilotos para não me levar a qualquer lugar.

Eu não fui longe. Dima agarrou meu antebraço, me fazendo parar. Eu me virei para ele, furiosa e desesperada.

Eu não queria perder papai ou Dima. Eu também não queria nunca mais ver meus meio-irmãos. Mas desistir de Adamo? Não tinha certeza se conseguiria fazer isso. — Me solte, — eu sibilei, mas Dima não me soltou.

— Dinara, — ele murmurou suplicante, a voz que geralmente era um bálsamo para minha raiva. — Pense antes de agir. Você realmente quer que

Adamo morra? Você acha que ele desejaria morrer por você?

Eu congelei.

— Você gostaria que Adamo insistisse em estar com você se Remo ameaçasse sua vida por causa disso? Você morreria por um relacionamento que pode nem durar alguns anos?

Eu nem mesmo tive que pensar sobre isso. A resposta soou alta e clara em meu coração. Sim, arriscaria minha vida para estar com Adamo porque o amava e porque ele já tinha feito muito por mim. Dima pareceu ver a resposta no meu rosto porque sua expressão caiu, mas ele ainda não me soltou. — Tem certeza que a resposta dele seria a mesma? Ele pode ter te ajudado a se vingar, mas isso nunca representou uma ameaça à vida dele. Mas se seu pai o colocar na sua lista de morte, seus dias estarão contados.

Poucas pessoas sobreviviam por muito tempo se papai os quisesse mortos. Minha mãe conseguiu por causa da intervenção de Remo Falcone. Adamo tinha a Camorra para apoiá-lo, mas ele era um alvo fácil morando no acampamento, e papai havia deixado claro que desta vez arriscaria uma guerra com a Camorra, se necessário. Meus ombros cederam. A ideia de ser separada de Adamo doía, mas o medo dele morrer era ainda maior. Talvez papai e Dima tivessem razão. Adamo e eu não estávamos juntos há muito tempo e, na maioria das vezes, éramos covardes demais para dar um nome ao que tínhamos. Não sabia se queria que Adamo arriscasse sua vida. Não, eu definitivamente não queria que ele arriscasse sua vida.

— Preciso terminar cara a cara, Dima. Não farei isso por telefone. Isso é uma jogada de merda depois de tudo que ele fez por mim.

— Seu pai não permitirá que você volte ao acampamento. Ele suspeita que você possa ficar.

— Fale com ele. Se eu fizer isso agora, só vou piorar as coisas. Estou com muita raiva. Diga a ele que você garantirá que eu volte.

— Eu vou garantir que você volte, — disse Dima com firmeza. — Porque se você não fizer isso, seu pai vai arrancar minha cabeça. Eu realmente não

quero morrer para que você possa perambular por aí com o Falcone. Fique aqui. Não se atreva a fugir.

Eu me sentia vazia enquanto observava Dima seguir para o escritório de meu pai. Na noite anterior, me permiti imaginar um futuro com Adamo. Era embaçado, com muitas variáveis, mas eu estava feliz e livre. Se eu ficasse em Chicago, nunca seria, não sem Adamo, não como a Dinara que papai queria que eu fosse.

Dima voltou cinco minutos depois. — Ele concordou, mas deixou bem claro que enviará homens atrás de Adamo se você não voltar para casa amanhã para o almoço.

— Eu já volto, — eu disse.

Quando Dima e eu nos sentamos no jato particular de papai pela segunda vez naquele dia, meu estômago afundou. Adamo merecia saber o motivo de eu terminar pessoalmente, mas a ideia de lhe contar a verdade, de estar perto dele uma última vez, partiu meu coração em dois. E se eu não pudesse dizer adeus?

Adamo

A mensagem de Dinara me dizendo que voltaria logo disparou meu alarme e no momento em que Dinara apareceu no acampamento na manhã seguinte com Dima, eu sabia que algo estava acontecendo. Ela parecia exausta e como se estivesse se preparando para uma batalha.

Eu mal tinha dormido a noite. Corri em sua direção, ansioso para esclarecer as coisas. Dinara desceu do carro, mas Dima não. Ele ficou atrás do volante, parecendo estoico como sempre. Eu agarrei Dinara e a beijei. Por um momento ela ficou tensa, mas depois se jogou no beijo, exalando desespero e paixão. Eu segurei sua nuca, puxando-a ainda mais perto. Parecia que não nos víamos há muito tempo.

Por fim Dinara se afastou e cambaleou um passo para trás. Suas bochechas

estavam vermelhas. O brilho atordoado em seus olhos rapidamente se transformou em apreensão, depois em determinação. Isso não era bom.

— O que está errado? — Murmurei. Estávamos a uma boa distância de Dima, mas as janelas do carro estavam abaixadas e eu não queria arriscar que ele ouvisse nossa conversa, caso ele fosse o motive de parte da tensão de Dinara.

— Nada, — ela disse rapidamente, mas sua voz provou que sua resposta estava errada.

— Não achei que você voltaria a tempo para a corrida desta noite. Eu me preocupei que você levaria dias para convencer seu pai de que estava segura aqui.

Ela desviou o olhar brevemente e quando encontrou meu olhar novamente, suas paredes haviam subido, me bloqueando de sua mente e coração.

— Dinara, — eu disse suplicante, pegando sua mão. — Diga-me o que está acontecendo.

Seus olhos se fixaram nos meus, então ela puxou a mão. — Não voltei para a corrida esta noite. Não vou correr de novo. Correr sempre foi apenas um meio para um fim, e você também. — Sua voz vacilou quando ela disse a última parte.

— Mentirosa — rosnei, me aproximando novamente. Eu não permitiria que ela colocasse distância entre nós, nem fisicamente e nem com palavras. Nós tínhamos passado por muito. Éramos ambos assombrados por demônios internos, demônios que só nós podíamos entender. Talvez tivéssemos nascido em lados diferentes, mas o destino nos uniu porque fomos feitos um para o outro, porque ninguém jamais veria o mundo do jeito que víamos. — Se eu fosse apenas um meio para um fim, você não estaria aqui agora. Você teria saído sem uma explicação ou me dispensado pelo telefone. Mas você está aqui, Dinara. Por que?

Ela sustentou meu olhar, tentando parecer decidida e sem emoção, mas eu tinha visto todas as emoções nesses olhos verdes e a conhecia muito bem para acreditar em sua farsa.

— Eu simplesmente achei que você merecia saber pessoalmente depois de tudo que fez por mim. Não sou ingrata, mesmo que o tenha usado para os meus propósitos.

Eu sorri. — Você precisa fazer melhor para me convencer.

Dinara olhou ferozmente. — Não importa. Não estou aqui para te convencer, Adamo. Estou aqui para informá-lo sobre minha decisão. Esta é a última vez que me verá. Não ficarei no acampamento, nem nos encontraremos de novo. Eu pertenço a Chicago com meu povo.

— Seu povo? As pessoas que querem que você se vista como uma versão falsa de si mesma? As pessoas que conhecem apenas um lado seu, mas não todos os seus aspectos, não as partes sombrias que só eu pude ver.

Dinara enfiou a mão no bolso e tirou um cigarro. Seus dedos estavam instáveis quando ela o acendeu.

— Eu achei que você queria parar?

Ela encolheu os ombros. — Não funcionaria.

— Não fumar ou nós?

Ela deu uma tragada profunda e olhou para as botas. — Ambos. — Ela olhou de volta para mim. — Escute, Adamo. Isso é uma cortesia. Não vou explicar minhas razões. O que tivemos foi divertido enquanto durou, mas nunca foi feito para durar para sempre. Você tem que aceitar minha decisão. Mas mesmo que não aceite, não mudará nada. Dima e eu voaremos de volta para Chicago hoje e voltarei a minha antiga vida, e você também deveria.

— Não somos as mesmas pessoas de nossas antigas vidas. Nós mudamos.

— Eu tenho que ir agora. Isso é inútil, — Dinara cortou e jogou o cigarro no chão, em seguida, apagou-o com a bota.

Apesar de suas palavras, ela não moveu um músculo, como se estivesse enraizada no chão.

Eu dei um passo mais perto. — Você pode confiar em mim com qualquer coisa, Dinara. Não provei isso várias vezes nos últimos meses? Me diga a porra da verdade. É porque seu pai não quer que você fique comigo? — Eu perguntei

em voz baixa.

Dinara desviou o olhar, obviamente lutando para manter a expressão neutra. — Sempre soubemos que nosso relacionamento tinha uma data de validade. Somos de dois mundos diferentes.

Eu me posicionei bem na frente dela, segurei suas bochechas e a forcei a encontrar meus olhos. Ela os estreitou para me manter à distância, mas eu a conhecia muito bem para isso. O que tínhamos feito nas últimas semanas, matando e torturando juntos, superando demônios do passado, me deu uma chave para olhar além de suas barreiras, assim como ela poderia olhar além das minhas. — Talvez nossas famílias sejam de mundos diferentes, e de lados diferentes, mas nós não. Nossa vida, como a conduzimos ao longo do ano passado, foi em um mundo só nosso.

— Exatamente, — ela sussurrou. — Mas não podemos ficar em nossa própria bolha ou mundo ou qualquer outra coisa que você queira chamá-lo. Temos família e pertencemos a elas.

— Nós pertencemos um ao outro. É onde encontramos felicidade. Não desistirei de você e sei que você não quer desistir de mim. Seu pai ameaçou me matar se você não terminasse? — Dinara tinha ideias próprias e eu duvidava que ela permitisse que alguém, até mesmo seu pai a proibisse de me ver, mas se ela temesse por minha vida isso mudaria as coisas.

Ela fechou os olhos, tentando me bloquear, mas continuei acariciando suas bochechas com meus polegares e, eventualmente, ela cobriu minhas mãos com as dela. — Odeio que você me conheça tão bem, que saiba como as coisas funcionam no mundo confuso em que vivo. Eu nunca deveria tê-lo deixado entrar.

— Eu não te dei escolha, — eu disse calmamente. — Assim como você também não me deu uma. — Dinara respirou fundo e abriu os olhos. Desta vez foi mais difícil avaliar suas emoções. Ela estava realmente dando tudo de si.

— Então ele ameaçou me matar ou pelo menos me machucar seriamente se você continuasse me vendo? — Dinara sempre falou com respeito e amor

sobre o pai. Eu não conhecia o homem, mas mesmo Remo e Nino pareciam respeitá-lo até certo ponto. No entanto, isso provavelmente foi uma prova de sua crueldade e brutalidade, ambos os traços de caráter que meus irmãos apreciavam.

Era óbvio que ele era importante para Dinara, havia sido a pessoa mais importante de sua vida por muito tempo. Se Grigory estava disposto a arriscar uma guerra com a Camorra, disposto a despertar a ira de Remo, porque ambos estariam garantidos se colocasse a mão em mim, então ele realmente desconfiava de mim, ou tinha um relacionamento mais próximo com a Outfit do que pensávamos. Qualquer que fosse o caso, ele seria um osso duro de roer. Considerando o amor de Dinara por seu pai, matá-lo parecia uma má ideia.

— Sua família não se importa que fiquemos juntos? — ela perguntou.

— Remo nunca foi alguém que seguiu as regras. Ele confia em mim, então aceita minha escolha. Claro, ele nunca confidenciaria qualquer detalhe comercial relevante para a Bratva enquanto você estivesse presente, mas não me impediria de vê-la. Meu trabalho principal é correr e vai continuar assim. Não é como se eu estivesse na base dos negócios da Camorra em Las Vegas. Eu nem preciso morar lá.

Ela zombou. — Correr é um dos seus negócios mais importantes e como você pode ter certeza de que será feliz vivendo uma vida nômade para sempre?

— Nós descobriremos alguma coisa, e não me importo como, mas não vou desistir de você, está me ouvindo?

Dinara deu um passo para trás, mas eu a segui. Eu não a deixaria fazer isso. — Não torne isso mais difícil para nós do que precisa ser. Não vou arriscar sua vida.

— Eu não me importo. É minha vida para decidir. E estou disposto a arriscar porque o que temos vale a pena.

— Não dá para decidir sozinho e para mim o risco não vale a pena, Adamo. E não é apenas sua vida em jogo. Este conflito pode colocar em perigo meu pai, Dima e o resto da minha família. Nada vale a pena arriscar tanto, muito

menos um relacionamento baseado em algo tão distorcido como a vingança e a sede de sangue.

Ela fez um movimento como se fosse virar e voltar para o carro, mas agarrei seu pulso e a puxei contra mim. Ela não resistiu, mas o desespero brilhou em seus olhos. — Me deixe ir. Você tem que aceitar minha decisão. E sejamos honestos, em um ano ou menos você terá encontrado uma nova garota para se familiarizar, alguém que não tem a máfia russa em suas costas, ou que é tão confusa quanto eu.

— Eu gosto do seu tipo de bagagem e seu cérebro bagunçado. Eu quero você, e mais ninguém.

Abaixei minha cabeça e a beijei ferozmente e por um momento ela me beijou de volta com a mesma paixão, apenas alimentada pelo desespero, então se afastou. — Acabou, Adamo. Aceite isso. Siga em frente. É o que farei. — Ela tropeçou em direção ao carro.

— Voltar para sua antiga vida inclui voltar a ficar com Dima? — Eu perguntei, o ciúme crescendo em meu corpo. Porra. Eu queria enfiar minha faca na cara estúpida de Dima. Ele estava fingindo estar ocupado com seu telefone, mas não acreditei nisso por um segundo. Ele estava prestando muita atenção ao que estava acontecendo entre Dinara e eu.

Dinara enrijeceu, mas quando me olhou sua expressão era fria. — Pode ser. Mas a partir de hoje, não é da sua conta. — Ela abriu a porta de seu Toyota.

— Você não pode fugir do que temos, Dinara. Nós dois sabemos que as emoções, escuras ou claras, te seguem para onde quer que você corra.

Dinara entrou no carro e fechou a porta com força. Ela se virou para Dima e disse algo. Ele olhou brevemente em minha direção. Ele não parecia triunfante, mas eu ainda queria matá-lo. O motor rugiu e o Toyota de Dinara disparou, deixando apenas uma nuvem de poeira para trás.

— Porra! — Eu rosnei enquanto a observava ir embora. Minha respiração estava difícil e meu coração disparou em meu peito. Fechei meus olhos, tentando me acalmar. Eu precisava pensar. Nesse momento, meu primeiro impulso foi

pegar nosso o jato da Camorra e voar até Chicago para colocar uma bala na cabeça de Grigory e na cabeça de qualquer filho da puta que achasse que poderia me manter longe de Dinara.

Depois de mais algumas respirações profundas, peguei meu telefone e liguei para Remo. Normalmente, Nino era a pessoa para quem eu ligava pedindo conselhos. Afinal, ele era a voz da razão.

— Adamo...

— Eu preciso do seu conselho, — o interrompi.

— Achei que Nino fosse o seu conselheiro preferido.

Eu não disse nada. Claro, Remo colocaria o dedo na ferida.

— O fato de você me escolher para lhe dar conselhos me diz que já se decidiu e precisa de incentivo para um empreendimento irracional e emocionalmente carregado que Nino desaprovaria.

— Eu odeio que você leia as pessoas tão bem, — murmurei. Ele estava certo, como sempre.

— Presumo que se trate de Dinara. Você e ela completaram sua lista, então suas razões para estarem juntos devem ser avaliadas novamente.

— Isso soa como Nino.

— Ninguém recebeu os conselhos lógicos de Nino com mais frequência do que eu. Posso antecipar seu conselho sem falar com ele.

— E ainda assim você sempre faz o que diabos quer.

— Exatamente o que você tem em mente, — ele disse com diversão sombria.

— Dinara acabou as coisas entre nós porque o pai dela ameaçou minha vida. — Fiquei em silêncio. Eu não era mais uma criança, mas a proteção de Remo ainda não havia percebido isso.

— Ele disse isso? — Remo perguntou em uma voz que tocou a campainha do meu alarme.

— Eu não quero que você lide com ele. Isso é problema meu, Remo. Seu envolvimento pode encerrar as coisas com Dinara para sempre. Eu lidarei com

Grigory.

— Se Grigory colocar a mão em você, ele sofrerá as consequências, Adamo. Você é meu irmão e vou rasgar sua bunda russa se ele te tocar.

Essa era a maneira de Remo mostrar que se importava comigo. Eu sabia disso agora, mas não podia permitir. — Eu cuido das coisas. Se eu quiser reconquistar Dinara, terei que mostrar a ela o quão sério sou.

— Você planeja ir para Chicago.

— Sim. Eu preciso. Se eu arriscar minha vida, ela vai perceber que não vou desistir dela, aconteça o que acontecer.

— E você espera que eu dê permissão para essa merda suicida? — Remo rosnou.

— Você faria o mesmo se nossos papéis estivessem invertidos. Você não se importa com sua vida quando as pessoas que ama estão envolvidas. Você permitiu que Cavallaro te torturasse por mim e Serafina. Uma morte dolorosa era quase certa, mas você não se importou. Agora é a minha vez de seguir seus passos maníacos.

— Você está se tornando muito parecido comigo, Adamo, — disse Remo.

— Achei que você ficaria feliz.

— Você deveria ser o Falcone bom.

Eu zombei. — Nós dois sabemos que isso nunca aconteceria.

— Você pode precisar matar Grigory, — disse Remo.

— Se eu o matar, Dinara nunca vai me perdoar. Terei que convencê-lo...

— Ou morrer.

— Não é esse o resultado que espero.

— Não é um resultado que permitirei, você sabe disso.

— Eu quero sua promessa de que não liderará uma matança se as coisas não derem certo. Sou eu quem invadirei o território de Grigory. Se ele decidir me matar, tem todo o direito de fazê-lo.

— E como seu irmão, tenho todo o direito de buscar vingança.

— Remo, — grunhi. — Não quero que você me vingue. Se o pai dela

também morresse, isso quebraria Dinara.

— Se ela realmente te ama, não permitirá que seu pai te mate, e se não puder impedi-lo, ela ficará feliz se eu o matar.

Para Remo, muitas coisas era preto no branco, especialmente no que dizia respeito à lealdade. No fundo, esperava que Dinara não permitisse que seu pai me matasse, mas, acima de tudo, queria convencê-lo de meus sentimentos por sua filha.

— Se Greta se apaixonasse por um inimigo, te impediria de matá-lo se seu amor por ela fosse verdadeiro e se ele tentasse te provar isso arriscando sua vida?

— Não, — Remo disse sem hesitação.

— Mesmo que significasse que Greta nunca te perdoaria?

— Greta não pode ser separada de Nevio, nem deve ser separada de sua família. Nós somos seu porto seguro. Eu nunca permitiria que ninguém tomasse isso dela, nem mesmo por amor.

— Tudo bem, talvez Greta não seja o melhor exemplo, mas Dinara não tem problemas para se adaptar a novos ambientes. Ela adorava morar no acampamento comigo.

— Mas estar com você ainda significa que a está afastando de Grigory. Ele a perdeu uma vez e ainda não se perdoou por isso. Permitir que ela fique com você significa colocá-la em risco em território inimigo, longe de seu poder.

— Preciso tentar, — eu disse implorando.

— Faça o que deve, você é um adulto. Mas diga a Grigory que destruirei tudo o que ele ama se ele tocar em você.

— Direi, — eu disse, mesmo que não tivesse absolutamente nenhuma intenção de seguir com isso.

***

Depois da minha conversa com Remo, eu estava determinado a seguir com

meu plano. Isso era loucura, mas se era o que eu precisava para convencer Dinara e seu pai de que devíamos ficar juntos, o faria.

Aluguei um jato particular em vez de pegar um da Camorra. Se eu aparecesse com um jato da Camorra, Grigory poderia considerar um gesto ameaçador, mas eu não estava aqui como um camorrista. Estava aqui como Adamo.

Um táxi me levou ao palácio Mikhailov. No momento em que caminhei em direção ao portão e disse meu nome ao guarda, ele tocou o alarme. Em um minuto, vários guardas da Bratva e Dima correram para a garagem.

Dima balançou a cabeça, uma expressão incrédula torcendo suas feições. Os portões se abriram e o guarda me empurrou na direção de Dima. Eu não resisti.

Dima agarrou meu braço em um aperto esmagador, trazendo sua boca perto do meu ouvido. — Que porra é essa, Falcone? Você está louco? Você deve perceber que nem mesmo seu nome pode protegê-lo em Chicago. Esta não é a terra da Camorra. Grigory ficará chateado e te matará.

— Isso é o que você está esperando, certo? Portanto, este será um bom dia para você.

Dima balançou a cabeça, murmurando algo em russo baixinho. — Você é um idiota. Dinara ficará arrasada se algo acontecer com você.

Meu coração deu um salto ao ouvir seu nome. — Dinara e eu nos amamos.

Dima assentiu. — Eu sei, mas Grigory não vai se importar. Ele quer Dinara em Chicago, ele a quer segura. Mandá-la embora com um Falcone não é algo que ele pode aceitar.

Dima me revistou e removeu minhas facas e pistolas, e as entregou aos outros guardas que apontavam suas armas para mim.

— Você está sozinho? — Perguntou Dima.

— Sim.

— Normalmente eu diria que você está mentindo porque é absolutamente idiota vir aqui sem reforços, mas acredito em você. Você tem mais coragem do

que eu pensava.

Dima me arrastou pela calçada em direção a um palácio magnífico e depois para dentro do prédio. Era algo saído da Rússia, um palácio tão cheio de esplendor que até eu fiquei pasmo, apesar de ter crescido em uma enorme mansão. Os Estados Unidos e até a Camorra pareciam anos-luz de distância deste lugar.

— Talvez você possa falar bem de mim, se quiser que Dinara seja feliz, — brinquei.

Dima me lançou um olhar divertido. — Se Dinara não o convenceu, então eu definitivamente não posso fazer isso. E se você acha que Grigory te ouvirá, então é o maior idiota que eu conheço.

Dima bateu em uma enorme porta dupla de madeira com decorações douradas. Os negócios pareciam estar indo esplendidamente bem para a Bratva.

— Entre, — disse uma voz masculina profunda em russo. Eu tinha trabalhado pra caramba para aprender o idioma sempre que tinha um momento de sobra, mas ainda estava longe de ser fluente. Mas entendia o suficiente e poderia até mesmo me comunicar em um nível básico. Eu queria surpreender Dinara com isso. Agora só esperava que isso satisfizesse Grigory o suficiente para salvar minha vida.

Dima abriu a porta e me conduziu a um amplo escritório. Já tinha visto fotos do pai de Dinara na internet, mas era a primeira vez que o via pessoalmente. Ele se levantou de sua cadeira e caminhou ao redor da enorme mesa, sua expressão severa. Ele era um homem alto e, a julgar pela expressão em seus olhos, não tinha nenhum interesse em ouvir o que eu tinha a dizer. Eu era uma ameaça aos olhos dele. A filha dele, a Bratva, ao seu negócio. Ele queria que eu ficasse o mais longe possível de Dinara, e que apareci hoje, o fez querer me matar.

Talvez fosse um sinal de desrespeito aos seus olhos. Remo teria respeitado alguém que arriscasse sua vida de forma suicida. Mas a maneira de pensar de Remo era diferente da maioria das pessoas. Ainda assim, esperava que Grigory

percebesse o que isso significava.

Que estava disposto a arriscar tudo por sua filha. Talvez isso salvasse minha vida. Não que salvar minha vida fosse minha prioridade. Eu não partiria, a menos que pudesse levar Dinara.

Vinte e Quatro

Dinara

Quando eu estava com Adamo, o tempo muitas vezes voava e muitas vezes desejei retardá-lo, quis saborear nossos momentos juntos. Agora que nunca mais o veria, gostaria de ter realmente aproveitado cada segundo de nossa união, sem hesitação ou reserva.

Sozinha no meu quarto, cada segundo parecia se arrastar e eu só queria acelerar, mas com que sucesso? O que havia para esperar? Eu havia voltado para a minha vida, mas não era a mesma Dinara que havia entrado no acampamento de corrida no início do ano. Depois de experimentar o amor, a alegria e a paixão com Adamo, minha existência emocionalmente desligada em Chicago era insuportável. No passado, teria optado por criar uma euforia falsa com as drogas, mas agora sabia que elas não chegariam perto do que eu sentia com Adamo.

Tracei as prateleiras com ovos Fabergé com meus olhos. Eles sempre me deram uma estranha sensação de paz. Eu podia passar horas olhando seus designs complexos. Por isso mesmo, coloquei uma poltrona aconchegante em frente ao armário de vidro e foi aqui que passei a última hora. A paz não veio, no entanto. Mesmo a arte não conseguia parar os meus pensamentos de zumbir.

Meu telefone apitou. Olhando para a tela, vi que era uma mensagem de Dima.

Adamo está aqui. No escritório do seu pai.

Sentei-me totalmente e olhei para minha tela com horror.

Isso não é engraçado!

Ele não respondeu. E se isso não fosse uma piada? Dima não era realmente alguém que fazia piadas sobre algo assim, ou sobre qualquer coisa. Corri para fora do meu quarto e desci as escadas como um furacão. Adamo não podia estar

aqui. Mesmo ele não seria tão imprudente, seria?

Mas, no fundo, eu sabia que seria. Adamo não tinha medo.

Ele foi o cara que se juntou a mim na minha vingança sem pensar duas vezes, que amava a emoção de carros de corrida em seu limite, que queria namorar a filha de seu inimigo custe o que custar.

Droga.

Não me incomodei em bater e simplesmente entrei no escritório de papai, onde esperava encontrar Adamo. Enquanto papai não mandasse os guardas levarem Adamo para o porão, ainda havia esperança, não importa quão pequena. Então congelei porque Adamo estava parado no meio da sala. Dima e dois dos guardas de meu pai enfileirado em seus lados. A cabeça de Adamo girou e ele me deu um sorriso. Por que diabos ele estava sorrindo? Ele queria morrer?

— Você perdeu a cabeça? — Perguntei, horrorizada. A expressão de papai deixou claro que ele esperava que eu não descobrisse sobre a chegada de Adamo. Eliminá-lo seria mais difícil comigo aqui.

Adamo encolheu os ombros. — Eu perdi meu coração, — ele disse ironicamente.

Eu poderia tê-lo matado, mas mais do que isso, eu queria beijá-lo e me pressionar contra ele, e nunca deixá-lo ir. Esses últimos dias sem ele, pensando que talvez nunca mais o veria novamente, foram um inferno. Quase não dormi porque fiquei acordada pensando se deveria deixar Chicago para sempre e voltar para Adamo. Mas o medo da reação de meu pai me impediu. Eu não queria arriscar a vida de Adamo. No entanto, agora ele estava aqui assinando sua sentença de morte por mim.

— Pai, — eu disse, virando-me para meu pai. — Só o deixe ir. Ele provavelmente está chapado ou bêbado. Ele nem vai lembrar de nada amanhã. Ele não sabe o que está fazendo.

— Estou perfeitamente sóbrio e não fico chapado há muitos anos, Sr. Mikhailov. E estou absolutamente certo do que estou fazendo. Estou aqui para pedir que você permita que sua filha fique comigo, seja livre para viver a vida

que ela quiser, — disse Adamo em um russo roto, mas o rosto de papai brilhou de surpresa, que ele rapidamente mascarou com raiva. Entrei na sala e fechei a porta, mantendo um olhar atento tanto em meu pai quanto em Adamo.

— Você não pode me manter longe de sua filha, a menos que faça meu coração parar de bater.

Parecia que era exatamente o que papai faria. Ele matou tantas pessoas em sua vida, alguns por quase nenhum motivo, e Adamo deu-lhe tantos motivos. — Aparecer aqui exige muita bravura, ou talvez seja apenas insanidade. É algo que o nome Falcone representa há muito tempo.

— Pai, — eu tentei novamente, e finalmente ele encontrou meu olhar. Sua expressão mostrava arrependimento, como se já tivesse se decidido e soubesse o que isso faria comigo.

Cambaleei para frente, mas um de seus homens me segurou. — Pai, — eu sussurrei desesperadamente. — Se você fizer isso, não posso te perdoar.

— Você deveria sair, Katinka. Isso é entre eu e Adamo.

— Não, — eu rosnei. — Não é. Isso é sobre minha vida, sobre meu coração. Você não pode me dispensar como se eu fosse uma criança.

Papai acenou para um de seus soldados, que fez um movimento como se fosse agarrar meu braço e me levar embora. Eu dei um tapa em sua mão. — Não se atreva!

Enfiei a mão no bolso, meus dedos fechando em torno do meu telefone. Talvez devesse sair e ligar para Remo. Mas a que propósito isso serviria? Ele não seria rápido o suficiente para enviar ajuda.

Adamo deu um passo mais perto de meu pai. Eu não detectei uma pitada de medo em sua expressão, havia apenas determinação. — *Passei pelo sangue por sua filha e farei de novo, mesmo que seja o meu, porque vale a pena derramar até a última gota de sangue por Dinara. Não desistirei dela, não importa o que você faça ou diga. E se for preciso tortura e morte para provar meus sentimentos por sua filha, então é isso que estou disposto a fazer. Eu a amo e nenhuma força neste mundo abalará isso, então se não quer que eu fique com*

sua filha, se quer que eu desista dela, terá que acabar com a minha vida hoje.

Eu respirei fundo, incapaz de processar as palavras que Adamo disse. Dima viveu para me proteger. Ele também teria morrido por mim, mas sua lealdade era por meu pai, e uma razão, talvez até a principal razão de sua vontade de morrer por mim, resultava de seu dever para com seu Pakhan, mas Adamo arriscou tudo apenas por minha causa. Ele enfrentou meu pai em seu próprio território por mim. Ele aceitou a morte para provar seu amor. Eu tentei marginalizar meus sentimentos pelo homem diante de mim, tentei dizer a mim mesma que diminuiriam com o tempo, mas agora que Adamo mostrou a coragem de proclamar seus sentimentos de uma maneira tão arriscada, seria absolutamente covarde eu fingir que não o amava. Eu não queria ficar sem ele, nem mais um dia. Os últimos dias foram um inferno, preenchidos com um novo tipo de pesadelo por perder Adamo todas as noites.

Eu me sentia trêmula pela força de minhas emoções, com a demonstração de emoção no rosto de Adamo. Ele me amava ferozmente. Imprudentemente. Definitivamente intensamente.

Lancei um olhar enviesado para meu pai, com medo de sua reação a uma aparência tão forte. Papai esperava respeito como Pakhan e estava acostumado com as pessoas lhe mostrando isso. Claro, Adamo não era um de seus súditos, mas eu não tinha certeza do quanto isso importava para ele.

Em vez da temida fúria, o respeito cintilou em seus olhos. Respeito pelas palavras de Adamo. Até Dima parecia menos hostil com Adamo. Surpresa e alívio passaram por mim. Talvez pudéssemos sair dessa inteiros. Se papai machucasse ou matasse Adamo, duvido que me curaria novamente.

— Você fala russo, — papai disse com naturalidade. Eu poderia ter rido de seu tom de conversa como se não fosse uma audiência determinando o destino de Adamo. — Suponho que seu irmão Nino lhe ensinou para lidar com soldados da Bratva que cruzaram seu caminho durante as corridas.

— Aprendi com Dinara. Para mostrar meu respeito pela herança dela e pela sua.

Papai manteve sua expressão fria e dura, mas eu o conhecia melhor do que quase qualquer outra pessoa. Ele gostou de Adamo, tanto quanto um Pakhan poderia gostar de um Falcone, e um pai protetor poderia gostar do amante de sua filha.

— Pai, — eu disse com firmeza enquanto me dirigia até Adamo. Um dos homens de papai tentou me impedir, mas lancei um olhar furioso e passei por ele. Peguei a mão de Adamo e enfrentei meu pai com ele como uma unidade. — Eu amo Adamo, e também estou disposta a andar no sangue por ele. Eu não deixarei você matá-lo. Se você quer me proteger, se quer que eu encontre a felicidade e esteja na luz, então permitirá que Adamo e eu estejamos juntos. Eu não posso viver sem ele. Eu não vou. — A última foi uma ameaça que papai entendia muito bem. O dia em que quase morri de overdose o assombrava até hoje e, mesmo que eu não tivesse tentado me matar, papai nunca realmente acreditou nisso. Eu odiava chantageá-lo com algo assim. Eu queria viver e não tentaria nada parecido, mas ele não sabia. Ele sempre se preocupou comigo.

Papai fez uma careta para seus soldados. — Fora. Agora.

Dima ergueu as sobrancelhas. — Tem certeza? Um de nós poderia ficar...

— Eu sou perfeitamente capaz de me proteger contra um inimigo, Dima. Agora obedeça meu pedido.

Dima me lançou um olhar penetrante, como se me considerasse outro inimigo de meu pai, mas depois saiu.

Eu não era inimiga de papai, nunca seria, mas o impediria de matar Adamo. Uma vez que ficamos apenas nós três, papai deu a volta em sua mesa e sentou-se em sua cadeira. O fato de ele ter virado as costas para Adamo poderia ser um sinal de que não o considerava uma ameaça, um jogo de poder e testosterona, mas também podia ser um sinal de paz. Eu implorei pelo último. Eu não queria que nenhum dos homens mais importantes da minha vida se machucasse, especialmente não pelas mãos um do outro.

— Você é um idiota, — sussurrei, olhando nos olhos de Adamo.

Adamo sorriu ironicamente. — Eu sei.

Papai bateu os dedos na mesa, seus olhos demorando em minha mão na de Adamo. — Não haverá paz com a Camorra. Esse navio partiu após os últimos ataques. — Papai falou em inglês e meu pulso desacelerou um pouco mais. Papai estava tentando fazer Adamo se sentir mais confortável falando em sua língua materna.

— Não estou pedindo paz. Estou pedindo a chance de estar com sua filha.

— Como ficará com minha filha se estiverem em lados diferentes em uma guerra? Isso pode se tornar um problema. A menos que espere tirá-la de mim e torná-la parte de seu clã Falcone e da Camorra.

Atrás da máscara fria de papai, reconheci sua preocupação em me perder. Família significava tudo para ele e, embora tivesse Galina e seus filhos, ele precisava que eu fizesse parte dela também.

Adamo ergueu as sobrancelhas. — Dinara não faz parte da Bratva, certo?

A raiva brilhou nos olhos de papai, mas Adamo continuou imperturbável. — Mas não tenho absolutamente nenhuma intenção de tirar Dinara de você, não que ela me deixasse. Ela chutaria minha bunda, porque ela te ama e te quer em sua vida.

O olhar de papai encontrou o meu e por um instante, a incerteza surgiu. A sugestão de dúvida apodreceu dentro dele. Eu segurei seu olhar, esperando que ele pudesse ver que eu não poderia imaginar uma vida sem ele, mas também não podia me imaginar sem Adamo. Eu não tinha muitas pessoas por quem realmente me importava e queria essas poucas pessoas o mais perto possível de mim.

— A felicidade de Dinara é e sempre foi minha principal preocupação, — papai disse com firmeza. — Não vou esquecer que você a ajudou a fazer justiça aos monstros de seu passado.

— Eu faria qualquer coisa por ela. — Eu apertei a mão de Adamo. Palavras como essas sempre pareceram uma promessa sem sentido para mim, mas agora eu sabia que ele falava sério.

— Deixar a Camorra? — Papai perguntou com uma sobrancelha

levantada. Enviei-lhe um olhar incrédulo. Ele sabia que Adamo jamais trairia seus irmãos, nem mesmo por mim, e se eu pedisse isso a ele, não mereceria seu amor de qualquer maneira. Ambos precisávamos de nossas famílias em nossas vidas, mesmo que nunca pudéssemos nos tornar uma grande família.

Adamo deu a meu pai um sorriso conhecedor. — Você está sugerindo que eu poderia me juntar à Bratva? — Papai não disse nada, apenas examinou Adamo com uma expressão indecifrável.

A Bratva nunca aceitaria um ex-soldado da Camorra em suas fileiras. Não importa o quão bem Adamo aprendesse a falar russo, ele sempre seria um estrangeiro, o inimigo.

Antes que eu pudesse expressar meus pensamentos, Adamo disse: — Acho que nós dois sabemos que nunca encontraria um lar em Chicago e não tenho absolutamente nenhuma intenção de deixar minha família ou a Camorra. Ambos fazem parte da minha identidade, do meu próprio ser. Sair da Camorra seria como me deixar para trás e mudar quem sou. Sua filha ama o homem que sou hoje, não uma versão alternativa de mim.

Os olhos escuros de Adamo se voltaram para mim e lhe dei um aceno de cabeça. Eu não queria que ele mudasse. Eu queria o homem que conheci.

— Então o que você sugere? Parece que estamos em um impasse, presos em lados diferentes de uma guerra. Dinara ficaria dividida entre nós.

— Eu não ficarei dividida. Não é como se houvesse uma guerra aberta entre a Bratva em seu território e a Camorra. A Bratva de Las Vegas não tem laços fortes com sua organização.

— Não precisamos de uma trégua. Precisamos de um acordo de ignorância mútua. Um simples pacto de não agressão, — disse Adamo.

— A linha entre uma trégua que poderia me trazer a ira da Outfit e um pacto de não agressão parece tênue.

Adamo balançou a cabeça. — Uma trégua geralmente envolve cooperação. Concordamos com a coexistência. Nós não te ajudamos contra a Outfit. Você não nos ajuda contra a Outfit.

— Nesse caso, você não pode vir a Chicago quando quiser. Fora da minha casa, não estará protegido de ataques. Meus homens não te ajudarão se a Outfit tentar sequestrá-lo novamente.

Adamo sorriu afetadamente. — O Outfit não vai me capturar novamente. Eu era um menino ingênuo quando isso aconteceu. E se me pegassem, a Camorra viria em meu socorro. Eu não precisaria da Bratva para isso.

Papai se recostou na cadeira. O que Adamo sugeriu era um arranjo instável. Se algo acontecesse com Adamo, eu moveria céus e terras para convencer meu pai a enviar seus homens para salvá-lo, e Adamo sem dúvida usaria seus soldados da Camorra para me salvar se algo acontecesse. As linhas ficariam borradas. Mesmo esse pacto de coexistência poderia obrigar a Outfit a agir se considerasse nosso acordo uma ameaça aos seus negócios.

Eu realmente não me importava com a Bratva, além do fato de que a vida de papai dependia do sucesso deles.

— Onde vocês morariam? Como ficariam juntos? — Papai perguntou, voltando sua atenção para mim. — Viveriam em Las Vegas, com o clã Camorra? Isso seria difícil de explicar aos meus homens. A coexistência só vai até certo ponto. — Os homens de papai o admiravam. Confiavam em seu julgamento, mas ele tinha razão. Se eu me familiarizasse muito com a Camorra, isso não cairia bem para eles. A única opção de papai seria declarar oficialmente sua desaprovação e me expulsar.

A questão era discutível de qualquer maneira. Eu balancei minha cabeça com força. Eu não queria morar em Las Vegas. A cidade guardava muitos horrores para mim. A pequena Katinka permanecia em muitos cantos escuros, pronta para lançar suas memórias sobre mim. Encontrei o olhar de Adamo, me perguntando se ele esperava que eu me mudasse para Vegas com ele eventualmente. Sua família era muito unida. Seus irmãos todos compartilhavam uma mansão, e provavelmente esperavam que Adamo se juntasse a ele em algum ponto.

Claro que papai percebeu minha incerteza. Ele levantou e alisou seu terno

escuro. — Darei a vocês dois um tempo para conversar. Quero respostas quando voltar para poder tomar uma decisão.

Papai passou por nós e saiu da sala.

Virei-me para Adamo e dei um tapa forte em seu peito, encarando-o. — O que diabos deu em você? Você enlouqueceu entrando na casa do meu pai? Ele poderia ter te matado imediatamente!

— Ele não fez isso, — disse Adamo com um sorriso lento enquanto passava os braços em volta da minha cintura e me puxava contra ele. Ele não percebeu o quanto estava encrencado?

— Ele ainda pode fazer isso.

— Não, ele não vai.

— Então agora você pode prever o futuro?

Adamo se inclinou, seus lábios pressionando contra os meus. Eu relaxei e o beijei de volta. Eu senti falta dele nos últimos dias. Agora que podia tocá-lo novamente, me perguntei como considerei viver sem seu toque, seu sorriso.

Adamo recuou. — Seu pai não ouviria tudo o que eu tinha a dizer e nos dado um tempo a sós se tivesse decidido me matar. Ele confia em mim com você, e isso é um grande negócio, considerando que você é obviamente muito precioso para ele.

— Talvez ele queira nos dar um tempo para nos despedirmos, — eu disse. No entanto, tive que concordar. Papai não desgostava de Adamo. Era mais do que eu jamais ousei esperar.

— Então o que me diz? Queremos ficar juntos?

Eu lhe dei um olhar condescendente. — É claro. Mas papai quer uma solução que não lhe cause problemas.

— Ele quer a sua felicidade. Essa é sua principal prioridade, mesmo que não devesse ser. — Eu franzi meus lábios. Adamo riu. — É verdade. O chefe de uma organização criminosa nunca deve priorizar sua família aos negócios. Mas Remo é do mesmo jeito. Talvez seja por isso que se toleram de má vontade, apesar do eterno conflito entre italianos e russos.

— Ele não aceitará que eu vá para Las Vegas com você.

— Você não quer morar em Las Vegas de qualquer maneira, — Adamo disse gentilmente.

Suspirei. — Você está certo. Eu nunca vou gostar daquele lugar. Não depois do que aconteceu. Mesmo que tenhamos matado os monstros do meu passado, isso não erradica o que aconteceu. Ainda está na minha cabeça.

— Eu sei. Não experimentei seus horrores, mas mesmo eu ainda ocasionalmente tenho pesadelos sobre meu sequestro e a tortura.

— Mas sua família não espera que você more com eles na mansão?

— Acho que eles sabem que eu nunca quis isso. Mesmo antes de te conhecer, vivi a maior parte do ano no acampamento. Eu prefiro a vida nômade. Organizar as corridas faz parte do negócio com o qual gosto de lidar.

— Mas isso foi antes de descobrir seu amor pela tortura. Tenho certeza de que seus irmãos podem aproveitar seus novos talentos de maneiras melhores.

Adamo deu uma risadinha melancólica. — Acredite em mim, meus irmãos têm experiência suficiente em torturar pessoas. Eles não precisam da minha ajuda. E não é que eu tenha descoberto meu talento para tortura no meio de nossa viagem de vingança. É algo contra o qual tenho lutado há muito tempo. É um desejo sombrio que sinto há muito tempo, e era por isso que eu realmente me drogava. Elas diminuíam esse desejo. Elas me transformavam na pessoa que eu queria ser, mas o efeito nunca durava muito.

— Se for esse o caso, você tem certeza de que pode viver sem a emoção do sangue sem recorrer a drogas para diminuir seu desejo?

Adamo pensou sobre isso. — Sim. Sinto que a necessidade diminuiu desde que me permiti viver isso por um tempo. Suprimir só aumentou o desejo. Acho que só preciso permitir que meu desejo sombrio saia de vez em quando para mantê-lo sob controle. E quanto ao seu desejo sombrio?

— Está lá. Sempre estará, eu acho, mas não cederei. Não depois de ver como isso ditou a vida de minha mãe.

— Bom, — Adamo murmurou.

— Mas ainda não tomamos uma decisão sobre nosso futuro.

— É fácil. Viveremos no acampamento. As corridas acontecem nove meses do ano, então teremos que seguir o circuito de qualquer maneira. Eu quero continuar correndo. E você?

— Oh sim, — eu disse com um sorriso. Eu sentia falta da emoção de correr. Eu até sentia falta da atmosfera caótica do acampamento.

— Poderíamos comprar uma motorhome para ter mais espaço. Isso nos permitiria criar uma casa sem nos estabelecermos em um lugar. Poderíamos visitar Las Vegas de vez em quando e se seu pai não quiser me matar, poderíamos visitar Chicago também. Caso contrário, teremos apenas que nos separar para as visitas as nossas famílias.

— Você acha que seus irmãos concordarão com isso?

— Assim que Gemma e Savio começarem a ter bebês, meus irmãos precisarão do espaço adicional. E os gêmeos de Remo provavelmente nunca se mudarão, então eles também precisarão de quartos. Se eu precisar de apenas um quarto para as visitas, isso dará aos meus irmãos a chance de criar espaços para seus filhos morarem. É uma situação ganha-ganha, se me perguntar.

Parecia a solução perfeita. Eu ainda não estava convencida de que seus irmãos concordariam, mas talvez pudéssemos convencer papai como um primeiro passo e tirar Adamo de Chicago inteiro.

— Você pode se imaginar morando em um motorhome comigo, ou esse arranjo de vida não é adequado para uma princesa da Bratva? — Adamo perguntou em voz baixa, puxando-me ainda mais perto e segurando minha bunda.

Eu levantei uma sobrancelha. — Eu prefiro a liberdade e estar com você a um palácio. E você, príncipe da Camorra?

Adamo sorriu. — Há alguns anos tenho vivido uma vida nômade em uma barraca e um carro. Eu não preciso de muito.

Ele baixou sua boca para a minha mais uma vez, sua língua provocando meus lábios separados. Sua mão na minha bunda se moveu ainda mais para

baixo até que seus dedos acariciaram minha virilha. Eu gemi em sua boca e fiquei na ponta dos pés lhe dando melhor acesso. Claro que papai escolheu esse momento para voltar.

Eu rapidamente me afastei de Adamo, minhas bochechas esquentando. Ser pega pelo meu pai era algo que me fazia corar. Adamo sorriu como se não tivesse me tocado através do short jeans.

Fiquei feliz com a cara impassível de papai, porque ele não deu nenhuma indicação de que havia notado que estávamos transando.

— Então? — Ele perguntou neutro.

Adamo explicou nossos planos de vida a meu pai, fazendo tudo parecer perfeitamente razoável. Quando ele terminou, papai assentiu. — Isso poderia funcionar. Mas quem garante a segurança de Dinara?

— Nada vai acontecer com Dinara. Quando matamos seus agressores, eu fui seu protetor. Nem Dima nem você estavam lá, mas Dinara sempre esteve segura.

Cerrei os dentes, odiando vê-los discutir sobre mim como se eu não estivesse presente. — Eu não preciso de proteção constante. Sou capaz de ficar longe do perigo e, se necessário, me defender. Eu posso matar uma pessoa.

Tanto Adamo quanto papai ignoraram meu protesto. — Se eu confiar a você a segurança da minha filha, é melhor não me decepcionar, porque se algo acontecer com ela, vou te encontrar e te torturar até a morte com minhas próprias mãos, e acredite em mim, elas são muito capazes.

— Pai, — eu murmurei.

— Se algo acontecer a Dinara, o que não acontecerá, eu mereço tudo o que você planejar para mim e aceitarei de bom grado meu destino, — disse Adamo.

Eu balancei minha cabeça. — Vocês dois são impossíveis.

Papai deu a Adamo um breve aceno de cabeça, que era o alcance da aprovação de que ele provavelmente era capaz. — Eu não vou te matar hoje. No momento, estou disposto a dar luz verde ao seu relacionamento com minha filha. Não me faça mudar de ideia.

— Eu não vou, — Adamo prometeu.

— Isso significa que Adamo e eu podemos voltar ao acampamento amanhã?

Papai acenou com a cabeça, mas eu podia dizer que ele ainda tinha problemas para me deixar ir. Soltei a mão de Adamo e fui até meu pai para abraçá-lo com força. — Obrigada, — eu sussurrei. Sua decisão foi um risco. Se alguém além de mim tivesse se envolvido com um italiano, ou pior, um camorrista, ele os teria matado na hora, mas por mim, ele estava disposto a aceitar até isso.

— Tudo por você, Katinka, — ele disse em voz baixa antes de beijar minha têmpora.

***

— Suponho que teremos que viver em pecado para sempre, — eu disse com uma risada aliviada enquanto saíamos do escritório de meu pai. Considerando quão conservadora a maior parte da máfia italiana era, estarmos juntas sem ser casados causaria um escândalo, mas nosso relacionamento era escandaloso em muitos níveis de qualquer maneira.

— Então você está dizendo que diria não se eu te pedisse em casamento?

Lancei um olhar de advertência a Adamo enquanto o conduzia pelo saguão. — Não se atreva a fazer essa pergunta. Não namoramos há um ano, e mesmo assim seria muito cedo. Eu nem tenho certeza se quero me casar, definitivamente não antes dos trinta. Não há realmente nenhuma razão para dar o nó.

Eu não tinha pressa em me casar e nunca havia pensado muito sobre meu futuro. Eu amava Adamo, mas isso não significava que queria me casar.

Adamo e eu pudemos passar a noite juntos no meu quarto, o que obviamente surpreendeu Adamo a julgar por sua expressão quando não lhe dei um quarto de hóspedes.

— Papai sabe que estamos transando, então nos manter separados por uma noite parece inútil.

No momento em que fechei a porta, Adamo me pressionou contra ela, me beijando. Eu me afastei. — Eu não deveria recompensá-lo por quase ser morto.

— Estou muito vivo, — disse Adamo.

Passei por ele em direção ao armário com meus ovos Fabergé. Adamo me seguiu. — Você lidou muito bem com meu pai. Poucos homens sabem o que dizer.

— Não conheço seu pai, mas conheço homens como ele. Eu cresci entre meus irmãos, e confie em mim quando digo que ninguém é mais homicida do que Remo.

— Mas Remo é seu irmão. Ele não te mataria. Nada está segurando meu pai.

— Você está, — disse Adamo enquanto passava os braços em volta da minha cintura por trás. — Esses ovos são lindos, mas não podemos levá-los conosco para o acampamento.

Eu bufei. — Eles ficam aqui. São muito preciosos e bonitos para andar por aí em um motorhome.

— Você é muito linda e preciosa.

Eu o cutuquei com meu cotovelo. — Elogios não te farão transar. Ainda estou chateada por você ter se arriscado tanto. Eu nunca teria me perdoado se meu pai tivesse te matado. Nem o teria perdoado.

Adamo enfiou a mão por baixo da minha camisa, brincando com meu piercing no umbigo, enquanto apontava para o ovo Fabergé no centro, a peça mais cara do armário e o primeiro ovo que papai me deu de presente. — Esse é o seu piercing de umbigo.

— Sim. É o meu favorito e adoro tê-lo comigo, não importa onde eu esteja.

Adamo assentiu, em seguida, sua mão deslizou para baixo. Ele abriu meu botão antes de deslizar a mão por dentro da minha calcinha. Seus dedos encontraram meu clitóris e começaram a esfregar pequenos círculos provocantes.

Mordi meu lábio, recostando-me nele.

— Não preciso de elogios para transar, — disse Adamo em voz baixa antes de mordiscar minha garganta. Seus dedos acariciaram minhas dobras, cortando minha pele sensível.

— Meu pai pode considerar desrespeitoso você não conseguir se conter nem por uma noite, — eu ofeguei.

Adamo deu uma risadinha. — Eu não direi a ele. Você conseguiria?

Ele empurrou dois dedos em mim. — Não, — engasguei.

Naquela noite, fiquei muito tempo acordada nos braços de Adamo, sem ser assombrada por preocupações ou medos. Eu imaginei nosso futuro juntos e estava animada com isso. Nada estava realmente nos segurando agora.

Vinte e Cinco

Adamo

Quando Dinara e eu voltamos ao acampamento no dia seguinte, realmente parecia o derradeiro retorno ao lar. Crank acenou para mim e levantou o polegar quando avistou Dinara. Eu já tinha ligado para Remo na noite passada para ter certeza de que ele não atacaria Chicago quando não tivesse notícias minhas por muito tempo. Eu realmente não queria que meu acordo provisório com Grigory fosse prejudicado. Eu não tinha dado detalhes sobre meu acordo com Grigory, mas conhecendo Remo, ele provavelmente suspeitou de algo. Meus irmãos sabiam que eu preferia a vida no acampamento a ficar em Las Vegas de qualquer maneira.

Dinara brilhou de felicidade quando montamos nossa barraca entre nossos carros. Não era uma casa esplêndida, mas era tudo que precisávamos no momento. Depois que a temporada acabasse em duas semanas, teríamos tempo de comprar um motorhome para nós.

Não perdi os muitos olhares curiosos ou mesmo apreensivos de outros pilotos ou das garotas.

— Você acha que eles sabem por que saímos com tanta frequência nos últimos meses? — Perguntou Dinara.

— Eles sabem alguma coisa. Era esperado que rumores se espalhariam eventualmente.

— Acho que alguns deles vão pensar duas vezes antes de te cortar durante uma corrida. Ninguém quer ser torturado e morto, — disse Dinara ironicamente.

— Não é como se eu fosse uma pessoa diferente.

— Você é para eles. Por causa da sua personalidade descontraída, era fácil para as pessoas esquecerem que você é um Falcone. Agora eles sabem que um

dos monstros de Vegas realmente anda entre eles e isso os deixa nervosos.

Percebi que isso divertia muito Dinara. — Eu odeio esse nome.

— Mas serve ao seu propósito. É melhor ser temido do que ser estimado no negócio da máfia.

Eu ri sombriamente. — De fato. Esse é o credo de Remo. Acho que era inevitável que eu cumprisse o destino da minha família em algum momento.

— As pessoas no acampamento se acalmarão quando virem que nada mudou. Até então, você terá mais facilidade em ganhar pontos.

— Não tenho como recuperar os pontos que perdi nas últimas corridas, nem você. Teremos de passar por corridas classificatórias na próxima temporada.

A excitação brilhou nos olhos de Dinara. — Eu adoro um desafio.

— Eu acho que as pessoas te veem sob uma nova luz também. Os olhares apreensivos não são só para mim.

Dinara olhou ao redor e as pessoas rapidamente desviaram o olhar. — Duvido que eles me temam por mim mesma. As mulheres são sempre subestimadas.

— Qualquer um que te subestime é um tolo.

***

— Eu realmente senti falta disso, — Dinara disse quando nos sentamos em um tronco ao redor da fogueira com o resto do acampamento, bebendo cerveja e comendo asas de frango que queimavam minhas papilas gustativas. Música country tocava nos alto-falantes instalados em todo o perímetro.

— Sim, é nosso pequeno mundo estranho, onde podemos violar as regras.

Dinara moveu as pernas no ritmo da batida country. Eu sorri desafiadoramente. — Nunca pensei que você fosse uma garota do country.

Ela tomou um gole de sua cerveja, um sorriso lento se espalhando em seu lindo rosto. — Sou uma personalidade multifacetada.

Eu ri. — Sem brincadeira. — Passei meu braço em volta dos ombros dela

e ela encostou a cabeça no meu ombro. — É estranho pensar que esta será a nossa casa de agora em diante.

Dinara encolheu os ombros. — Estaremos livres. Não acho que haja nada melhor no mundo.

— Sim, — eu murmurei. As primeiras pessoas começaram a dançar ao redor do fogo quando seus níveis de álcool aumentaram. — Você falou com Dima?

Dinara suspirou. — Eu não o vi antes de sairmos. Suponho que ele me evitou. Talvez sinta que traí o que tínhamos.

— Mas vocês não eram mais um casal. Ele era seu guarda-costas.

— Ele sempre foi mais do que isso. Mas Dima é leal ao meu pai e não pode me seguir neste novo caminho. Ele sempre servirá a meu pai até que morra ou seja morto cumprindo seu dever. Talvez ele pense que é meu dever ficar em Chicago e ser a princesa da Bratva que meu pai sempre quis que eu fosse.

— Mas não é quem você quer ser. Se Dima realmente te amou, ele deve perceber isso.

Dinara ergueu a cabeça. — O que Dima e eu tínhamos não era realmente amor, eu percebo isso agora que estou com você.

— Porque você me ama.

Dinara me deu um sorriso estranho. — Você realmente quer que eu diga com mais frequência, não é?

Eu a beijei. — Oh, definitivamente.

A dança ao nosso redor ficou mais selvagem, levantando poeira. Muitas pessoas começaram a cantar junto com as canções, a maioria delas sem ter a menor ideia sobre as letras reais.

— Vamos nos juntar a eles, — disse Dinara, pousando a garrafa de cerveja no chão.

— Achei que você nunca pediria. — Eu me levantei e a puxei comigo. Quando nos juntamos aos dançarinos, alguns deles hesitaram, obviamente ainda inseguros sobre nós depois dos rumores do casal assassino que Crank havia me

contado, mas logo a música e o álcool dissiparam sua tensão e nos tornamos parte do acampamento novamente.

Dinara ria enquanto seguíamos os passos ao som da música em uma formação de dança linear descoordenada, mas divertida. Seus olhos se fixaram nos meus, seu rosto lindamente iluminado pelo fogo. Isso não era falsa felicidade. Sem risos fingidos. A escuridão fazia parte de Dinara e de mim, mas a havíamos banido para um ponto distante dentro de nós. Ela não governava nossas vidas.

Eram quase três da manhã quando Dinara e eu finalmente fomos para a cama em nossa barraca. Não estávamos bêbados, mas um zumbido suave enchia meu corpo. Depois de fazer amor, adormecemos nos braços um do outro.

Dinara se virava e revirava, e resmungos ininteligíveis me acordaram do meu próprio pesadelo, o mesmo que me assombrou por anos, mas como no passado, não acordei coberto de suor e com o coração batendo na garganta. O pesadelo havia mudado desde que Dinara e eu começamos nossa viagem de vingança. Agora eu sempre conseguia me libertar de minhas restrições eventualmente e lutava contra meus torturadores. Parecia que meus pesadelos agora me permitiam minha vingança.

A respiração de Dinara desacelerou quando ela acordou e eu beijei sua bochecha. — Eu gostaria que os pesadelos tivessem morrido com meus abusadores, — ela sussurrou no escuro.

— Eventualmente eles desaparecerão ou talvez mudem, — eu disse então contei a ela sobre a mudança em meu próprio pesadelo.

— Ainda estou surpresa por você nunca ter procurado se vingar das pessoas que te torturaram. Você tem o apoio da Camorra.

— A vingança contra o Outfit, especialmente seu Capo e seus Subchefe não mudaria nada, apenas continuaria uma espiral interminável de violência e vingança. Você pode acabar com tudo matando seus agressores, mas em uma guerra, a vingança só leva a mais violência. O que aconteceu comigo não foi pessoal.

Dinara soltou uma risada estrangulada. — Acho que ser torturado é muito pessoal.

— Não era sobre mim, era sobre Remo. Minha dor era a vingança pelas ações de Remo, e se eu me vingasse, isso levaria a um novo ato de vingança da Outfit.

— A interminável espiral de violência.

— Quero viver no presente e para o futuro. Passado é passado.

— Pela primeira vez na minha vida, quero o mesmo. O passado está morto e estou muito animada com o nosso futuro.

— Vai ser uma viagem louca em muitos aspectos.

Dinara cantarolou sua aprovação.

— Há apenas mais duas corridas antes do final da temporada e a maioria das pessoas voltará para suas famílias no Natal. Apenas alguns permanecerão no acampamento, como Crank, e comemorarão juntos.

— Não celebramos o Natal em dezembro. O Natal ortodoxo é em janeiro, então talvez eu fique no acampamento até janeiro.

Sobre o meu cadáver. — Quero que celebre o Natal comigo e com a minha família em Las Vegas.

Ela congelou em meus braços. — Eu não sou parte de sua família. Tenho certeza de que seus irmãos e suas famílias não me querem lá.

Ainda não tinha perguntado aos meus irmãos, mas amava Dinara e queria passar o feriado com ela. Eu duvidava que Kiara e Serafina tivessem algo contra isso. Remo era muito protetor com nossa mansão, então eu não tinha certeza sobre sua reação. E então havia Savio e Gemma. Os dois eram absolutamente tranquilos em circunstâncias normais, mas metade da família de Gemma fora morta pela Bratva, então eles podiam ser tendenciosos em sua opinião sobre Dinara. Eu mantive esses pensamentos para mim. Eu encontraria uma maneira de convencer minha família de que Dinara não era uma ameaça. — Minha família deveria conhecê-la e qual melhor maneira de fazer isso do que no Natal? Eles vão te amar como eu.

— Não sou uma pessoa que tem uma longa lista de fãs. Não sou uma daquelas garotas doces e sempre sorridentes que todo mundo quer em sua família.

— Confie em mim, você se encaixará perfeitamente com sua personalidade. Não me deixe comemorar o Natal sozinho. Não há nada mais deprimente do que estar rodeado por casais e famílias felizes e sozinho.

Dinara ficou quieta por um longo tempo e então suspirou. — Tudo bem, mas por favor, certifique-se de que serei bem-vinda. Eu realmente não quero me intrometer no seu tempo com a família.

— Você é minha família, — murmurei.

Dinara pressionou seu corpo contra o meu e beijou minha garganta. — Eu te amo.

***

Na manhã seguinte, liguei para Remo. Ele era a primeira pessoa que eu precisava convencer. Para minha surpresa, ele não foi contra minha sugestão.

— Traga-a junto. Kiara ficará em êxtase por cozinhar para mais pessoas.

— Eu esperava mais resistência de você, — admiti.

— Se você confia em Dinara, confio em seu julgamento. Sem falar que Nino e eu a conhecemos e duvido que ela seja um risco. Ela tem mais motivos para ser grata a nós do que para nos odiar por uma inimizade entre as famílias da máfia que realmente não a preocupa.

— E quanto a Savio e Gemma? — Perguntei.

— Fale com o Savio. Se ele for contra, não posso permitir que Dinara se junte a nós.

— Entendo, — eu disse. — Obrigado, Remo. Sei que muitas vezes não demonstrei minha gratidão pelo que você fez, mas nunca esquecerei o que fez para fazer justiça por Dinara. Vou tentar ser menos idiota com você no futuro.

— Isso é um começo, — disse Remo ironicamente. — Agora acerte as

coisas com Savio.

— Sim, Capo. — Desliguei e disquei para o celular de Savio. Ele atendeu após o décimo toque.

— É melhor que seja bom, — ele murmurou. — Você está interrompendo meus deveres conjugais.

Eu podia ouvir Gemma assobiando algo ininteligível e algo que soou como um tapa. Savio deu uma risadinha.

— Eu preciso falar com você sobre o Natal, — eu disse.

— OK? Não estou no comitê de organização do Natal. Pergunte às meninas.

— É sobre Dinara. Quero levá-la para celebrar o Natal conosco. — O silêncio seguiu do outro lado da linha.

Sua voz havia perdido a facilidade de costume quando ele falou eventualmente. — Remo mencionou que você e ela ainda estão juntos. Achei que as coisas acabariam depois que terminassem a matança.

— Nós nos amamos, — admiti, mesmo que me sentisse exposto ao admitir isso para Savio. Ele e eu geralmente não compartilhamos nossas emoções mais profundas e sombrias.

— Amar o inimigo parece ser de família.

— Dinara não é o inimigo. Ela nunca fez realmente parte da Bratva.

— O pai dela é Pakhan. Nossas mulheres fazem parte do nosso mundo por associação, mesmo que não sejam empossadas. — Era estranho ouvir Savio tão sério e me dizia que esse era um assunto difícil para ele e para Gemma.

— Dinara deixou Chicago para ficar comigo.

— Bom para você.

— Eu sei que você tem todos os motivos para odiar a Bratva, e Gemma ainda mais, e é por isso que quero perguntar se você ficará bem se eu levar Dinara comigo.

— Essa não é um decisão minha, — disse Savio, então sua voz ficou abafada, enquanto ele provavelmente descrevia a situação para Gemma. Eu não

conhecia Gemma tão bem quanto Kiara, mas ela nunca me pareceu alguém que julgaria as pessoas levianamente.

— Ok, — Savio disse sem aviso.

— O que?

— Está tudo bem trazê-la. Gemma e eu não julgaremos Dinara antes de conhecê-la. Vamos dar uma chance a ela.

— Obrigado, Savio, — eu disse honestamente.

— Não tenho tempo para ficar conversando com você. Eu preciso satisfazer minha esposa. — Ele desligou e eu balancei minha cabeça com um sorriso.

Encontrei Dinara mexendo em seu carro para a corrida de amanhã. Ela ergueu as sobrancelhas. — Você parece emocionado.

— Conversei com minha família. Eles querem que você se junte a nós no Natal.

— Você parece aliviado, então não tinha certeza se eles aceitariam.

Passei um braço em volta da cintura dela. — Savio e Gemma eram uma incógnita, mas eles querem conhecê-la.

— Para ver se sou uma ameaça?

Eu sorri. — Todo mundo está curioso sobre você. E acho que você vai gostar de Gemma. Ela gosta de lutar na jaula.

Dinara franziu a testa. — Eu não gosto de lutar.

— Mas você gosta de corridas, que também é uma atividade dominada pelos homens.

Dinara revirou os olhos. — Eu não preciso de um pau para chutar sua bunda na pista.

— Oh, eu sei, — eu disse. — Então, você vai comemorar o Natal comigo e com minha família? — Dinara assentiu com firmeza, mas percebi que ela estava nervosa.

— Eu sobrevivi ao seu pai e você sobreviverá à minha família, não se preocupe.

— Isso é um consolo.

Dinara

Eu nunca tinha comemorado o Natal em dezembro. Não que eu fosse uma grande fã do feriado em geral. Sempre comemorei apenas pelo meu pai e, mais tarde, pelos meus meio-irmãos.

Adamo havia me falado tanto sobre sua família que senti como se já os conhecesse. Eu me perguntei o quanto eles sabiam sobre mim. Eu não era alguém que ficava nervosa com facilidade ou ficava ansioso antes de conhecer novas pessoas. Eu era definitivamente mais extrovertida, mesmo que também não tivesse problemas em ficar sozinha. Eu sabia que nem todo mundo gostava de mim e podia viver com isso, então não estava preocupada em me tornar a Garota Popular. Estava, entretanto, nervosa porque este não era apenas um encontro aleatório. Tinha significado. Constatava que meu relacionamento com Adamo era sério para nós dois. Até agora, nunca demos um nome a isso. Vivemos isso. Mas esse era um novo passo em nosso relacionamento.

Quando paramos na garagem da magnífica mansão branca, minhas palmas realmente ficaram suadas. Isso era importante para Adamo e, por sua vez, era para mim.

— Nervosa? — Adamo perguntou com um sorriso malicioso depois que saímos do carro. Ele pegou a enorme sacola com presentes do porta-malas antes de parar ao meu lado.

Revirei os olhos, mas aceitei de bom grado sua mão estendida como apoio moral. — Eu tenho razão para estar? Todos estão bem comigo estando aqui?

Adamo me lançou um olhar que deixou claro que me achava uma gracinha. Eu enfiei meu cotovelo em seu lado. — Você acha que algum dia haverá uma chance de eu encontrar seu pai para uma reunião familiar

descontraída? Quem sabe comemorar seu Natal ortodoxo juntos?

Que papai não tivesse matado Adamo quando ele apareceu na nossa porta foi um milagre. Ele era muito protetor com Galina e seus filhos, então duvido que permitiria que Adamo estivesse em sua presença tão cedo. Talvez Remo não me considerasse um risco para sua família, mas Adamo era um camorrista, um Falcone, e para meu pai não considerá-lo uma ameaça demoraria muito, se é que alguma vez aconteceria.

— Vamos dar um passo de cada vez, ok? Ele não te matou da última vez. É um bom começo, mas não devemos forçar muito nossa sorte. Vamos dar-lhe tempo para se acostumar com a ideia de você ser uma presença constante na minha vida. No momento, ele provavelmente ainda espera que nosso relacionamento fracasse.

Adamo parou no meio do caminho, as sobrancelhas arqueadas e o mesmo sorriso malicioso no rosto. — E? Você apostaria em nós?

— Não somos uma aposta segura, — eu disse com um sorriso malicioso. — Mas quem quer segurança quando pode ter o que temos. — Eu agarrei seu colarinho e o puxei contra mim para um beijo. Adamo passou os braços em volta de mim.

Barulhos altos de beijos interromperam o momento. Adamo e eu nos separamos. Adamo gemeu e estreitou os olhos para um trio de meninos que permanecia na porta aberta, nos observando. O garoto mais alto com cabelo preto veio em nossa direção e deu um sorriso para Adamo antes de me encarar com um brilho cauteloso em seus olhos. — Quem é você? — ele perguntou, não, exigiu.

Adamo o cutucou para frente. — Isso não é da sua conta, Nevio. E é melhor cuidar da sua boca ou estará em apuros.

Nevio apertou os lábios, mas não parecia nem um pouco culpado quando me lançou outro olhar. O menino tinha talvez oito anos, mas definitivamente tinha a ousadia e a confiança de um adulto. Apesar de sua grosseria, gostei do garoto. Se eu alguma vez tivesse filhos, preferiria que eles tivessem sua própria

cabeça e não deixasse os adultos ou qualquer outra pessoa os pisasse.

Eu levantei minhas sobrancelhas para o garoto. Os outros dois meninos mostraram-se mais contidos, mas obviamente também desconfiavam da minha presença. Eles não se pareciam com Nevio. Presumi que fossem filhos de Nino.

— Nossos presentes estão aí? — Nevio perguntou, apontando para a sacola. Isso pareceu despertar a curiosidade dos outros dois meninos também e eles atacaram Adamo.

Adamo encolheu os ombros. — Isso depende do seu comportamento.

— Nevio, Alessio, Massimo! — Uma mulher gritou, sua impaciência soando alto em sua voz. Os meninos giraram nos calcanhares e correram de volta para dentro, deixando Adamo e eu sozinhos.

Eu soltei uma risada. — O resto da sua família me dará boas-vindas semelhante?

Adamo juntou nossas mãos novamente. — As crianças não estão acostumadas com estranhos visitando a mansão. Remo geralmente não permite visitantes. Ele é muito protetor.

Eu balancei a cabeça, percebendo o que Adamo estava me dizendo. Que Remo me recebeu em sua casa era um grande negócio. — Ele confia no seu julgamento sobre mim.

Nino se aproximou de nós, onde esperávamos na varanda. — Vocês não vão entrar?

— Eu queria dar a Dinara a chance de mudar de ideia após a rude recepção de Nevio.

Nino me deu um aceno de boas-vindas antes de se virar para Adamo mais uma vez. — O que ele fez?

— Ele exigiu saber quem ela é. Você não disse às crianças?

Nino balançou a cabeça. — Dissemos a eles que você traria sua namorada junto. Isso causou um grande rebuliço porque você nunca trouxe alguém antes.

Adamo mencionou que nunca havia namorado sério o suficiente para submeter alguém à presença de sua família. Que ele confiasse em mim o

suficiente para me trazer me encheu de calor.

— Vamos entrar, — disse Nino. — Kiara preparou o jantar. Não queremos que esfrie.

Adamo e eu seguimos Nino por um longo corredor até uma sala enorme que parecia servir como área comum da mansão. Adamo mencionou que cada irmão tinha sua própria ala, onde moravam com a esposa e os filhos. Mesmo Adamo ainda tinha sua própria ala, embora vivesse no acampamento a maior parte do ano.

A área comum já estava lotada com o clã Falcone. Meia dúzia de crianças zumbiam, criando um nível de ruído impressionante. Três meninos e duas meninas. Todos se viraram para nós quando entramos na sala. Adamo me mostrou fotos de sua família, mas eu não tinha certeza se seria capaz de lembrar os nomes das crianças corretamente. Pelo menos os adultos eram fáceis de lembrar. O terceiro homem de cabelos escuros tinha que ser o irmão de Adamo, Sávio e ao lado dele a bomba sexual de uma esposa, Gemma. Eu estava feliz com meu corpo, mas mesmo assim senti um lampejo de inadequação ao ver suas curvas. Parte de sua família foi morta pela Bratva, então sua expressão hesitante não foi uma surpresa. Eu encontrei seu olhar e lhe dei um sorriso tenso. Eu não me sentiria culpada por algo pelo qual não fosse responsável. Meu pai me garantiu que não teve participação no ataque. Mas mesmo se ele tivesse, eu não fazia parte do seu negócio. Que nossas famílias nunca se sentariam ao redor de uma mesa e brincariam de família feliz ficou claro desde o início.

— Bem-vinda à nossa casa, — disse Remo. Até mesmo sua linguagem corporal estava diferente de nossas reuniões anteriores. Uma pitada de tensão em seus membros indicava sua proteção e cautela. Eu não era uma ameaça aos olhos dele ou não estaria aqui, mas a confiança ainda não fazia parte do nosso relacionamento. Adamo apertou minha mão e me puxou para mais perto de sua família. A mesa já estava posta, mas ninguém havia ocupado seus respectivos lugares ainda.

A esposa de Remo, que me lembrava um pouco Grace Kelly, lançou a seu

filho Nevio um olhar de advertência antes de vir em minha direção e sorrir. O primeiro gesto totalmente amigável da minha visita, não que eu tivesse motivos para reclamar. Afinal, meu pai quase matou Adamo.

— Oi Dinara, é maravilhoso finalmente conhecê-la. Quase perdemos a esperança de que Adamo a trouxesse aqui. Ele tem sido muito reservado sobre seu relacionamento com você, — disse Serafina.

— Precisávamos de tempo para descobrir as coisas por nós mesmos antes de contarmos os detalhes aos outros, — eu disse com um sorriso.

— Isso faz sentido, — disse Leona, esposa de Fabiano, o Executor da Camorra e irmão não-consanguíneo dos Falcones.

— O jantar está pronto! — Uma mulher de cabelos escuros disse enquanto vinha em nossa direção. Eu a reconheci como a esposa de Nino, Kiara. Por alguma razão, senti minhas bochechas esquentarem quando me lembrei da sugestão de Adamo de falar com ela sobre meu passado. Ainda não me parecia bom que ele achasse que um passado de abuso semelhante significava que Kiara e eu poderíamos dar conselhos de vida uma à outra. Cada pessoa tem uma maneira única de lidar com o trauma. Ela parecia ter encontrado seu refúgio seguro em sua família, vivendo um papel tradicional de sustentar sua enorme família. Eu não era alguém que queria segurança e continuidade para lidar com meu passado. Eu queria emoção e aventura. Kiara veio direto até mim e me deu um sorriso brilhante. Ela parecia genuinamente feliz em me ver. Ela me puxou para um abraço. Eu enrijeci no início porque não esperava por isso. Minha família era mais reservada. Raramente abraçávamos, especialmente pessoas que mal conhecíamos.

Depois de um momento de surpresa, me forcei a relaxar, mas ela se afastou instantaneamente e me deu um sorriso envergonhado. — Eu sinto muito. Não tinha intenção de me jogar sobre você.

— Não se preocupe. Prazer em conhecê-la.

Kiara era uma mulher linda e pequena com os olhos mais gentis que já vi. Ela era alguém que eu teria imaginado como a dócil esposa de um pastor, não de

um mafioso notório e sem dúvida sociopata como Nino Falcone.

— Nino, você pode me ajudar a trazer tudo para a mesa? — Kiara perguntou antes que ela e seu marido desaparecessem.

— Eu também vou te ajudar, — disse Gemma, correndo atrás deles. Talvez não fosse tão fácil para ela quanto Adamo pensava. Ele olhou para o irmão Sávio, mas não consegui ler o olhar que trocaram.

Cumprimentei Leona e Serafina, que me receberam sem reservas. Elas também pareciam honestamente interessadas em me conhecer. Depois de cumprimentar as mulheres da família, Adamo me conduziu até Remo e Nino, além de Fabiano e Sávio. Fabiano apertou minha mão com um sorriso tenso. Eu não esperava uma recepção calorosa do Executor da Camorra, mas ele não foi hostil, então tomei isso como um bom sinal. Meu estômago apertou quando finalmente enfrentei Savio. — Oi, — eu disse estupidamente. Não tinha certeza de por que me sentia desconfortável. Eu não era culpada por associação.

Savio me examinou da cabeça aos pés. Eu estava com minhas amadas botas de motoqueiro, mas em vez de jeans rasgados ou shorts, optei por uma saia xadrez mais festiva, meia-calça preta e jaqueta de couro preta sobre um corpete preto de mangas compridas. — Eu deveria saber que meu irmão mais novo emo se envolveria com uma garota emo roqueira.

Eu pisquei. — O papel de Ken e Barbie na família já estava ocupado, então tivemos que nos contentar com o casal emo, — retruquei antes que pudesse pensar a respeito.

Remo ergueu uma sobrancelha com aquele olhar de diversão sombria sempre persistente em seu rosto.

Savio realmente caiu na gargalhada. Ele bateu no ombro de Adamo com força. — Agora eu sei por que você a escolheu.

Eu sufoquei um sorriso satisfeito. Adamo encolheu os ombros, mas pude ver a tensão deixando seus ombros. — Não foi uma escolha. Dinara é uma força a ser reconhecida. Não tive escolha a não ser me apaixonar por ela.

Meu rosto esquentou. Eu afundei minhas unhas em sua mão em

advertência. Ele não devia me envergonhar. Falar de emoções na frente das pessoas realmente me colocava em uma situação difícil.

Depois de alguns minutos, Kiara, Nino e Gemma voltaram com caçarolas e panelas, e nos acomodamos ao redor da mesa. As crianças ainda me olhavam com uma mistura de cautela e curiosidade. Os presentes esperançosamente os atrairiam para mim amanhã, mas eu não tinha certeza de como lidar com Gemma. Ela tinha me evitado até agora.

Ocasionalmente eu lançava um olhar para ela durante o jantar. Felizmente, o resto do clã Falcone conversou animadamente comigo sobre corridas. Evitamos qualquer menção à Rússia ou a Bratva até que Leona perguntou: — Como vocês celebram o Natal na Rússia?

Hesitei, olhando para Gemma e Savio. Eu não queria abrir velhas feridas, mas Gemma ergueu os olhos do prato e encontrou meu olhar. Ela me deu um pequeno sorriso. Eu relaxei e lhe devolvi um sorriso agradecido também. — Comemoramos no dia 7 de janeiro. Em minha família, cozinhamos doze pratos que representam os discípulos de Jesus, mas não é assim que todo mundo na Rússia faz. Temos uma infinidade de tradições em nosso país.

Mais perguntas sobre a Rússia logo choveram sobre mim. Fiquei aliviada que minha herança não era mais o elefante rosa na sala.

— Eu adoraria ver o balé Bolchoi um dia, — uma menininha com o mesmo cabelo preto e olhos escuros de seu irmão gêmeo Nevio falou. Seu nome era Greta se eu me lembrava corretamente das informações de Adamo, e ela parecia uma boneca preciosa com seus traços faciais simétricos, olhos grandes e pele de porcelana.

— Eu os vi algumas vezes em São Petersburgo e Moscou. Meus balés favoritos são o Quebra-nozes e o Lago dos Cisnes.

Greta sorriu timidamente para mim, encontrando meus olhos brevemente antes de desviar o olhar. — Meu também.

Imediatamente, todos ficaram ainda mais afetuosos comigo, como se o veredicto dessa garotinha tivesse um significado especial. Adamo deu um

tapinha na minha perna, em seguida, entrelaçou nossos dedos sob a mesa.

No final da noite, eu estava completamente relaxada. Ainda não me sentia parte da família, mas não esperava por isso. No entanto, gostei do aconchego caótico da casa dos Falcone.

Foi um Natal diferente do que celebramos em Chicago e adorei essa nova experiência. Eu queria que Adamo fizesse parte de nossas tradições também, mas me preocupava com o que papai faria com ele se o levasse para casa comigo. Enquanto eu estava segura em Las Vegas com o clã Falcone, não tinha certeza se Adamo estaria seguro em Chicago. Papai ainda poderia mudar de ideia a qualquer momento.

Depois do jantar de Natal, todos nós fomos em direção aos sofás. A árvore de Natal lindamente decorada elevou-se sobre nós e iluminou nossos arredores com o brilho suave das velas elétricas. Antes que eu pudesse sentar ao lado de Adamo, Gemma se aproximou de mim.

— Lamento ter sido rude e não recebê-la imediatamente. O Natal é difícil para mim... — Ela engoliu em seco. — Mas eu não deveria descarregar minha tristeza em você.

— Sinto muito pelo que aconteceu com sua família. Eu odeio que o negócio da máfia mate tantos inocentes.

— Obrigada — disse Gemma com um pequeno sorriso. — Estou feliz que Adamo te conheceu. Eu nunca o vi tão feliz antes.

Adamo estava conversando com Fabiano, mas percebi que estava tentando ouvir minha conversa com Gemma.

Depois que Greta fez uma curta apresentação de balé que Kiara acompanhou ao piano, Kiara começou a recolher os pratos. Eu a ajudei e carreguei uma pilha de pratos para a cozinha. Eu me perguntei se Adamo havia mencionado uma conversa com ela também. Isso me fez sentir estranha. Eu não tinha vergonha de meu passado, mas preferia que as pessoas me julgassem por minhas ações hoje e não por algo que me foi feito há mais de uma década.

Ela percebeu meu olhar curioso e encostou-se no balcão da cozinha. —

Adamo sempre pareceu tão inquieto quando vinha nos visitar, principalmente no feriado de Natal, mas hoje, pela primeira vez desde que o conheci, ele parece estar exalando calma. Ele está aqui. Você é a âncora dele e não importa onde morem ou se continuarão viajando com o acampamento de corrida, ele encontrou seu lar em você. Isso é maravilhoso. Todos nós precisamos de algo que nos dê raízes para que possamos crescer em direção ao futuro, e vocês são as raízes um do outro.

Mordi meu lábio, minha garganta travando com as emoções. — Obrigada, Kiara. Eu nunca quis que isso acontecesse. Não achei que pudesse realmente confiar em alguém como confio em Adamo.

Kiara acenou com a cabeça. — Nunca imaginei que poderia experimentar o que vivo com Nino, mas o passado não tem que nos definir. Não deveríamos deixar.

— Sim, — eu concordei.

A porta se abriu e seus dois filhos entraram correndo. Eles se aproximaram dela. — Mãe, podemos comer biscoitos antes de dormir? — O menino mais baixo, Massimo perguntou.

— É Natal, — lembrou Alessio.

Kiara riu e eu também caí na risada. Eles me lembravam de meus meio-irmãos. Quando se tratava de doces, eles podiam ser bastante astutos.

Um momento depois, Adamo entrou com alguns copos vazios, mas era óbvio que ele estava me verificando. Ele passou o braço em volta da minha cintura, me puxando contra ele.

— Estou bem, — eu disse antes que ele pudesse perguntar.

Adamo acenou com a cabeça. — Eu sabia que estaria.

Eu reprimi um sorriso. Sempre quis alguém ao meu lado que soubesse que eu poderia cuidar de mim mesma, que não me tratasse como uma donzela em perigo, e encontrei essa pessoa em Adamo.

Vinte e Seis

Adamo

Ela estava contra o horizonte, iluminada pelo sol poente, completamente nua, exceto por suas botas de motoqueiro. Seu cabelo ruivo brilhava como chamas nos últimos raios e seu corpo pálido e bonito parecia quase perolado. Saí da tenda e a observei um pouco mais.

Ela era linda pra caralho. Ela se virou e encontrou meu olhar. Um sorriso se abriu em seu rosto. Não era um daqueles sorrisos falsos, oprimido pela escuridão do passado. Era um sorriso livre e honesto. Isso não significava que ela ainda não abrigava escuridão. Ambos o fizemos. Era o que nos fazia entender tão bem o outro. Mas controlávamos nossa escuridão agora, como uma besta domesticada atrás de barras de ferro. Às vezes a deixávamos sair para brincar, mas geralmente ela dormia pacificamente em seu canto.

Ainda me sentia tão estupidamente apaixonado por Dinara quanto me senti quando voei para Chicago para convencer seu pai. Nós ficamos mais próximos, Dinara e eu, e até o pai dela me tolerava de má vontade. Nós até celebramos o Natal ortodoxo juntos em Asper pela primeira vez este ano.

Dinara mordeu o lábio daquele jeito provocante que fazia, virando-se para mim para que eu pudesse ver totalmente seu corpo nu. Uma de suas mãos segurou seu seio, mexendo em seu piercing, enquanto a outra deslizava lentamente pela barriga até o ápice das coxas com a mecha macia de cabelo vermelho. O sangue correu pelo meu corpo, reunindo-se no meu pau. Ela e eu sempre passamos um tempo longe do acampamento, para que pudéssemos desfrutar plenamente da companhia um do outro.

Aproximei-me dela, observando-a e a maneira como ela se acariciava. Quando parei bem na sua frente, ela estava ofegando suavemente, seus lábios

abertos. Dois dedos trabalhavam em seu clitóris, espalhando umidade sobre ele. Eu agarrei seus quadris e chupei seu mamilo com piercing em minha boca. Seus dedos se moveram mais rápido em seu clitóris e ela soltou um gemido agudo. Afundei lentamente, traçando minha língua sobre sua barriga antes de chegar ao nível dos olhos com sua boceta. Seus dedos circundavam seu feixe de nervos e a umidade já havia se reunido ao redor dele. A visão de suas dobras brilhantes me deixou com água na boca. Inclinei-me para frente e provoquei seus dedos e clitóris com minha língua, saboreando sua doce excitação. Seus dedos não pararam de circular seu clitóris. Em vez disso, logo começaram a lutar contra minha língua pelo domínio. Depois que ela gozou, puxei-a para o meu colo. Fazer amor com ela ainda parecia uma revelação o tempo todo.

Depois, observamos o céu noturno enquanto nos reclinávamos no capô do meu Corvette e bebíamos cerveja gelada.

— No passado, eu precisaria fumar para realmente aproveitar o momento, — murmurou Dinara.

— Eu nem sinto mais falta de fumar.

— Nem eu. Você e a corrida me dão a excitação que preciso, — ela disse com um sorriso provocante. Toquei sua bochecha, incapaz de acreditar em quão sortudo eu era, quão ridiculamente feliz.

E então algo me atingiu. Este era o momento que eu estava esperando. Claro, não estava preparado, mas não importava. Eu não queria esperar para comprar um anel. Era a hora certa e esperava que Dinara também visse isso. Eu escorreguei de cima do capô e ajoelhei no chão empoeirado diante de Dinara.

Ela se sentou lentamente, seus olhos arregalando brevemente, então a descrença tomou conta de seu rosto. — O que você está fazendo?

Peguei a mão dela com um sorriso. — Completamos cinco anos, embora você achasse que não iríamos. Acho que ainda estamos fortes. Apostaria todo o meu dinheiro que chegaremos aos cinquenta anos.

Dinara mordeu o lábio inferior, sufocando o riso. — Considerando nosso estilo de vida arriscado, duvido que viveremos tanto tempo.

— Eu sei que você não tem trinta ainda, então seu segundo requisito não foi cumprido, mas não posso esperar mais cinco anos. Eu diria que estamos prontos para... — Eu remexi dentro do bolso da minha calça jeans e tirei uma embalagem prata de goma de mascar descartada.

Dinara soltou uma risada incrédula, mas não fez comentários. Eu transformei a embalagem em um anel improvisado, então peguei sua mão novamente. — Dinara Mikhailov, quer se casar comigo? — Eu segurei o anel de invólucro, que brilhava sob os faróis, fazendo com que parecesse mais resistente do que realmente era.

— Você está fora de si! — Dinara exclamou, mas seus olhos eram suaves e ela tinha dificuldade em conter o sorriso.

Eu levantei o anel um pouco mais alto. — Acho que preciso de uma resposta.

Ela fechou os olhos por um momento e, quando os abriu novamente, disse: — Sim.

Eu enfiei o anel em seu dedo, então me levantei cambaleando e passei meus braços em volta dela. Eu a beijei ferozmente enquanto ela se apertava contra mim. — Por um segundo, fiquei preocupado que você dissesse não.

— Por um segundo, pensei em dizer não. Eu realmente amo nossa vida em pecado, sem compromisso, de espírito livre e selvagem.

Eu olhei em seus olhos. — Então por que você não fez isso? — Dinara e eu nunca conversamos seriamente sobre casamento. Ela não era como algumas garotas que sonhavam com um grande casamento e um vestido de princesa. Se eu tivesse mais tempo para planejar este momento, provavelmente ficaria com medo. Mas ela disse sim, para mim, para nós, para sempre.

Dinara

Adamo sorriu como se tivesse ganhado na loteria. Eu estendi minha mão e

admirei o anel prateado em volta do meu dedo, sem responder sua pergunta ainda. — Estou feliz por você ter colocado tanto esforço em nosso anel de noivado, — o provoquei. Eu realmente não me importava. Raramente usava joias, embora possuísse uma quantidade chocante delas, todas presenteadas por meu pai ou família na Rússia. Eu não trouxe nenhuma das minhas joias comigo, e não sentia falta delas. As únicas coisas que eu realmente queria comigo eram meus ovos Fabergé, mas um motorhome não era um bom lugar para peças de arte valiosas.

Ele passou a mão pelo cabelo rebelde. Ele sempre cortava no início da temporada, mas permitia que crescesse nos meses seguintes. — Achei que você não se importasse com joias.

Ele realmente parecia preocupado. — Não me importo, — eu sussurrei. — Este é o anel perfeito para nós.

Adamo deu uma risadinha. — Não tenho certeza se concordo. Você receberá um anel melhor em breve. — Ele fez uma pausa, levantando suas sobrancelhas. — Mas você não respondeu à minha pergunta.

Por que eu disse sim? Por muito tempo fui contra o casamento, considerado supérfluo e restritivo. A simples ideia de me ligar a uma pessoa assim me deixava nervosa, mas quando Adamo fez a pergunta, meu corpo não reagiu com suor frio ou sensação de náusea. Parecia inexplicavelmente certo. — Porque não posso imaginar viver sem você novamente, então podemos muito bem tornar oficial. Percebi que já estávamos comprometidos, e o casamento com você não significa que não possamos mais ser selvagens e de espírito livre.

— Acho que é a coisa mais doce que você já me disse, — brincou Adamo.

Eu bati em seu ombro antes de beijá-lo com força. — Eu te amo e adoro ser imprudente com você, e sei que podemos continuar sendo imprudentes mesmo quando estivermos casados e isso é perfeito.

— E eu te amo. — Ele pegou minha mão e inspecionou o anel que criou. — Podemos ir às compras na próxima vez que passarmos por uma cidade.

Eu franzi meus lábios ao pensamento. Eu realmente não conseguia me ver

com um anel de casamento. — Precisamos comprar um anel de verdade? Não podemos comprar outra coisa que mostre que estamos juntos? Ou talvez simplesmente não tenhamos nada além do amor em nossos corações.

Adamo sorriu afetadamente. — Boa tentativa. Quero um sinal de que você é minha para que todos vejam.

— Você será meu também, lembra?

— Eu não quero esquecer.

Eu passei meus braços em volta do seu pescoço. — Sem anel. Mas se você tiver uma sugestão melhor, posso estar aberta a isso.

Adamo pensou um pouco antes de um sorriso se espalhar em seu rosto. Ele ainda conseguia parecer um menino audacioso quando me olhava desse jeito. — Que tal fazermos uma tatuagem de casamento? Nino poderia fazer o design e a arte final.

Minhas sobrancelhas ergueram-se de surpresa. Na verdade, gostei da ideia. — Por que não? Pelo menos assim não perderemos.

— Perfeito.

— Você percebe que não podemos fazer uma grande celebração, certo? — A Camorra e a Bratva ainda mal se toleravam, e até agora o relacionamento incomum entre Adamo e eu não tinha causado nenhum problema ao meu pai, mas um banquete de casamento que envolvesse nossas famílias poderia mudar isso.

Adamo encolheu os ombros. — Eu realmente não me importo com uma grande festa. Isso é sobre nós. Pelo que me importa, pode ser só você e eu, e seria o casamento perfeito.

— Poderíamos nos casar em uma daquelas capelas em Vegas. Você sabe, aquelas em que Elvis sela o vínculo.

Adamo obviamente teve que sufocar o riso. — Sem Elvis, mas podemos nos casar em uma capela em Las Vegas, se é isso que você quer.

— Caberia, você não acha?

Adamo encostou sua testa na minha, sorrindo torto. — Uma garota que

odeia o Dia dos Namorados, que odeia anéis e que não quer um banquete de casamento estressante. Tenho certeza de que você foi enviada do céu.

— Eu duvido seriamente. Na verdade, o céu me deixou na terra porque não me comportei.

— Gosto quando você não se comporta, — murmurou Adamo.

— Eu sei. — Eu o puxei para cima de mim.

Adamo

Uma semana depois, Dinara e eu viajamos para Las Vegas para passar alguns dias com meus irmãos e suas famílias e contar-lhes sobre nossa decisão. Claro, no segundo em que anunciamos nosso plano de casamento, Kiara já fantasiou sobre planejá-lo.

Dinara me lançou um olhar de pânico, então falei antes que minhas cunhadas ligassem para um planejador de casamentos. — Dinara e eu não queremos celebrar. Só queremos ir até uma capela por aqui. Nada demais.

— Oh, — Kiara murmurou, trocando um olhar com as outras mulheres.

— Você percebe que está partindo alguns corações aqui, certo? — Remo disse, mas parecia não se importar. Ele nunca participou de grandes celebrações e provavelmente não teria feito nenhum tipo de cerimônia de casamento se Serafina não quisesse.

— Para nós, não se trata de celebrar, mas da promessa que faremos um ao outro, — disse Dinara com cuidado.

— Considerando a dificuldade de ter sua família e a nossa sob o mesmo teto, sua decisão é sábia, — disse Nino.

Dinara acenou com a cabeça rapidamente. — Sim, essa é outra razão pela qual não queríamos dar grande importância a isso. É só para nós.

— Nós também não queremos um anel, — eu disse. — Em vez disso, queremos que você crie tatuagens de casamento para nós.

Savio sorriu para Nino. — Então você terá tatuado quase todos os membros de nossa família. Está se tornando uma tradição comovente.

Eu zombei. — Uma tatuagem de touro sobre seu pau não é o sinal mais reconfortante.

Savio lançou a Gemma um olhar arrogante. — A visão do meu touro sempre aquece a calcinha e o coração de Gemma, certo? — Ela deu um soco em seu abdômen, fazendo-o grunhir.

— Espero que vocês não queiram suas tatuagens de casamento em lugares igualmente sombrios, — disse Nino secamente. Dinara riu.

— Não se preocupe, — eu disse.

— Quando vocês vão se casar? — Kiara perguntou. Eu podia dizer que ela estava chateada por não organizar um grande casamento.

— Amanhã, — Dinara e eu dissemos ao mesmo tempo. Kiara sorriu esperançosa.

— Podemos estar lá? — Nino tocou seu ombro.

— Eu acho que os pombinhos querem ficar sozinhos, — disse Remo.

Eu assenti. — Nós realmente não queremos dar muita importância a isso. — Convidar minha família para o casamento não cairia bem para Grigory, e não havia como recebê-lo na cerimônia em Las Vegas sem causar um grande escândalo e, provavelmente, um banho de sangue.

— Pelo menos, peça a alguém para gravar a cerimônia — Kiara implorou.

— Acho que podemos reservar um pacote que inclui fotos e até um vídeo, — disse Dinara. — Eu posso verificar. — Ela pegou o telefone, mas Remo acenou para ela.

— Eles vão fotografar e gravar tudo se você pedir. Você será uma Falcone.

Dinara e eu trocamos um olhar.

— Na verdade, — eu disse. — Dinara vai manter o nome dela. Como dissemos, queremos nos casar apenas como um sinal para nós, não pelas aparências.

— Isso é razoável, dada a situação com Grigory, — Nino falou lentamente.

Eu ri. — Eu sabia que você concordaria.

Kiara balançou a cabeça, parecendo honestamente perturbada. — Vocês dois são as pessoas menos românticas que conheço. Nino pelo menos finge ser romântico por minha causa.

— Pelo menos, os dois não têm um osso romântico no corpo, — disse Serafina.

Dinara encolheu os ombros. — Nossa ideia de romance é compartilhar uma cerveja no capô de um carro depois de chutar a bunda um do outro durante uma corrida.

Eu a puxei contra mim e beijei sua testa. — Perfeito.

Quando Dinara contou ao pai sobre nossa decisão naquela noite, sua empolgação foi limitada. Não tanto por ela ter escolhido se casar comigo. Acho que ele fez as pazes comigo neste momento, mas ficou chocado com o fato de que sua preciosa filha se casaria em uma capela clichê em Vegas. Mas ele, como minha família, teve que aceitar nossa decisão.

***

Na manhã seguinte, Dinara e eu seguimos Nino até uma sala que ele preparou como um estúdio de tatuagem improvisado.

Eu estava nervoso se Dinara gostaria da tatuagem que eu tinha escolhido. Pesquisei na internet por dias por opções possíveis. A maioria delas eram apenas anéis tatuados, mas essa teria sido uma escolha muito óbvia. Dinara e eu queríamos algo mais sutil, não para todo mundo ver.

Nino pegou os papéis com seu desenho de nossas tatuagens de casamento. Ele estendeu o papel com a tatuagem de Dinara para ela e o outro papel para mim. Dinara examinou o desenho de uma intrincada fechadura em forma de coração e então olhou para o meu papel com a chave correspondente.

— Você gostou? — Eu perguntei quando ela não disse nada.

Ela assentiu com um leve sorriso. — Você pode fazer algo tão delicado em

uma escala pequena como um dedo? — Ela perguntou a Nino, que franziu a testa em resposta.

— Eu achei que poderíamos tatuar em nossas mãos. Dessa forma, a chave e a fechadura sempre se fundirão quando estivermos de mãos dadas. A desvantagem é que as tatuagens nas palmas duram apenas um ano, então teríamos que refazê-las regularmente, — eu disse rapidamente. Eu não tinha discutido isso com ela ainda. Era uma surpresa.

Dinara assentiu imediatamente. — Isso é realmente perfeito, porque significa que temos que renovar nossos votos todos os anos. — Ela fez uma pausa. — Eu me sinto mal por você ser o romântico em nosso relacionamento.

— Fico feliz que suas expectativas sejam baixas quando se trata de gestos românticos, acredite em mim. — Dinara e eu trocamos um sorriso.

Nino parecia impaciente. — Então presumo que vocês dois estejam bem que eu tatue os desenhos em suas palmas?

— Sim, — Dinara disse, e eu assenti.

— Devo avisar que a palma da mão é um ponto sensível e a tatuagem será pelo menos desconfortável, talvez até dolorida, dependendo do seu nível de sensibilidade.

— Não acredito que ainda sejamos sensíveis à dor, — eu disse secamente. Eu passei por tortura nas mãos de nosso inimigo e mais ossos quebrados do que gostaria de contar durante lutas ou acidentes de corrida. E Dinara também já tinha passado por merdas demais. Sem falar que ela tinha um piercing no mamilo, que Nino, claro, não sabia.

— Quem quer ir primeiro?

— Eu, — Dinara disse sem hesitar e estendeu a mão para Nino, que a desinfetou completamente.

Ele pegou a agulha de tatuagem, mas não começou imediatamente. — Se você precisa que eu pare, é só dizer.

Dinara assentiu, mas não disse nada enquanto Nino tatuava o desenho intrincado em sua palma, apenas o observava fascinado. Enquanto eu admirava a

arte da tatuagem do meu irmão, meu olhar frequentemente vagava para o lindo rosto de Dinara, incapaz de acreditar que diríamos sim um ao outro hoje. Quando Nino terminou, ela ergueu a mão entre nós. A pele estava vermelha, mas era óbvio que meu irmão havia criado algo magnífico.

— Sua vez, — Nino me disse.

Estendi a mão, mas não tirei os olhos de Dinara, que me deu um pequeno sorriso. Quando a agulha perfurou minha pele, estremeci uma vez. Era desconfortável como Nino havia falado, mas nada perto da dor que senti antes, só que desta vez o resultado final valeu cada segundo de desconforto.

Depois que Nino terminou minha tatuagem, ele acenou com a cabeça satisfeito antes de entrar em modo de aviso novamente. — Tente manter as feridas limpas e sem dar as mãos ou unir as tatuagens nos próximos dias. O resultado será prejudicado se pegarem uma infecção.

— Vamos nos comportar, — disse a Nino sarcasticamente.

Ele olhou para Dinara. — Espero que você seja o sensata dos dois.

— Eu adoro correr e coloquei um piercing no umbigo em um beco sombrio que também vendia telefones celulares de segunda mão.

Nino suspirou e se levantou. — Acho que vocês dois são uma boa combinação.

— Nós somos, — eu concordei.

Três horas depois, estávamos na frente de um imitador de Elvis, afinal. Dinara e eu tínhamos escolhido roupas combinando, nossas jaquetas de couro favoritas, jeans rasgados e camisetas brancas, nada de especial. Mas enfiei uma rosa branca no bolso da minha jaqueta e Dinara segurava um buquê de rosas brancas na mão. Uma única flor também foi enfiada em seu cabelo vermelho, criando um belo contraste.

Depois de fazermos nossos votos e nos beijarmos por mais tempo do que o apropriado, carreguei Dinara para fora da capela e em direção ao meu Corvette. Eu a coloquei no banco do passageiro, então lhe dei outro beijo demorado antes de fechar a porta e sentar ao volante. — Pronta para o felizes para sempre

comigo?

— Muito pronta, — disse Dinara. Eu pisei no acelerador e disparamos para fora do estacionamento com um barulho alto. As crianças insistiram que amarrássemos uma dúzia de latas no escapamento.

Baixamos as janelas, aumentamos a música "Highway to Hell" que parecia o toque irônico perfeito para os nossos dias e corremos por Vegas. Logo deixamos a cidade para trás para encontrar um lugar remoto para nossa primeira noite juntos como um casal. Tínhamos tudo o que precisávamos para tornar a lua-de-mel perfeita. Um ao outro, latas de macarrão com queijo por motivos nostálgicos e um pacote de seis cervejas geladas.

EPÍLOGO

Adamo

Dinara me enviou um olhar desafiador, levantando uma sobrancelha vermelha perfeitamente delineada de uma forma exagerada.

Um canto da minha boca se contraiu e imitei sua expressão. — Vou chutar o seu traseiro, Falcone, — ela gritou por cima do rugido dos motores.

Eu respondi deixando meu carro uivar. — Não se eu chutar o seu primeiro, Sra. Falcone.

Oficialmente, Dinara ainda era uma Mikhailov, mas ela logo percebeu que todos a consideravam uma Falcone no acampamento e em Vegas. Eventualmente, ela parou de corrigi-los.

A garota do box levantou a bandeira de largada. Eu fiquei tenso de ansiedade, a emoção da corrida iminente correndo em minhas veias. Esta era a primeira corrida do circuito de sete dias, e Dinara e eu estávamos na primeira fila devido aos excelentes resultados até agora.

Quando a garota baixou a bandeira, a risada semelhante a um grito de guerra de Dinara explodiu através do rugido dos motores. Eu sorri quando pisei no pedal do acelerador.

Meu coração batia forte, minha pulsação martelava em minhas veias e eu me sentia cheio de liberdade e adrenalina. Dinara e eu corríamos juntos há quase quinze anos, mas ainda aproveitávamos cada segundo de uma corrida. Dinara tentou me empurrar para fora da pista quando cortou a minha frente na primeira curva, mas eu empurrei contra ela. Meu sorriso se alargou. Era isso. Não havia nada melhor do que uma esposa que poderia chutar seu traseiro em uma corrida.

Dinara venceu no primeiro dia, mas cheguei logo atrás dela para que pudéssemos passar a noite no mesmo lugar. Tornou-se um ritual amado.

— Você esperou por mim? — Eu brinquei quando saí do meu carro.

Dinara bufou. — Não sou nostálgica! — Ela desapareceu atrás de seu porta malas para se aliviar, e eu me escondi atrás de uma variedade de pedras para fazer o mesmo.

Dinara escaneava o horizonte quando me juntei a ela alguns minutos depois. Eu beijei seus lábios carnudos. — Eles estarão aqui em breve, não se preocupe.

— Eu sei, — ela disse, mas não parou de procurar na área. Finalmente, o contorno de nosso enorme motorhome apareceu à distância. Tinha seu próprio chuveiro e toalete, cozinha, área de estar e bastante espaço para dormir.

A buzina soou algumas vezes, como de costume, antes que o motorhome parasse ao lado de nossos carros. A porta do lado do motorista se abriu e Aurora saltou do motorhome, seu cabelo loiro em um rabo de cavalo bagunçado. — Roman se recusou a tirar uma soneca. Ele estava muito ansioso para assistir a corrida, — ela disse com uma expressão humilde.

— Não se preocupe, — eu disse. — Ele pode ser tão teimoso quanto a mãe.

Dinara me lançou um olhar de advertência antes de se dirigir para o lado do passageiro e subir para tirar Roman de sua cadeirinha. Ele envolveu suas pernas curtas em volta da cintura dela enquanto ela vinha na minha direção. Seu cabelo escuro por todo o lugar. Tinha crescido nas últimas semanas e caía em seus olhos, mas ele odiava cortá-lo, então desistimos. Talvez ele eventualmente se cansasse com o tempo.

— Vou preparar o jantar — Aurora avisou enquanto se dirigia para a parte de trás do motorhome. Quando nosso filho nasceu há quatro anos, nos perguntávamos como conseguiríamos continuar competindo. Dinara parou por um ano e só me apoiou, mas sentiu muita falta. As corridas padrão não eram um grande problema. Kate, amiga de Dinara e ex-pit girl, cuidava de Roman durante esse período, mas o circuito de sete dias era um problema maior. Por sorte, Aurora, filha de Fabiano e Leona, era fascinada por corridas e queria ganhar um

dinheirinho adicional, por isso bancava a babá por algumas semanas durante as férias de verão. Este era o segundo ano em que ela nos ajudava, depois de implorar a seu pai por mais de um ano que lhe permitisse este trabalho. Eu tive que jurar a ele protegê-la com minha vida, o que eu teria feito de qualquer maneira. Fabiano era como família, Aurora também.

Eu acendi uma pequena fogueira na frente do motorhome. Dinara e eu afundamos na frente dela com Roman entre nós. Ele adormeceu no momento em que se juntou a nós. Nenhuma surpresa, considerando que eram quatro da manhã. Sua rotina de cochilos e sono sempre era complicada durante esta semana. Aurora trouxe nosso jantar. Batata frita, bacon e ovos fritos. Ela bocejou e deu um sorriso envergonhado.

— Vá para a cama, — Dinara pediu. Ela também parecia exausta. Eu estava além desse ponto. Minha cabeça parecia estar cheia de algodão.

Com um aceno, Aurora desapareceu no motorhome e depois de alguns minutos as luzes se apagaram.

— Eu gostaria que pudéssemos dormir em nossa cama, — Dinara murmurou.

— Sim. — Eu acariciei a cabeça rebelde de Roman. Escolhemos seu nome porque era comum na Rússia e na Itália, então não ofenderíamos nenhuma de nossas famílias. — Mas regras são regras.

Dinara revirou os olhos. — Entendi. Todos temos que dormir desconfortavelmente para termos as mesmas condições. — Quinze minutos depois, nós três nos amontoamos em nossa tenda compartilhada. Roman não tinha acordado. Eu o admirava por sua capacidade de adormecer em um piscar de olhos e continuar dormindo, não importa o que acontecesse ao seu redor. Com ele entre nós, Dinara e eu adormecemos. Isso se tornou uma tradição para nós. Um de nós sempre cedia e dirigia um pouco mais devagar para que o outro pudesse alcançar e termos um tempo com a família à noite. Dinara e eu éramos competitivos, mas não corríamos para vencer. Corríamos porque era a nossa vida.

A respiração de Dinara estabilizou. Ela adormeceu com o queixo apoiado na cabeça de Roman e uma expressão pacífica no rosto. Ter Roman realmente nos transformou em nossa própria pequena família. Ficamos preocupados se seria um problema manter nossa vida nômade com uma criança, mas Roman nunca conheceu outra maneira de viver. Ele adorava ser bajulado por todas as garotas do box e andar em todos os carros de corrida legais. E como o tínhamos, meus irmãos e suas famílias ocasionalmente visitavam o acampamento, mesmo que Dinara e eu tentássemos visitá-los com a frequência que nosso apertado calendário de corridas permitia.

No final da manhã seguinte, durante nosso segundo café da manhã, Aurora, Roman, Dinara e eu nos sentamos juntos à mesa da cozinha no motorhome e comemos o khachapuri que Dinara havia feito.

— Meu pai comprou um novo chalé perto de Aspen, um maior, — Dinara disse enquanto checava as mensagens no celular. Nosso principal contato com nossas famílias durante a temporada era via telefone. Dinara via o pai e meio-irmãos com ainda menos frequência que minha família. E seu contato com Dima se limitava a textos ocasionais. Ela me mostrou a tela com várias fotos de um esplêndido chalé de madeira.

— O último já era grande demais para nós. Você disse a ele que não vamos adicionar mais filhos à nossa família, certo?

— Sim, mas acho que ele prefere ignorar. Assim que Jurij e Artur começarem a lhe dar netos, estaremos livres.

— Isso pode levar uma década.

— Com tanto espaço, poderíamos comemorar juntos. Um grande Natal Falcone-Mikhailov, — brinquei. A Bratva e a Camorra ainda só se toleravam. Não havia cooperação. O meu casamento e de Dinara não mudou isso, não que tivéssemos anunciado nossa união. Não queríamos criar problemas em Chicago. Ao longo da última década, estabelecemos uma rotina. Em dezembro comemorávamos o Natal com minha família e, em seguida, comemorávamos novamente com a família de Dinara. Como o pai dela não queria que eu

colocasse os pés em Chicago, ele comprou um chalé em Aspen onde podíamos comemorar juntos e desfrutar de férias de esqui e snowboard. Foi um acordo que funcionou bem e Roman ficava em êxtase por ganhar presentes duas vezes.

— Eu acho muito legal que vocês comemorem o Natal duas vezes, — disse Aurora. — O que você acha, Roman?

— Sim! — ele concordou com entusiasmo.

Dinara e eu trocamos um olhar divertido. Ela pegou minha mão por baixo da mesa, unindo nossas tatuagens.

Dinara

Roman aplaudia com entusiasmo enquanto assistia à cerimônia de premiação. Aurora teve que segurar sua mão com força para impedi-lo de correr.

Foi a segunda vez que consegui vencer o circuito de sete dias. No passado, minhas pausas constantes para fazer xixi destruíram qualquer chance de vitória, sem mencionar que Adamo e eu frequentemente esperávamos um pelo outro nos primeiros dias para passarmos a noite juntos.

Quando pisei no pódio do vencedor, Roman bateu palmas com ainda mais força, sorrindo abertamente.

Adamo subiu no pódio ao meu lado. Ele terminou na terceira posição. Eu lhe dei um olhar tímido. Até agora ele ainda estava na liderança quando se tratava de vitórias totais, mas eu tinha toda a intenção de alcançá-lo eventualmente.

Após a cerimônia, Roman correu até nós e se jogou em meus braços. Eu o levantei e ele colocou os braços sobre a cabeça, como se também tivesse vencido. Adamo sorriu amplamente para mim. Apesar de nossa competitividade, perder um para o outro nunca doeu, mesmo que nos provocássemos impiedosamente nos dias que se seguiam. O vencedor sempre tinha o direito de se gabar e o perdedor prometia retribuição.

— Você ganhou do papai, mãe, — Roman me lembrou, antes de se virar para Adamo para dizer em voz rouca. — Desculpa pai.

Adamo bagunçou o cabelo rebelde de Roman. — Não se preocupe, amigo. Da próxima vez, papai vai ganhar de novo.

Enviei-lhe um olhar que deixou flagrantemente claro que isso não aconteceria.

— Eu também quero correr! — Roman declarou.

— Talvez no próximo ano, — disse Adamo com uma piscadela.

Sobre o meu cadáver. Essa era uma das vezes que desejava que Adamo e eu não tivéssemos passado adiante nossa imprudência. Adamo sempre brincava que eu estava sendo superprotetora e estava certo, mas eu simplesmente não conseguia evitar.

Juntos, descemos da tribuna e aceitei os cumprimentos dos outros competidores e de muitas garotas do box. Curiosamente, essas meninas tinham se tornado muito mais legais comigo desde que dei à luz, provavelmente porque não me viam mais como competição agora que era mãe. Não que eu já tivesse competido com elas por suas presas, os corredores solteiros. Eu só tive olhos para Adamo desde o início.

Eu ainda arrasava em shorts jeans e tops curtos, mesmo que tivesse removido meu piercing no umbigo devido a uma infecção durante a gravidez. Eu agora usava o pequeno ovo Fabergé como um pingente em meu pescoço. Adamo realmente teve a ideia e me deu o colar pouco depois de eu ter dado à luz Roman.

— Estou morrendo de fome, — falei enquanto seguia Adamo, que abria caminho no meio da multidão agitada, já preparando tudo para a grande festa que sempre seguia o circuito de sete dias.

Uma hora depois, Adamo, Aurora, Roman e eu estávamos bem no meio das celebrações. Uma fogueira rugia para o céu e nos atingia com calor. Eu segurei a mão de Roman com força enquanto ele puxava tentando se aproximar das chamas furiosas.

— Alguém gosta muito de fogueiras, — Aurora meditou enquanto bebia sua Coca. Embora Adamo e eu não fôssemos rigorosos com regras, tínhamos prometido a Fabiano que cuidaríamos de sua filha com atenção, por isso não permitíamos que ela bebesse álcool.

Alguns pilotos analisaram Aurora quando ela veio pela primeira vez ao acampamento, mas um olhar de Adamo e um gentil lembrete meu de que seu pai era o Executor da Camorra impediram qualquer interesse que a população masculina do acampamento pudesse ter por ela.

Roman puxou meu braço com ainda mais força e apontou para as chamas com a mão livre. — Eu quero olhar a fogueira!

— Você pode olhar daqui, — eu disse, então me virei para Adamo. — Eu gostaria que ele fosse menos imprudente.

Adamo riu e passou um braço em volta dos meus ombros. — Você realmente achou que uma criança nossa seria do tipo cautelosa?

Aurora escondeu um sorriso atrás de sua lata de Coca. Um minuto depois, ela se juntou à multidão dançando. Ela pegou emprestado um dos meus tops e combinou com jeans largos e tênis brancos cobertos com desenhos em caneta hidrográfica, parecendo pertencer aqui e não a uma escola secundária de elite. O olhar vigilante de Adamo a seguiu rapidamente, mas quando ele viu que ela estava cercada por garotas do box, e que os rapazes mantinham uma distância respeitosa, ele fixou os olhos em mim novamente.

A frustração de Roman aumentou enquanto o mantinha no lugar. Seus olhos escuros brilhavam de reprovação, como se ele não pudesse acreditar que eu ousava restringir seu desejo de liberdade tão descaradamente. Adamo o jogou por cima da cabeça e o colocou sobre os ombros. Usei minha mão agora livre para pegar uma cerveja da mesa de bebidas e tomei um gole enquanto Adamo começou a balançar com a música, aproximando-se da fogueira, para deleite de Roman. Sua risada animada me fez sorrir e o segui, meu corpo se perdendo na batida rápida da música.

Adamo e eu comemoramos por duas horas antes de partirmos pouco antes

da meia-noite com um Roman adormecido. Ele pendia frouxamente sobre o ombro de Adamo, sua boca aberta durante o sono.

Nossos dias de festa até as primeiras horas da manhã, quando tropeçávamos em direção à nossa tenda em uma névoa bêbada, acabaram desde que fiquei grávida de Roman. Agora, duas cervejas já criavam um zumbido em meu corpo que apenas meia garrafa de vodca tinha feito no passado. Aurora nos seguiu já que não tinha permissão para festejar sozinha. — Você pode aprontá-lo para dormir? — Perguntei. — Gostaríamos de observar as estrelas um pouco. — Aurora sorriu afirmativamente antes de tirar Roman de nós e entrar no motorhome.

Adamo alisou minha barriga nua com a palma da mão. — Observar as estrelas, hein? — Sua voz baixa e o beijo que plantou no meu pescoço enviaram um arrepio agradável pela minha espinha. Olhei de esguelha para o motorhome, mas a porta estava fechada e Aurora não estava nem perto das janelas.

— Está uma linda noite, — eu disse com um encolher de ombros, acenando para o céu.

— De fato, — Adamo disse enquanto me puxava em direção aos nossos carros estacionados. — Que tal darmos um passeio até um lugar mais isolado para observar as estrelas.

Sorrindo, passei por ele e deslizei para o assento do motorista. — O vencedor dirige.

Adamo ergueu as mãos, as palmas voltadas para mim. — Tudo bem. — Como sempre, a visão de sua chave tatuada aqueceu meu coração.

Depois de alguns minutos dirigindo, as luzes da festa não eram mais visíveis. Estacionei o carro à esquerda da estrada e apaguei as luzes, banhando-nos na escuridão.

Saindo para a noite fria, respirei fundo. Adorava viver no acampamento, no caos e no barulho. Eu amava Roman, sua teimosia e imprudência. Mas também adorava esses pequenos momentos sozinhos que Adamo e eu reservávamos para nós mesmos. Eu pulei no capô do meu carro e Adamo se

enfiou entre minhas pernas quase imediatamente, jogando os braços em volta da minha cintura e me puxando contra seu corpo. Sua ereção pressionada contra minha virilha, me fazendo gemer. Não tivemos energia para dormir um com o outro nos últimos sete dias, mas a emoção de vencer havia despertado minha libido.

— Você merece um prêmio pela vitória, — murmurou Adamo. — Deite-se.

Deitei-me no capô ainda quente. Os lábios e a língua de Adamo traçaram minha barriga enquanto seus dedos abriam minha calça e a deslizou para baixo. Olhando para o céu, a miríade de estrelas brilhando lindamente contra a tela preta, meus lábios se separaram em um gemido baixo quando a boca de Adamo encontrou meu centro. Eu lutei contra a vontade de fechar meus olhos enquanto o prazer aumentava, reforçando o nó no fundo do meu núcleo. Eu gozei com um grito, as estrelas no céu se mesclando com as luzes explodindo diante dos meus olhos enquanto as sensações me oprimiam.

Logo Adamo passou os braços em volta de mim mais uma vez, puxando-me contra ele, e fizemos amor. As estrelas perderam o sentido quando nossos olhares se encontraram. Não olhamos para lugar nenhum, a não ser um para o outro, até gozarmos e deitarmos no capô, enrolados um no outro, minha perna jogada sobre o quadril de Adamo.

— Por quanto tempo você acha que continuaremos a viver essa vida nômade? — Eu perguntei sem fôlego.

Adamo beijou minha mão e depois minha bochecha. — Até que estejamos velhos e grisalhos, ou velhos e carecas no meu caso.

— Você tem cabelo grosso. Você não vai ficar careca.

Adamo deu uma risadinha. — Essa é a sua principal preocupação.

Eu o cutuquei com força. — Você acha que ainda poderemos competir nas corridas quando tivermos oitenta? Duvido que ganhemos uma única corrida classificatória.

— Você quer se estabelecer em um bairro legal?

— Sim, claro, — eu disse sarcasticamente, então bocejei. Tinha sido um longo dia, mas ficar deitada nos braços de Adamo sob o céu noturno, ouvindo o sopro suave do vento e o chilrear ocasional de um grilo era bom demais para trocar por sono.

— Vamos viver um dia de cada vez. Isso sempre funcionou muito bem para nós, não acha?

— Funcionou perfeitamente, — eu disse. — Ainda não posso acreditar que estamos aqui hoje, casados e com um filho, sem uma guerra entre nossas famílias pelas costas. Talvez seja a maneira do universo de compensar o show de merda que foi a minha infância.

— Talvez, — murmurou Adamo. — Ou talvez você apenas tenha lutado pela sua felicidade, como eu fiz.

— Estou feliz, — eu disse, às vezes ainda era difícil de acreditar. — Quando adolescente, sempre pensei que acabaria como uma velha solteira de trinta e poucos anos deprimida, fumante inveterada e com problemas com bebida, que morreria de câncer de pulmão ou cirrose hepática.

Adamo começou a rir. — Nossos eus adolescentes emo teriam tido um dia de glória juntos. Achei que morreria de overdose ou pelas mãos de Remo.

— Acho que é bom que não tenhamos nos cruzado naquela época.

— Estou feliz por termos nos conhecido. Não consigo imaginar a vida sem você nela.

Aproximei ainda mais meu rosto do dele. — Cada dia, desde que você entrou na minha vida, tem sido melhor do que qualquer dia antes de nos conhecermos.

Eu o beijei e ele me puxou para mais perto até que eu mal conseguia respirar, mas me agarrei a ele. — Nunca haverá outro dia sem você na minha vida.

FIM

Notes

[←1]
Sopa de beterraba.

[←2]

Recheio de carne picada, envolvido por uma massa fina.

[←3]

Pastel de forno Russo.

[←4]

Pastel recheado com queijo, considerado uma das iguarias nacionais da Geórgia. É uma das primeiras iguarias que se oferecem a um convidado. Pode também ser considerado um pão ou uma espécie de pizza.